Azul Miosótico

Yuri Emanuel

Azul Miosótico

SUBtítulo

A André e Juliana, que viram este nascer;
a Vanessa e Janaína, que acompanharam;
a Diego, que apoiou,
assim como Sonnale.
Pai, mãe, os pilares de carne e osso;
E a vocês…
que se foram.

Prelúdio

"[…]Sabe, às vezes você simplesmente não tem ideia de onde ir, de onde quer chegar, o que quer ver, pensar ou ouvir. O que quer que se encontre no caminho é pouco mais que uma pedra, e cada situação se mistura ao som das sirenes e você está lá mais uma vez, perdido na imensidão de concreto.

O asfalto seco não conserva suas pegadas, mas sua cabeça se lembra de cada passo dado naquela direção. Os postes acesos no meio da noite iluminam o caminho, mas a luz no fim do túnel só você pode ser capaz de enxergar. A calçada pisoteada o tempo todo borda o cenário de vida néon estaticamente, como uma margem convencional.

Então de repente você percebe que andara horas e nem por um momento esqueceu. Sabe que já fez esse caminho, mas as vitrines brilhantes lhe parecem, de longe, quebradas na sua memória. Por onde você esteve durante esse tempo todo? Por que sua mente já não caminha junto do seu corpo? E por que é que seus olhos estão vidrados e seu peito em cacos? A vitrine de seus sentimentos não resplandece mais, o reflexo dos seus olhos parece perdido, como você, e seus pensamentos erram pelas ruas, guiando ou não os seus passos.

E então você finalmente percebe que por mais que você queira, às vezes simplesmente não se pode esquecer.

Nem entender."

— CAPÍTULO UM —

Olhos vermelhos

Eu lembro que tentava abrir os olhos.

A brisa fresca levantava meus cabelos, que de ruivos, brilhavam dourados ao sol da tarde de inverno. Meu vestido era preto, da cor do vazio que tomava conta de mim… e do alto das minhas botas, eu me sentia tão pequena quanto a formiga que carrega o farelo de pão. Naquele momento, eu não conseguia sequer pensar; meus olhos ardiam, e minha garganta estava travada. As lágrimas não me deixavam enxergar nada, e tentar levantar as pálpebras dessa forma era inútil.

Eu sentia olhares postos em mim. Meio que penalizados, eles pareciam não saber o que fazer e a solução que encontravam (aquelas tapinhas no meu ombro) não me faziam me sentir melhor. Eu estava estagnada, sentindo uma dor inexplicável no meu peito. Era meu coração que havia se partido.

Resolvi lutar contra a vontade do meu corpo e abri os olhos. Todas aquelas rosas pareciam negras através das lentes dos meus óculos escuros, assim como tudo à minha volta se tornava preto e branco. Aquele vão cavado no chão me lembrava que eu poderia ser uns seis metros quadrados daquele cemitério, aquela cova ainda vazia seria a representação perfeita da falta que ela deixaria.

Eu tentava me despedir da minha mãe.

Passarinhos cantavam do alto da árvore ao lado do túmulo, e parecia que eles estavam fazendo sua própria canção de despedida, bem quando terminou a bênção do padre. Ele segurou uma mão com a outra e baixou a cabeça, sinalizando o momento final. Nas minhas próprias mãos, tremia um envelope branco, que recebera naquela manhã.

Me lembrei da felicidade que senti ao abri-lo, quando uma só frase quase me fez pular de alegria ao lê-la: *"É com pra-*

zer que informamos que a Srta. Abby Montenegro está apta ao Curso de Artes da Universidade Gama da Ilha de Montenegro". Nesse exato momento, segundo soube, o corpo da minha mãe estava sendo levado à espera de ser reconhecido, após uma batida brutal de carro que foi o suficiente para lhe causar morte instantânea e, supunha-se, indolor.

Pouco depois, fui chamada à mais que dolorosa tarefa de confirmar, como testemunha oficial, que estava sozinha no mundo, que estava fadada a chorar sem previsão de fim. Porque era a minha mãe que estava ali, desfigurada e eternamente imóvel, sobre aquela maca. E eu nem pude lhe contar a novidade.

Tentei imaginar o que ela diria. Provavelmente iria sorrir pra mim e dizer *"eu sabia que conseguiria"*. Iria me pagar um almoço italiano e tiraria centenas de fotos enquanto comíamos e passeávamos pelo centro, comprando "roupas novas para uma época nova", como costumava dizer.

À noite, ia me forçar a assistir a um filme triste só para adormecer na metade, acordar a tempo de ver os créditos e chorar desesperadamente ao lembrar da primeira cena, jogar o DVD sobre o criado mudo e me fazer jurar que ia assistir de novo, porque fora o melhor filme que já vira na vida. E iria adormecer novamente, cheia de migalhas de pipoca nos cabelos.

Mas agora, minha mãe iria dormir e eu sabia que não acordaria a tempo de ver os créditos. Ao invés de migalhas de pipoca, havia pétalas de rosas sobre ela, dormindo eternamente serena e envolvida no seu manto de madeira. Este ia baixando lentamente, assim como a minha pressão… eu senti o mundo girar, e revirei os olhos.

Pouco antes de desmaiar, senti que alguém me segurava. Foi naquele exato momento que percebi o quanto eu, de fato, sempre necessitei de amparo.

❀

Eu tinha um mês para me programar. A Universidade Gama ficava numa ilha, a cento e cinquenta quilômetros da

costa de Nova Esperança, uma cidade ao sul do país, e eu já tinha previamente calculado as despesas com viagem, hospedagem e o aluguel de uma casa. A morte da minha mãe, há quatro meses, tinha mudado minha situação financeira completamente.

Fiz o melhor que pude para dar a ela um sepultamento bonito, embora que às pressas. Fiquei um tanto incomodada com a quantia que ela me deixara de herança, afora as pequenas posses. Não me sentia muito confortável ao perceber que, de determinado ponto de vista, lucrei com a morte dela. Um pensamento desses ultrapassava a classificação de cruel.

Mas enfim, vendi o nosso carro e aluguei a nossa casa, que era grande e ia assegurar um bom dinheiro mensal. Eu lembro que ao fechar o negócio, e deixar o casal à porta, quase gritei os chamando de volta, com vontade de cancelar o aluguel, de desistir de tudo, absolutamente tudo: do curso, da mudança, da viagem, do meu futuro…

Minha vontade era de me largar em cima da cama e ficar ali, criando mofo, tentando imaginar quanto tempo levariam pra me achar ali, se alguém daria a minha falta. Outra grande vontade que tinha era de virar o pote de tranquilizantes da minha mãe, e tomar todos de uma vez. Eu quis desistir da minha vida, por fim.

Deus, como pode algo tão natural doer tanto?

Ao andar pela casa, eu via em cada aresta de parede uma marca deixada por ela: o abajur florido sobre o criado mudo, a colcha de retalhos feita à mão, o troféu de Jornalista do Ano tão empoeirado como sempre. Ela nunca ligara para o que diziam dela, fosse de bem, fosse de mal. Dizia que só existia três alguém capazes de importar: Deus, a Virgem Maria — de quem era muito devota —, e eu.

Ao deixar o quarto onde dormíamos, desci as escadas largas em direção à sala. Como que magicamente atraídos, meus olhos recaíram sobre o console da lareira, onde havia uma foto maior que o tamanho padrão, estampando nossos rostos. Minha mãe sorria tanto que olhos mal se abriam; eu apenas olhava a máquina, um tanto aborrecida pela mania exagerada de fotos que ela tinha, e foi lembrando disso que, com a visão

turva, peguei o porta-retrato.

O vidro protegeu a foto das minhas lágrimas, que caíam espessas e pesadas. Após alguns momentos olhando as gotas escorrerem pelo vidro, passei o braço em sua superfície, secando lentamente as lágrimas com a manga da blusa que vestia.

Carinhosamente, desparafusei o porta-retrato e retirei a foto. Como a gente sempre faz, cedi ao costume de olhar o verso da fotografia. E lá, com a letra quase itálica da minha mãe, estava escrito:

À minha amada Abby, que não queria tirar esta foto.
Estarei sempre com você, filha. Sempre.

Evelin

Abracei a foto tão forte que a amassei nas bordas. Eu até quis sorrir, mas as saudades me doíam tanto, que o que eu podia fazer era chorar. Chorar, chorar, chorar até secar. Enquanto essa dor agia em mim como um outono, secando o meu corpo, arranhando minha alma com seu vento gélido e pesaroso.

Mas não, eu não sequei. Com o passar dos dias, as lágrimas iam diminuindo, e a solidão passava a ser natural. Vez ou outra acordava à noite e chorava por horas a fio, até o dia amanhecer. Me atrasava para o trabalho e não podia esquecer os óculos escuros, ou todos estranhavam e imaginavam efeito de drogas, mas era só tristeza. Eram só aqueles tristes olhos vermelhos outra vez.

E quando eu achei que poderia espantar aquele silêncio de casa, foi chegando o dia da viagem. Dia após dia, gradativamente, os choros desesperados foram se transformando em um choro quieto de saudades. As lágrimas silenciosas se tornaram suspiros profundos, e eu já não conseguia lembrar a última vez em que rira de verdade. Tão dolorosa fora a perda, tão doloroso foi perceber a superação; eu me sentia culpada, com medo. Medo de esquecer a pessoa mais importante no mundo, medo de tocar minha vida e sentir o olhar triste da minha mãe do alto de uma nuvem ao ver que a filha dela estava seguindo despreocupada, solene, como se nada tivesse

acontecido. Alguém uma vez me disse que era exatamente o contrário, que ela ia preferir me ver sorrindo. Nesse instante, as lágrimas encontraram o caminho através dos meus olhos outra vez.

O tempo passou, sempre muito devagar. Eu me desdobrava para dar conta de tantos afazeres: negócios, trabalho, limpeza, mudança. Eu parecia carregar o peso de toda aquela casa sobre os meus ombros redondos e, triste em notar, gravemente caídos.

Decidi que iria levar pouca coisa. Doei muitas roupas, joguei fora coisas com pouca utilidade ou nenhuma, e a mobília ficou montada na casa. Pedi ao casal que fechou contrato comigo que não se desfizessem de nada, se pudessem. Deixei a mobília carregada de lembranças doloridas, mas ainda assim eram memórias que vez ou outra me lembravam das vezes em que eu batia a cabeça numa quina, e minha mãe vinha correndo assoprar o ferimento, fazendo seu milagre de mãe. A mobília ficaria, tudo ficaria: eu já estava de partida.

No dia da viagem, recebi os Manson e os convidei para o café. Repassamos alguns termos do acordo do aluguel, e relaxamos um pouco. O Sr. Manson era um homem robusto de meia idade, simpático e de nariz pontiagudo. Tinha um ar centrado, um gracioso quê de seriedade matura. Era um gentleman, e parecia se relacionar com sua esposa caladinha, tímida e magrinha — aparentemente da mesma idade —, como se fosse um escudeiro fiel e dedicado, o valete preferido, o amante temerário. Tamanha dedicação só poderia partir de uma tremenda sensibilidade, e esta o fez notar, embora não fosse preciso ser realmente um especialista para isso, que eu estava ainda muito abatida.

Num dado momento em que a conversa foi silenciando, ele me olhou grave e disse:

— Eu sinto tanto, filha, essa dor que está sentindo…

Eu estiquei os cantos da boca como sinal de agradecimento, e inusitadamente, ele tomou as minhas mãos nas suas, sobre a mesa, e me disse:

— Por mais difícil que seja, minha filha, nunca se esqueça de sorrir. Essa é a parte mais importante. Apegue-se a Deus,

sempre. Ele sabe que sua dor tem conforto, e se é de alguém que sente falta, achará um dia alguém que lhe traga conforto. Não se perca no desespero. Não corra o risco de se perder do amor. Do contrário, a tristeza lhe invadirá e passará para o seu corpo. Você envelhecerá, e se nessa fase da sua vida você não tiver o amor dentro de si, tudo estará praticamente perdido, porque o que somos é uma casca. O que importa é o que somos por dentro. E se o nosso interior está repleto de amor, não importa por quem, Deus também estará em nós, e você terá sempre força pra seguir em frente.

Aquelas palavras me comoveram instantaneamente e as lágrimas correram por meus olhos, mas eu não consegui dizer nada. Ele acariciou minha mão, e eu quase senti correntes de bons ventos numa transição de suas mãos para as minhas. A Sra. Manson se levantou, deu a volta na mesa e me abraçou de trás da cadeira, beijando meus cabelos suavemente.

Aquele abraço era um abraço fraternalmente materno. Eu me perdi no morno daqueles braços já enfraquecidos pelo tempo, e chorei. Chorei como se fosse o primeiro dia, como se estivesse vivendo tudo de novo, como se tivesse acabado de acontecer. Me perguntava o que eu podia ter feito, queria assumir a culpa, queria imaginar que eu podia ter feito mais cafés da manhã, mais agrados, poderia ter cantado uma canção de natal melhor, ter feito tudo o que não ligamos de fazer quando não lembramos que estamos a um passo ínfimo de perder. E enquanto eu chorava naquele ninho quente e desconhecido, eu gritava silenciosamente pelo *meu* verdadeiro ninho, pela asa que eu tanto amava, que eu tanto lembrava que tinha sobre mim.

Solidão.

Apesar desta, uma sensação inédita crescia dentro de mim: a vontade verdadeira de continuar seguindo em frente. E quando me recompus, alguns minutos depois, olhei o relógio. Tinha pouco mais de duas horas para me arrumar e estar no aeroporto. O Sr. Manson me ofereceu uma carona, que aceitei de bom grado. Subi as escadas para um banho rápido, o último naquele banheiro estonteantemente branco.

Deixei que o pesar fosse indo embora com a água. O sa-

bonete que limpava minha pele parecia estar lavando minha alma, e as palavras do bom homem ecoavam na minha mente, como aquelas cenas de filme em que se ouve a voz da pessoa que escreveu a carta trágica que a protagonista lê aos prantos. Começava a não mais me impressionar o fato de que absolutamente tudo na minha volta se remetia à dor. Eu própria era um massacre.

Sei que ao enrolar a toalha no meu corpo, olhei as minhas mãos — teatralmente, creio. Fiquei olhando as linhas nas quais os quiromantes tanto viam segredos e revelações. E enquanto me perguntava afinal o que eu tinha feito de realmente relevante na vida, as levei ao rosto e tive medo. Tamanho medo de ser uma casca vazia. O chamado da Sra. Manson me lembrando da hora me aportou outra vez na realidade fúnebre, e eu tratei de me apressar.

Alguns minutos depois, trancamos a casa e rumamos para o aeroporto. Eu levava pouca bagagem, que consistia somente em uma mala de carrinho, uma mochila e uma bolsa de mão. Oculta no bolso interno do meu casaco, a foto com a minha mãe.

À entrada principal do aeroporto, o Sr. Manson me ofereceu companhia para esperar o voo, no que foi apoiado pela esposa. Forçando um sorriso, agradeci e dispensei o incômodo. A carona já estava de bom tamanho. Só depois de uma breve insistência, os convenci de que ficaria bem. Nos despedimos, e quando fechei a porta do carro, ouvi a Sra. Manson dizer:

— Boa sorte, querida. Faça boa viagem.

— Obrigada. Fiquem bem vocês também.

E meu olhar cruzou o olhar com o Sr. Manson e foi como se ele dissesse: "Não se esqueça: sorria; sempre!". Queria poder ter certeza de que olhei de volta dizendo "não esquecerei", mas me recordo que apenas acenei e o observei dar a partida no carro. De onde estava, os vi se distanciando na estrada, e só depois de vê-los sumir numa curva mais à frente, me virei para a enorme construção atrás de mim e suspirei. Era hora de dar o primeiro passo.

— CAPÍTULO DOIS —

Montenegro

Miraculosamente, não houve atrasos nos voos; assim, me encontrei no interior do avião cerca de meia hora depois de ter chegado ao aeroporto. Procurei a poltrona setenta e dois por alguns instantes, e ao chegar na metade do avião, fiquei feliz de achá-la ao lado de uma janela.

Sentei-me no meu lugar, e pus minha bolsa no colo. Poucos minutos depois, enquanto eu procurava meu *player* portátil, um rapaz alto, moreno, de feições delicadas e bonitas sentou-se ao meu lado. Sorriu para mim e disse:

— Olá!

Acenei tímida para ele, e voltei a procurar o aparelhinho. Ele se endireitou na cadeira, e sem querer eu fiquei observando sua beleza pelo reflexo do vidro ao meu lado. Foi preciso olhar com calma para absorver cada um daqueles detalhes: a sobrancelha fina sobre olhos delineados tão delicadamente, esboçados da mesma maneira que seus lábios, os cabelos negros estavam arrumados de uma maneira estilizada à base de gel, e na orelha esquerda, brilhava uma argola prateada e fina. Percebendo que talvez fizesse vexame caso ele percebesse, apertei o *play* e me concentrei no meu próprio rosto.

Eu estava diferente do que lembrava. As minhas olheiras estavam começando a desaparecer, mas ainda havia sinais de sua presença. Meus olhos, agora menos inchados estavam começando a ostentar o habitual brilho sobre o cinza-chumbo da minha íris. Esperava de coração não deixar que a tristeza me mumificasse em vida.

Estava distraída, olhando meu próprio reflexo, as memórias voltando a me invadir como um rio. Suspirei triste, e tentei me concentrar na música que soava calma nos meus ouvidos. Ao longe, escutei uma voz e senti que alguém me cutucava.

Puxei os fones do ouvido e me virei. Era ele.

— Desculpa te incomodar, err…

— Abby. — disse. Ao que ele sorriu, e continuou:

— Estão dizendo pra pormos os cintos. Vamos decolar.

— Obrigada. — eu disse, e tratei de pôr o cinto.

Voltei a ficar em silêncio e a me concentrar na minha música. Pouco depois, senti o avião vibrar e o som agudo das turbinas. A música deu um toque melancólico à cena: dei uma olhada na cidade onde eu crescera, e vivera até os meus atuais vinte e dois anos.

Agora, tudo estava ficando para trás, sob todas aquelas nuvens. Tinha uma nova batalha para enfrentar, tinha que conseguir forças para começar a minha nova vida. Trazia muitas memórias na minha bagagem, muitos acontecimentos. E como se brincassem comigo, cada floco branco que eu via pela janela parecia retratar a minha vida com desenhos ocasionais, perfeitos e tão nítidos quanto a luz do sol.

E como a sombra do avião, eu pairava rasteira ante uma queda. Algo da consistência de uma nuvem me separava da queda livre, e eu procurava respirar. Eu via que, seja lá o que fosse, algo precisava ser feito. Aquela dor deveria se transformar em motivação, em garra, em força. Eu deveria ser mais forte, eu queria seguir em frente e provocar orgulho em minha mãe, onde quer que ela estivesse.

Recostei a cabeça no encosto da poltrona e mirei o teto do avião. Era branco, como as nuvens lá fora e como o meu caminho pela frente. Há muitos meses, eu tentava retratar numa pintura o que eu tentava atrair pra mim: paz, serenidade, felicidade. Mas todos os meus rabiscos mais despropositais exuberavam tristeza, saudades, e uma dor aparentemente inconfortável. Não dava para me conformar, simplesmente não dava.

E quando eu mais queria um apoio, percebia que tinha medo de todos aqueles que me estendiam os braços. Por quanto tempo permaneceriam ao meu lado? Se eu me envolvesse, se me deixasse ser auxiliada, eu gostaria? Se eu gostasse, eles não seriam tirados de mim abruptamente como o fora minha mãe?

Tantas coisas perpassavam minha mente, que cansei de me entupir de comprimidos para dor de cabeça. Houve um tempo, no decorrer desses meses, em que tomava pílulas pra dormir, mas percebi a dependência e consegui parar. Porém gastei toda a perseverança que tinha nisso, e não consegui ainda parar de fumar. Deus, quantas coisas eu fiz pra tentar remediar, me aliviar, me sentir em paz!

Agora parecia que tudo o que eu tinha feito fora em vão. O que eu precisava era de um novo cenário, uma nova tela pra uma arriscada pintura. Estava começando a me sentir decidida a tomar de vez as rédeas da minha vida, encarar as surpresas e dores do futuro como quem deseja o pote e o duende no final do arco-íris.

Não faço ideia de quanto tempo passei com os olhos fixos no teto do avião. Passou-se o tempo, e a viagem de uma hora em direção ao sul começou a chegar ao fim. Ao longe, eu já podia ver uma faixa azulada se estendendo numa fusão quase imperceptível com o firmamento. Eis ali o mar, tenro e calmo. Senti vontade de sentir logo o cheiro da maresia, ouvir o quebrar das ondas e assistir ao voo das gaivotas. Estava ansiosa para recomeçar do zero.

Algum tempo depois, uma dor aguda começou a crescer em meus ouvidos, e eu fiz uma careta. Arranquei os fones do meu ouvido e baixei um pouco a cabeça, profundamente incomodada com a dor causada pela variação de pressão do avião. Fechei os olhos com força por um instante, e ao reabri-los, vi que alguém estendia uma goma de mascar para mim.

— Aqui, isso vai ajudar um pouco.

Era o rapaz ao meu lado, que mascava algo também. De bom grado, aceitei e comecei a mastigar furiosamente, o que foi aliviando meus ouvidos. Estes captaram com um pouco de dificuldade quando ele disse:

— À propósito, meu nome é Carter.

— Ai... muito prazer. E obrigada. — disse, indicando com um dedo o meu mastigar frenético. Ele acenou brevemente com a cabeça, e disse:

— Não por isso.

Ele não parecia do tipo que falava muito, o que eu apro-

veitei. Me voltei para a janela, e percebi que nós já nos aproximávamos do pouso, o que se deu exatos cinco minutos depois. Alguns outros mais tarde, cruzei o portal do avião.

Meus cabelos longos e pesados foram erguidos pelo vento, que os fez virar para trás. O sol resplandecia de frente para nós e o cheiro da maresia invadia as minhas narinas. Um pouco atrapalhada, tirei o casaco e desci a escada.

Com o resto dos passageiros, rumei para o portão de desembarque, fiz o *check-in* e entrei no aeroporto de Nova Esperança, meio impressionada com a quantidade de gente que via. Meio perdida, demorei um pouco para achar onde pegaria as minhas malas. Rezando para tudo continuar dando certo (não enviaram minhas malas para o outro lado do país, ao menos), caminhei até a saída.

Do lado de fora do aeroporto, vi uma avenida larga correr de ponta a ponta o meu campo de visão, cujo foco era um táxi vago. Encontrei um a poucos metros e, antes que alguém o pegasse, apertei o passo e me dirigi ao motorista:

— Com licença, senhor.

— Pois não? — respondeu o homem, que olhou pra mim como se tivesse visto um fantasma.

Eu franzi as sobrancelhas, e disse:

— Eu preciso saber como faço pra chegar à Ilha de Montenegro.

— Bem — ele olhava para o meu rosto abismado, e eu continuava esperando ele responder. — A senhorita só precisa seguir essa avenida em direção ao mar, e continuar pela ponte. Em quarenta minutos estará lá. Se preferir, pode ir de balsa.

— Certo… poderia me levar?

— Claro, claro. Entre. E deixe-me ajudá-la.

Ele abriu a porta e esperou que eu entrasse. Levou minha bagagem para o porta-malas e contornou o carro, assumindo seu lugar ao banco do motorista. Eu repus os óculos escuros e me encostei mais à janela, a fim de ter uma visão melhor da cidade.

Esta era um bocado movimentada. Havia muitas pessoas nas calçadas, e uma sorte incrível de vitrines ao longo de todas elas. Lojas de roupas, calçados, um fliperama, *lan houses*,

produtos esportivos, *pet shops* e toda a sorte de lojas que se era possível imaginar, de materiais para bijuteria às *sexshops*.

A minha primeira impressão de tudo aquilo foi a sensação de boa novidade. Gostava do clima dali, e o dia bonito que fazia dava um toque empolgante à toda aquela beleza. Desejei que a minha mãe estivesse vendo.

Sobressaltada, lembrei da foto que pusera no bolso interno do casaco, agora dobrado cem vezes e em repouso no banco, ao meu lado. Aflita, o desdobrei e encontrei a foto, agora mais amarrotada. Olhei um instante para os nossos rostos estampados naquele pedaço de papel. O reflexo do sol refulgia em um ponto acima da cabeça da minha mãe, dando-lhe um ar angélico e engraçado.

Ao sentir a garganta arder, guardei a foto cuidadosamente dentro da minha bolsa, cruzei os braços e recostei a cabeça na janela do carro. De repente, nada mais na cidade tinha graça, e eu me perguntava por quanto tempo mais aguentaria viver assim, variando de humor como quem varia de cor das unhas.

Assim, os minutos se arrastavam. Para efeito de agravante, minha ansiedade pareceu triplicar quando eu pude avistar o topo de um monte que gradativamente ia se erguendo no horizonte. Estávamos no começo da travessia pela ponte quando a Ilha de Montenegro começou a se exibir radiante para nós. Baixei o vidro do carro e a sensação era de estar novamente voando. A brisa invadiu o veículo, e à medida que nós nos aproximávamos do fim da ponte, o ar parecia ir mudando.

A atmosfera em si era outra. Eu podia sentir em cada centímetro de mim a calmaria, a serenidade, a paz que aquele lugar exalava. O monte que dava nome à ilha parecia se localizar mais a noroeste, e se erguia em sua imponência firme de cartão postal de Nova Esperança. Ao pensar em imponência e no nome da cidade, percebi que talvez estivesse mesmo rumando para o lugar ideal para mim. Faltavam só as roupas novas.

O sol derramava um dourado ofuscante sobre as ruas pavimentadas da ilha. Ao descer do táxi de frente a uma estalagem indicada pelo motorista, dei uma olhada na rua em que ficara.

De frente para o prédio de arquitetura antiga, vi poucos traços de modernidade naquele lugar que parecia tão acon-

chegante. As ruas não eram tão largas, embora o movimento de pessoas realmente se equiparasse ao da cidade. Havia algumas lojas dispostas em intervalos irregulares nas ruas, e a dividiam com casas e prédios pequenos, todos com um estilo antigo de construção que, a meu ver, eram deslumbrantes. Os postes eram todos pintados de preto e as suas lâmpadas eram protegidas por um globo branco, dando um ar ainda mais clássico às ruas, onde se via também uma quantidade considerável de flores e árvores explodindo um colorido confortável e harmônico para os meus olhos apaixonados, brilhando como aquelas vitrines.

Talvez pelo distrito da ilha ser um distrito universitário, a maioria das pessoas eram jovens e aparentavam estar na mesma faixa etária que eu, o que me agradou um bocado. Não seria uma completa estranha afinal — embora o arroubo de hospitalidade da recepcionista da estalagem fizesse com que eu me sentisse muito mais "estrangeira" do que nunca.

— Aaaaaaaaaah, uma nova moradora! — disse ela, juntando as mãozinhas como se fosse rezar. — Venha querida, como deseja seu quarto? Tenho um com vista para a rua que está perfeito, acabou de ser desocupado — e ia me conduzindo meio que a empurrões para a escadaria da estalagem. — Vai adorar o aconchego de nossa cidade, mocinha. Me diga, como é o seu nome?

— Abby, senhora.

— Ah, Abby, que nome adorável. Eu sou a Magda. — e baixou a voz levando a mão a um lado da boca para dizer: — Madalena era *o antigo nome*, se você me entende.

E ergueu as sobrancelhas grossas e pintadas de castanho para mim, que balancei a cabeça rápida e positivamente, deixando-a satisfeita.

A senhora Madalena, ou Magda — como preferia ser chamada —, foi me guiando pela escada com o corpinho pequeno e roliço que tinha, parecendo estar fazendo um esforço enorme para continuar a subida quando atingimos o segundo patamar. O quarto ficava no terceiro e penúltimo andar.

Ao passar por uma Magda ofegante e abrir a porta do quarto de número doze, me deparei com um cômodo relativa-

mente pequeno. Havia uma cama de casal disposta na parede à direita, e oposta a uma cômoda onde repousava uma televisão e um jarro simples, onde notei pequenas flores azuis, que lembravam estrelinhas de cinco pontas. Sobre o criado-mudo, havia um telefone e um bloco de notas, sobre o qual uma caneta de metal refulgia aos raios do sol que invadiam o quarto pela grande janela com vista para a rua, como prometera a estalajadeira. Esta voltara a juntar as mãozinhas de hambúrguer parecendo ansiosa por uma resposta minha, que veio devagar, enquanto eu ainda passeava o olhar pelas paredes cor de creme do quarto:

— É do meu agrado, sim. — eu disse.

— Isso! — disse ela tão brandamente que me sobressaltei. — Quantos dias pretende ficar?

— Não faço ideia. — quase digo "o menos possível", pois alguma coisa naquela euforia dela me incomodava bastante. — Acabo de me mudar pra cá, e preciso achar um lugar pra morar, então fico até conseguir uma casa, ou um apartamento.

Ao contrário do que imaginei que aconteceria, ela não me pareceu triste com a notícia. Talvez o turismo não andasse em alta por aqui, deixando muitas vagas na estalagem, pensei, e logo depois a diminuta mulher avançou pra mim e segurou meu rosto entre suas mãos pequenas e lisas. Com as bochechas apertadas, falei com a voz embolada:

— O q-quê *qui fuoi*?

— Ah, minha nossa! Você está me parecendo tão esmorecida, tão fraquinha. Vou lhe servir a minha canja hoje. Está feito! — disse, enfim soltando minhas bochechas. — O jantar sai às seis. Anime-se, você está começando uma nova fase da sua vida, minha jovem, não é hora de ficar emburrada.

Pensando que talvez minha cara estivesse melhor se não tivesse sido tão amassada, concordei em segui-la de volta à recepção para fazer o registro e em seguida voltei ao quarto. Fechei a porta atrás de mim e pus as mãos na cintura, contemplando novamente o cômodo. Primeiro pensei em desfazer as malas, mas estava sem um pingo de paciência. Conforme a viagem fora um tanto cansativa, a primeira coisa na qual pensei foi em tomar um banho bem demorado. Me adiantei para

checar o banheiro.

Este comportava uma banheira pequena, uma pia e um vaso sanitário, todos muito próximos um do outro, mas absurdamente limpos, assim como as toalhas penduradas num cabide de parede, ao lado do espelho, que exalavam um cheiro de erva doce que, por si só, já trazia alívio para o cansaço. Os azulejos da parede onde se recostava a banheira brilhavam tanto que pareciam terem sidos limpos por horas a fio de puro amor ao trabalho de zelador. A limpeza daquele lugar me agradava.

Aprovado o banheiro, me despi e entrei na banheira.

Escorreguei um pouco pra que a minha cabeça ficasse bem debaixo do chuveiro, e fiquei ali, de olhos fechados sentindo aquela água aliviar a minha cabeça enquanto o nível da água subia. Automaticamente, começei a repassar o que aconteceu nos últimos meses.

Eu juro que queria me libertar de tudo aquilo. Eu queria por tudo, e paradoxalmente a contra-gosto, esquecer um pouco. Queria vomitar aquele engasgo, aquele nó na minha garganta, queria desamassar meu rosto, queria arrancar de mim aquele aperto no peito, e não desejar ver quebrados todos os espelhos do mundo.

Não me admirava que, meia hora depois, tomasse a sopa sob um olhar penalizado da Magda. Minha aparência era de quem não dormia direito, e de fato, há meses. Cada fresta por onde passasse o vento sibilante era uma comparação a um fragmento de fissura no meu cerne, que escorria sangue e veias, que deixava escapar o que me restava de força, o que me restava de resistência, que deixava escapar, por fim, toda a minha essência. E eu já odiava comprimidos pra dor de cabeça que ultimamente nem funcionavam mais.

❀

Sei que no dia seguinte, decidi me colocar disposta a ir às compras. Minha lista de necessidades andava meio longa: eu precisava de um computador novo, materiais para continuar minhas pinturas, material escolar, roupas, e cogitei a possibilidade de um veículo popular (a venda do sedan da minha mãe

rendera ainda um bom dinheiro). Mais uma vez, senti uma pontada incômoda ao relembrar das cifras em minha conta-corrente, mas consegui afastar da minha cabeça com um abano repentino da mão. Uma moça do outro lado da rua me olhava, e exibiu um ar de estranheza. Segui em frente na rua.

Segundo as informações obtidas com Magda, Montenegro toda era um centro comercial em potencial, sendo que sua maior concentração era no Centro, no coração da ilha. Intencionada a rumar para lá, fui subindo a rua esperando encontrar um táxi que me oferecesse condução, o que me apareceu cerca de dez minutos de caminhada depois.

O Centro não ficava longe, conforme a Ilha de Montenegro não fosse assim tão extensa. Pelo que pude notar, ainda seria uma longa caminhada, é verdade, mas nada que fosse meio que me matar. Até porque que eu dificilmente conseguiria me sentir meio viva antes de poder ficar meio morta.

Ao descer do táxi, olhei em volta. Era uma rua razoavelmente larga, de duas vias ladeadas por um sem fim de lojas, seguindo quase que exatamente a disposição destas em Nova Esperança. Ergui os ombros e girei nos calcanhares seguindo diretamente para a loja de sapatos do outro lado da rua.

Procurei por sandálias casuais e rasteiras porque — anormalmente — eu raramente usava salto alto. Conforme era um tanto difícil eu ter vontade de sair, nunca me preocupei muito com peças exuberantes. Minha mãe costumava me chamar gentilmente de anomalia feminina. Talvez... mas eu sempre procurei o que fosse de mais simples, por mero gosto, creio.

Era o caso das roupas de casa, as quais fui procurar assim que saí da loja de sapatos carregando três pares novos de sandálias. Gostava de saias longas e leves, com estampas coloridas e harmônicas: estas combinavam muito bem com blusas justas e sem manga e gostei de imaginar que não chamam realmente atenção. Além de que me sinto realmente muito confortável me vestindo de uma maneira que me agrade e que afaste de mim os olhos. Deus abençoe os olhos das pessoas.

Após observar centenas de vestidos e saias, escolhi algumas (treze) para provar. Faltaria apenas umas blusas e, de repente, roupas íntimas. À procura delas, ia passando pela seção

de jeans quando me deparei com um quadro fixado numa das colunas quadradas no centro da loja.

Era uma bela peça de expressionismo abstrato. As pinceladas eram realmente pitorescas e agradáveis: elas fundiam magicamente o azul elétrico com contornos néons rosa em espirais concêntricas, com pingos verde-limão sobre elas, sendo tudo disposto sobre um fundo azul claro meio falho.

Fiquei algum tempo olhando a tela quando ouvi uma voz:

— Nunca vou conseguir achar beleza nesses quadros malucos.

Era uma mulher de aparentes quarenta anos, baixa estatura e bijuterias exuberantes por todo o corpo, segurando uma sacola cheia de camisolas. Tentei dizer:

— Não seja cruel. Esse estilo nos passa uma espécie de fuga da realidade, expressando torrentes de sentimen…

— Não serei cruel se você não for boba. — interrompeu-me a mulher, que ergueu o queixo num movimento brusco, enquanto saía pomposa como um pavão, as pulseiras de pérola falsa balançando no braço roliço que sustentava a sacola.

Ok. Grosseria gratuita logo cedo. Um pouco constrangida, fiz uma nota mental de não tentar explanar sobre arte com estranhos numa loja de roupa. Ironicamente, no mesmo instante ouço uma outra voz feminina dizer:

— Eu acho bonito. Embora prefira textos, me toca o jogo de cores em profusão despretensiosa.

Meio que surpresa, me virei para ver quem falava e vi que era uma moça de uns vinte e poucos anos, dona de um corpo de boneca, trajado com um *style* mais arrojado, por assim dizer.

O jeans preto e envelhecido se alargava um pouco à medida que se aproximava dos coturnos negros e altos, compensando sua estatura relativamente baixa. A barriga seca estava um pouco à mostra devido à blusa justa e sem manga, cujo branco, em conjunto com o tom alvo da pele, realçava ainda mais seus cabelos lisos, negros e curtos, donos de um corte de pontas arrepiadas para os lados que lhe davam um ar bastante juvenil. Com um movimento da cabeça, ela afastou a franja para um lado e retirou os óculos escuros de dégradé, exibin-

do um rosto de harmonia perfeita: possuía um nariz fino e um pouco empinado, ostentando um *piercing* bem pequeno e prateado do lado esquerdo. Abaixo de uma boca tão delineada quanto os meus desenhos femininos mais perfeitos, o formato esbelto do queixo ia terminar em dois pontos brilhantes fixados em suas orelhas, correspondentes às duas moedinhas de ouro dos brincos que usava e que se movimentavam por causa do movimento do maxilar mascando um chiclete.

Um pouco mais impressionada com a veemência da garota, eu disse:

— E eu que tinha acabado de pensar que não deveria comentar sobre arte com desconhecidas.

Ela sorriu, e disse:

— Nem todas as pessoas em Montenegro vivem para bijuterias. Aqui! — e estendeu um braço para um mostrador ao seu lado, jogando uma saia amarelo-queimado com desenhos brancos para mim. — Esta aqui vai ficar muito boa em você.

Ao segurar a peça, olhei-a curiosa. De fato, era inegável o bom gosto.

— Talvez tenha razão. — eu disse, exibindo um leve sorriso. — Obrigada.

— Não por isso. À propósito, meu nome é Roxie.

Sorri novamente, e disse:

— Sou Abby. E vou provar. — disse, indicando a saia sugerida.

A tal Roxie então acenou e tencionou rumar para o outro lado da loja quando eu disse:

— Poderia me ajudar com uma opinião?

Ela me olhou, fez um movimento tombando a cabeça para um lado e disse:

— Claro.

Agradeci e rumei com ela para os fundos da loja, onde se situavam os provadores femininos. Ao entrar no biombo, fechei a porta e me despi, observando meu corpo no grande espelho à minha frente. Não estava mal, é verdade. Talvez um pouco mais magra do que o habitual, e notei que meus seios estavam um pouco mais volumosos do que eu lembrava. Com isso, fiquei contente.

Vesti uma blusa branca semelhante à que a Roxie estava vestindo, e pus a saia escolhida pela mesma. Ao terminar, dei uma olhada por alto em mim e senti que devia ter ficado bem. A roupa me dava uma sensação de leveza, e os tons felizes pareciam por si colorir um pouco o meu estado melancólico, e sorri outra vez, contente pelo raro momento em que estava me sentindo bem.

— Então, como estou? — lancei a pergunta à Roxie, que cruzou os braços e levou uma mão ao queixo, me analisando assim que abri a porta do provador.

— Ficou perfeito — disse, fazendo um sinal positivo com os dedos, o que eu agradeci. — Prove o resto.

Balancei a cabeça positivamente e entrei outra vez no provador. Cada vez que eu saía vestindo uma peça que não me caía bem, Roxie me dizia para passar para a próxima. Quando eu a vestia e abria a porta para mostrar a ela, ela me entregava uma outra peça que tinha ido buscar enquanto eu me trocava. Passamos mais de uma hora com esse ritual.

Por fim, escolhi cinco saias, sete blusas, dois novos sutiãs, uns dois conjuntos de calcinhas, três colares, quatro pulseiras e um relógio de pulso pequeno. Tudo com a ajuda da Roxie, que se mostrara bem paciente e prestativa durante a boa parte da tarde que passamos juntas, escolhendo e provando, analisando e devolvendo.

Roxie me deixava à vontade para fazer minhas escolhas, e opinava quando o caso parecia grave, como no caso da pulseira banhada a ouro que, segundo ela, não combinaria com os meus olhos cor de chumbo. Segui seu conselho e escolhi a prateada, com um golfinho perto do fecho de gancho, para o triunfo da minha colega.

A tarde em si se passou num piscar de olhos e, às cinco, saímos as duas carregadas de sacolas da loja, e um pouco mais pobres. Ao acenar para um táxi, eu disse a Roxie:

— Foi muito agradável passar a tarde com você. Obrigada pela ajuda.

Ela sorriu e disse, fazendo sinal para um segundo táxi que acabara de dobrar a esquina:

— Não foi nada. Também precisava de alguém que me dis-

traísse nas compras.

Os carros pararam na nossa frente e nos despedimos. Entramos nos nossos respectivos táxis e depois de duas ruas, cada uma seguia para um lado diferente da ilha, que começava a receber os raios mais dourados que o sol poderia dar num fim de tarde.

No meu quarto na pousada, me sentei na cama e comecei a organizar as sacolas com as novas roupas, enquanto notava o escurecer gradual, roubando a luz da minha janela.

— CAPÍTULO TRÊS —

Erro certeiro

Passados os dois primeiros dias em Montenegro, comecei a arregaçar as mangas e me pus a procurar casas e apartamentos para alugar. Com a Magda, consegui classificados de alguns jornais com uma boa quantidade de anúncios de imóveis, embora já estivesse sob aviso de que seria bem árduo arrumar algo na ilha porque, segundo a estalajadeira, era realmente difícil alguém encontrar um motivo para deixar uma casa em Montenegro. Acrescentou ainda que se eu encontrasse algo fácil, seria no máximo aos arredores do cais da ponte, em Nova Esperança.

Procurando esquecer o ponto que talvez o que a Magda queria era me manter na pensão por muito mais tempo, me sentei à cama com o monte de jornais no colo e o telefone em mãos, por volta das nove e meia da manhã da terça-feira, vinte.

Começando pela Folha de Nova Esperança, rumei para os classificados sem prestar nem um pingo de atenção às notícias estampadas nas páginas dos demais cadernos. Por mania, dei uma passada rápida pelo horóscopo: "Seu sorriso ostentará beleza e saúde se você não se deixar abalar pelos problemas na relação. A maré está perfeita, procure não se preocupar tanto à toa. Viva!". Não pude conter um riso maldoso de ironia ao ler essas linhas. Se tudo estivesse mesmo perfeito, e eu não tivesse de me preocupar com nada, eu riria da veracidade da coisa; mas no momento, preocupante mesmo foi perceber que havia muitos anúncios. Mas de anúncios de casa, o número era beeem pequeno.

Circulei com a caneta uma nota que oferecia uma casa no centro com três cômodos, um banheiro, jardim e área de lazer. Disquei o número para contato e uma voz rudemente masculina me atendeu:

— Quê?

— Ah, desculpe. Estou ligando para saber a respeito da casa que foi anunciada no jornal para aluguel.

— Que pretende saber a respeito dela?

— Como "o quê"? — disse, erguendo uma sobrancelha. — Quero saber do preço, endereço…

— Mil e duzentos, incluindo condomínio.

— MIL E DUZENTOS? — isso escapou de mim assim, bem mais brando do que eu pretendia.

— Se acha caro…

— Sim, eu acho — disse, irritada. — Não precisa terminar a frase, vou procurar algo mais barato com alguém mais educado. Passar bem.

Eu ainda pude ouvir um xingamento antes de recolocar o telefone no gancho. Suspirei. "Calma, Abby, foi só o primeiro… calma, tenha calma."

Novo círculo, novo anúncio, novos dígitos.

— Bom dia, estou ligando para saber a respeito do apartamento anunciado na terça passada.

Uma voz feminina respondeu, quando tentei a segunda ligação:

— Muito bom dia. Infelizmente, moça, já fechamos a negociação desse imóvel.

Agradeci e desliguei meio desapontada, torcendo a boca enquanto corria os olhos por um anúncio que me chamasse atenção. Ainda naquela parte da manhã, tentei os outros dezenove números até que comecei a procurar por imobiliárias.

— Olha, Abby, infelizmente só temos imóveis disponíveis em Nova Esperança. A Ilha de Montenegro é muito procurada pelos habitantes dos arredores. Mas se preferir, também possuímos terrenos para construção, se for o caso.

— Quanto custa um terreno? — perguntei, passando a mão na raiz dos cabelos.

— Temos alguns a partir de quinze mil.

Antes que eu exclamasse agressivamente novamente, respirei fundo e falei:

— Obrigada, mas não estou interessada.

— Não? Temos convênios para financiam…

— Não, obrigada mesmo. Não tenho condições de construir uma casa, obrigada.

— É uma pena. Temos alguns lotes disponíveis na orla norte da ilha.

Estava começando a ficar chato.

— Meu senhor — eu disse, com ar de quem tenta convencer, — não posso, não tenho a menor condição.

— Mas senhorita, temos excelentes planos de financiamento.

— Não estou interessada. Obrigada pela atenção.

— Não se precip…

Desliguei.

Havia um bom tempo que eu estava ali, discando incontáveis números, ouvindo propostas e mais propostas inúteis ao que eu queria ou além das minhas capacidades financeiras do momento. Eu não podia aceitar um acordo muito caro, ainda tinha muita coisa para comprar e não fazia ideia do tamanho dos custos que iria adquirir com a universidade: telas, livros, materiais escolares básicos, transporte, internet… a coisa estava meio complicada.

Com isso, os dias foram se passando lentamente. Eu comprava quilos e mais quilos de jornal, e passava horas deitada na cama, rabiscando textos, ligando para anunciantes, amassando folhas, mudando de posição na cama. Era uma rotina bem digna de Abby Montenegro, que passava cada segundo do dia pensando, desejando uma casa; tudo o que eu queria era uma casa.

Chegara a quinta-feira e eu já estava começando a ficar pesarosa novamente. No meu pequeno quarto de pensão, uma pilha de jornais se erguia furiosamente no canto atrás da porta, oposta ao amontoado de sacolas cheias de roupas da última ida às compras. Sobre a cama, notas, caneta e telefone. Enchi a cabeceira da cama de *post-it's* com anotações referenciais sobre imóveis que serviriam de "últimos casos" e nesse ritmo, nem o vaso da florzinha branca sobre a cômoda escapou de um papelzinho amarelo cheio de anotações.

Vendo isso, lembrei de regar a frágil plantinha. Foi a primeira vez que eu realmente reparei naquelas pétalas diminu-

tas em forma de estrela. Olhá-la me dava uma sensação tão tenra, tão cálida, como se eu pudesse enxergar o fluxo pacífico de serenidade que aquelas estrelinhas emanavam solitárias do seu vaso sendo, até aquele momento, apenas um detalhe ou um toque de frustrada animação que tentava dar alguma alma àquele cômodo agora bagunçado.

Enquanto passava a mão nas pétalas, sentia a brisa fresca entrar de leve no quarto e fechei os olhos por um instante.

— Vai dar certo, Abby — eu me dizia, respirando fundo. — Vai dar tudo certo; a casa vai aparecer.

Um dia, saí para olhar os jornais e decidi andar um pouco pela praia. Sandálias nas mãos, óculos escuros e um rolo de jornal sob o braço cruzado me delatavam como "estrangeira". Minha saia imitava meus cabelos, esvoaçando ao vento que soprava, enquanto eu procurava algum lugar para ficar e tentar aliviar um pouco do calor que o sol da tarde me passava. Ao longe, bem depois da rede de vôlei dos rapazes — que quase me acertavam com uma bolada quando passei —, avistei um quiosque onde se lia em letras amarelas e estilizadas:

LANCHES DO JAMAICA

Era ali mesmo. Acenando com a mão para dispensar os pedidos maliciosos de desculpas de oito homens bronzeados e risonhos, apertei o passo e cerca de cinco minutos depois alcancei a barraca.

O quiosque era um quadrado laranja e relativamente pequeno, com abertura para a rua da orla e outras duas voltadas para a praia. Em seu interior, era visível um grande *freezer* branco, incontáveis prateleiras cheias de garrafas de refrigerante e água — algumas delas dividiam uma prateleira com uma pequena televisão de catorze polegadas, que se encontrava desligada no momento da minha chegada ao balcão voltado para o mar —, além das mesinhas vermelhas estilizadas com um rosto desenhado a *spray*, de um homem moreno de cabelos com tranças rastafári e gorro de *chef* pendendo para um lado da cabeça.

— Diga, jovem, o que deseja? — Se dirigiu a mim a moça

morena, de cabelos cacheados e olhos castanhos, com um sorriso de boas-vindas.

— Hã… me vê um coco gelado, por favor.

Ela assentiu com a cabeça e deu as costas para ir buscar o coco. Após habilmente abri-lo com um furador, me serviu e, visto que aparentemente não tinha nada para preparar. Conforme eu era a única ali — com exceção de um casal que lanchava a algumas mesas de distância —, ela se apoiou com os cotovelos no balcão e puxou conversa:

— Desculpa te dizer, mas você me parece nova aqui.

Tomei um gole extremamente relaxante da água de coco e disse, após franzir as sobrancelhas de puro prazer:

— Isso aqui tá muito bom. Mas sim, sou nova mesmo — respondi. — Me mudei há oito dias.

— Mesmo? — ela disse, contente. — Seja bem-vinda.

Após mais um gole refrescante, eu sorri, e agradeci. Tão logo, eu disse:

— Eu costumava morar em Malta, no norte. Você conhece?

— Já ouvi falar — respondeu a moça. — Veio de longe.

— É verdade. — eu disse, e percebi que soou muito vago, o que a moça me pareceu observar. Então, esclareci: — Eu sou pintora. Digo, pinto alguma coisa. Sou louca por arte e decidi fazer o vestibular para o curso de Artes da universidade daqui. Terminei passando, e aqui estou, um pouco perdida.

— Nossa! — disse a moça. — Eu acho bonito quem sabe pintar; eu mesma não sei desenhar nem uma borboleta. Mas por que você diz que está "meio perdida"?

Respirei fundo e disse:

— No dia em que eu recebi a carta dizendo que eu fora aprovada, eu perdi minha mãe num acidente de carro — nesse ponto, eu fiz um grande esforço para falar, enquanto a moça do quiosque arregalava os olhos, empática. — Ela era a minha única amiga verdadeira, sabe? Levei meses para conseguir me acalmar um pouco e seguir em frente. Vim pra cá com um certo dinheiro, e estou hospedada há dias numa pensão pequena, enquanto procuro desesperadamente um lugar pra ficar e que eu possa chamar de meu. Alugado também serviria muito.

Qualquer coisa menos aquele quarto de pensão.

A moça fez uma expressão pesarosa, e parecia não saber o que dizer. Levou um tempo me olhando fazer força para não deixar as lágrimas caírem, e por fim, disse:

— Eu queria poder ajudar, mas também não conheço ninguém que esteja alugando ou vendendo uma casa aqui. É mais provável que você…

— …Encontre em Nova Esperança, já sei. — Eu a interrompi, rindo. Ela pareceu sem jeito. — É que já me disseram isso, mas, err… como é o seu nome mesmo?

— Neide. Desculpa não ter dito antes. — ela riu desconcertada e eu disse meu nome. Assim, continuei após o seu comentário sobre Abby ser um nome bonito e *diferente*:

— Então, Neide, eu não quero desistir de procurar. Ainda tenho duas semanas pro início das aulas, e acho que ficaria muito pior morar no continente. Seria muito tempo de ônibus todos os dias, afora os gastos com isso. Se eu arrumasse uma casa aqui nessa parte da ilha, poderia até mesmo ir a pé pra Universidade.

— Eu entendo. — disse Neide, pensativa. — Bem, se eu ficar sabendo de algo, posso tentar avisar a você.

— Agradeço. — eu disse, e me levantei do banco. — Quanto lhe devo?

— Nada. Esse fica por conta da casa. — disse ela, pegando o coco vazio e pondo-o na lixeira, após sorrir largamente pra mim.

— Ah não. Pegue, eu insisto — eu disse, estendendo o dinheiro.

A contragosto, ela aceitou e eu me despedi. Andei alguns passos até que a ouvi dizer:

— Ei, Abby!

Me virei, e gesticulei indagando o que seria e ela disse, ostentando um sorriso:

— Volte sempre!

Sorri de volta, e balancei a cabeça positivamente. Enfim, havia achado alguém que não me empurrasse sopa a todo instante para conversar. Ou seja, sabia que quando a Magda se inclinasse a me torturar novamente, teria pra onde fugir.

Enquanto fazia o caminho de volta, me esforcei para decorar como se chegava ao quiosque recém descoberto, e vi que era fácil. Mais tarde, quando abri a porta de vidro do hall de entrada da pensão eu já me sentia segura de voltar outro dia para uma visita à Neide, desejando ardentemente ir dar uma boa notícia: a de que conseguira uma casa.

E isso me lembrou de comprar mais um jornal, o que me fez dar meia volta e ir ao fiteiro ao lado da pensão; isto, por sua vez, me salvou de um prato de sopa, conforme eu deixei a Dona Magda me esperando na porta do refeitório.

Assim, a noite caiu escurecendo a Ilha de Montenegro e a quinta-feira ia entrando em sua parte final. Ainda sem uma casa, comi a lasanha de pão servida no jantar (imaginei que a Dona Magda estivesse doente para deixar de lado a sopa no cardápio) e subi para tomar banho tentar mais alguns telefonemas, o que já estava virando uma tortura sem fim.

— Ao menos, pensei mirando através da janela a rua se enchendo de movimento às seis da noite, tive certo lucro essa tarde. — então olhei para o monte de sacolas no canto da porta e pensei: "Já tive coragem, me mudei e até comprei roupas novas."

Meu olhar saltou das sacolas para o alto da cômoda, para o jarrinho das flores que ainda sustentava o *post-it* amarelo, e suspirei:

— Deus, agora eu preciso da casa.

❀

Aproximava-se das dez da noite e eu já estava no limiar da paciência. Desde que chegara e me banhara, voei para os jornais e recomecei a minha árdua tarefa. O tempo todo, eu tinha que me repetir "no próximo número, no próximo número…", as palavras pulavam do papel, e se eu ganhasse dez centavos por cada vez que lesse *aluga-se, vende-se, suíte, dois quartos, orla, e fone pra contato*, eu poderia fundar o meu próprio banco.

Eu estava tão esgotada que foi fácil querer cair no desespero: à minha mente, começaram a vir inúmeras situações di-

fíceis, cenas de fracasso, tudo dando errado. Eu me via sendo forçada a anos de estudo tendo por lar um quarto pequeno, mórbido e bagunçado no terceiro andar de uma pensão sem vida, sem ambição. Ou pior, talvez fosse obrigada a, depois de anos de tentativa de ficar, voltar pra casa destruída, sem dinheiro, e desiludida da vida.

Depois de todos esses dias ali, eu notei que aquele ponto tinha exatamente o oposto do clima de Montenegro, que era alegre, despreocupada, movimentada. Será que o mundo não via que eu, desesperadamente precisava me distrair?

Nessas horas eu começo a me perguntar onde está todo mundo, onde é que foi parar a luz. Eu queria por a culpa disso tudo em alguém, mas afinal o que é isso tudo, o que é que está acontecendo?

Porque é que diabos que quando você mais quer sumir é justamente o momento em que você mais se desespera por não ser encontrado? E quando você se esconde, por que é que você não se conforma com sua condição ao invés de se esconder tolamente na esperança de que alguém venha à sua procura?

Quando eu era pequena, meu maior sonho era voar, mas minha mãe me ensinou que antes de voar eu tinha que enfrentar a fase do casulo. Mãe, você pode me ouvir? Eu queria ouvir sua voz me dizendo onde é que se encontra mesmo a beleza do céu que tanto me fazia querer criar asas. Eu estava pronta?

Quando ainda me sentia uma lagarta, me roubaram o casulo. E agora, me deram asas tão pesadas que eu nem consigo me mexer; olho para cima e vejo a imensidão azul e tudo o que eu sinto e dor, é raiva, é frustração. Porque aquelas nuvens lá no alto mentiram pra mim; o tamanho do céu é o tamanho da solidão que eu sentia, e eu que sempre quis voar, agora só queria me afogar de vez. E as nuvens continuam ocultando os fatos, nublando o sol.

Agora eu estou aqui, de frente para o escuro, desejando com todas as forças estar dentro de um túnel, porque cedo ou tarde eu iria ver uma luz, uma saída. Depende de mim agora? O que eu fiz de errado, eu me perguntava. Eu socava o travesseiro enquanto meu rosto era lavado por lágrimas rancorosas, cheias de angústia. *O… quê… que… eu… fiz… de errado?*

Eu trinquei os dentes com tanta força que ouvia o rangido seco dentro de minha boca. Eu tentava não me revoltar, eu tentava pedir a Deus… o medo tomava conta de mim, e o que eu tinha em mãos para aplacar aquela solidão de momento era um cobertor branco, amarrotado e fino no qual eu me enrolava.

No auge do surto, arremessei um travesseiro para o outro lado do quarto. Para o meu azar — ou castigo —, o pesado travesseiro listrado se chocou violentamente contra a parede, levando o pequeno vaso sobre a cômoda consigo. Este, no entanto, caiu no trajeto e terminou como um pequeno morro de terra misturada com areia, cacos, que seguiram de um barulho de louça quebrada.

Levei a mão à testa, e ergui os cabelos, tentando respirar. Tudo parecia estar rodando, eu suava e arquejava incontrolavelmente, como quem acabara de competir uma prova olímpica dos cem metros rasos.

Ouvi passos na escada, subindo apressados. Imaginei que fosse a estalajadeira, vindo conferir o barulho, mas eles passaram à frente da minha porta e sumiram para o lado do último andar. Respirei fundo e meu olhar recaiu no papelzinho arrancado do caco do vaso, e foi quando notei que havia ainda um último número naquele *post-it*. Nele, eu li:

"Orla da ponte. Duas suítes, escritório, cento e cinquenta metros quadrados, quintal"

Peguei o telefone e comecei a discar lentamente, mal vendo o número.

— *…oito-oito, zero-nove, três.*

Escutei o telefone chamar uma vez. Duas, três vezes… eu ia desligar, sentindo uma tremedeira se apoderar de mim quando uma voz feminina falou:

— Alô?

— Boa noite. — eu disse fungando. — Perdoe-me pela hora, mas eu não podia esperar até amanhã.

— O que deseja? — já ouvi essa voz em algum lugar.

— Liguei pra saber do apartamento do anúncio.

— Como?

— Em que parte da orla fica, proximidades do cais?

— Do que você está falando? — aquela voz, eu conheço.

— Alô, moça, está me ouvindo? O apartamento.

— Quem está falando?

— Que tem escritório, uma boa área construída.

— Alô? — ela não estava me ouvindo?

— Quintal, escritório. — eu estava tensa.

— Olha, eu não sei do que está falando.

— COMO É QUE VOCÊ NÃO SABE DO QUE EU ESTOU FALANDO?

Com velocidade ainda maior do que a destas palavras usaram para sair de minha boca, eu desatei a chorar, tentando dizer coisas que nem eu sabia o que eram. Eu balbuciava, estava assanhada, transtornada, tudo o que eu queria era um lugar pra ficar.

— Como você não sabe do que eu estou falando? — repeti, aos prantos. — Tá aqui, eu estou com o anúncio nas minhas mãos.

— Olha, se acalme.

— Se não tiver mais interesse, só diga, por favor.

Eu chorava. Tanto que eu mesma já sentia que o que eu falava já devia estar ininteligível devido aos inúmeros soluços e engasgos, afora a garganta travada devido ao choro. A moça do outro lado da linha parecia preocupada, mas soube fazer a coisa: esperou que eu me calasse um pouco para chorar silenciosamente, e disse:

— Olha, moça, você deve estar numa situação difícil, mas eu não pus anúncio nenhum em jornal algum.

— Como não? — perguntei inconformada, porém de maneira bem mais delicada, como quem acabada de ouvir que apesar do erro, não tem culpa de nada.

— Tem certeza que ligou para o número certo? Três-três, dois-oito, oito-zero, nove-seis.

Seis.

Eu fechei os olhos e os esfreguei com o indicador e o polegar da mão direita, ao perceber que havia trocado o último dígito, só me deu vontade de chorar ainda mais. Eu tentei dizer:

— Desculpe, por favor, me desculpe. Eu troquei o último dígito do telefone, perdão.

Eu estava transtornada, não sabia o que falar.

— É que eu me mudei pra cá tem pouco mais de uma semana, e não consigo achar um lugar pra ficar.

— Espere um pouco. — disse a voz, parecendo intrigada. — Eu não conheço você?

Tentando secar as lágrimas no lençol branco, eu disse:

— Conhece?

— Acho que sim. Como é o seu nome?

— M-meu nome? Meu nome é Abby.

— Isso, eu conheço você!

— Conhece? — repeti abobalhada, uma gota de coriza escorrendo do nariz.

— Conheço sim, da loja, lembra? Eu sou a Roxie, ajudei você com a saia.

Eu pisquei abobalhada.

Levei um certo tempo para me dar conta do que estava acontecendo, e quando a ficha caiu, eu tive que bater na testa.

— Santo Deus! Roxie? *Aquela* Roxie?

— Eu mesma. — ela disse. — E eu nunca imaginei que você conseguisse gritar tão alto.

Ri encabulada, e disse:

— Fiz um pouco de aula de canto, quando era mais nova, aprendi a ter potência. Meu Deeeeeeeus, como eu pude fazer isso?

— Isso o quê?

— Perder o controle desse jeito. Desculpa, Roxie, eu não queria…

— Está tudo bem.

— Sinto muito. Mesmo.

— Está tudo bem, Abby, sério.

O tom dela era de preocupação. Eu me sentia fragilizada, aturdida e infantilmente medrosa, tanto que perguntei:

— Mesmo?

E suspirei aliviada quando a Roxie respondeu:

— Mesmo.

— Obrigada.

— Não por isso. Mas, Abby, agora que você está mais calma, me explique o que está acontecendo.

— Ok.

Eu respirei fundo, e fiz uma rápida retrospectiva sobre o que aconteceu nos últimos seis meses, me sentindo uma pedra insensível. Incrivelmente, eu falei de tudo o que aconteceu para a Roxie, e o desabafo não conseguiu — ineditamente — arrancar uma lágrima sequer de mim.

Falei sobre a mudança, sobre meus medos, sobre o que eu sentia, e a Roxie ouviu tudo, pacientemente. Eu percebi que tudo ia aliviando mais, que eu ia me sentindo cada vez mais leve, mais tranquila e mais racional, até.

— E é isso. — terminei, enquanto enrolava os cabelos com a mão. Foi a vez de Roxie falar:

— Talvez eu possa dizer que entendo o que está sentindo, Abby. Mas fique calma, fique firme. Eu tenho uma boa notícia pra você.

Meu coração acelerou.

— Qual?

— Um conhecido meu estava planejando se mudar daqui. Ele conseguiu um emprego numa siderúrgica em outro estado, e se você acredita em coincidências, ele me pediu pra olhar a casa enquanto ele se organiza na nova cidade. Ele viaja amanhã à tarde, mas se estiver disposta, posso te levar lá pela manhã e vocês podem conversar sobre isso.

Eu absorvia cada palavra como se estivesse ouvindo o sorteio do meu bilhete premiado da loteria. Seria possível? Como poderia estar acontecendo assim, do nada? Meus olhos se fixaram no pequeno quadrado de papel amarelo sobre a cama, com um número de um "último caso" que eu separara quando visse que não tinha jeito. Agora, simples, inesperada e abruptamente, tudo parecia ter se resolvido. Ao menos, tudo parecia estar realmente próximo de possuir uma resolução.

— Abby? Você ainda está aí?

Eu me voltei do meu estado de transe e disse:

— Roxie, eu não sei como… eu não sei o que dizer…

Eu a ouvi rir, para em seguida dizer:

— Apenas diga se amanhã às oito está bom.

— Se quiser, pode vir às sete! Estou na pensão da Dona Magda, próxima à ponte da entrada…

— Pensão da Dona Magda? Credo, você *realmente* tem coragem.

— Às vezes penso que sim.

— Então fica combinado. Às oito passo aí pra te buscar.

— Vou lhe passar o número do quarto e o telefone da pensão, caso haja um imprevisto.

— Não vai haver, confie.

— Mas…

— Às vezes, só precisamos de um pouco mais de confiança. Durma bem, e se cuida. Vejo você amanhã.

TU-TU-TU

Eu olhei aturdida para o telefone e o pus no gancho. Olhei à minha volta, olhei para os papéis espalhados por todo lugar, olhei para a pilha de jornais, para a minha mala aberta e arrumada e não pude me conter: dei um salto tão grande que quase torço o tornozelo quando voltei pro chão, o que resultou numa queda.

Estatelada no chão, ainda de olhos fechados, eu ri. Ri tanto que comecei a chorar. Enfim tudo aquilo ia começar a mudar. Tudo, tudo ia começar a dar certo, finalmente! A semana mais longa da minha vida tinha começado a ensaiar a despedida e eu estava que não cabia em mim de alegria. Tudo parecia tão surreal, que eu senti que talvez a alegre realidade pudesse me escapar se eu continuasse sem enxergar nada.

Assim, abri os olhos.

Dei de cara com a florzinha azul, solitária, esquecida ali no chão, em meio à terra, areia e cacos de cerâmica. Olhei bem de perto aquela singeleza, aquela coisinha tão frágil, tão tenra agora pendia triste para um lado, com o caule quebrado em dois lugares. Tive pena, e disse à flor:

— Sinto muito.

❀

Acordei um pouco cansada na manhã seguinte, mas recebi uma injeção de ânimo ao recordar da noite anterior. Enquanto

tomava meu banho, me perguntava se tudo aquilo estava mesmo acontecendo. Como poderia um erro tão imbecil resultar em algo tão maravilhoso? Eis aí o acaso da vida, a lógica sem noção à qual estamos à mercê.

Pedi pelo telefone que a Dona Magda mandasse servir o café no meu quarto, de maneira que eu não perdesse tanto tempo para ir comer no refeitório. Simplesmente não iria conseguir deixar aquele quarto naquele estado deprimente. Feito o pedido, a bandeja com pães e café chegou cerca de dez minutos depois.

Com uma metade de pão para fora da boca, eu ia reunindo os papéis, forrando a cama, dando um jeito na minha mala, na qual havia começado a *tentar* acomodar as roupas novas. Ainda com pena, reuni os cacos do vaso e os pus na lixeira, apanhei a flor a transferi pra outro vaso que achei no banheiro antes de varrer o chão do quarto. Após essa rápida arrumação, engoli o resto do pão e tomei o café, olhando a cada instante para o relógio.

Vesti um vestido amarelo e longo, e pus sandálias baixas e finas. A maquiagem tinha que ser feita à velocidade da luz, então decidi não caprichar. Exagerada e pontualmente, a Dona Magda veio me informar que havia alguém à minha espera no instante em que o *bip* do despertador informara que eram oito horas.

Agradeci e desci afobada, quase esquecendo de lhe pedir para acrescentar à conta um vaso de cerâmica que eu havia, por descuido, deixado cair ontem, no meio da noite. Conforme não esperei para ver a expressão da estalajadeira, fiquei na expectativa que ela não se aborrecesse, fato que descobri que não me importava muito e que importou menos ainda quando eu alcancei o hall de entrada da pensão.

Procurei pelos lados e não vi ninguém que parecesse com a vaga lembrança que tinha da menina da loja. Perguntei à moça da recepção se alguém estava à minha espera no salão, e a resposta foi negativa. Segundo ela, tinha a impressão de que alguém falara diretamente com a Dona Magda por acaso, quando esta entrava com os jornais da manhã.

Um pouco aflita, me dirigi às portas de vidro da frente,

olhando rapidamente para todos os lados. Ao puxar a porta da direita, tive um estalo e consegui finalmente perceber que minha mente ruiva parecia não se importar com o fato das portas serem transparentes, e portanto não tinha se dado o trabalho de olhar além delas a fim de notar que encostada a um carro esporte laranja metálico estava parada uma moça jovem magra, de cabelos lisos e armados em um penteado com franja e pontas espetadas, trajando uma blusa branca sem manga e uma calça jeans escura e folgada, que escondia parte dos All Star de cadarços desamarrados. Havia me esquecido o quanto a Roxie era bonita.

Acenei para ela alegremente e ela baforou a fumaça do cigarro que havia acabado de acender, após estourar uma bola de chiclete. Ela ergueu os grandes óculos escuros com lente degradê, quadrados de pontas arredondadas e pôs à mostra seus radiantes olhos castanho-claros, e suas bochechas naturalmente rosadas se moveram quando ela sorriu pra mim, à medida que eu me aproximava.

— Bom dia, Abby. — ela disse, depois de um trago do cigarro.

— Muito bom dia, Roxie — eu disse, agitada. Tentava me controlar, mas minha sensação era de uma criança de frente para os presentes da árvore na manhã de Natal. — Como você está?

— Muito bem. — disse ela. — E então, mais calma? — acrescentou, com um sorriso.

— Eu diria feliz! Como acho que já notou, estou bem ansiosa. — Disse com um sorriso, um pouco envergonhada. — E me desculpe por ontem.

— Relaxa. Vamos, entre aí. A Magda parece estar voltando.

Ela abriu a porta pra mim, e deu a volta para sentar no banco do motorista. Observei que o carro, em contraste com o estilo moderno da Roxie, exuberava detalhes clássicos, e outros pitorescos como os dois dados de pelúcia rosa no espelho central do veículo. Então, eu disse:

— Você já conhecia a Dona Magda?

Ela riu, e disse:

— Sim. Quando me mudei pra cá no ano passado, pas-

sei pela mesma coisa que você, embora que com menos sorte. Tive que ficar por três meses num quarto minúsculo de pensão, "no terceiro andar…"

— "…Com vista para a rua". — completei rindo. A frase da Dona Magda me pareceu clássica.

A Roxie riu e deu partida no carro. E falou:

— Não me diga que você ficou no mesmo quarto que eu.

— Acho que sim. Se quiser, te mostro na volta.

— Deus que me defenda! — exclamou ela, acrescentando em seguida: — Desculpe, é que não quero correr o risco da sopa novamente.

— Esqueça, eu entendo. — disse, sem poder deixar de rir da reação súbita dela.

Assim, fomos seguindo pela Avenida da Orla Norte, que circundava a ilha. À medida que o trajeto era feito, a Roxie me mostrava alguns pontos que julgava interessante em Montenegro, e eu notei que ela era uma moradora que realmente gostava do lugar. Observando tudo que ela me indicava com atenção, percebi que complicara o caminho do último passeio, voltando para casa passando pelo centro: para chegar ao quiosque onde conheci a Neide, bastava seguir o caminho contrário à pensão, seguindo a avenida pelo lado Norte. Passamos pelo local rapidamente, e notei que a barraca estava fechada àquela hora.

Cerca de quinze minutos depois, a Roxie reduziu a velocidade — que graças ao pouco trânsito estava relativamente alta — e disse:

— É ali.

Voltei meu olhar para onde ela apontara e percebi que havíamos chegado numa área que era uma espécie de condomínio. Embora as casas fossem um tanto afastadas umas das outras, via-se que todas elas tinham um gramado padronizado à frente, com um cercadinho de madeira pintada de branco circundando a parte da frente de todas elas, e estas, junto ao fato de todas terem a parte de trás voltada para o mar, eram as únicas semelhanças entre as construções.

Sem saber qual delas era a mais bonita, notei ao observá-las que a praia aparentava ter descido naquele ponto, de modo

que as casas tivessem um patamar um pouco comprido que lhes servia de quintal, indo este terminar em uma borda elevada de uns três metros em relação ao nível do mar. Sentindo a brisa invadir o carro, eu tentava adivinhar qual das casas seria a minha candidata a futuro lar, e tive um choque ao ver qual era quando a Roxie estacionou dizendo "chegamos".

— CAPÍTULO QUATRO —

Minha casa

Era uma casa verde, com detalhes em baixo e alto relevo no cimento, sendo os altos destacados por tinta branca. A parte da frente da casa seguia formas quadriculadas, com um mínimo hall externo de acesso à porta da frente sendo exposto por um portal em forma de arco, que se elevava até uns dois metros e meio de altura. A parede acima deste continuava subindo até o nível do primeiro andar, que pareceu se resumir a uma pequena e charmosa torre, mas a sacada em forma de meia-lua na lateral sugeria mais alguma área construída por detrás dela, escondida também pelo alto telhado de várias águas em telhas-castelo. Aliás, este era um excelente termo comparativo para a casa: castelo.

Os detalhes, a torre, a charmosa imponência no meio do gramado davam um ar de casinha de boneca à construção. Até as janelas, arqueadas na parte superior com as grades de sustentação de madeira para os vidros — sendo elas também pintadas de branco —, davam um toque de extrema delicadeza no lugar, que tinha um ar doce que pairava por toda a sua extensão, desde a caixa do correio — quadrada, em forma de casa—, até os poucos degraus alvos de acesso ao hall, onde estava sentado um rapaz, que sorriu à nossa chegada.

— Oito e meia e nem um minuto sequer a mais — disse ele, quando descemos do carro —. Pontual como sempre, Roxie.

— Sabe que detesto atrasos, Ed — respondeu a Roxie, com seu hábito de falar após endireitar os óculos escuros sobre a cabeça. — Esta aqui é a Abby, de quem eu lhe falei.

— Muito prazer, Abby. Sou Edgar. Ou Ed, como preferir.

— O prazer é meu. — eu disse, apertando sua mão, enquanto meus olhos absorviam aquele rosto.

Era um rapaz bonito, de cabelos bem penteados e casta-

nho-claros, pouco mais escuros que os olhos da Roxie. Ele possuía um rosto afilado e um nariz reto, em perfeita simetria com os lábios demasiado finos, que exibiam um sorriso bonito, o qual as pequenas imperfeições na dentição não abalavam.

— Bem, você teve sorte, Abby — disse ele, simpático. Acho que a Roxie lhe disse que estou viajando hoje à tarde.

— Tive, e pra ser sincera, creio que já não era sem tempo! — respondi, para um sorriso encantador e um olhar que brilhava segundas intenções vindas dele.

— Vamos com isso, Ed; pare de olhar pra ela desse jeito. — Disse Roxie, rindo enquanto ia empurrando de leve o rapaz, que pareceu um tanto constrangido enquanto eu ria em silêncio.

Assim, rumamos para a porta. Ao atravessar o portal, paramos enquanto o Edgar girava a chave na fechadura. Ele aproveitou para dizer à Roxie:

— Pelo volume no bolso, eu presumo que ainda não parou de fumar.

Com um sorriso, eu diria fatal, a Roxie respondeu:

— Já fez seu voto de castidade?

Ergui as sobrancelhas, e esperei a resposta dele, que veio após breve riso:

— Ainda com isso?

— É o pacto.

— Ok, porque eu acho natural não estar entendo nada? — eu disse, erguendo as mãos.

— Trivialidades *Roxianas*. Acostume-se. — disse ele, e destravou a porta. — Quer fazer a honra?

Ao vê-lo me reverenciar, a Roxie disse:

— Se eu fosse você, não daria muita trela. Ele é um predador, Abby, estou avisando.

— Ora, mas o que é isso, Roxie? Você mesma nunca foi minha presa. — disse Edgar, erguendo-se rindo.

Para a minha surpresa, a Roxie lançou-lhe um olhar penetrante e aparentemente furioso, frente ao qual o Edgar pareceu recuar um centímetro. Eu mesma fiquei paralisada com aquela expressão repentinamente selvagem e agressiva, até que ela quebrou o pesado silêncio dizendo, enquanto se adiantava

para abrir a porta:

— Você não faz o meu tipo. Venha, Abby.

Ergui as sobrancelhas para o rapaz, que começou a rir. Percebendo então que foi uma brincadeira, eu segui a Roxie para dentro da casa e fiquei abismada.

Não era grande, mas era intensamente aconchegante. Tudo dentro dela tinha um ar antigo e rústico: desde os sofás forrados com uma capa bordô, à mesa da cozinha, de uma madeira escura e bem espessa. Os dois sofás estavam dispostos em "L", de frente para um rack baixo onde jazia uma televisão de dezenove — acho — polegadas. E entre eles, uma mesinha de centro, consistida de quatro cilindros de madeira, que sustentavam um vidro de uns setenta centímetros de comprimento, tudo sobre um tapete felpudo e marrom que devia medir uns dois metros por três. A iluminação era proveniente de um lustre que compunha uma das peças do ventilador de teto, feito de madeira, exatamente acima da mesa de centro.

Seguindo a Roxie, me deparei com uma meia parede em forma de balcão, separando a sala da área da cozinha, que não era muito grande também. Na parede de fundo, ao lado de duas grandes janelas com vista para o mar, vi uma porta imediatamente oposta à porta da frente, que a Roxie pareceu bem entusiasmada ao abrir.

Era a porta de acesso para uma varanda com piso de madeira envernizada, cercada com um parapeito de grade composto pelo mesmo material. Nela, primeiro se via uma escadinha de três degraus que ia se encontrar com a areia a poucos metros do pequeno precipício, que impossibilitava acesso direto à casa pela praia para depois, se desviando o olhar para um lado, ver uma mesa circular e polida, bem próxima ao peitoril da janela, que imaginei poder servir de balcão em alguma ocasião de "refeição ao ar livre".

O Edgar nos alcançou pouco depois e disse:

— Bem… a casa tem dois quartos amplos no segundo andar, sendo um deles suíte e com acesso à torre, que conta como um quartinho. O outro é um pouco maior e tem ligação com a sacada circular, no lado direito da casa. Daí tem essa varanda, a mobília e um banheiro grande, aqui no primeiro piso.

Eu só conseguia sorrir ao invés de tomar uma atitude (qualquer que fosse para parecer menos tapada), e fui salva pela Roxie, que disse:

— Mostremos o primeiro andar.

Entramos novamente e nos dirigimos à escada escondida por um pequeno vão entre a parede da sala e o banheiro do primeiro piso, o qual eu vi que era bem amplo e de interior decorado com pedras ornamentais.

Ao alcançarmos o primeiro andar — que era muito maior do que se podia presumir vendo do lado de fora da casa —, eu me deparei com um hall extenso, onde se via mais um jogo de sofás (dessa vez, brancos) um balcão lateral comprido e acesso a três portas, as quais Edgar foi indicando:

Aquela oposta dá acesso ao quarto com vista para o mar. Essa à direita, ao quarto da sacada, e este arco aqui, à torre.

— Vejamos então. — eu disse, animada.

Entrei no quarto, dei uma olhada por cima e gostei da mobília. Avancei seguida dos outros dois em direção à tão falada torre, e vi que era um pequeno cômodo de uns seis metros quadrados, cercado de janelas e onde jazia uma escrivaninha delicada e gasta. Gostei.

Ao retroceder e entrar no último cômodo que faltava, vi que era naturalmente muitíssimo bem iluminado, tanto pelas duas janelas e a porta da varanda, quanto pela claraboia circular, além de ser realmente muito amplo — a ausência de móveis acentuava ainda mais essa impressão — e mantinha em jazigo um piano vertical recostado a um canto. Assim, a primeira coisa que fiz foi exclamar:

— Esse cabe perfeito para o meu ateliê!

O Edgar vez uma cara de indagação e disse:

— Ateliê?

E foi a Roxie quem respondeu:

— Sim, ela é pintora.

— Mesmo? — surpreendeu-se o rapaz.

Eu sorri, confirmando com a cabeça.

— Ok, perdoem o sem-talento aqui. meu Deus, estou cercado de artistas!

Olhei para a Roxie com uma expressão confusa, e ela fez

uma cara de riso. Ao meu socorro veio o Ed, que disse:

— Pelo que eu to vendo, a modéstia da Roxie não a deixou lhe contar que ela é uma excelente poetisa.

— Sério?! — eu disse, alegremente. — Por que não me disse?

Ela pareceu um pouco envergonhada, e disse:

— Ele está exagerando. Eu só tento escrever, não sou muito boa não.

— Abby, acredite. Ela que está exagerando. — disse o Ed, com um sorriso.

— Não, não estou.

— Mas é claro que está.

— Par ou ímpar? — interrompi-os, rindo. Então, me dirigi ao Ed: — Sério agora, em quem eu acredito?

— Em mim! — disseram, em uníssono.

— Ok, desisto.

— E ela ainda toca piano.

— Tá, quem não fez aula de música quando era criança?

Foi minha vez de me juntar ao Ed no "eu". A Roxie suspirou, e disse:

— Você disse que tinha feito aula de canto.

— Um mês, conta? — me defendi.

Ela sorriu balançando a cabeça negativamente, e falou:

— Vai, Ed, diz a ela das partes "técnicas" da casa.

E ele tratou de falar:

— Bem, a instalação elétrica está perfeita. Troquei todos os fios, tomadas, etc. há um mês. Tem aquecedores elétricos nos dois andares e se você quiser, pode reformar o recorte circular na parede da cozinha para refazer a lareira.

— Recorte? — perguntei, franzindo a sobrancelha.

— Você não notou? — disse a Roxie. — A varanda do seu ateliê fica acima dele.

— Bem, vejo melhor quando descer — disse eu, desconcertada. — Continue.

Com um ar de riso, ele disse:

— Hã, a linha do telefone ainda está ativada, bem como a internet. A casa também tem roteador wireless, com extensão pra toda ela, incluindo a varanda da cozinha. E acho que é

tudo.

Ponderei um minuto, para criar um certo suspense. Já havia tomado minha decisão, que era mais que óbvia, dada a minha situação; mas foi divertido ver a apreensão do Edgar, enquanto observava a Roxie — que percebera o que eu fazia — fazendo força para não rir.

— Quanto? — disparei a pergunta, sem piedade. O Ed pareceu um pouco desconcertado: puxou a camisa, coçou a cabeça e disse:

— Seiscentos e cinquenta. — imediatamente eu disse:

— Fechado.

Foi tão abruptamente que eu falei, que ele disse:

— Sério?

— Sim. — disse, erguendo os ombros, assumindo um ar crítico: — Gostei da casa, da mobília; cai bem às minhas necessidades, é na orla, ampla, e seu preço me parece justo.

— Bem, então… — disse ele, ainda parecendo incrédulo.

— Isso — interrompeu a Roxie. — Vamos, vamos ver o contrato.

❀

Assim, acertamos o contrato e o Ed ficou de registrá-lo em cartório, com a Roxie de testemunha. Por volta das dez da manhã, ele se foi para se organizar para a viagem, e me entregou a chave na despedida:

— Cuide bem dela. — me disse, olhando com aparente saudade antecipada para a casa.

— Fique tranquilo. — eu disse, pegando a chave estendida por sua mão direita. — Vou cuidar dela. E faça uma boa viagem, espero que dê tudo certo.

— Tomara que sim. — disse ele, sorrindo.

— Quando você pensa que tudo vai dar certo, tudo vai dar certo. — disse Roxie, abrindo as mãos num gesto explicativo.

Concordei com a cabeça, e o Ed pareceu convencido:

— Ok. Vai dar tudo certo, então. Se cuidem, vocês.

E ele saiu. Eu fiquei observando ele andar por um tempo e me voltei para a Roxie:

— Eu poderia lhe pedir um favor?

— Se estiver ao meu alcance. — disse ela, procurando algo nos bolsos.

— Eu preciso trazer minhas coisas pra cá. — eu expliquei, gesticulando pra ver se a súbita vergonha era disfarçada. — Não são muitas, mas eu preciso comprar meu material de pintura e um computador. Será que poderia…

— Lhe dar carona? — ela disse, tirando um cigarro do maço encontrado no bolso direito da calça, e o levando à boca.

— Me fazer companhia?

Ela piscou pra mim, parecendo um pouco surpresa (notei que o cigarro pendeu um pouco em seus lábios, enquanto o isqueiro parara a caminho dele). Então, ela balançou a cabeça num movimento rápido e disse:

— Claro. Quando quer fazer isso?

— O quanto antes. Hoje à tarde, seria bom. — concluí.

— Por que não agora? Depois poderíamos almoçar.

Ergui as sobrancelhas e tombei a cabeça para um lado, num sinal de concordância.

— Sim, claro. Vou só trancar a casa.

Eu saí, a passos largos, me controlando para não dar pulinhos do lado de fora, mas ao entrar e me deparar com aquele interior, foi inevitável. Eu pulei, e contive gritinhos de alegria enquanto batia palmas rápida e silenciosamente, enquanto sorria muuuito largamente.

Saí andando pela casa, conferindo as janelas e, por fim, notei o tal recorte circular na parede da direita. Ele formava um arco, onde havia uma janela e um peitoril que servia de balcão em forma de meia lua; nele, havia dois porta-retratos e o telefone, com um papel sobre este onde se lia: "este número…" e seguiam os dígitos.

Trancada a casa, voltei para o lado de fora e entrei no carro, que já se encontrava ligado com a Roxie dentro. Ao me ver sentar no banco, ela disse:

— E então, contente?

— Se eu estou contente? *Se eu estou contente?*

Ela riu, e acelerou, dando a volta para pegar o sentido contrário da avenida. Então, ao nos adequarmos ao sentido da via,

ela disse:

— Já fez sua matrícula?

— Na Universidade, você diz? — perguntei.

— Sim.

— Não. Meu período de matrícula só começa na segunda-feira que vem. — expliquei, pondo o cinto de segurança.

— Fiz a minha ontem. Cara, passei uma manhã inteira em pé. — e suspirou. Buscando em minhas memórias se ela já havia mencionado algo sobre, eu perguntei ao perceber que não me lembrava:

— O que vai cursar?

— Já curso — disse ela. — Faço o Curso de Letras, comecei na metade do ano passado.

— Dessa eu não sabia. Mas, o que o Edgar estava dizendo sobre você escrever. — arrisquei, cautelosamente, o que fez a Roxie estender o braço para abrir o porta-luvas do carro, de onde a vi tirar uma folha de papel amassada em uma bola, que ela me entregou dizendo:

— Acredite, é exagero.

— Me deixe adivinhar. — eu disse, erguendo a bolinha de papel entre os dedos. — Escreveu isto e não gostou?

— Geralmente, não gosto do que escrevo. Ainda me acho muito fraca. Decidi cursar letras para ver se com mais conhecimento consigo me inspirar em algo; a única coisa que me julgo ter um mínimo de talento é isso, no tocante a conseguir passar ideias pro papel. Elas serem algo que preste é outro departamento.

— Bem, você tem bom gosto pra roupas. — disse rindo, ao que ela respondeu:

— Haha, talvez. Mas no seu caso foi fácil dar uma sugestão.

— Mesmo? Por quê?

Ela moveu a cabeça de um lado para o outro, como se ponderando a resposta. Fez isso umas duas vezes, até que disse:

— Você me parece ser uma pessoa muito simples, que costumava ter um humor excelente, embora se deixasse neutralizar por ver a altura dos "muros" da vida. O que me pareceu é que tudo o que você gostaria de fazer era voar, simplesmente pra sentir uma vez na vida como é ter o vento levando com

veemência os seus cabelos, enquanto se vê o mundo inteiro lá em baixo, sem poder lhe tocar enquanto você paira como uma nuvem, alheia, intocável. Se eu comparasse a primeira visão a alguma coisa, eu diria que você me lembra um pequeno e delicado cristal. Particularmente, eu acho isso um pouco perigoso, Abby. Você poderia começar a pensar que nesse mundo, quase tudo só depende de você, e você não pode simplesmente deixar que sua bela singeleza se transforme em intensa fragilidade e lhe roube a coragem que precisa pra enfrentar o mundo e conseguir o que quer. No caso, achei que roupas leves e uma cor alegre combinariam com você, e com seu cabelo… *quê, o que foi?*" — ela acrescentou, ao voltar seu olhar pra mim e perceber que havia lágrimas correndo volumosamente pelo meu rosto.

— Foi algo que eu disse? — insistiu ela, olhando rapidamente de mim para a estrada, da estrada pra mim, que levei algum tempo pra conseguir falar:

— Não, é que… você está certa. E essa de voar me lembra a minha infância. E a minha mãe.

A Roxie esticou os cantos da boca numa espécie de sorriso consolador, tirou a mão direita do volante e deu uma palmadinha no meu ombro, dizendo:

— Tenha paciência. Você vai ficar bem.

Eu sorri, e acabei rindo, o que alargou o sorriso da Roxie. A luz do sol entrava pelo pára-brisa do carro, acertando um ângulo no olhar dela que o fez parecer uma gema brilhando sonhadora no meio de um rio de águas claras. Eu fiquei ali, segurando a bolinha de papel na mão e vendo as casas de Montenegro passarem velozmente pela cabeça dela. Eu mirei seu perfil borrado se chocando contra a delicadeza do rosto da Roxie, cujos cabelos se movimentavam graciosamente devido ao vento, e aquela imagem ficara registrada na minha mente com um título: "Aquela que parece me entender".

Então, ela disse, quebrando minha fixação:

— Não vai ler?

Eu pisquei os olhos num movimento repentino de cabeça, e disse:

— Claro.

Sequei as lágrimas do rosto e me pus a desamassar o papel, enquanto soltava um profundo suspiro, cuja emoção eu não saberia descrever. Pouco depois, me parecia um alívio, eu acho; alguma forma do meu corpo compensar todas as vezes que eu, por medo e quem sabe precaução, prendi a respiração de uma maneira que não fizesse barulho, que não incomodasse, que me roubasse a vida (como acontecera à minha alegria) pouco a pouco, assim como desamassei o papel.

Nele, com uma letra quase itálica e muito fina, estava escrito:

A árvore

Sou aquela que senta e observa.
A que para e espera.
A que ri e a que chora.
Não sou aquela quem você vai notar;
Também jamais irei me mostrar a fim de que me veja.
Talvez, não seja quem vai lhe fazer rir,
Tampouco vou procurar lhe fazer chorar.
Não sou eu que sempre irei acender as luzes da sua casa,
Mas esteja certo que as apagarei se for a última a sair.
Posso ser o que eu quiser desde que queira…
Porque não sou barro medrando o quebrar das ondas:
Sou cristal, filtrando os raios do sol.

Não tenho meio nem fim;
Minha vida será sempre um recomeço, não importa quanto já terminei.
Minha memória viverá eras, eu garanto…
Deixei marcas no mundo, embora não as veja,
Embora sejam algumas de um caráter até cruel.

Não me importo com a crueldade:
Aprendi a ser cruel usando a minha felicidade contra isso,
E isso é a felicidade:
Cometer a maldade com a crueldade de se mostrar feliz.
Por fim, sou eu quem compõe e escreve,

Quem canta e sonha, quem pensa e dorme,
Quem alerta e vigia a minha própria existência;
Enraizada em solo volúvel, de pouca fertilidade,
Em raiz me dada, uma menina
Que num ontem, quase agora, descobre:
Que sou uma árvore, por fim.

Hyanna Roxie Montgomery

— Meu Deus! — eu disse, boba. — Roxie, como pôde amassar isso? — completei, balançando a sofrida folha em minha mão.

— Não sei. É que não me sinto muito à vontade de falar de mim. Um dia, tentei escrever e vi que deixar registrado era pior ainda.

— Eu acho que você não deveria pensar assim. — eu disse, dobrando a folha enquanto tentava minimizar o estrago. — Ao menos este está muito bom.

— Obrigada.

E essa foi sua última palavra acerca daquilo. Respeitando seu silêncio, fiquei também reclusa no meu até que chegamos à pensão novamente, e a Roxie me dissera que esperaria no carro. Embora pensativa, eu estava radiante quando cruzei as portas de vidro e empurrei um "bom dia" tão brando que a recepcionista riu ao recebê-lo.

— Onde está a Dona Magda?

— Bem aqui. — respondeu a voz da mulher, que vinha descendo as escadas.

— Consegui! — eu disse, sem me conter.

A expressão da estalajadeira era de quem realmente queria ficar muito contente com a notícia, mas simplesmente não conseguisse. Tentando fazer a falsa alegria ser convincente, ela me abraçou e disse:

— Que bom que está dando certo pra você, menina. Vou sentir saudades de você.

— Eu também vou, Dona Magda. — minha vez de tentar parecer convincente.

— Venha, vamos cuidar de seus papeis. Já arrumou suas malas?

— Falta pouca coisa.

— Certo. *Ei, você!* — bradou ela, para o rapazinho das malas — Fique onde está, daqui a pouco você vai subir para ajudar a Abby com as bagagens.

Foi realmente cômico ver a mudança no rosto do rapaz, que pareceu assustadíssimo de repente. Ele fez um sinal positivo para Dona Magda e, tímido, se recostou à parede ao lado dos primeiros degraus das escadas de acesso aos quartos.

Assim, a estalajadeira fechou minha conta e gentilmente me cobrou o dobro do valor do vaso que eu quebrara na véspera, consumando uma pequena vingança contra mais uma pessoa que se demonstrava contente em sair dali.

Pouco depois, subi ao terceiro andar para pegar minha mala e minhas sacolas. Notei que o quarto fora arrumado, e a pilha de jornais estava minuciosamente organizada no mesmo canto que eu deixei, e tive um pouco de remorso por aquilo. Peguei o que eu pude e deixei o resto com o rapaz que me acompanhara, com o seu rosto machucado por marcas profundas de espinhas parecendo determinado a me agradar a todo o custo, a fim de evitar um berro de reclamação da Dona Magda.

Esta me aguardava no salão, e fez mais uma cena extremamente teatral de saudades antecipadas e despedidas célebres quando me vira com as malas. Sentindo-me constrangida por ter todos os olhares do hall de entrada voltados a mim, eu sorri amarelo para ela enquanto era acompanhada pela mesma até a porta, onde parou e disse:

— Onde conseguiu a casa?

— Na Orla Norte. Um amigo de uma conhecida estava de mudança, então ela ajeitou para mim.

— Isso é que foi sorte. — comentou ela, voltando a parecer inconformada.

— Nem me fale. Mas se quer saber, foi na hora certa.

— Deus sabe o que faz.

— Certamente que sim. — eu disse, sorrindo sinceramente dessa vez.

A Dona Magda então desviou seu olhar fixado no chão e o voltou para mim, para dizer:

— Quer que eu ligue para um táxi, minha filha?

— Não, obrigada, Dona Magda, eu tenho carona.

E indiquei o esportivo laranja estacionado na calçada, além das portas de vidro. Assim como da primeira vez que vi o conjunto dos dois, recostada a ele estava a Roxie, com um outro cigarro aceso e uma bola de chiclete sendo soprada por um canto da boca. — acompanhava o óculos de degradê fixados nos cabelos como um diadema.

E, para minha completa surpresa, a Dona Magda empalideceu.

Eu olhei confusa para a rua, procurando algum motivo para causar alguma espécie de espanto, mas tudo o que eu via era a Roxie, de pernas cruzadas, um ar despreocupado e de queixo um pouco erguido, mascando seu chiclete enquanto soprava baforadas.

Me voltei para a mulher:

— Dona Magda, está tudo bem?

À primeira vez, ela não respondeu. Seus olhos estavam vidrados na imagem através do vidro, completamente estupefatos, como se ausentes dali enquanto vagavam por miríades de pensamentos distantes, que a faziam apertar cada vez mais as mãos como reflexo do nervoso, enquanto o queixo teimava em permanecer estaticamente caído e desarticulado.

Naturalmente, eu achei que ela estava tendo um ataque fosse do que fosse.

— Dona Magda! Está tudo bem? Dona Magda?

Trazê-la de volta pra esse mundo requereu uma certa dose de boa vontade, até que ela pareceu fazer um pouco de esforço para falar (nada comparado ao que ela fez para tentar disfarçar), quando me respondeu pela primeira vez à minha pergunta, feita pela milésima vez:

— Dona Magda, a senhora está bem?

— Estou sim, querida, por quê? — e ela mantinha os olhos fixos na direção da Roxie.

— A senhora empalideceu de repente. Está gelada, o que foi que aconteceu? — eu insisti, estranhando mesmo a reação.

— Mesmo? Deve ter sido uma queda de pressão, mas estou bem.

— Tem certeza? Está até suando.

— Tenho, tenho certeza sim, estou bem.

Eu tirei a mão do braço gelado dela e olhei na direção do carro, e me esquecendo da película refletora do vidro, tive esperança da Roxie visse minha insistência e viesse me ajudar de alguma forma.

Porém, a estalajadeira, parecendo se recuperar do surto — susto, ataque ou o que quer que tenha sido —, disse:

— Ande, Abby, a menina está lhe esperando.

Eu tinha suspirado pronta para esquecer, quando uma coisa me veio à cabeça, abruptamente:

— Dona Magda, isso foi por causa da Roxie?

Ela voltou seus olhos para mim e disse, após um suspiro:

— Por que seria?

— Eu que pergunto. — disse eu, franzindo as sobrancelhas. — A senhora a conhece, não é?

E ela, após voltar seu olhar para o chão e soltar um suspiro brutalmente mais profundo e pesado, disse:

— Um pouco menos do que gostaria, minha filha. Bem menos, na verdade.

— Q…?

— Boa sorte, e passar bem.

Ela girou nos calcanhares e me deixou.

Confusa (acho que a palavra que caberia melhor era "desconfiada"), eu alcancei o carro e, logo em seguida, o rapaz trouxe as bagagens e começou a pô-las no porta-malas. Então eu perguntei à Roxie, tentando não parecer abelhuda:

— Você aprontou algo nessa pensão?

— Além de pular o muro de trás para escapar da sopa?

Dessa eu ri, brevemente para descontrair. Mas insisti:

— Não, sério, aprontou?

— Não que eu lembre. Por que, a Magda falou algo?

— Não, mas acho que ela não gosta muito de você. — eu disse, entrando no carro após dar gorjeta ao rapaz das malas e notar a ausência do "Dona" antes do nome da estalajadeira, quando a Roxie falou.

Esta, ao entrar no carro, disse girando a chave na ignição:

— Sabe, eu não ligo. Ela também não é exatamente o tipo de pessoa que eu admiro.

— CAPÍTULO CINCO —

Toque

Depois de sair da pensão, foi inevitável não ficar pensativa a respeito da cena que acontecera na minha despedida. A Roxie era do tipo que falava pouco, e isso fez com que o silêncio pesasse ainda mais entre nós, embora em nenhum segundo sequer o rosto dela demonstrou alguma preocupação com o acontecido. Por um lado, isso me fez pensar que talvez fosse alguma implicância da Dona Magda, ou um desentendimento passado que fora superado pela Roxie e não pela estalajadeira. Tentei afastar essa curiosidade da minha cabeça, de maneira que não parecesse desconfiada ou metida evitando assim um mal-estar precoce na amizade recém feita e que, sem dúvida, havia sido meu salvaguarda. No mínimo, a Roxie merecia que eu esquecesse isso.

E foi o que eu fiz.

Ao chegarmos à minha nova casa, ela me ajudou a carregar as sacolas de roupas e a minha mala para dentro. Decidi não demorar muito, pois ainda havia muito o que fazer, e seria melhor arrumar tudo de vez. Assim, apenas estoquei tudo no meu quarto e nos preparamos para sair novamente.

Conforme já se aproximava do meio dia, a muito bem humorada Roxie me levou para um restaurante que ficava do outro lado da ilha, onde eu vi relativamente de perto, pela primeira vez, a base do Monte Negro. Da varanda do restaurante, onde escolhemos uma mesa, via-se a estrada que levava para lá: ela adentrava o bosque à base da montanha, e suas folhagens se misturavam à mata natural da base desta, fazendo tudo parecer de longe um imenso tapete verde escuro que se estendia até o topo, desde o parque antes do bosque.

— Eu adoro comer aqui. — comentou a Roxie, olhando o cardápio.

— Aqui é muito bonito. Aliás, a ilha inteira é perfeita! Eu realmente entendo porque é tão difícil as pessoas quererem se mudar daqui.

— Bem — começou a Roxie, ainda mirando o cardápio —, dependendo, as próprias pessoas podem ser o motivo.

Guiei meu olhar da montanha para ela, com uma expressão confusa e perguntei:

— Como assim?

Ela baixou o cardápio, chamou o garçom e disse:

— Aqui não é muito diferente dos outros lugares, Abby. Embora as casas não precisem de muros, haja sempre movimento nas ruas, pessoas gentis por aí, todas elas compartilham o mesmo defeito inevitável: formam a — ela gesticulou aspas com os dedos — "sociedade".

Tendo percebido que eu não havia entendido bem onde ela queria chegar, ela acrescentou, assim que o garçom chegou à nossa mesa:

— Em outras palavras, elas sempre falam demais. Um almoço simples pra dois, por favor.

Observando o rapaz assentir com a cabeça e se retirar para pegar o pedido, eu perguntei:

— Roxie, você disse que se mudou pra cá havia um ano. Onde morava antes?

— Fora do estado, em Mari. — ela disse, batendo os dedos na mesa.

— Creio já ter ouvido falar de lá. Veio por causa do curso? — indaguei, e ela disse:

— Na verdade, não. Vim pra cá porque já havia conhecido Montenegro uma vez, quando vim visitar uma amiga. Gostei do lugar principalmente porque era novo, inexplorado e eu estaria distante de boa parte dos meus problemas insolúveis. Já sabe onde vai comprar as telas?

Ela mudou o rumo da conversa com a velocidade da luz, e eu entendera o recado; percebi que talvez estivesse sendo curiosa demais e passei a pensar que o melhor a se fazer era me policiar a partir daquele ponto. Assim, disse:

— Na verdade, não. Ouvi falar de uma loja, mas esperava que você me ajudasse com isso também.

— Ok — disse ela, sorrindo. — Tem uma loja especializada no centro. Você vai encontra tudo o que precisar lá.

Eu observei o quanto ela era enigmática. O que a incomodava, ela afastava de si com uma delicadeza, uma graça sem fim; logo em seguida, estava sorrindo ou com aquela expressão despreocupada como se nada tivesse acontecido. Aquele quê de mistério me impressionava porque eu via traços de uma personalidade independente em cada gesto, em cada frase. De uma maneira crua, a Roxie até agora havia mostrado que tinha boa parte dos aspectos que eu sempre quis ter, e nunca consegui. Nisso, tratei de dizer:

— Isso é bom, porque eu não trouxe absolutamente nada de material comigo.

— Há um motivo especial pra isso? — perguntou ela, arrumando a franja.

— Seria muita coisa pra trazer e as telas que estavam na minha casa não me atraíam. Devido ao trabalho, eu estava meio que sem tempo de pintar como eu gostaria, e o que eu havia conseguido terminar estava ruim e muito seco, sem tato, sem sentimento.

— Sei como é. Vê? Por isso eu vivo amassando poemas.

— Ah, mas deve ter alguns que você goste.

— Há sim. Poucos, é verdade. Mas há. Eu fiz algo parecido com o que você fez: estava compilando poemas para tentar lançar um livro. Isso foi há um ano e meio, mas decidi que não gostava, que estava carregado demais de coisas que eu gostaria de esquecer, então joguei tudo fora.

Ela fez uma pausa, e eu disse:

— É triste. Embora seja algo que você realmente não deseje, não deixa de parecer que você está deixando um pedaço de si pra trás.

— Por um lado, é verdade sim, mas eu creio que sempre é tempo de recomeçar, e nada é bom ou ruim o bastante que não possa ser superado. Acho que sempre devemos tentar não nos apegar demais àquilo que fazemos porque no final, tudo passa.

Era uma visão dura. Pensei um instante, e vi que discordava. Então, falei:

— Depende, Roxie. Concordo quanto à parte de recome-

çar sempre, embora às vezes seja necessário realmente um monte de força. Mas eu creio que devemos nos apegar sim a certas coisas.

— Como o quê? — disse ela, com tom de amigável desafio.

— Não sei ao certo. — respondi. — Mas veja: cada pequeno momento feliz nunca vai deixar de ser uma lembrança feliz, assim como cada momento triste também segue isso. Como você mesma disse, tudo passa, e todos esses momentos vão se transformar em lembranças. Se você não se apega a nenhuma delas, em especial as felizes, do que você vai lembrar?

— A ideia é sempre olhar pro agora, e tentar esboçar um futuro próximo, eu creio. — replicou ela.

— O que você faz agora já é reflexo de um ontem que houve — teimei. — Cada postura que você toma ante uma situação de hoje foi construída por outras experiências, e sempre haverá uma lembrança, ainda que inconsciente. Ontem, eu estava desesperada num quarto de pensão até que errei o último dígito de um número de telefone, o que me trouxe uma casa, a felicidade — não importa se momentânea — e uma amiga.

Nesse ponto eu senti que havia conseguido fazer com que a Roxie realmente me escutasse, em vez de apenas manter aquele olhar de quem está testando, averiguando, buscando um ponto para discordar. E eu tinha que aproveitar:

— E isso é uma lembrança feliz pra mim, e passou. Mas eu sempre vou me lembrar do quão ilógico foi esse acontecimento, de como tudo parecia tender a dar errado e, de repente, tudo se endireita. Daí eu lhe pergunto: isso é assim tão comum, tão superficial, que valha a pena ser descartado tão facilmente?

Ela parou um pouco, olhou para a mesa e tamborilou com os dedos das duas mãos sobre a superfície de madeira. Então ela disse:

— Você não teme ficar presa demais ao passado, Abby? E esquecer da sua vida, do seu agora, das coisas que tem a fazer?

Fora uma pergunta que me soou bastante significativa. E o cuidado que tomei para respondê-la foi apenas a cautela para que não soasse grosso:

— Não, Roxie, não tenho. Porque eu guardo em mim todas

as lembranças felizes que eu puder, porque eu sei que não há felicidade sem contrapeso; um dia, a tristeza vai bater à minha porta, e se eu não puder me lembrar como é a felicidade, como é que vou conseguir superar a tristeza? Às vezes, é realmente necessário fazer uma mudança radical, mas é como arrumar o guarda-roupa e achar um monte de coisas velhas. Algumas você joga fora; outras, você guarda porque aquilo te lembra algo bom e o que é bom deve ser mantido conosco, não importa o nosso destino. E o passado, por mais que não se queira, boa parte das vezes estará presente nas nossas vidas, e simplesmente não há como fugir disso. Eu perdi minha mãe há seis meses, e não houve nenhum dia em que eu não me lembrasse disso com dor. Até então, tudo à minha volta só apontava negatividade, frustrações… até que você me veio, e me mostrou que nem tudo estava perdido. Com isso, continuo a lembrar da morte dela, mas o que eu sinto são saudades, e não tristeza. Porque no aqui, no agora, eu estou radiante de felicidade, e não esqueci que sempre se é preciso seguir em frente. Assim, conforme eu consegui, a muito custo, ver que era melhor sentir saudades do que dor profunda, tentei superar e aqui estou, ainda tentando.

E a Roxie olhou pra mim ponderando tudo o que eu disse, e eu quase podia ver os pensamentos perpassando aqueles olhos castanho-claros. Por fim, ela disse:

— Talvez você tenha mesmo razão. É algo a se pensar.

Eu sorri largamente para ela e disse:

— Eu não sou realmente uma filósofa, mas bem, eu ainda penso. E no meu ponto de vista, a vida costuma se comportar como um mosaico. Assim, cada pedrinha conta.

A julgar pelo olhar de admiração que a Roxie me lançou, eu a havia convencido — embora eu realmente não esperasse que ela desse o braço a torcer. Com isso, caiu um silêncio sobre nós e eu fiquei admirando a paisagem, até que a comida chegou.

Almoçamos lentamente, e a conversa voltou a fluir entre nós. Falávamos de tudo um pouco; acerca de música, literatura (do que a Roxie entendia e muito), e ela terminou me contando que, de fato, fez aula de música quando mais nova,

mas nunca mais havia praticado muito, nem tocado em banda ou algo do tipo.

Em alguns momentos, nas pausas entre os assuntos, eu a observava recostada espaçosamente na cadeira, com as costas da mão que segurava o garfo encostadas à boca, olhando de lado de uma maneira inconfundivelmente pensativa. Talvez eu tivesse realmente dado a ela algo em que pensar, e decidi deixá-la à vontade para processar tudo nesses momentos, ficando em silêncio e me fingindo de distraída.

Mas, num aspecto geral, vimos que tínhamos muitas coisas em comum; mas o número de divergências era impressionante. Eu gostava de água de coco, a Roxie preferia refrigerante; eu gostava de filhotes de cachorros, a Roxie preferia um gato preto adulto e de olhos amarelos. Empatamos no café, que preferíamos forte. Ela era poetisa, eu, pintora; ela era bonita, eu… bem, eu não me achava.

Disso, ela discordou veementemente:

— Ah, não, nem vem com essa — disse ela, balançando o indicador negativamente tão rápido que parecia uma mancha só. — Vamos lá, Abby, valorize-se.

E eu ria despreocupada, animada, absorta no modo vivaz da Roxie. Era uma figura misteriosa, é verdade. Porém única. E eu estava realmente contente de tê-la como amiga.

Assim, depois do almoço — e do café com cigarro da Roxie —, passamos no banco para que eu retirasse mais dinheiro, e rumamos para a loja citada pela minha amiga. Esta ficava na região central da ilha, mais afastada pro lado sul. A loja Bico de Pena possuía seu nome em um letreiro vermelho sobre a marquise amarela, sob a qual eu e a Roxie ficamos por cerca de vinte minutos até a loja abrir de volta do horário de almoço.

Quando finalmente pudemos entrar, eu me deparei com uma loja realmente ampla, com toda a sorte de materiais para boa parte dos tipos de arte. Cavaletes, expositores, telas, pinceis, tintas, esfuminhos, espátulas e mais um sem fim de coisas estava disposto nas prateleiras ao meu redor, que sentia os olhos criarem vida própria dentro das órbitas, perpassando vertiginosamente por cada detalhezinho dos rótulos e das etiquetas.

— Bem — disse Roxie — aqui vamos nós.

❀

Cerca de duas horas depois, rumei para o caixa, onde tive que aguentar a Roxie rindo de mim implorando desconto nas compras, o qual só consegui um bom tempo depois; mesmo assim, só dez porcento.

Em mais algum tempo, finalmente saí da loja, acompanhando uma Roxie estritamente pasma com a quantidade de coisas que eu estava levando — o suficiente para encher o carro dela e mais um táxi —, o que me fez rir e me sentir satisfeita, já que agora estava diante do bom problema: organizar tudo em casa e pôr a mão na massa.

Ainda passamos por uma loja de móveis onde eu realizei a compra de alguns balcões, duas mesinhas de rodapés de rodas, dois bancos altos e de uma prancheta grande. Esta deu um certo trabalho para ser acomodada no banco de trás do táxi, agravando a admiração do taxista, que fazia uso de toda a sua capacidade de raciocínio para encaixar tanta coisa num veículo de passeio.

Ao chegar em casa, com a ajuda da minha amiga e do taxista, carreguei a tulha de coisas para o ateliê no primeiro andar de casa, já imaginando o lugar onde cada objeto ficaria. Ao terminar, paguei a corrida e deixei o bom homem à porta. Fui de encontro à Roxie, que estava parada à entrada do cômodo, de braços cruzados e com uma mão no queixo, pensativa.

— Então — ela disse, voltando-se para mim —, por onde quer começar?

Eu dei uma olhada para as incontáveis sacolas, os três cavaletes, os cinco expositores, os balcões, as mesas e suspirei.

— Móveis?

— Vamos.

Enquanto eu me pus a desembrulhar as peças dos balcões, a Roxie foi em busca de uma caixa de ferramentas, no andar de baixo. O manual de montagem era relativamente simples e não acreditei que tivesse realmente muitos problemas para montá-los. O engano foi brutal.

Sinceramente, não fosse a Roxie e seus dotes de faz-tudo, eu não teria sequer conseguido encontrar o saquinho dos parafusos. Cada porca apertada era um riso, cada martelada no dedo era uma crise de pulinhos; ela conseguia fazer tudo parecer divertido, até mesmo quando eu esqueci o saquinho de cola de madeira sobre o tampo envernizado do balcão, deixando uma mancha branca e deprimente sobre sua superfície. Depois disso, a Roxie me intimou a só ajudar quando fosse realmente necessário, e depois de rir jardas com isso, fui cuidar das coisas simples. Comecei pelos cavaletes.

Os dispus próximos à porta da varanda, ao lado do piano. Apertei com vontade as borboletas de fixação e corri para arrumar um lugar para encostar as telas, enquanto ia pensando que precisaria de uma estante ali.

Feito isso, dei uma ajuda à Roxie com o tampo do segundo balcão, admirada com a rapidez com a qual ela os montava, fazendo força sobre uma peça, com a chave de fenda na boca e a parte inferior da blusa dobrada para cima, exibindo sua barriga atlética.

Notei que não tinha trazido nenhuma vassoura para limpeza quando subi, e me dirigi à Roxie:

— Onde tem vassouras?

— No armário de vassouras, ora. — disse ela, precedendo um xingamento por errar o parafuso.

— Tá, e onde fica isso? — perguntei, rindo.

— No vão da escada, lado direito.

Ainda rindo, desci as escadas e procurei pelo tal vão, o qual eu — para variar — não tinha notado.

Era exatamente atrás da escada que se escondia uma portinha para um pequeno cômodo escuro, onde eu achei as vassouras e — meus olhos brilharam — prateleiras. Cinco delas, cada uma com seus suportes e em perfeitas condições.

Corri para a cozinha, achei uma flanela e tirei a poeira deles. Com dificuldade, carreguei tudo: vassouras, suportes, prateleiras e deixei tudo cair no chão ao alcançar o ateliê, o que fez a Roxie xingar alto ao se sobressaltar e bater a mão no banco atrás de si.

— Mas que diab… ai, ai. — acrescentou ela, ao ver meu

sorriso suplicante para as prateleiras.

Após um profundo suspiro risonho, ela disse:

— Tá, deixe que eu furo a parede, senão é capaz de você derrubar a casa.

— À vontade. — eu disse, saltitando até as sacolas de tinta, para separá-las e começar a dispô-las nas mesinhas móveis.

Conforme meu trabalho era muito menos árduo do que o da Roxie, me ofereci para preparar um café. Desci novamente à cozinha, achei um resto de pó no armário que serviria para uma garrafa, mas vi que faltava açúcar. Depressa, saí no jardim com uma xícara na mão e me dirigi à casa da direita, onde bati palmas.

Uma mulher de uns trinta e poucos anos abriu a porta e disse:

— Sim?

— Ah, olá, eu sou a Abby, acabei de me mudar pra casa ao lado e bem, ainda não terminei de me organizar. Será que a senhora poderia me ceder a clássica xícara de açúcar?

Torci o rosto esperando a resposta, que foi a seguinte:

— Um momento.

Notei um tom de incômodo na voz dela, mas fazer o quê? Pouco depois, ela voltou com meio saco de açúcar e disse:

— Aqui. Pode ficar com o resto.

— Ah, muito obrigada! A senhora salvou minha vida.

Para a minha surpresa, ela sorriu e disse:

— Disponha. Se precisar de mais alguma coisa.

— Obrigada, novamente. — eu disse, e voltei para a cozinha de minha casa.

Enquanto esperava a água ferver, ouvia as pancadas e os gritos vindos do andar de cima, e era impossível não rir. A Roxie tinha o dom de me fazer rir com seu modo descontraído de ser. Fosse pelo eventual sarcasmo, fosse pelas explosões sentimentais. Aliás, fosse pelo que fosse, eu sempre terminava rindo do que ela fazia.

E ao mesmo tempo em que me divertia, me admirava com a intensidade com a qual ela levava sua vida. Cada sensação, cada coisa… havia um dia apenas que nós passamos juntas e eu já sentia como se houvesse uma eternidade datando nossa

amizade. Ela fora realmente um achado em Montenegro.

A minha divagação quase me fez deixar secar a água do café, que eu desliguei e preparei para coar quando descobri que os filtros haviam acabado. Fazer o quê? Liguei a água novamente, adicionei o açúcar e o pó e maaaais tempo de espera. Só cerca de dez minutos depois que eu consegui chegar lá em cima com a garrafa e duas xícaras, para me deparar com uma Roxie extremamente impaciente com uma das gavetas do balcão que teimava em não deslizar perfeitamente como deveria.

— Minha nossa — eu disse. — Roxie, eu achei que isso não fosse dar trabalho!

— Minha nossa — disse ela, com uma ondinha do sarcasmo — Abby, eu achei que você tinha ido colher o café.

Eu ri.

— E não está coado. Seu amigo me deixou sem filtro. E sem açúcar.

— E onde você arrumou? — ela indagou, se erguendo do chão para pegar a xícara que eu lhe estendia. Então, falei:

— Com a vizinha da direita.

— Sério? — ela disse.

— Sério. Por quê?

— O Ed detesta aquela mulher.

— E por quê?

— Ele diz que ela é fofoqueira. Bem, certa vez ela me perguntou se eu estava grávida depois de uma vez que eu passei aqui tarde da noite.

— Ela me pareceu meio incomodada. Mas não pensei que ela fosse assim.

— Nunca se sabe, Abby. Nunca se sabe. — disse ela, erguendo as sobrancelhas. — Hum, isso aqui tá muito bom. — acrescentou, franzindo as sobrancelhas e passando a língua nos lábios.

— Obrigada — respondi. — Olha, podíamos economizar tempo. Que tal eu partir para as prateleiras enquanto você termina o terceiro balcão? Deixe aquela gaveta como está; pra mim está bom.

— Nada disso! — ela protestou brandamente. — Eu vou ajeitar aquela porcaria nem que seja a última coisa que eu faça.

Mas vou furar as paredes.

E antes mesmo de terminar o café, ela começou seu trabalho de marcação dos parafusos, seguindo minhas orientações cuidadosas e indecisas, o que a fez rir da minha cara, enquanto eu tentava por tudo no mundo ver em qual lugar elas ficariam melhor posicionadas.

Assim, algum tempo depois, comecei a colocar tintas, bastões de pasteis, pinceis, caixa de grampos tudo sobre as prateleiras, com a plena certeza de que dali a dois dias nada estaria no lugar original.

— Olhe pra mim, gaveta, eu sou o Batman!

Me virei para me deparar com a Roxie girando habilmente a chave de fenda nos dedos, com a mão livre posta à cintura, com uma pose de triunfo. Balancei a cabeça negativamente enquanto ria, e tentei achar o grampeador, enquanto ouvia a Roxie começar o terceiro e — graças a Deus — último balcão. Este foi o nosso maior problema.

Ao contrário do que diria a lógica, com a prática adquirida pela montagem de dois anteriores, a Roxie pareceu desaprender a montar o balcão justamente quando eu imaginava que ela tinha aprendido o manual de cor. Foi um desespero.

Toda vez que nós (isso, ela *teve* que me deixar ajudar) fixávamos uma peça, alguma outra se soltava em algum outro canto, e em uníssono, eu e a Roxie xingávamos alto. Num desses momentos de estresse, quase deixamos o vidro da portinhola cair, sendo ele salvo por mim, que ganhei uma câimbra na perna ao esticá-la abruptamente por causa do reflexo.

Enquanto eu gemia de dor, a outra rolava de rir. As lágrimas desciam descontroladas pelo seu rosto enquanto eu ficava vermelha de dor. Deus do céu, nesse dia eu me lembrei do quanto xingar fazia bem.

A noite já havia caído e eu observava de longe a Roxie montar a última gaveta, com uma expressão enfurecida no rosto conforme o parafuso — que, segundo ela, veio do tamanho errado — se relutava em entrar no orifício lateral do tampo. Ela colocou a peça no chão, se ajoelhou e colocou força na chave de fenda, forçando assim o parafuso.

Distraída procurando algo numa sacola, escuto um grito

de dor da Roxie. Assustada, me voltei para ela e a vi com o semblante travado de dor, segurando a mão esquerda com força.

— Roxie! Que foi? — bradei, correndo para perto dela.

— A chave de fenda; me cortou. — a voz dela saiu oprimida e rala enquanto eu tentava saber o que fazer.

Então eu disse:

— Calma. Aqui, me dê sua mão!

Ela me estendeu a mão trêmula devagar. Eu a tomei em minhas próprias e dei uma olhada no ferimento. Um corte de mais ou menos um centímetro havia sido feito no dedo indicador dela, e o sangue começava a sair rapidamente.

Num impulso, eu tirei a blusa que usava por cima de um *top* e envolvi o dedo da Roxie para tentar estancar o sangue. Ela mantinha os olhos fechados com força por causa da dor, e eu tentava aplicar pressão que fosse o suficiente para estancar o sangue de maneira que não a machucasse ainda mais.

Algum tempo depois, eu removi a blusa e o sangramento havia diminuído. Então me lembrei de quando era pequena e me machucava, e foi impossível não fazer igual à minha mãe:

Passando a minha mão delicadamente próxima ao ferimento, eu assoprava de leve e de maneira constante. Pouco a pouco, a tremedeira foi passando, e eu senti a Roxie se acalmar mais. Pra falar a verdade, eu a senti ficar realmente imóvel, o que eu só percebi depois de me levantar para pegar um pedaço de gaze (que eu havia comprado prevendo acidentes com o estilete) e fazer um curativo fixado com fita.

Ela olhava pra mim com uma expressão meio que inesperada. Era um misto de gratidão com admiração, como se ela realmente não esperasse que eu a ajudasse ou coisa do tipo. Ficou ali, me olhando tratar da ferida, com os cantos dos olhos ainda cheios de lágrimas e um olhar redondo e espantado me mirando.

— Pronto, vai ficar melhor agora.

Após dizer isso, pondo meu cabelo para trás da orelha (o outro velho costume), eu me ajoelhei e a beijei na testa. Ela ficou ali, estarrecida no chão, me olhando muda. Então eu disse:

— Quê, que foi?

— Hã… nada. — disse ela, olhando para o curativo.

Eu sorri e disse:

— Minha mãe costumava fazer assim quando eu me machucava. Ela assoprava de leve, enquanto massageava ao redor, carinhosamente. Não importava quanta dor eu estava sentindo, isso tinha um efeito quase mágico.

Eu suspirei, e a Roxie pareceu voltar a si, dizendo:

— Vendo pelo lado bom, terminei. Agora é só colocá-los no lugar e nos livrarmos de todo esse papelão.

— Tome mais um pouco de café e descanse um pouco. Deixe que eu cuido disso.

Ela agradeceu sorrindo e atendeu a minha sugestão. Se dirigindo para a varanda com uma xícara na mão, ela escancarou as portas e acendeu um cigarro, enquanto me olhava ir de lá pra cá, juntando os montes de restos de caixas e plásticos de proteção.

— Ah, desculpa. A fumaça está entrando. — ela disse, e fez menção de ir para o fundo da varanda, mas eu disse:

— Não se preocupe, o cheiro não me incomoda. Já tive meus dias de fumante.

— Sendo assim… mas valeu a gentileza. E Abby…

Ergui minha cabeça para olhá-la:

— Obrigada por isso.

Ela me balançou o dedo com o curativo. Eu sorri e disse:

— Não é pra tanto.

— Não, sério… — insistiu ela, e eu notei que ela queria dizer algo mais, mas ela parecia ter travado. Assim sendo, só saiu de novo um "Obrigada".

Fiquei meio sem jeito ao perceber o quanto aquela única palavra era capaz de significar. Eu fiz um gesto envergonhado com a cabeça e levei a pilha de papelão para a varanda, de onde joguei no quintal com planos de colocá-las no lixo no dia seguinte.

Quando a Roxie terminou de fumar, me ajudou a colocar os balcões onde eu gostaria que ficassem, e eu rapidamente organizei os chassis de madeira que havia comprado, o kit de primeiros-socorros, tesouras, estiletes, pinceis e grampeadores de madeira. Dando uma olhada no nosso trabalho, comen-

tei ao pousar a vista sobre os móveis:

— Eu realmente achei que precisaríamos chamar um montador pra esses balcões.

— Homens; quem precisa deles? — disse a Roxie, franzindo a testa.

Eu ri um pouco, até achar que pela expressão dela, aquilo não fora de fato uma piada. Mas não soube o que dizer a respeito, então disse:

— Bem, o que me diz de uma pausa? — eu disse à Roxie, que respondeu:

— Mais que merecida.

— Então. Ainda tenho o quarto pela frente, mas faço isso rápido. Se quiser, pode tomar banho. Posso lhe emprestar alguma roupa.

Ela parou um tempo, aparentemente ponderando se iria parecer espaçosa demais, e eu não esperei a resposta:

— Vamos, lhe arranjo uma toalha também.

Encabulada, mas cedendo ao convite, ela me acompanhou até o quarto onde eu havia deixado minha mala, a qual abri e me pus a colocar peças de roupa sobre a cama. Achei uma toalha bem no fundo e entreguei à Roxie, dizendo:

— Aqui. Está limpa, pode usar.

— Ok.

Ela fez que sim com a cabeça e eu comecei a arrumar o guarda-roupa. Distraída enquanto removia as etiquetas remanescentes das roupas que comprara, não vi o tempo passar. Pra essas coisas, eu sou realmente muito lenta.

Fazendo um grande esforço, eu separei as roupas e as organizei no seu canto. Dei lugar aos sapatos, sandálias, roupões, roupas de baixo e em cerca de vinte minutos terminei tudo. Escolhi roupas leves para emprestar à Roxie, que saiu do banheiro no exato instante em que eu havia fechado atrás de mim a porta do guarda-roupa.

— Sua roupa.

Ela pegou as peças que eu indicara sobre a cama, e disse:

— Ah, e eu sinto muito pela sua blusa.

— Minha blusa? — perguntei, sem saber do que se tratava.

Ela apontou para o meu tórax, e só nesse instante eu lem-

brei que estava só de top.

— Ah, não ligue com isso. Vou tomar um banho e já volto para preparar algo pra janta. Estou faminta.

— Somos duas, então.

Pegando meu roupão, me dirigi ao banheiro e me despi. A água naturalmente morna me relaxava, me confortava, e como de costume, me fazia pensar na vida.

Como um rápido filme, tudo me veio à mente, desde o momento em que cheguei à ilha naquela tarde de sol. No final, tudo tinha realmente dado certo: conseguira me organizar, conseguira os materiais de maneira fácil, conseguira uma amiga, e a casa, o que me livrava da penitência da pensão.

Ao lembrar da pensão logo após pensar em amiga, foi inevitável não vir à mente a Dona Magda e a situação ocorrida mais cedo. Eu me perguntava, por que é que a Dona Magda havia tido aquela reação ao ver a Roxie? Aparentemente, elas possuíam um certo passado em comum, eu diria. Ao menos certamente se conheciam… que outros mistérios a Roxie guardava para si?

Sabe, não era uma coisa que realmente me incomodava. Digo, cada um de nós tem seus próprios segredos. Alguns são mais "graves", outros não, mas todos temos algo em comum: sempre temos algo a esconder.

Por mais transparente que se seja, por mais simples que seja a sua vida, há sempre aquela coisinha que você odiaria que descobrissem, que lhe provoca arrepios crueis só de imaginar que alguém sequer sonhasse com o seu lado oculto, com sua semi-vida paralela. Eu mesma sempre tive medo de ser fraca. Com o tempo, tive de admitir que do que eu tinha mesmo medo era de que descobrissem que eu, de fato, *era* fraca. Talvez tivesse saído daí a vontade de ter força, e por que não?

Sempre que se quer lutar, deve-se lutar. Eu que assimilara as lágrimas à fraqueza, hoje sou grata por ter canais lacrimais. Por mais forte que se seja, por mais rijo que seja consigo mesmo, deve-se ter em mente: até mesmo as pedras choram pra dar passagem a rios. Por dentro, somos uma grande torrente… novamente, uns menos, outros mais.

O que me lembrava a Roxie.

Por fim, concluí que realmente não interessa o lado oculto. A confiança deve ser construída sem medo de ser quebrada, e se um dia ela assim o for, paciência. Somos todos imperfeitos. E havia ainda uma coisa que eu tentava enfiar na cabeça: o que não dá é continuar a viver sempre com medo.

Ao sair do banho, senti a casa silenciosa. A Roxie não estava no meu quarto, e eu imaginei que estivesse na sala ao lado, dando algum retoque em algum móvel. Ao vestir uma roupa e passar lá, vi que estava errada. Desci as escadas e ouvi o som de música.

— Roxie? — chamei.

Por trás da melodia que eu supunha vir do rádio, ouvia uma voz aguda e com quê de sussurro, entoando notas bonitas, acompanhando a canção. Encantada, fui seguindo aquele som até que antes de chegar à cozinha, parei um pouco para ouvir.

Que voz melodiosa, que timbre! A voz da Roxie era exatamente o contrário do que ela parecia ser: era calma, serena, tranquilizante. Eu poderia passar a noite inteira ouvindo aquela voz suave, sincera e aguda, mas achei que talvez ela não gostasse se me pegasse ali, ouvindo. Então, chamei novamente, com cautela:

— Roxie?

Ela parou de cantar, mas não pareceu assustada como se não quisesse ser ouvida:

— Aqui! — respondeu.

— Você ta aí na cozinha?

— Aham!

Após a disfarçada, andei devagar para compensar a distância, dando a entender que eu vinha de longe. Porém, ao chegar ao aposento, me deparei com uma excelente surpresa:

A mesa estava cuidadosamente posta, os talheres de prata brilhando, cada um no seu cantinho ao lado dos pratos de porcelana, rodeados de travessas onde se encontrava uns dois tipos de macarronada, carne grelhada e salada. Um vinho tinto gelado descansava ao lado de duas taças longas no centro da mesa.

— Uau! Roxie, você q…

— Eu tomei a liberdade de pedir um jantar. — disse ela, tímida.

Eu olhava dela para a mesa, que estava deslumbrante e meticulosamente arrumada.

— Roxie — eu disse abismada — como adivinhou que eu gosto de massas?

Ela pareceu meio constrangida, e disse:

— Não sei. Intuí, acho. Mas que bom que gosta — lasanha é meu prato predileto. Sente, eu vou lhe servir.

Ainda boba com a surpresa, me sentei e deixei que ela me servisse. Afetuosamente, ela montou meu prato, partiu a carne, perguntou "salada?" e me serviu o vinho, para só depois se servir.

A mim, que não sabia como agradecer, restou-me dizer:

— Ponto pra Roxie.

Ela sorriu, e voltamos à comida.

— CAPÍTULO SEIS —

Ampulhetas

Naquela noite, deixei a Roxie no quintal por volta das onze. Ela se despediu de mim brevemente e deu partida no carro, mal me deixando agradecer o jantar. Assim que ela sumiu de vista, poucos segundos depois, me voltei rindo para a porta da frente, lembrando de algumas cenas decorridas na nossa arrumação do ateliê. Aos bocejos, entrei em casa.

Estava exausta. Quase que mecanicamente, subi as escadas sonhando em me largar na cama e só acordar dali a uma semana. Por sorte, a Roxie havia me ajudado com a louça, o que significava nada de serviços extras para a noite. Agora era descansar.

Sem nem forrar a cama direito, apaguei a luz do quarto e a sensação de quando eu deitei (capotei seria a expressão correta) fora de um desmaio lento, porém extremamente confortável, cuja escuridão me envolvera num sono profundo e sem sonhos; apenas a imensidão do vácuo de pensamentos, me abraçando com a cor da noite.

❀

Às vezes você simplesmente acorda e se sente bem. Faz um belo dia lá fora, a temperatura está amena e o sol derrama uma luz dourada sobre as árvores, onde cantam passarinhos. Subitamente, você é invadida por uma sensação de paz, de liberdade, de felicidade, e tudo o que está à sua volta soa como nostalgia de uma época talvez distante. Assim, tudo cheira a um sentimento bom e você sorri aliviada. Um novo dia começa, e seja bem vinda à felicidade.

Porque há carros nas ruas, há pessoas nas calçadas, e há a brisa refrescando a cidade. E você anda no meio de tudo com um sorriso no rosto, sentindo o vento levantar de leve seus

cabelos, observando seus passos, agora tão largos e seguros.

Todo dia, um ciclo de sentimentos, um outro giro no caleidoscópio. Acordar e viver, ficar triste com a despedida de mais tarde, dormir abraçado com a insegurança, e começar tudo de novo. Toda noite, pensar e esperar. Talvez, encontrar alguém realmente interessante numa loja de roupas faça bem.

Se lhe perguntarem o sentido da vida, responda "viver". Precisamos de objetivos, mas é para uma ascensão. No final das contas, o caminho é sempre bem mais importante do que o fim dele, e é por isso que ninguém jamais encontrou o pote de ouro no fim do arco-íris. Todos eles se esquecem que as cores estão chapadas no preto-e-branco das nossas vidas, o que justifica a clássica "nem tudo que reluz é ouro", se pensar que podem ser apenas carvão pintado de amarelo.

Assim como não precisamos temer ser o ouro mero carvão, não precisamos ter medo de dar às nossas vidas o tom de cores que quisermos. Porque o que reluz mesmo não precisa ser de ouro. Precisa apenas lhe fazer fechar os olhos por um instante e suspirar em paz.

Embora seja a felicidade um tanto fugaz.

Foi pensando nisso que eu me encontrei andando pela praia às nove da manhã, rumando para o quiosque onde conheci a Neide. Ele ficava um pouco distante da minha casa, mas a maravilhosa paisagem do mar de Montenegro me fazia desejar nunca terminar a caminhada.

O sol, as gaivotas, o quebrar das ondas, as crianças brincando na areia e — não pude deixar de reparar — o bronze dos surfistas me faziam realmente muito bem. Assim, eu caminhava devagar, observando tudo à minha volta desde as conchinhas esquecidas na areia às varandas das casas que me acompanhavam pela orla. Com o passar de mais de meia hora, avistei novamente a barraca laranja, com letreiro amarelo.

Eu cheguei lá radiante, e fui recebida por uma Neide extremamente contente, dizendo:

— Olha só quem voltou!

— Pois é.

— E então — ela parou um pouco, pensando. Acertei ao pensar que tentava lembrar meu nome: — Abby! Como vão

as coisas?

— Muito bem — eu disse, ostentando um sorriso realmente feliz. — E adivinhe só…

— Conseguiu a casa? — disse Neide.

— Exato! — confirmei, mantendo espontaneamente o sorriso.

— Aaaah que maravilha! — disse ela, batendo palminhas rapidamente. — E como conseguiu?

— Você não vai mesmo acreditar. — eu comecei, mas alguém acabara de entrar pela portinha lateral.

— Marcos — disse Neide para o recém-chegado, — essa é aquela menina que eu lhe falei. A que veio de longe. Abby, este aqui é Marcos, meu marido.

— Prazer, jovem. — disse ele, e eu observei o mesmo cumprimento que a Neide usava.

O Marcos era um homem jovem e moreno, assim como ela. Alto e de aparência vigorosa, usava um boné vermelho e uma pochete preta presa à cintura, lançou-me um sorriso largo e carismático, o qual retribuí dizendo:

— O prazer é meu.

— Deseja lanchar algo, tomar um suco? — me ofereceu, e eu peguei a deixa:

— Ah, só uma água de coco. Gelada, por favor.

— É pra já.

Enquanto ele se dirigiu ao *freezer*, Neide disse:

— Então… a casa…

— Ah é. — eu disse. — Bem, há alguns dias, por acaso, conheci uma menina numa loja de roupas…

A partir deste ponto, fiz um breve relato acerca do meu encontro com a Roxie, da tarde que passamos e dos dias difíceis e de desespero que se seguiram dali. Falei da busca exasperada pelos classificados, de como eu me sentia, e por fim, do erro no dígito final do telefone, o que impressionou bastante aos dois:

— Caramba! — disse Marcos. — Que coincidência, não?

— Isso é que foi sorte! — eu disse. — Não fosse a Roxie, provavelmente agora estaria morando em Nova Esperança.

— E como é essa sua amiga? — indagou Neide

— Bem, eu a acho realmente excepcional. Ela é escritora, e

cursa Letras na faculdade daqui. Tem talentos bastante diversos, como montar móveis por exemplo.

— Ora, então traga sua amiga aqui pra gente conhecê-la. — sugeriu Marcos.

— Pretendo, sim. Mas é que ontem tivemos um dia realmente exaustivo, e eu não quis incomodá-la logo cedo.

— Eu creio.

— Mas a trarei — prometi. — Mas me falem mais de vocês, da última vez em que estive aqui, soube pouco.

— Jovem, eu creio não ter muito a falar de mim, não — disse Marcos, rindo. — Deixa eu ver… é que a gente passa tanto tempo aqui, que não dá realmente pra fazer muita coisa.

— Você ficam abertos aqui por muito tempo?

— Geralmente, abrimos às oito — me respondeu Neide. — Vez ou outra tiramos uma segunda de folga, mas sempre ficamos por aqui, exceto no domingo.

— Ué, eu passei por aqui ontem e não estava aberto! — eu disse, ao me lembrar de quando estava indo ver a casa com a Roxie.

— É que tivemos um problema ontem, e não pudemos abrir — justificou Marcos. — Mas não é sempre que acontece na sexta-feira, não. Aliás, como ela disse, às vezes folgamos na segunda, mas uma vez no mês. Daí só nos resta os domingos.

— Entendo. — disse, terminando a água de coco.

Perto das onze horas, o Marcos começou a fritar uma quantidade admirável de hambúrgueres. Ao perguntar o porquê de tantos sanduíches sendo preparados, ele me contara que fazia entregas ao centro comercial ali perto, de onde conseguia uma renda razoável que complementava a do quiosque.

Assim, com fome, consegui resistir à tentação dos lanches e me preparei para ir para casa. Paguei o coco e ouvi o "volte sempre", com o qual eles se despediram e saí, prometendo voltar numa próxima vez com a Roxie.

Esta eu ia convidar para o almoço, quando lembrei que a dispensa estava praticamente vazia. Apressada, passei num mercado a caminho de casa e comprei ingredientes suficientes apenas para um almoço para quatro pessoas (consegui lembrar de pensar na janta), e rumei para casa, munida de sacolas

de compras.

Ao chegar, me deparei com a minha vizinha que, segundo a Roxie, possuía uma língua bem afiada e fora de controle. Cumprimentei-a, e ela me parou para perguntar:

— Eu notei que você deixou alguns restos de papelão no seu quintal. Você vai jogá-los no lixo?

— Sim, pretendo fazer isso hoje. — respondi, e tive que perguntar: — Por quê?

— Bem, eu conheço alguns catadores de uma cooperativa de reciclagem. Gostaria de lhe perguntar se posso pegar os restos para encaminhar a eles.

— Claro. Fique à vontade. — eu disse, e ela agradeceu.

Ao continuar o meu caminho, lancei um olhar para a montanha de papelão abaixo da sacada circular do ateliê. Foi quando eu notei que a parte de trás da casa da minha aparentemente simpática vizinha era amurada, diferente da minha e de boa parte das casas da rua, que contavam apenas com cercas em sua volta, ou pequenos muros de no máximo um metro e meio de altura.

— Bom — pensei, — a parte boa é que isso me dá privacidade para a varanda lá da cozinha.

E pensar nisso foi interessante, porque decidi servir o almoço lá. Porém, antes de mais nada, era preciso convidar a Roxie enquanto minha memória fraca permitia lembrar.

Ao entrar em casa, deixei as compras sobre a mesa da cozinha e me dirigi ao telefone. Peguei o papelzinho no parapeito arqueado, onde a Roxie havia anotado seu número na noite anterior antes de sair e disquei.

Chamou umas cinco vezes antes dela atender:

— Roxie.

— Alô, Roxie! É a Abby.

— Olá! Como você está? — quando ela me perguntou isso, notei que a voz dela parecia carregada de algum sentimento pesado. Então disse, para efeito de teste:

— Estou bem. E você?

— Muito bem. — ela respondeu tão segura disso que eu cheguei a pensar que tinha imaginado coisas. Tentando deixar isso de lado, falei:

— Bem, estou pra começar a fazer o almoço, e pensei em lhe convidar para almoçar aqui comigo. Que me diz?

Ela parou um tempo, e eu achei ter ouvido um suspiro. Imediatamente veio à minha cabeça que talvez eu estivesse abusando da amizade da Roxie, ou pior: talvez ela não gostasse tanto assim de mim. Por isso, tratei de emendar:

— Assim, se você já tiver compromisso, tudo bem. Fica pra outro dia, se preferir.

— De jeito nenhum, Abby! Eu vou sim. Me deixe só tomar banho e passo aí pra te ajudar.

— Ah, não precisa se adiantar — eu disse, contente por notar que fora só uma má impressão, a julgar pela espontaneidade com a qual ela aceitara o convite. — Não vai ser um grande almoço, sabe? Dá pra fazer.

— Faço questão. Me espere que já chego aí!

E desligou antes mesmo de eu me despedir.

— Maluca…

Eu falei isso e sorri. Como sempre, o jeito misterioso e altivo da Roxie me trazendo cargas ocasionais de bom humor, que eu usei para me empenhar no almoço. Conforme eu fazia sempre apelações por não ter um pingo de tendência para engordar, comecei a cozinhar a carne moída para a lasanha, prato escolhido do dia.

Cerca de quarenta minutos depois, enquanto eu olhava o frango, ouvi a campainha tocar. Correndo (e derrubando a colher de pau no caminho), me dirigi à sala e abri a porta, para encontrar uma Roxie risonha e muito bonita.

Ela trajava uma blusa de malha fria, ensacada num curtíssimo short jeans, cujas bainhas eram desfiadas. Um colar muito fino de ouro segurava, bem acima de seus seios, uma hematita lapidada em forma de gota, preta e brilhante como suas botas de ponta fina, que substituíam os habituais coturnos de cano alto. Ao ver novamente a expressão risonha em seu rosto, perguntei:

— Que foi?

— Tem uma cadela revirando seu lixo.

Franzi as sobrancelhas sem entender, e dei alguns passos em direção à quina da parede externa, para ter visão do beco.

— Roxie, como você é má! — eu disse antes de rir, após ver a famigerada vizinha carregando a montanha de papelão e jogando-a por cima da cerca.

— E então, ainda dá tempo de cortar as verduras? — ela perguntou, ainda rindo.

Parei de rir na mesma hora.

— DEUS DO CÉU, A CARNE! — bradei. Tão forte que a Roxie teve um sobressalto, no qual a deixei para sair correndo disparada em direção à cozinha.

Deu tempo de salvar a carne, que começava a secar. Ao chegar à cozinha, Roxie me encontrou arfando apoiada na pia, e balançou a cabeça negativamente para mim, enquanto ria. Ao me recuperar, passei então a ela a tarefa de desfiar o frango, o que se pôs a fazer sem reclamações. Enquanto isso, eu comecei a preparar o molho da lasanha.

Os minutos foram se passando, e o cheiro dos temperos tomou conta da cozinha inteira, brigando com o silêncio que se abatera sobre o aposento. Por várias ocasiões, notei a Roxie distraída, com um olhar vítreo fixado num ponto qualquer do outro lado da janela, enquanto suas mãos desfiavam mecanicamente um pedaço de frango já demasiado diminuto. Isso sugeria que, de fato, não era a minha pessoa que causava a ela um eventual desagrado. Devia estar acontecendo algo, imaginei. Até tencionei perguntar, mas a Roxie costumava ser tão reservada que tive medo de parecer intrusiva.

Porque era verdade que eu já a tinha como a minha salvadora e melhor — embora única — amiga, mas talvez fosse esperar demais que ela julgasse o mesmo a meu respeito. E como não era nem um pouco do meu feitio tentar invadir os espaços pessoais alheios, fiquei reclusa no meu silêncio e por uns momentos, terminei esquecendo daquilo, conforme a lista de tarefas por fazer começava a aparecer na minha cabeça.

Vez ou outra, eu puxava algum assunto, e ela me respondia bem. Conversava naturalmente e, como de costume, nesses momentos ela era mestra em agir como se nada tivesse acontecendo, o que me levou a pensar no seguinte:

Das duas, uma: ou ela estava simplesmente num daqueles dias ruins, em que você acorda querendo explodir o planeta e

se cala por precaução, ou simplesmente algo relativamente — ou não — grave estava acontecendo. Fosse este o caso, lá vêm mais duas hipóteses:

Ela não estava muito inclinada a me contar porque não me tinha como confidente — o que seria mais do que natural, dado o tempo de convivência que era mínimo, ou julgava que não seria de bom gosto descarregar problemas para mim, temendo me envolvê-los neles. Pensei nisso porque já havia perdido um namoro certa vez por causa do mesmo motivo.

Porém, nenhuma das hipóteses me dava alguma tranquilidade acerca disso, e para todos os efeitos, preferi o silêncio ou pequenas conversas que a distraíssem, visto que isso era realmente o máximo que eu podia fazer naquele momento. Isso meio que me entristecia.

Cerca de uma hora depois a lasanha estava pronta, e nós a servimos na mesa da varanda, a meu pedido. Enquanto ela terminava de colocar os talheres, eu servi o refrigerante de cola, e sentamos para comer ao som da rádio local e com vista para o mar.

Afora o comentário elogioso da Roxie a respeito da minha mão para cozinhar, conversamos realmente muito pouco. Porém, apareceu uma brecha realmente irônica para uma conversa, que foi quando ela falou assim que terminamos de comer:

— Você está calada hoje.

Minha primeira reação foi rir pra mim, o que a fez perguntar:

— Do que ri?

— Desculpa, é que foi engraçado. — eu disse, com cautela.

— O quê? — disse ela, sorrindo.

— É que você está ainda mais calada hoje. Se me perguntasse, diria que está preocupada com algo. — arrisquei.

Ela parou um instante, então suspirou e disse:

— Você tem razão. Estou meio calada, mesmo.

"MEIO?", pensei.

— Mas tenho razão também em crer que está preocupada com algo? — disse, após mastigar um pouco.

— Eu diria que sim. — ela respondeu, sendo vaga. — Mas

não se preocupe, foi só uma coisa boba que me chateou.

Ela então tirou um cigarro do bolso, cruzou as pernas afastando sua cadeira da mesa, e o acendeu. Depois, lançando seu olhar para o mar enquanto passava uma mão nos cabelos negros e brilhantes, completou, com um ar displicente:

— Foi uma notícia ruim, só. Nada de tão importante.

— Ok.

Eu respondi e, pra minha surpresa, eu realmente acreditei. Parando pra pensar um pouco depois nisso, eu notei algo com relação a mim e à Roxie: embora houvesse muitos motivos para que eu duvidasse de algumas coisas que viessem a aparecer, e que eu a conhecia a um tempo ridiculamente ínfimo para tal, eu absorvia cada palavra que saía da boca daquela menina como um axioma perfeito.

Uma verdade sendo absoluta por si só, irrefutavelmente verdade só por ser pronunciada. Em o quê, dois dias, eu havia criado uma confiança profunda, como criaria um cão ao ser salvo por um homem ainda que este fosse de índole má. Pra completar a estranheza da coisa, eu não ligava nem um pouco em me ver assim, entregue àquela amizade.

Eu diria, assim como muitos outros, que isso era algo realmente perigoso. Me senti no começo da puberdade, onde se conhece pessoas que se tornam melhores amigos em menos de uma semana e que, se você tiver sorte, perdurarão e não lhe levarão para maus caminhos. Eu ficava silenciosa e intimamente estupefata em perceber o quanto eu era absorvida pela destemida Roxie, que de tão distinta, atraía magneticamente o meu cerne para junto do seu, e eu continuava sempre ali, girando em sua órbita.

Aquela áurea de interrogações, aquele doce sabor de mistério, aquele quê de enigma que pairava ao redor dela como uma nuvem, me passando a sensação de que por mais que a minha sede de conhecimento avançasse, devorasse cada centímetro de ocultismo daquele ser, sempre haveria mais o que descobrir, mais o que aprender, assimilar, absorver.

Por assim dizer, eu me sentia um alguém que se intitulara sábio e se prendera ao enigma lançado por uma mítica esfinge, se sentindo desafiado a apenas seguir em frente após haver so-

lucionado o problema. E aqui, vi mais um agravante: não desejava seguir em frente, nem tampouco via algum problema.

Estava confinada àquela existência tão sutil e abarcante.

E eu me deleitava com isso, que era o grande júbilo pra mim. Tudo porque finalmente eu encontrara um mistério, uma incerteza que até poderia vir a gerar medo (e isso só me deixava ainda mais extasiada), mas era um medo incerto do qual eu não sentia receio. Ao invés de querer recuar aflita, eu ficava aflita por avançar.

E eu nunca havia me sentido tão ávida pela vida antes.

Essa intensa divagação momentânea atraiu a atenção da Roxie para mim, que notou meu olhar vidrado no seu rosto, a observando fumar. Ela me despertou do transe dizendo:

— Nossa! O que foi, Abby?

Eu enrolei os cabelos e disse:

— Nada. Me distraí, só.

— Parecia que você tinha visto um fantasma.

— Hahaha, não, não. Só estava distante. — eu disse, um pouco envergonhada.

E conforme a Roxie era do tipo que acreditava no que você dizia, ignorando as aparências, ela prosseguiu a conversa:

— Sabe, eu tenho algo a te agradecer.

Eu tentei lembrar de ter feito algo importante por ela, mas nada me ocorreu, me obrigando a perguntar:

— Mesmo? O quê?

— Pelas coisas que você me disse ontem, no almoço. — ela disse, e baforou a fumaça para um lado, enquanto eu gesticulava para esperar enquanto eu ia pegar o resto de vinho da véspera.

Enquanto eu nos servia, ela foi dizendo:

— Você me fez parar pra pensar que sim, devemos sempre cuidar dos nossos detalhes. Assim eu vi que as poucas lembranças felizes que tenho serão sempre felizes, e me servirão de referencial para os momentos de tristeza.

— Que bom que vê assim. — eu disse, e ergui minha taça em sinal de brinde, o qual ela acompanhou, e disse:

— Devo isso a você. Obrigada.

— Ah, não por isso, Roxie. Eu só… dei uma opinião.

— Uma opinião que teve um peso realmente muito importante pra mim. — disse ela, sorrindo.

— Está me deixando sem graça. — me defendi, rindo.

— Não tem motivo. Você vai ser a primeira a saber, então.

— Saber do quêeee?

— Haha. Algo que você meio que me pediu.

— O quê? Não, Roxie, pára! (risos) Deixa de tanto suspense.

— Tá. Como eu te disse, parei pra pensar no que você me falou. E decidi começar do zero, mas retomar um antigo projeto.

Eu estava a ponto de começar a roer as unhas.

— Aaaaah, por que é que você não diz logo tudo de uma veeeeez? — eu disse, puxando os cabelos, fazendo-a rir.

— Eu vou voltar a escrever o meu livro. E vou dedicá-lo a você.

Parei de rir abruptamente, e fiquei ali, parada, com os olhos arregalados pra ela, que se assustou:

— Credo! Que foi?

— Nada, é que… — eu senti o canto dos olhos arderem. Uma dedicatória? A mim? Eu a convenci a retomar um projeto abandonado há tanto tempo e a querer enfrentar as más lembranças? Deus, era demais pra assimilar.

— Abby, você está bem?

— Estou. Ah, Roxie, não sei o que dizer não.

Ela sorriu fechando os olhos e disse:

— Não diga. Sinta!

Eu sorri emocionada, e a Roxie ficou sem jeito. Notei que ela preferia morrer a se emocionar na minha frente, e ela confirmou quando empurrou outra coisa como um trem na conversa:

— E eu andei escrevendo ontem sobre o que você me falou, e sobre o que concluí. — disse, enquanto ela retirava um papel dobrado do bolso e me entregava. Ao abri-lo, fiquei boquiaberta ao ver o poema:

DIAS… COMO PASSAM. PASSAM… COMO DIAS

E hoje, eu parei nesses dias. Embora passem
Sei que dias felizes serão sempre dias felizes
E sei que pra sempre estes dias serão felizes
Dias felizes sei, serão pra sempre
Sempre haverá os dias felizes
Haverá a felicidade do dia
Rara ou geralmente
Dias sim, dias não
Mas sempre
Contente,
Contente!
Alegrar o dia
Enquanto puder:
Mesmo estando infeliz
Eu irei lembrar pra sempre;
Eu não esquecerei os dias de sol
Ainda que me repetindo entre dentes,
Esses dias felizes estarão conosco, e para sempre
São rocha que nos fixa sempre no nosso presente:
Eu vou tentar guardar bem todos. Embora passem

Hyanna Roxie Montgomery

— Ah… meu… Deus, Roxie! — eu disse, completamente estupefata pela genialidade da coisa.

A relação que ela usara do tempo com a forma de ampulheta formada pelo poema, as palavras com trocadilhos acerca do que tínhamos conversado na véspera. Não tenho realmente certeza se para olhos de conhecimento profundo o poema era assim, tão grandioso quanto o era ao meu olhar leigo.

Dadas as minha limitações quanto à literatura, consegui minha própria definição para o poema:

— Ficou… perfeito.

Roxie se riu, encabulada.

— Gostou? — disse ela, rindo.

— Se eu gostei?! — respondi, exasperada.

— Seja direta! — pediu ela, rindo ainda mais.

— Tá! Gostei! — disse, cedendo à brincadeira. Foi então ela disse, perdendo o ar de riso:

— Agora leia de baixo pra cima.

— Hã? — eu disse, olhando para o papel.

Súbito, entendi.

A Roxie riu *muito* da cara que eu fiz enquanto lia o poema da maneira que ela indicara. Eu simplesmente não conseguia dizer nada mais, o sentido inverso se encaixava perfeitamente e meus olhos quase não podiam crer. Ciente da minha admiração, o silêncio veio sem socorro, largando a mão de minha garganta travada, sendo quebrado um pouco depois por ela, que disse:

— Como lhe disse. Ontem, no caminho de casa, pensei muito a respeito. Então me veio uma certa ideia. Daí, quando cheguei em casa, bebi um pouco de algo mais forte e pus a mão na massa. Praticamente não dormi; fiquei um bom tempo trabalhando no poema.

— Eu não sei nem o que dizer.

— Eu sei. Não diga nada.

Eu encarei aqueles olhos castanho-claros e não pude deixar de sorrir. Baixei a cabeça pondo-a meio de lado e olhei de novo a ampulheta formada pelos versos da Roxie.

O tempo passa, de fato… ficamos apenas com os pequenos dias felizes e nos apegamos a eles para que sejam sempre, sempre felizes. Não esquecer nunca disso.

Após o almoço, não tínhamos realmente o que fazer, então, após cuidar da louça, ficamos a ver televisão, entediadas. Enquanto os meus olhos passeavam pela tela cheia de cores, minha mente vagueava tentando assimilar todos os fatos, tudo o que havia acontecido. Isso havia se tornado meio que um hábito para mim.

Minha cabeça às vezes parecia girar, então o mundo de repente parecia parado. Meu coração tentava quantificar todas as sensações, todos os momentos; as lembranças começavam a se dispor à máquina de tear, e a tela dos meus anseios subitamente já não parecia mais tão vazia, sendo preenchida por uma ânsia de ter mais.

Mais momentos como aqueles, mais conversas "filosóficas", mais almoços acompanhada, mais da amizade da Roxie, mais da vida, mais da alegria, mais de tudo de bom que pode se encontrar no mundo.

O tempo ia se esvaindo devagar, conforme o estado estático em que eu me encontrava, fazendo alguns dias parecerem uma eternidade que não se contenta e continua a se evanescer na areias lentas e significantes da ampulheta do Tempo.

Subitamente, preencheu-me uma sensação que para minha tristeza havia se tornado rara, praticamente inexistente: veio-me na brisa da tarde o som da inspiração. De um salto, me ergui da cadeira e disse:

— Roxie!

Esta olhou pra mim, movendo a cabeça lentamente de seu apoio feito pela mão no braço do sofá, e disse:

— Quê?

— Me acompanha ao ateliê? — perguntei, calçando as sandálias.

— Ah não, Abby, você quer mais prateleiras? — disse ela, pondo uma mão no rosto.

— Não — sentenciei, e rumei para as escadas.

A Roxie me olhou com uma expressão nova para mim. Era algo que lembrava ansiedade misturada com uma pá de animação, ela parecia ter percebido. Desligou a TV enquanto se levantava de supetão.

Sorri grata pela compreensão, e com isso descobri mais um lado prestativo da Roxie, que me observou chegar ao ateliê, voar pra cima de um chassi de tamanho médio retirado de dentro de um dos balcões montados por ela, medi-lo, correr para os metros de tela que havia comprado na véspera, recortar com o estilete um tamanho excedente, encaixá-lo sobre a estrutura de madeira e grampeá-lo com afinco, sorrindo sob o olhar orgulhoso da minha amiga, que me ajudara a esticar o pano.

Eu tinha pressa. Avancei ávida para a caixa de bastões de pasteis, coloquei-os sobre uma das mesas móveis e a arrastei para perto da tela afixada num cavalete de frente para as portas abertas da varanda circular, à parede da qual a Roxie se re-

costara para fumar, com um sorriso admirado por meu súbito desespero.

O grafite para esboço correu livre sobre a tela; as linhas tomavam vida própria, guiadas por minha mão, agora independente. Pouco a pouco, uma ideia espontânea vinha me surgindo na tela, como uma trama apresentada com cautela.

O rascunho de uma ampulheta se estampou no centro da tela branca, circundada por linhas que lembravam leituras científicas de ondas cerebrais. Ainda não via as cores, ainda não conseguira descansar o braço, que varria com linhas muito claras cada polegada daquele espaço branco. Por vezes, traçava algo com tanta vontade que minha mão sobrava da tela, e meu braço jazia esticado por uns breves momentos.

E eu não tenho a menor noção de quanto tempo rascunhei, esbocei. A borracha continuava intocada, e eu senti que minha expressão era séria — ao menos, sentia as minhas sobrancelhas franzidas sobre um olhar penetrante, que metralhava a vista do desenho à minha frente.

Vi que era hora das cores.

E foi nesse ponto que eu, de repente, ouvi uma nota, depois outra, e outra, e de repente parecia que eu estava ouvindo sinos replicando no ar. Roxie havia se sentado ao piano, e quando eu a lancei um olhar de breve esguelha, ela se mostrou de olhos fechados, o queixo voltado para cima, e dos dois ou três metros de distância que nos separavam fisicamente, era possível perceber os arrepios que a cobriam os braços em movimento, donos de mãos que voavam sobre teclas alvas e brilhantes, assim como as estrelas que eu havia acabado de determinar no meu quadro.

Estrelas, ampulheta, um tom de amarelo demarcado por um risco do giz colorido à altura do horizonte delimitado por um risco azul, do firmamento. Minhas mãos seguiam harmônicas às da Roxie, e voavam pela tela.

Havia um raio que insistia em querer aparecer na minha pintura, mas me agarrei aos dias de sol como quem briga por água no deserto, e o contive em minha oculta e esquecida tristeza, mantendo-o longe da ponta de meus dedos. Havia uma lebre branca como a neve, que tencionava correr livre pelos

cantos do País das Maravilhas, e que eu a deixei explorar o terreno com sua velocidade intensa, representando a esta e ao animal como um borrão branco, obrigado pelo esfuminho.

Havia tantas sensações que eu gostaria de desabafar que uma tela de meio metro por um seria um mero centímetro quadrado perto da roda de minhas sensações. Eu estava me sentindo conscientemente fora do meu ser, como se uma entidade proveniente da pura arte antiga houvesse se apossado do meu âmago, emitindo correntes elétricas que pulverizavam a minha parte arredia da felicidade, os meus medos, as minhas fraquezas.

Eu, só eu detinha o pincel que se chamava escolha. Este, eu fazia correr livre e destemido sobre a tela chamada Vida.

Minha vida, por mim mesma. Palavras vazias… auto-retrato.

— CAPÍTULO SETE —

Estrelas

Não tenho realmente ideia de quanto tempo ficara ali, pintando. Pelo que me lembro, a Roxie não parou de tocar tão cedo, inspirando-me ainda mais com suas melodias ora tristes, ora belas. Depois de alguns momentos — creio que horas —, julguei que tinha terminado.

Descansei os bastões de pastel em sua caixa e dei dois passos para trás, a fim de ter uma visão melhor do que havia acabado de produzir. Percebendo isso, a Roxie parou de tocar e veio ao meu lado, para observar também, e comentou após poucos instantes de observação:

— Ficou muito bom.

Eu ainda não havia desfeito a expressão séria, e mirava minha obra observando cada linha, cada cor, em busca de imperfeições que, de certo ponto de vista técnico, havia aos montes. Contudo, me detive a observar aquela ampulheta feita de letras representadas por pequenos traços pretos, envolta por espirais coloridas que se destacavam berrantes sobre um céu retratado em um azul escuro que esclarecia em degradê, indo de encontro a um chão, no qual pintei raízes. Havia flocos brancos esfumaçados como nuvens, e a paisagem em perspectiva deu um toque especial à coisa.

— Eu não diria que ficou assim, realmente bom — eu disse à Roxie, voltando à minha expressão normal. — Mas retratei um pouco do que sentia.

— Um pouco? — perguntou ela.

— Acho que sim. No íntimo, é como se eu estivesse repleta de um sentimento que nem sei qual é, daí tudo fica meio confuso mesmo.

— Hum… acho que entendo. — disse a Roxie.

Ela pareceu bem pensativa, como havia se tornado co-

mum de ver. Passados alguns minutos, ainda olhávamos juntas o quadro recém pintado, então eu disse:

— Que acha de dar uma volta pela praia?

— Que acha de bebermos enquanto isso?

— Perfeito.

Assim, trancamos a casa, entramos no carro e nos dirigimos a um mercado próximo. Voamos para as geladeiras de bebidas e finalmente ficamos tempos e tempos num impasse:

— Abby, eu concordo quanto ao vinho. Mas precisa ser desses baratos? — perguntou-me ela, segurando uma garrafa de vinho tinto na mão.

— Convenhamos, Roxie — retruquei. — alguns vinhos são caros demais pro que são na realidade.

— E o que são? — disse ela, erguendo uma sobrancelha enquanto torcia a boca.

— Ruins.

— Um exemplo?

— O que está na sua mão. — eu disse, me abaixando para olhar outras garrafas.

— Está maluca? O que é que esse vinho tem de ruim? — disse a Roxie, pondo uma mão na testa.

— Sei lá! Ele meio que tem gosto de queijo. — eu disse, com vontade de rir da cara de exasperação da Roxie, enquanto tentava convencer aos meus cabelos a permanecerem por trás das orelhas.

— Abby, você é uma ciência.

— Aaaah, por favor, Roxie! Vamos levar esse daqui.

Apontei para uma garrafa de um vinho absurdamente barato. Roxie fez uma cara de irônica indignação fechando os olhos e erguendo uma das sobrancelhas, seguida de um suspiro. Eu sorria implorante, de orelha a orelha, erguendo uma garrafa à frente dela, lá do meu lugar no chão.

Depois de algum tempo, ela me olhou e sentenciou:

— Ok, mas você paga.

Eu comecei a rir. Tanto que ela perguntou:

— Do que ri?

De olhos fechados, alargando — se é que era possível — ainda mais o sorriso, eu puxei os bolsos da saia que vestia. Ro-

xie me olhou incrédula, mas terminou rindo e disse:

— Merecia um cascudo.

Continuei meu riso, agora nervoso, e a observei pegar duas garrafas enquanto eu me levantava. Feito isso, seguimos pro caixa e após o pagamento efetuado, pro carro. No caminho de volta para casa, eu ainda ria da expressão da Roxie, que ria me jurando de pancadas durante todo o trajeto, até chegarmos à frente da minha casa.

Entrei brevemente para pegar duas saídas de praia e um abridor de garrafas. Ao sair, acendi a luz da sala, tranquei a porta como de costume e fui de encontro à Roxie, que me esperava escorada no portal do hall externo de entrada. Assim, demos a volta no muro carregando as garrafas de vinho enquanto o sol derramava seus últimos raios sobre a praia, que estava com um movimento zero na área de minha casa; descemos a ladeirinha de terra que nos deixava ao nível da praia e estudamos o lugar.

Escolhemos um ponto um bocado distante, de frente para o meu quintal a uns cinquenta metros de distância, aproveitando o recuo do mar. Estendi as saídas-de-praia uma ao lado da outra, sobre as quais sentamos. A Roxie abriu uma garrafa para ela e outra para mim, que já sentia as mãos doerem por causa da temperatura.

Em um mínimo espaço de tempo, o sol se pôs.

Num primeiro momento ficamos caladas, observando o mar, as raras pessoas que passavam por ali e o voo sem nexo das gaivotas. O vinho me descia a garganta refrescando-me em conjunto com a brisa, que começava a mudar de direção. Pouco a pouco, a aura resplandecente da lua cheia ia ganhando força no céu escuro da noite, para nossa admiração silenciosa, que durou por um bom tempo, até que a Roxie falou, abruptamente:

— Abby, foi realmente muito bom ter lhe conhecido.

Eu engoli o vinho, franzi as sobrancelhas e disse:

— Hm, obrigada… você sabe que eu digo o mesmo com relação a você.

Ela demorou um pouco para dizer:

— É, eu sei…

Eu a observei de perfil por um instante e sorri. Ela percebeu e retribuiu o sorriso, de maneira nervosa enquanto a mão alcançava os cigarros sobre a areia.

— Mas é que… — disse ela com a voz um pouco enrolada por causa do cigarro preso pelos lábios. Após a pausa para acendê-lo, continuou: — é que é realmente, sabe? Digo, talvez não tenha percebido, mas eu não sou do tipo que gosta fácil dos outros. Ou talvez, não seja do tipo que gostem fácil de mim.

— Acho melhor apostar na primeira opção. — eu disse, sorrindo antes de tomar mais um gole.

— Você é muito gentil. Soube disso da primeira vez que a vi, olhando aquele quadro na loja.

— Ah Roxie, você sabe que com essas coisas eu fico sem graça.

— Tá, desculpe. — disse ela. — Naquela tarde, talvez por ter sentido isso em você, eu me senti até à vontade de trocar telefone com você.

— Bem, isso teria ajudado bastante. — eu disse, rindo. Ela também riu, e me deu uma tapinha pra que eu ouvisse:

— Sabe quando você sente que alguém é realmente capaz de lhe fazer bem?

— Sei sim.

— Senti isso quando lhe vi. Acho que estava correta. — disse-me ela, e baforou longamente a fumaça em direção à noite.

Eu parei para pensar no que havia acabado de ouvir, e me veio uma pergunta à mente, que foi feita no mesmo instante:

— Ora, se foi assim, por que então não me pediu o telefone?

Ela parou um instante, como se pensasse no que dizer. Tomou um gole particularmente longo e, ainda com os olhos fixos no mar, disse:

— Porque ao mesmo tempo em que eu sinto o bem a caminho, sinto a dor caminhando em mão-dupla.

Com isso, eu meio que me assustei ou magoei, não sei. Só sei que indaguei:

— Dor?

A Roxie suspirou, e falou:

— Sim, dor. É que não há a felicidade sem a tristeza, sem a paga; é como o outro lado da moeda, o miolo do pão. No momento em que eu soube que você poderia me fazer ter momentos realmente muito bons, notei que também haveria uma parcela de sofrimento.

Por um momento, absorvi o que a Roxie havia dito e ponderei. Assim, falei:

— Bem, nada é perfeito, eu sei. Mas, Roxie, acho que pensar demais em coisas negativas termina por atraí-las. E eu sei que você sempre pensa demais nas coisas. Quero dizer, assim, com cuidado, quantificando, observando… é inevitável que não pense nisso também.

— É bem por aí — ela disse, em resposta. — Mas eu não sou bem pessimista É só que enquanto muitos apenas se iludem com as luzes, eu procuro não esquecer que é por causa da luz que há sombra; e me lembrei — graças a você — que também é só porque há a escuridão que a luz é capaz de brilhar.

— Então. Por que ficar pensando no que pode acontecer de ruim?

— Ah, olha, não foi bem o que eu quis dizer, Abby. Não é que eu fique remoendo os baixos da vida. Creio que me entendeu mal. — ela justificou, eu concordei:

— Também estou achando que sim.

— *Não* estou dizendo que eu fico pensando sempre no lado ruim, não. Mas só não me deixo esquecer dele. Você mesma falou, cada pedrinha conta; então estas também devem contar, certo?

— Hum… certo.

— Então. Devemos estar sempre preparadas pra lidar com o pior, caso ele aconteça, porque às vezes, o que queremos é diferente do que é certo. Por isso, muitas vezes fazemos algo contra a nossa vontade justamente pra tentar acertar uma vez na vida, pra fazer o que se julga ser certo — embora isso seja realmente muito relativo.

E este último comentário só fez embaralhar minha cabeça.

— Relativo? Por quê?

— Porque o certo e o errado dependem de quem vê, e de onde se coloca essa pessoa na situação.

Percebendo a minha confusão, Roxie seguiu em frente:

— Assim, eu posso fazer algo que eu detestaria, só para tentar fazer o certo. Pra mim, que estou pensando dessa forma, é o correto a se fazer, mas para alguém pode ser uma bobagem minha, ou um erro fatal. Entendeu?

— Hmm… mais ou menos. — respondi, com a mão atrás da cabeça.

A Roxie riu com a minha lentidão, e após tomar mais um gole (o qual acompanhei) e me ceder um cigarro a meu pedido, disse:

— É o seguinte: imagine duas pessoas. Não importa o sexo delas, apenas veja-as. Elas estão se beijando, envoltas num abraço forte, com roupas de frio, de olhos fechados. Ao visualizar os olhos, perceba que há lagrimas correndo por suas faces. Você é capaz de discernir isso tudo? Como podemos discernir a que sexo essas duas pessoas pertencem, como podemos saber se o frio que sentem não é da solidão, como poderemos afinal saber se as lágrimas são da tristeza de uma despedida dolorosa ou de uma grande felicidade de encontro?.

As imagens iam se formando na minha cabeça à medida que a Roxie as descrevia, acrescentando sua sabedoria urbana, me deixando fascinada:

— É que há coisas que você realmente não pode saber apenas de olhar, é preciso conhecer os antecedentes, reconhecer cada detalhe possível, sentir a situação. Às vezes você simplesmente se cansa disso tudo também. Você parece ser capaz de saber por que seu suspiro não é mais tão profundo, mas de quem é a culpa? Você consegue saber se seu suspiro é de paixão ou de solidão, mas jamais consegue saber por que as coisas simplesmente não dão certo quando tudo parece apontar o contrário. Nesse caso, mais uma vez: de quem é a culpa? Às vezes, o silêncio pode ser reconfortante para sua dor de cabeça, mas a sua dor de cabeça pode ser simplesmente o silêncio de alguém. A omissão de palavras ou a percepção das palavras ocultas nas entrelinhas, a ausência da solidão ou a solidão na ausência, a lágrima mais o sorriso ou o sorriso forçado pós-lágrima. A lágrima lembra a dor, e a dor também não passa de um sentimento. E a quem você deve o seu sentimento? Seu

coração é de alguém que tem por direito reclamá-lo, ou seu coração é só seu para dá-lo a quem você quiser?

E eu apenas ouvia tudo.

— Você pode saber quem deve amar, mas jamais saberá como pode esquecer. Você pode ser capaz de discernir amor de paixão, mas não é capaz de discernir quando vão ligar pra você, nem tampouco quem está ligando. Nem por isso seu coração deixa de acelerar ao ouvir o toque do telefone, se você espera o telefonema de alguém. E você pode desejar ficar, mas às vezes o melhor a fazer é ir embora. E todos os seus sonhos, e todos os seus desejos? É sua culpa tê-los? Existe mesmo alguém que deva ser culpado? Quantas perguntas somos capazes de nos fazer quando nosso peito parece um sistema independente, que nos torna vulneráveis, fracos, mas inconfundivelmente amantes? Você pode querer amar, mas às vezes o melhor a fazer é não se pôr à prova. Porque a maior prova de amor pode ser libertar o outro da responsabilidade de reclamar seu coração para si. É amar o suficiente para deixar ir embora as chances de um sonho bonito, talvez uma ilusão, mas desejada ardentemente que fosse realidade. Você pode ter que engavetar seus planos e esperar por outra pessoa, mesmo sabendo que não é aquela outra. Os sonhos são distintos para cada objetivo que se tem; num dia se sonha com uma pessoa, e num outro não se sonha com mais ninguém. E então haverá a dor da despedida, embora tenha havido a alegria do encontro e talvez um beijo caloroso que marque a partida para sempre. Então você pensará que depois irá sorrir olhando uma fotografia, relembrando os bons momentos. Sim, você é capaz de tudo isso. Mas você é capaz de discernir o quão verdadeiro é o seu sorriso? Porque você pode querer se lembrar, mas às vezes o melhor a fazer é seguir em frente. Assim, aquelas duas pessoas continuarão se beijando.

Seguiu-se um largo gole de vinho, e um silêncio que fez as palavras da Roxie parecerem uma pedra caindo pesada, esmagando toda a questão. Eu nem consegui dizer que havia entendido bem a questão. Fiquei ali, abobalhada com o mais do que extenso raciocínio da Roxie, que tragava seu cigarro olhando pro céu, parecendo contar as estrelas.

Após um bom tempo, ela disse:

— Eu acho tão bonito…

— O quê? — perguntei de forma meio engasgada, por causa do gole que ainda não me descera a garganta.

— Esse céu; essas estrelas. Isso me dá tantas ideias, tanta inspiração. Estar aqui com você de frente pra esse mar também conta muito, sabia?

Encabulada, perguntei:

— Por quê?

— Porque você está sempre disposta a ouvir, e eu acho engraçado o modo como você fica calada depois que eu falo algo do tipo.

— Hahahah. Você é uma comédia.

— E nós… nós também somos estrelas.

Ok, essa foi do nada. Quis até perguntar de onde veio, mas sabia que logo viria uma carga de filosofia em seguida, então decidi só esperar calada.

E veio:

— É que quando eu paro pra pensar que todos os dias têm pessoas e mais pessoas passando pelas calçadas, cada uma com a sua vida, cada uma com seus próprios problemas, seus desejos e medos, eu nos vejo aqui, alheias do mundo. Umas garrafas de vinho pela metade, um céu inteiro olhando pra nós. E cá estamos no desfrute do nascer de uma amizade completa e feliz, digamos.

Eu sorri para ela e estendi a garrafa, num sinal de brinde. Ela bateu o gargalo da sua na minha, e ambas tomamos um gole de vinho tão grande, que me foi impossível não fazer uma careta. Então, sacudindo a cabeça de olhos bem fechados, eu disse:

— Deve ter uma maneira menos alcoólica de marcar isso.

Súbito, a Roxie parou e disse:

— E tem!

Com a dúvida estampada no meu rosto, ela continuou:

— Amanhã de manhã lhe mostro.

Depois disso, não importou muito o que quer que eu dissesse para a Roxie saciar a minha curiosidade. Tive mesmo que esperar a noite passar.

Ficamos umas boas horas ali na areia da praia, até que o vinho nos subiu tanto à cabeça, que ter uma conversa decente era impossível. Após rirmos até a Roxie quase me fazer urinar, nos preparamos para deixar a praia.

De antemão, a intimei a dormir lá em casa, pois dirigir estava fora de questão. Então, cambaleante, eu peguei as saídas de praia, e a Roxie (firme, como se só tivesse bebido água), as garrafas, que pusemos no lixeiro quando demos a volta para entrar em casa.

Ao entrar no meu quarto algum tempo depois, caímos como dois elefantes sobre a minha cama, de maneira perpendicular à cabeceira. Sem lençol, sem travesseiro e cheias de terra, nós praticamente desmaiamos quando caímos pesadamente no sono.

Eu sei que acordei na manhã seguinte, na mesma posição que adormeci. Pescoço doía, o braço direito formigava e a cabeça parecia organizar uma orgia no meu cérebro, quase explodindo quando me levantei um pouco para olhar em volta.

No lugar onde a Roxie dormira, ao meu lado, só havia as marcas no lençol, um recorte de uma cartela de comprimidos para ressaca e, sobre esta, um bilhete.

"Me levantei mais cedo porque tive que ir… passo aí às duas pra te levar à Universidade. Farei surpresa…"

Sorri para o bilhete, principalmente pelo fato da Roxie ter se lembrado (coisa que nem eu fiz) que o meu período de matrícula se abria na segunda-feira. E senti uma pontada aguda me atravessar a testa. Peguei os comprimidos e tomei dois de uma vez, apoiada na pia da cozinha e sentindo a luz que invadia o aposento ferir meus olhos como facas afiadas.

Olhei para a parede e vi o relógio marcar meio-dia. Não sentia um pingo de fome, então passei reto pelo fogão em direção à sala, a fim de tentar ver um pouco de TV.

Nisso, avistei o telefone no balcão da janela, e me lembrei que ainda não havia feito um aviso importante: não tinha passado ainda meus endereço e número para o Sr. Manson, e lembrar dele me fez lembrar também que a data fixada para o

pagamento do aluguel já começava a ficar próxima.

Com um esforço hercúleo, subi as escadas e rumei para o quarto. Procurei a agenda de telefones xingando o quanto eu podia toda vez que tinha que olhar uma gaveta mais abaixo, o que me forçava a baixar a cabeça e atiçava ainda mais a dor miserável que fritava os meus neurônios. Por fim — e para o meu profundo rancor —, achei a agendinha atrás do espelho móvel do guarda-roupa, local que designei para documentos e papeis importantes.

Desci as escadas, me dirigi ao balcão do telefone e fiz a chamada interurbana para a minha antiga casa. Um segundo se passou até que começasse a chamar, e o toque se repetiu várias vezes até que o som ambiente chegasse aos meus ouvidos seguidos de um:

— Alô?

— Alô, Sr. Manson?

Houve uma pequena pausa para identificação, então ele me respondeu:

— Ah, alô Abby! Mas quanto tempo, não?

— Pois é, não? — respondi, enrolando os cabelos.

— E como está por aí?

— Indo bem, muito bem — respondi, tentando esquecer da dor de cabeça. — Consegui uma casa…

— Mas que ótima notícia! — disse ele, com branda sinceridade. — E as pessoas, como são?

— Não conheci muitas — respondi pensativa. — Mas fiz uma amizade que tem me salvo a pele.

— Excelente!

— Daqui a algumas horas, estarei indo fazer a minha matrícula na universidade, finalmente.

— De coração mais leve, as coisas andam. — ele disse, filosófico, parecendo até a Roxie. Sorrindo pela semelhança, adiantei a conversa:

— Bem, Sr. Manson, eu liguei mais pra dar notícias e lhe passar meu número e meu endereço novo.

— Pois não, filha, diga lá.

Ainda fechei os olhos por um momento para lembrar o endereço, e com um pouco de esforço consegui. Não fosse o

bilhetinho sobre o balcão, jamais conseguiria lembrar do número da casa, tampouco do telefone. O Sr. Manson pediu um tempinho para pegar um bloco de notas e uma caneta, o que eu aguardei brevemente na linha.

— Pronto. — disse ele, após repassar os dados para confirmar. Estando eles corretos, eu me preparei para encerrar a ligação e ele, seguindo o embalo, se despediu — não antes de soltar uma daquelas frases que me fazem pensar profundamente na vida. Dessa vez, dissera:

— Não se deixe esquecer, fique atenta: quando o vento sopra, sempre lhe traz folhas consigo.

E desligou.

Tentei parar pra interpretar o que a frase queria dizer na íntegra, mas minha cabeça não pareceu muito inclinada a trabalhar. Para quem estava acostumada a só pensar nas coisas sem álcool, hoje era dia de greve. Tive que deixar interpretação para depois. Me larguei no sofá com um braço sobre a cabeça. Abrir os olhos era tenso; me mover era pior, tentar pensar era o Juízo Final.

E pra completar, estava extremamente curiosa para saber qual seria a tal surpresa que a Roxie me faria. Seria um presente? Quem sabe um poema novo. Não, isso não seria assim uma surpresa. Uma boa notícia, talvez; mas sobre o quê? E *por que é que essa cabeça não para de doer?*

Sabe Deus quanto tempo se passou até que a Roxie bateu na porta da frente, chamando pelo meu nome. Resmunguei um "entre" que não foi ouvido: a tentação do mal manipulando tudo para que me levantasse, mas eu tenho boa fé… resolvi só atirar minha sandália na porta.

Talvez entendendo a deixa, a Roxie empurrou a porta devagar e nesse momento, eu nunca odiei tanto um ranger até então inexistente por distração.

— Santo Deus, que diabos você tem? — eu adorava a maneira como ela conseguia usar "Deus" e "diabo" na mesma frase.

— Me pergunte outra vez e eu juro que te mato. Quando essa dor de cabeça passar, claro. — disse eu, sofridamente, dali do meu canto no sofá. Ouvi a Roxie rir, e dizer:

— Não tomou os comprimidos?

— Tomei.

— Como você consegue beber tão pouco e ficar nesse estado depois de tomar comprimidos pra ressaca? — perguntou a voz da Roxie, se aproximando. Eu só via um escuro profundo e umas bolhinhas multicor estourando sob minhas pálpebras fechadas com afinco.

— Como *você* consegue me perguntar uma coisa dessas? — disse eu, maldizendo mentalmente a sede que me abatia.

— Hahaha. Você é uma piada, Abby, é sério.

Tirei a mão da cabeça e me levantei meticulosamente (um mínimo pensamento demasiado rápido era o mesmo que um raio na minha testa, quem dirá uma erguida de supetão?). Olhei em volta; vi um borrão que lembrava a Roxie sentado no outro sofá, olhando para mim com os braços apoiados nos joelhos.

— Que horas são? — perguntei, fraca.

— Uma e doze. — respondeu ela (ou a forma que a ela se assemelhava).

— Cozinha.

Me ergui devagar do sofá desesperada por um copo d'água. Sério, mais cinco minutos e eu seria capaz de cuspir pó. Pra agravar a situação, ainda tinha que aturar a Roxie se rindo de mim por toda a casa, até que eu desabei em uma cadeira da cozinha, segurando um copo na mão.

— Mas de que horas você saiu daqui hoje? — perguntei, após o quarto copo d'água.

— Perto das dez. — respondeu a Roxie, abrindo a porta da cozinha para fumar.

— Nossa…

— Eu acordei, comprei pão e, quando cheguei, fiz café. Então me bateu uma vontade de escrever e fiz algo simples, despropositado.

— Ah, eu quero ver! — eu disse, me animando. A Roxie sorriu e pôs a mão no bolso, para me estender um guardanapo dobrado.

Ao abri-lo, eu li:

De noite

Queria ter você por perto,
Pra eu não precisar mais de afeto
Vindo de procuras distantes
De qualquer outro lugar.

Queria ter você no certo,
No errado e no secreto,
Sabendo de cor os instantes
Que esperei pra te ver chegar.

No íntimo, não aprendi um dialeto
Que pudesse dizer o concreto
Sentido das palavras de antes
Que eu disse e as ensinei voar
Pra chegar aí e rabiscar o teu teto
Chamar teu olhar pra cair direto
Pra que na tua mente descanses
Em paz, sabendo que vou esperar

Por você,
Pelo luar
Que vai nascer
Quando chegar.

Ao terminar de ler o poema (com a cabeça latejando), comentei:

— A simplicidade desses versos, aliás, dos seus versos é…

— É…?

— Apaixonante.

Súbito, a Roxie corou, para a minha surpresa.

— Quê? — perguntei, abrindo as mãos em sinal de indagação.

— Nada — ela disse, e se virou recostando-se no sobral da porta baforando longamente.

— Foi algo que eu disse? Eu só quis dizer que cada vez que você me mostra um poema, o que dá é vontade de esperar por

um próximo.

— Eu entendi, Abby! — disse a Roxie, me interrompendo rindo.

Eu fiz uma cara de quem estranha, erguendo a sobrancelha esquerda e tombando a cabeça para o lado contrário. Nesse momento, percebi que os comprimidos estavam fazendo começando efeito, e essa constatação me levou o pensamento até os devaneios de há pouco, me lembrando de perguntar:

— E qual é a minha surpresa?

Nesse momento, a Roxie sorriu e se mostrou de uma forma que era inédita. Vi ali uma Roxie radiante, delicada, ostentando um sorriso singelo que deixava transparecer uma espécie de orgulho; talvez de si mesma. Então, ela se aproximou de mim e me mostrou um curativo no pulso, mais ou menos do tamanho de uma caixa de fósforos, e disse:

— Essa é a surpresa.

— Quê, um curativo? Você se machucou? Onde? Por que isso é uma surpresa? — eu disparei, do meu jeito afobado, fazendo a Roxie rir com gosto. Ante a minha cara de quem não entende nada, ela — ainda rindo — puxou um lado do curativo e me mostrou por fim a surpresa, que foi, de fato, realmente uma surpresa.

Mais ou menos do tamanho de uma moeda de um dólar, estava brilhando de tão nítida, uma estrela sobre o pulso direito da Roxie. A estrela tinha o contorno reto, perfeito e negro, mas seu interior era de um amarelo bem claro, minha cor favorita. Ok, uma tatuagem não seria assim um absurdo de estupefação, mas o que ela disse em seguida é que foi:

— Essa estrela representa você. No meu braço direito, na sua cor favorita.

Eu fiquei ali, pregada na cadeira, e sensível como eu sou, com os olhos cheios d'água.

— Roxie — tentei falar, — eu não sei nem o que dizer.

— Não diga, então oras. Aliás, diga. Ao menos se ficou bonita.

— Ficou… perfeita!

— Valeu a dor, então, já que gostou. — respondeu ela, repondo o curativo. E eu, muda.

— É que eu calculo que vou me lembrar das coisas que aprendo com você pro resto da vida, e você é alguém em quem eu realmente posso confiar. Assim, pensei "por que não deixar isso gravado no meu pulso, se já está tão gravado no meu coração?", e taí; fiz a *tatoo*.

Silêncio… era só o que eu conseguia.

— Mas como sabia que minha cor preferida era amarelo? — eu consegui perguntar.

Ela riu e disse:

— Eu olhei na sua página da internet. Tem lá no "coisas que eu gosto".

— Página? — perguntei, estranha.

— Sim, página.

— Aaaaaaaaaaaaaaahh, agooora eu lembrei! — eu disse, batendo na testa, e o diabo disse "êba".

Realmente eu tinha uma página, mas fazia tanto, mas tanto tempo que eu não a olhava que eu já tinha esquecido, há muito, que tinha feito uma pra mim. Caçoando da minha distração, a Roxie terminou o seu cigarro algum tempo depois.

E eu, com a cabeça na lua, outra vez, havia encontrado uma mulher de quem eu podia esperar uma grande dose de força, de incentivo e apoio. Nesse aspecto, a Roxie me lembrava muito a minha mãe.

Por ambas eu tinha um carinho absurdo, um cuidado de quem gosta de verdade. Com elas, eu podia ser eu, a Abby distraída e estabanada, a pintora desastrada e descabelada pela manhã. Não precisava me disfarçar com a normalidade, não precisava pisar em cascas de ovos, nem ficar o tempo todo me perguntando o que eu não deveria fazer com medo de não agradar, de incomodar. Elas duas, a Roxie e a minha mãe, sempre me deram a plena sensação de que ao menos eu não as incomodava, que minha presença ao seu lado na maior parte do tempo era algo agradável, até.

E minha mãe já não estava comigo. Fisicamente, quero dizer. Mas me sobrara a Roxie, a grande pessoa que era minha amiga de confiança e que essa mesma confiança fosse creditada a ela independente de provas que explicitariam segurança para tal. Para mim, só o fato da Roxie ter salvo, figuradamente,

a minha vida e por ter sido através dela que eu consegui me firmar e ter base para seguir em frente, era mais do que motivo para me agarrar àquela amizade como se fosse ela á última e a única. Esta segunda era bem verdade.

Portanto, se eu era uma estrela, pra mim a Roxie também seria. Fico imaginando a cara dela quando eu conseguisse demonstrar isso.

Assim, eu descobri que já estava conseguindo pensar direito, então era hora de começar a me arrumar para ir fazer a matrícula. Tomei banho rapidamente (na verdade tentei, pois os devaneios me assolaram enquanto a água escorria pela minha cabeça), pus roupas leves e fui com a Roxie rumo ao lugar que me atraíra até onde cheguei: a Universidade Gama da Ilha de Montenegro.

— CAPÍTULO OITO —

Anjo e sílfide

O carro de repente estava ladeando um muro baixo realmente extenso, de tijolos vermelhos e de grades pretas. Do outro lado, dava pra ver um enorme gramado bem cuidado, mas a visão fora breve por causa de um bosque que começara a aparecer.

Após um considerável tempo, a Roxie fez a curva para a direita, e passamos por um portal arqueado na entrada do campus, guardada por uma guarita, de onde um fardado homem de meia-idade acenou para nós.

Eu estava fascinada.

A rua de duas vias invadia o jardim arqueado como se fosse feito de pequenas colinas, indo em direção a um anel viário, que dava a volta em um monumento que me deixou de queixo caído.

Era uma estátua de vidro medindo uns dois metros de altura, representando uma imponente fênix de duas cabeças. Esta estava empoleirada num pedestal que lembrava a parte superior de uma chaminé, com dizeres dourados bem abaixo das garras das patas:

ECCE HOMO

— "Eis o homem", em latim. — disse a Roxie, indicando a frase na base da estátua.

— Caramba. — eu disse, como única forma que conseguira para expressar minha admiração. Roxie continuou falando:

— Essa estátua tem um significado a mais, além de ser só o brasão da Universidade: as duas cabeças significam Consciência e Conhecimento, sobre um corpo alado cujas asas representam a liberdade, por isso estão semi-abertas. Espera-se que

sabendo como usar o conhecimento com consciência se atinja voos cada vez mais altos, rumo à independência do ser, embora estes dois aspectos sejam conflituosos. Tudo isso na representação física da fênix, que se renova sempre que encerra um ciclo, renascendo de sua própria ruína. "Assim é o homem."

— Que bonito. — comentei, começando a olhar em volta assim que o carro contornou a fênix de vidro.

A Universidade, que ficou exposta logo em seguida, era estonteantemente bonita a meu ver, que perseguia os detalhes com afinco e pressa, admirando cada metro avançado em direção à construção.

Esta era de forma que se assemelhava a uma catedral antiga, com um quê de modernidade nos objetos decorativos feitos de vidro reluzente. Não dava para contar quantas janelas tinham no prédio principal do campus, mas estimei umas cem. Quatro andares se compreendiam sob o telhado rústico, onde estátuas de corujas pareciam um pequeno exército ladeando uma segunda fênix, que era esculpida na pedra e estava empoleirada na mesma posição da anterior sobre o gigantesco portal de entrada, fazendo sombra para as escadas circulares de mármore branco.

A via asfaltada seguia reta até se abrir em "T" à frente do prédio, onde alguns carros estavam estacionados e onde a Roxie estacionou o seu. Ao descer do carro, endireitei a bolsa no ombro, pus meus óculos escuros, e depois tentei segurar o cabelo na cabeça — enquanto o vento insistia em me impedir —, e me pus a seguir a minha companheira, subindo os vários degraus circulares defronte à rua.

O interior da construção era ainda mais belo. O corredor principal possuía uma clarabóia que se estendia por toda sua extensão, até uma área um bocado longe, que percebi que era aberta. Fomos seguindo reto, e eu fui reparando nas paredes lisas e cor de creme. Vez ou outra via um quadro de avisos, memoriais, pinturas expostas sob um vidro de proteção e, claro, as plaquinhas douradas onde se lia em letras pretas os nomes dos departamentos contidos atrás de cada porta.

Andamos um bocado, e numa parte do corredor, entramos numa espécie de túnel arqueado e à nossa direita, que era um

tanto escuro em comparação ao resto por onde passamos, e que também era curto.

Ele terminou em outro corredor, que não continha paredes. Na verdade, era mais uma passarela ladeada por colunas bordô cilíndricas, que guiavam o caminho para uma diagonal em direção um prédio adjacente ao principal, também circular.

— Ali fica o "Coliseu" — disse a Roxie, acendendo um cigarro.

— Por que Coliseu? — indaguei, curiosa.

— Sei lá. Vai ver porque parece! É como todos chamam aquele prédio por aqui.

Levei a mão à testa, rindo e seguindo o caminho.

Ao passar pelo túnel de entrada do prédio, me deparei com um pátio que se assemelhava a uma clareira bem ampla, a céu aberto. A projeção do primeiro dos dois andares superiores formava uma sacada que acompanhava o modelo do pátio, sendo sustentada por pilares iguais aos do corredor que nos levara até ali.

No centro do pátio, vi uma fonte circular de mármore, onde uma peça de xadrez — a Torre — jorrava água delicadamente. Sentado na borda, um rapaz de uns vinte anos fumava enquanto lia um livro e, ao perceber nossa presença, nos lançou um olhar curioso, franzindo a testa como se intimamente estivesse surpreso. Olhei para a Roxie, que estava impassível, sem sequer olhar para os lados, apenas rumando para as escadas de ferro armado em espiral.

Olhei para trás por cima dos ombros e vi que o rapaz ainda nos olhava. Ergui uma sobrancelha e me voltei para a Roxie:

— Você conhece aquele cara?

— Não. — disse ela, vagamente.

Fiquei calada e logo minha atenção fora requisitada a outra coisa: notei que ao lado da escada que subia, havia um vão no chão por onde passava outra, que descia. Curiosa, perguntei:

— O que tem lá em baixo?

A Roxie lançou um olhar para ver onde eu apontava e respondeu:

— Bem, pelo que soube, é conhecido como "as masmorras

da arte". Alcunha dos estudantes dos outros cursos. Mas bem, você vai passar anos vindo pra cá, estamos no Centro de Artes, e logo vai saber de tudo.

Enquanto subíamos, insisti:

— Então você não sabe o que tem lá?

— Sei — "e por que diabos não disse logo?" perguntei, em pensamento. — Lá ficam os depósitos de pinturas produzidas por alunos, algumas obras que irão para exposição no pátio principal, estúdios de revelação fotográfica e um cofre, segundo dizem.

— Interessante. — disse, paciente com o modo distraído da Roxie.

Ao terminarmos o primeiro lance de escadas, alcançamos a varanda do segundo piso e rumamos em frente em direção a outra escada, no fim do círculo. No segundo andar, retrocedemos a direção do caminho e paramos em frente a uma porta que parecia ser feita de carvalho, onde a plaquinha dourada dizia "Coordenação do Centro Acadêmico". A Roxie deixou o resto de cigarro na lixeira-cinzeiro ao lado do quadro de avisos, na parede ao lado, e eu abri a porta.

Era um cômodo de tamanho médio, que continha cadeiras estofadas para espera, todas defronte para um birô largo ao qual uma mulher negra, de pele reluzente e cabelos fartos e cacheados lia alguns papéis, de costas para uma vidraça quase do tamanho da parede, por onde se via boa parte dos jardins ao redor do prédio. Me aproximando do birô, e reparando na enorme estante cinza de arquivos na parede à esquerda, eu disse:

— Boa tarde.

Ela ergueu os olhos para mim, com uma expressão indecifrável no rosto de linhas delicadas como o da Roxie. Seus olhos eram tão negros que pareciam duas pedras de ametista, ostentando o mesmo brilho peculiar, que competia com os dos brincos de ouro que pendiam como palitos em suas orelhas. Um sorriso alvo como a neve e de dentes perfeitos se abriu para mim, e as palavras seguintes soaram como uma música executada por uma flauta doce:

— Muito boa tarde, minha querida. Sentem-se, servirei

algo para tomarmos.

Atendendo ao contive, sentamos cada uma numa das poltronas postas de frente à mesa, enquanto a mulher se erguia com seu vestido de tecido leve contornando as curvas perfeitas de seu corpo para pegar uma bandeja numa mesinha meio que escondida ao lado do arquivo. Na volta, pôs à nossa frente duas xícaras de delicada porcelana e tomou uma para si, dizendo:

— Infelizmente, só tenho café, espero que seja do seu agrado.

Assentimos ambas, eu e Roxie, com a cabeça ao som daquela voz grave e suave, para a alegria da mulher, que disse:

— Meu nome é Soraya, em que posso servir de ajuda, garotas?

— Esta é a Roxie, minha amiga. Eu sou Abby Montenegro. Vim pra fazer minha matrícula.

— Oh, pois não. — disse ela, após um gole do café que tinha acabado de servir às três enquanto eu falava. — Recordo-me de teu nome. Eu mesma redigi a carta que recebeste. Lembro-me que achei interessante ter uma aluna com o sobrenome da Ilha onde me criei.

Eu sorri, enquanto ela digitava algo no notebook sobre a mesa. Então, ela disse:

— Que caminho pretendes seguir dentro do curso?

De pronto, respondi:

— Pintura e Arte Virtual.

— Muito bem. Trouxeste teus documentos, não Abby?

— Sim, trouxe. — e comecei a revirar a bolsa à procura deles, enquanto ela nos olhava com um ar sereno. — Aqui estão.

Ela pegou os documentos, e o tempo foi passando enquanto ela digitava uma porção de coisas no computador. Enquanto terminava meu café, eu olhava em volta à procura de algo que me distraísse, quando ela falou:

— Perdoem-me as paredes vazias — voltei minha atenção para ela. — Retirei todos os quadros à espera de novos. Os quadros que aqui ficam são de alunos talentosos, que me presenteiam e eu guardo com carinho. Mas, os pus no acervo no subsolo por motivo de reforma na sala. Logo, logo estarão de volta; os mais sensíveis, devo dizer.

Sorri para ela num sinal de que entendia, e ela voltou sua atenção para a tela. Algum tempo depois, não muito, ela me devolveu os documentos e disse, como quem pronuncia o último verso de um feitiço:

— Está feito. Tuas aulas começam nesta sexta-feira, pela tarde. Aqui está teu horário — ela me estendeu um papelzinho junto com o comprovante de matrícula. — Espero que gostes do nosso ambiente e que sejas feliz nesse novo caminho que começa a ser traçado em tua vida.

— Obrigada. — eu disse, e apertei sua mão, o que a Roxie fez em seguida, ainda sem dar uma única palavra sequer.

Assim, nos dirigimos à saída, e a mulher disse, quando nos deixou à porta:

— Nos vemos.

— Até logo. — respondi sorrindo, e saímos da sala.

Ao cruzar o pátio circular, notei que o rapaz não estava mais lá, pelo quê eu agradeci sem saber ao certo por quê. E comentei:

— Ela é uma mulher realmente diferente.

— Também acho — concordou Roxie, endireitando os óculos escuros. — Ela é coordenadora deste centro há pelo menos dez anos.

— Nossa! Ela assumiu bem nova, não? — me surpreendi, porém foi bem menos que com a resposta que veio:

— Relativamente. Ouvi dizer que ela tinha por volta de trinta anos quando veio ensinar aqui.

— Você quer dizer que aquela mulher tem mais de quarenta anos? — disse, boquiaberta.

— Por aí.

— Se me perguntassem, eu diria que ela tem a minha idade! Exceto talvez pelo ar de maturidade.

— Ela me pareceu, como você disse, bem distinta. Sabe, uma aura boa… deve ser interessante ter aula com ela.

— Achei que ela fosse só coordenadora. — comentei, acomodando os cabelos atrás da orelha.

— Não, não. Ela é professora também. Só não me pergunte do quê.

— Hahaha. Ok. Até que não demorou muito, não é?

— Tem razão. Mas sua turma é pequena, ao contrário da minha.

— Sorte minha, então.

A Roxie sorriu pra mim e ficamos em silêncio. Eu olhava à minha volta absorvendo um bocado do que via no caminho. Os campos verdes se estendiam por muitos e muitos metros ao redor do prédio principal, e lançando minha vista para além do corredor dos pilares, vi o reflexo do sol num filete de água distante. Consultando a Roxie, fiquei sabendo que lá havia um pequeno lago, bem na entrada do bosque e que este circundava a parte interna dos muros da propriedade no lado oeste.

Foi pensando que mal podia esperar pra explorar todo aquele universo novo, que eu entrei no carro e peguei a carona de volta para casa. Ainda em silêncio, eu me sentia leve, alegre, e um pouco eufórica, confesso; e assim fiquei durante todo o trajeto, ouvindo o rádio que a Roxie ligara.

Esta recusou o convite para a janta, dizendo que ainda tinha uns pormenores para resolver antes das cinco e eu concordei. Agradeci novamente a ajuda que ela vinha me dando, e ela dispensou "esse tipo de besteira". Ainda sorrindo, fechei a porta da sala atrás de mim, me recostando nela e fechei os olhos dando um suspiro.

Agora era só seguir em frente.

❀

O resto da semana ia se passando num piscar de olhos. Eu tentava me distrair com o que quer que fosse, mas parecia que minha ansiedade era mais forte do que a Ilha de Montenegro era capaz de me oferecer por distração. Andava pela praia, visitava o Jamaica, me divertia um pouco e via a Roxie regularmente, embora que por causa de algumas atribulações particulares dela, a gente estivesse se vendo por menos tempo a cada visita que ela me fazia.

Me restara a internet, já que não andava muito inspirada para a pintura. Ficava horas na frente da tela do computador, lendo uma coisa aqui ou outra ali, *muito* raramente até falava com a Roxie. Numa dessas vezes, ela me falou que possuía um

Blog, para o qual escrevia esporadicamente. Pedi o endereço, que me foi passado imediatamente, e logo tratei de abrir.

Era uma página simplíssima, mostrando apenas um texto por vez; os tons de roxo e lilás davam um ar meio leve à coisa, concordando de leve com o conteúdo do texto que seguia:

Azáfama

Luzes no asfalto, multidão em casa; casas escuras, pessoas que dormem… eu estou aqui, olhando pela janela, o olhar vidrado pelo vidro aberto. Tentando figurar, tentando entender, tentando esquecer, querendo viver.

Há uma luz que pisca no meio da neblina. Por um instante fugaz, minha mente a compara ao brilho dos seus olhos. Tudo o que me perpassa nesse instante, como uma corrente elétrica, é uma pressa irracional de o tempo esquentar e a neblina se desfazer.

Talvez, simplesmente por querer saber se é mesmo você do outro lado. E eu nem sei se isso é movido por medo de não ser, ou um desespero eventual de quebrar as barreiras caso for… o irônico é ver que até mesmo a felicidade da liberdade tem a sua paga… é apenas como o outro lado da moeda, o miolo do pão.

Sapiência pra olhar no escuro. Paciência pra buscar o que não se vê. Clarividência apenas pra se precaver.

Tem mesmo como dizer? Amanhã, o que vai ser…? Um dia a mais sozinho, ou um dia a menos sem você? Talvez, também devesse me preocupar com o que possa parecer…

As palavras brincam soltas, e meus dedos brincam com as palavras. Dom?

E tudo aquilo que eu queria dizer e simplesmente não consigo?

Há aquilo que eu sei que não devo fazer. E, claro, o que eu sei perfeitamente o que fazer, mas como…?

Ruas de concreto, luzes de néon, passos na calçada, feitiços do tempo e coração em disparada. Poesia, nostalgia e pressa, muita pressa… azáfama. E tudo que gira ao meu redor, tudo o que me acompanha e tudo que deixo de lado é um efeito colateral… e pensar que liberdade é poder — eu disse poder — se

libertar.

E quem dirá, me diz, quem dirá que para tudo há perfeita explicação, se nem eu mesmo, que tanto penso e tanto questiono, sei dizer o mais básico de tudo: há o que explicar?

O porquê já não me importa. O que me importa é viver… seja pra corar e lembrar, seja pra sorrir e esquecer. Mas aqui… mesmo sem ter ideia de onde andas, nesse momento há alguém aqui, bem aqui… quem tanto repete pra insistir e frisar tudo isso sou eu… no final, sou eu que sinalizo: sou eu que estou aqui.

Como sempre acontecia ao terminar de ler um texto da Roxie, fiquei impressionada com suas palavras. Isso geralmente me distraía um pouco, é verdade — do real sentido do texto, do significado oculto nas palavras — mas este texto parecia querer me dizer algo que eu não captei de imediato. Parecia que a Roxie estava… precisando de algo.

Aproveitando enquanto ela ainda estava online, o enredo da minha pergunta me apareceu na tela antes mesmo de eu decidir se devia fazê-la:

Abby diz:
Como sempre, a qualidade está impecável.
Roxie diz:
Como sempre, você é gentil…
Abby diz:
Sou sincera, já lhe disse. Mas me parece que você está passando por algo ruim.
Roxie diz:
Parece?
Roxie diz:
Por quê?
Abby diz:
Não saberia explicar. Mas está?
Roxie diz:
Só umas bobagens. Não é nada que deva se preocupar, Abby. Estou bem. =)
Abby diz:
Está mesmo?

Roxie diz:
Melhor do que achei que poderia.
Abby diz:
Perdão?
Roxie diz:
Nada… tenho uma boa amiga pra me livrar de coisas negativas, isso me faz me sentir muito bem.
Abby diz:
É bom saber que sou boa companhia. =D
Roxie diz:
Você devia deixar dessa modéstia e começar a encarar a realidade.
Abby diz:
Ok. Mas que fique claro que se precisar, estou aqui, ok?
Roxie diz:
Sim senhora!
Roxie diz:
Mas vou ter que ir saindo. Se cuida, Abby…
Abby diz:
Tudo bem. Fica bem você também…
Roxie diz:
Vou ficar.
Roxie diz:
Te adoro.

"Roxie está off-line"

Sorrindo, fechei o programa de mensagens e baixei a tela do computador. Estava na torre da casa, isolada do resto do mundo. Estendi o braço para abrir a janela e ver a rua.

O sol começava a se pôr em Montenegro. Passarinhos voavam pra lá e pra cá nas árvores, enquanto algumas pessoas passavam pela calçada, fazendo caminhada. Fiquei um tempo observando o movimento, até que criei coragem para cuidar da janta.

Tomei um banho quente, demorando um pouco mais que habitual (dia de lavar cabelo). Notei que precisava dar um trato nas unhas, mas isso ficaria pra depois, beeem depois, quase

mês que vem.

Troquei de roupa, e sentindo uma vontade rara, rumei direto para a vendinha no final da rua onde comprei cigarros. Instantes depois de sair da padaria com uma sacola de pães na mão, acendi um a caminho de casa, quando percebi um rapaz que achava que conhecia.

Ele andava a passos largos, e vinha na direção contrária à minha, também com um cigarro nos dedos. Seus cabelos lisos estavam um pouco grudados na testa, devido ao suor, e ele parecia profundamente incomodado com alguma coisa, sua expressão era de raiva.

A cada passo que ele dava em minha direção, uma sensação estranha — ruim, pra ser sincera — ia se apoderando de mim. Tinha plena certeza de que o conhecia de algum lugar.

De repente, o mundo pareceu correr em câmera lenta, assim mesmo, em paradoxo. Os passos largos dele levaram uma eternidade, assim como o vento que balançava nossos cabelos parecia um suspiro lento de morte, enquanto, lado a lado, eu e ele nos cruzamos, desenhando no ar uma linha de fogo na troca de olhares que demos.

A respiração era rápida, mas o momento a deixou quase estática; os rastros deixados nos olhos pelos faróis dos carros passando na avenida perduravam, como fios de luar liquefeito; a baforada que ele soltava de maneira comprimida parecia que nunca ia acabar. O som inteiro sumiu, e até um piscar de olhos do outro lado do mundo parecia capaz de ser ouvido. Sem querer, fui virando a cabeça enquanto ele passava; ele me seguia o movimento com os olhos.

E como se tivesse acabado de romper as paredes de uma bolha atemporal, tudo voltou à velocidade normal, num lampejo, uma sequência de fatos me vieram à memória:

"Estão dizendo pra pormos os cintos. Vamos decolar."

"Aqui. Isso vai ajudar um pouco"

"À propósito, meu nome é Carter."

As cenas se desenharam na minha cabeça como *flashes* atordoantes, que me fizeram parar de andar no mesmo instante. Segurando a sacola de pães entre os braços, me virei na calçada, e observei o mesmo cara do avião fazer uma curva,

sumindo de vista.

Uma sensação ruim, um extremo e desagradável mal-estar se apoderou de mim, me dando chance para um começo de dor de cabeça. Ao chegar em casa, pus o café no fogo e tomei um comprimido. Sem conseguir imaginar o motivo de toda aquela coisa dentro de mim, eu me dirigi às verduras e me pus a parti-las.

Após preparar o jantar, me servi na mesa da varanda. A cesta de pães à minha frente, a molheira, um prato cheio de macarrão e o bule de café. O som do mar me enchia os ouvidos, e a brisa fresca soprava, relaxando-me enquanto fazia minha refeição.

Comi devagar, pensando na vida, pensando na estranha figura que tinha passado por mim na rua. Carter… dele eu não sabia muito; na verdade, não sabia nada. Então por que de repente eu estava com todas aquelas sensações ruins a respeito dele? Por que é que eu simplesmente não conseguia mais tirá-lo da cabeça, mesmo sabendo que ele é só um estranho que sentara ao meu lado no avião, e que agora havia me reencontrado na rua?

É estranho perceber que de repente, uma simples pessoa do nada passa a ter um significado na sua vida, ainda que ínfimo. Todos os dias andamos por aí, passamos por incontáveis vidas passeando na calçada e não nos damos conta que cada passo dado por elas já foi — ou ainda é — dado em alguma direção.

Nós nos policiamos para não observarmos a vida alheia, de tanto que já não observamos a nossa própria. Quem somos, afinal? Saias, sapatos, cabelos e óculos escuros tentam nos mostrar quem somos, mas meio que nos camuflam. Escondemos nossas vergonhas, nossos olhos vermelhos, nossas espinhas na testa.

Escondemos tudo a nosso respeito como se fugíssemos o tempo todo de alguém ou algo, e de fato. A menina naquele rosa berrante talvez deteste rosa, mas igualmente detesta a solidão ao não ser notada; aquele cara de preto ao sol do meio-dia talvez só não sinta calor, mas por que teimamos em achá-lo exibido ou exagerado? Independente do que aparentamos

ser, nossa real essência sempre se é captada por alguém à nossa volta e sim, há sempre alguém olhando.

Por que nós não conseguimos nos ver, já que estamos tão perto de nós mesmos? Dizem que quanto mais perto se chega de uma coisa, mais difícil fica de se enxergar, a vista perde o foco e tudo parece embaçado; e até mesmo nossos sentimentos podem ser ludibriados por algum tempo.

Mas muitas vezes, é só de um pequeno tempo que precisamos pra perceber que alguém não é de boa índole, isso fica implícito, uma marca vermelha na testa. É difícil discernir o que é sentir do que é julgar e por Deus, longe de mim julgar alguém. Mas em alguns casos, só sei que sinto. Perdoe.

Foi bem o caso do Carter.

Caramba, como pode? Uma hora atrás, um cara passou na rua por mim e me jogou numa lata de lixo. Fiquei suja, repleta de maus sentimentos e agora, subitamente depois de sacudir a cabeça, decidi esquecer.

❀

Sexta-feira. Com cadernos na mão, cigarro no canto da boca e óculos escuros, esperava a Roxie sentada nos degraus da escada à frente da minha casa. Conforme ela comentara comigo via internet na noite anterior que teria que resolver uns assuntos na Universidade, aceitei de pronto a carona que me oferecera logo em seguida. Tinha aula às duas em ponto, e após uns dez minutos de espera, às uma e vinte, ela parou o carro buzinando duas vezes para mim, que me ergui e entrei no veículo.

— Boa tarde, Abby. Você está bem bonita hoje.

— Sério? — disse surpresa, antes de agradecer. Eu estava trajando uma roupa bem simples: um vestido leve e longo, cor de creme com estampas em forma de manchas alongadas cor de café. Pusera uma tiara na cabeça, em cima da qual agora colocava os óculos.

— Então, que assuntos você tem para resolver na Universidade? — perguntei, puxando assunto.

— Tenho que forçar um professor a me dizer o que está

errado no meu relatório de Prática de Leitura. Mas creio que termino logo com isso. E você, ansiosa?

— Não muito. Acho que não vai ter muita coisa hoje. Tenho três tempos de uma disciplina só.

— Qual?

— Prática Monitorada de Pintura.

— Não faço ideia de quem lecione. Mas bem, se quiser, eu posso te esperar pra te dar uma carona.

— Não precisa, se for pra você ficar horas me esperando.

— Não seria incômodo; não tenho nada pra fazer. Depois, podemos dar uma volta pela Universidade, se quiser.

Eu achava graça no jeito encabulado da Roxie me fazer convites. Sorri pra ela, e disse:

— Certo então.

Pouco tempo depois, me despedi da Roxie na entrada do túnel de acesso à passarela que levava ao "coliseu". Notei que já havia uma movimentação bem maior no campus, e eu não seria capaz de contar quantos rostos alegres eu via ali.

Todo aquele ar de felicidade, de energia jovem, de libertação me encheu de inspiração e, de repente (mais um de meus pressentimentos), eu senti que teria um ótimo começo de aulas. E foi de peito inflado que eu adentrei no círculo das Artes, e percebi um razoável fluxo de gente passando pra lá e pra cá.

Eram pessoas de sandálias, vestindo roupas cheias de excentricidade com um quê de simplicidade. Em sua maioria, eram garotas com suas saias longas, do mesmo tecido da minha, exuberando cores alegres e cheias de vida, assim como seus penteados, cada um mais diferente do outro. Me deparei com óculos de armação lilás, com gravatas sobre blusa branca e jeans, All Star's, tênis desfiados, pulseiras de toda a sorte de materiais e estilos, brincos de latão, colares de pedras polidas, cabelos com cachos perfeitos e brilhantes, outros lisos com as pontas cor-de-rosa, outros — de alguns garotos — armados com gel, e outros com franjas gigantes e postas de lado. Um sem fim de cores que me lembravam um aquário florido de peixes ornamentais e cintilantes me invadiu o olhar, que eu podia sentir brilhando. Porém, no meio de tudo àquilo, um rapaz em especial me chamou a atenção:

Ele estava sentado no batente da fonte, lendo um livro, aparentemente alheio a absolutamente tudo à sua volta. Cachos cor de ouro lhe caíam aos olhos, que eram azuis-piscina e faziam a água límpida da fonte parecer esgoto; o rosto possuía um formato muito definido e levemente quadrado, mas a simetria de suas formas retas compunha um perfil harmônico que emanava uma beleza simples, ampliada pelas finas lentes de seus óculos quadrados.

Um cigarro (isso parecia característica de quem estudava ali, a quantidade de fumantes era impressionante) estava aceso em um canto da boca; uma mochila verde e um pouco surrada estava encostada ao lado de sua perna esquerda, que estava cruzada à maneira masculina sobre a direita. Também usava tênis All Star, minuciosamente limpos.

O que me chamou a atenção não foi a beleza de seu rosto, nem as formas de seu corpo atlético — embora eu achasse que pra deus grego faltava pouco —, nem o seu modo charmoso de baforar a fumaça do cigarro. O que realmente me atraiu o olhar como um imã, fora sua simplicidade.

Veja só… estava vestindo uma camisa branca, sem estampa. As calças eram de um jeans nem folgado, nem justo nem muito folgado. No seu pulso, uma pulseira de couro preto estava amarrada dando um contraste com a sua pele alva. Em outras palavras, era simples, somente. Uma grande diferença despretensiosa em meio àquele amontoado de pessoas… "diferentes", algo que, sem querer, realmente me chamou a atenção.

Como ainda faltava cerca de quinze minutos para tocar o sinal e eu ter que rumar para — conferi o horário — a sala dois, resolvi dar um tempo por ali mesmo. *Coincidentemente* achei de me sentar perto do tal rapaz, que não pareceu notar minha presença.

Fiquei ainda um tempo olhando em volta, então comecei a procurar o maço de cigarros na bolsa, o que eu encontrei logo — e dessa vez, não fora intencional —, mas não achei em canto nenhum o isqueiro. E lá fui eu:

— Com licença. — disse, sutilmente para o rapaz. — Você poderia me emprestar o isqueiro?

Sem tirar os olhos do livro, ele pôs a mão no bolso e o reti-

rou. Eu ia estendendo a mão para pegá-lo, quando ele se virou pra me olhar. Naquele momento, o mundo parou.

Aquele rosto perfeito, aquele olhar de vidro, aqueles cachos dourados. Eles iam de encontro ao meu rosto, meu olhar de chumbo, meus cabelos ruivos, e assim travamos uma espécie de batalha silenciosa, sabe Deus contra o quê. Eu só sei que naquele instante, eu pisquei abobalhada e ri. Ri como criança que aplaude o mágico tirar um pirulito de trás da orelha, e ele riu também. Seus dentes perfeitos naquele sorriso firme brilhando mais do que o reflexo do sol nas gotas da fonte.

Passou uns segundos e ele disse:

— Afinal, por que estamos rindo?

— Não me pergunte! — eu disse, encabulada, correndo para colocar os cabelos atrás da orelha.

— Que engraçado. É só que eu olhei pra você e… senti vergonha, sei lá. — disse ele, retirando os óculos enquanto fechava o livro, escapando do meu olhar.

— Ai, ai…

— Bem, moça, como é o seu nome?

— Abby, e você, moço? Como é o seu nome?

— Ângelo.

Sabe o que eu disse sobre deus grego? Esquece. Anjo pra mim tava ótimo.

— Você tem um nome lindo. — comentei.

— Obrigado. Minha mãe conta que o pôs assim que eu nasci. Meu nome ia ser Heitor, mas ela, de última hora, achou que Ângelo seria melhor.

— Foi uma escolha feliz.

Ele sorriu, delicadamente encabulado e perguntou em seguida:

— Então Abby, seu primeiro dia de aula?

— Sim, sim.

— Que rumo da Arte você pretende seguir?

— Pintura e Artes Virtuais.

— Veja só: seremos colegas de classe em algumas disciplinas.

Ta'í uma notícia boa pra me deixar excitada.

— Também é seu primeiro dia aqui?

— Ah, não. Estou no terceiro período já. É que ficaram pendências do primeiro e do segundo que eu não pude cursar por uns problemas que tive. — respondeu ele, com simplicidade. Eu aproveitei enquanto ele falava para acender meu cigarro. Então, disse:

— Eu ia dizer que pena, mas está sendo agradável lhe ter por companhia.

— Digo o mesmo! Sabe, não conheço muita gente por aqui. Umas poucas pessoas.

— Nem me fale. Me mudei pra cá tem duas semanas, conheci uma menina e desde então ela tem sido uma viga pra mim. A única pessoa que tenho em toooda Montenegro.

— Ah, sei bem como é isso. Sabe, também não sou daqui. — disse ele, enquanto eu me mantinha hipnotizada por cada movimento de sua gesticulação. — Havia um bom tempo que não morava em casa, mas a vida me levou de volta até lá.

— Família?

— Sim.

Ele abriu o livro e de dentro dele puxou uma foto em que ele estava ao lado de uma bela garota loira, de uns dezessete anos. Ambos sorriam abraçados, com olhos semi-cerrados, provavelmente por causa da luz do sol; a claridade indicava um sol de quase meio-dia. Enquanto eu olhava a foto, ele disse:

— Essa é minha irmã. Ela foi atropelada por um cara que havia bebido demais, quando voltava da escola. Teve trauma na cabeça, que gerou uma amnésia. Algumas complicações posteriores a levaram a óbito.

Eu senti uma ponta de gelo atravessar meu peito. A conversa iria rumar para um lado desconfortável, mas eu decidi tentar não correr disso, era sempre bom procurar vencer a dor que repentinamente nos aparecia, então comentei:

— Eu perdi minha mãe num acidente de carro esse ano. Acho que posso lhe dizer que entendo o que você passou.

— É triste. — ele disse, pegando a foto que eu lhe estendia. — Alguém que não pensa direito de repente lhe toma alguém que você ama e você vê que não há nada que possa fazer a não ser aceitar, se conformar, e sentir saudades.

Não sei ao certo por que, mas nessa hora eu me lembrei da

Roxie. Isso meio que me inspirou a dizer:

— Mas precisamos seguir em frente, com força. Devemos guardar as lembranças felizes e levar a vida como podemos, procurando sempre pensar que aquele que nos deixou estaria orgulhoso de nos ver assim, felizes.

— É bem verdade. Mas bem, então tem pouco tempo que está aqui; onde mora? — notei com isso que ele, como eu, ainda não estava assim tão pronto para falar sobre as cicatrizes deixadas pelas garras da morte em nosso peito. Me ative a responder:

— Moro na avenida da Orla Norte, perto de uma panificadora.

— Ah, eu sei onde é, moro ali por perto.

— Mesmo? Que coincidência.

— Pois é.

Assim, a conversa correu fluentemente até o tempo que o sinal tocou. Assim, Ângelo e eu rumamos juntos para a sala dois, que ficava no segundo andar, perto da sala onde eu havia feito minha matrícula na véspera.

A sala era um bocado ampla, e muito bem iluminada. Janelões estavam dispostos na parede oposta, e por eles, nós tínhamos a visão de todo o lado do campus além do Coliseu. Na sala, não havia carteiras. Em vez disso, havia quinze cavaletes armados com telas de tamanho médio montadas em posição de paisagem, e frente a cada uma delas, altos bancos circulares de madeira.

Escolhi um bem ao lado de uma janela, e o Ângelo se sentou ao meu lado, puxando um pouco o cavalete para mais perto. Notei que no estojo de cada cavalete havia lápis para esboço e borracha para tela. Imaginando que logo na primeira aula teríamos que desenhar algo, me senti despreocupada: estava numa paz realmente propícia para a pintura.

Enquanto aguardávamos o professor, eu conversava abertamente com o recém conhecido, enquanto as pessoas à nossa volta se arrumavam também aos pares, conversando empolgadas entre si. Cerca de cinco minutos depois, percebemos a porta se abrir e alguém adentrar na sala.

Com um vestido esvoaçante, de decote em "V" e amare-

lo, num bruto e belo contraste com a pele negra, a professora Soraya entrou na sala e causou um silêncio profundo de admiração em todos. Eu achava particularmente interessante a aura de paz que aquela mulher emanava de cada cacho de seu longo cabelo reluzente, seu sorriso branco irradiando a todos quando ela disse:

— Boa tarde!

Alguns responderam, outros acenaram com a cabeça, e todos a observaram caminhar até o birô disposto à extrema direita da sala, ao lado do quadro negro para deixar sua bolsa, e caminhar um pouco pela sala, nos olhando enquanto o silêncio pairava sobre nossas cabeças. Por fim, levando uma mão ao queixo, ela falou:

— Bem, meus queridos, eu sou a professora Soraya. Conheço alguns rostos dentre vocês, e fico contente também de ver que outros novos vieram pra cá. Antes de darmos início à nossa aula, gostaria de esclarecer algumas coisas, e lhes dar uma ideia de como iremos trabalhar no decorrer do nosso curso. Vejamos: como já devem ter visto nos horários, estudaremos aqui a Prática Monitorada de Pintura. Bem, aqui observaremos a pintura de um modo geral, mais abrangente; é aqui que serão, digamos, testados com relação a seu aprendizado. Gosto de contar que quando entrei para o corpo docente, me reuni com a Coordenação do curso para discutirmos acerca de como essa disciplina deveria ser lecionada. O modelo antigo sugeria que vocês fossem estudar comigo aí por volta do terceiro ano, quando já tivessem absorvido um bom conhecimento acerca dos conceitos clássicos de grandes mestres da Arte e, com isso, fossem capazes de caminhar com suas próprias pernas. No entanto, eu creio que a pintura em si requer uma sensibilidade, e que mesmo o mais sensível dos artistas necessita de prática para aperfeiçoar suas obras. Assim, entramos em acordo:

E em seguida, ela apresentou os termos do acordo:

— Em outras disciplinas vocês aprenderão determinados conceitos e técnicas. Aqui, as praticarão e serão submetidos a constantes avaliações para que se deem melhor nas outras disciplinas. Assim, teremos aulas bem abrangentes: falaremos

ora de História, ora de Teoria, ora apenas de prática, e eu os ajudarei a manter o traço na linha correta. Desta maneira, suas notas comigo também serão bem subjetivas. Como artistas em potencial, creio que já compreendem que a interpretação da Arte é algo que vai de pessoa para pessoa, e eu terei que lhes cobrar certos detalhes a fim de lhes aprimorar cada vez mais e melhor. Procurarei levar nosso curso em conjunto com o curso dos outros professores, a fim de fazermos algo realmente homogêneo, mas também trarei coisas novas para vocês. Eu acredito que a arte deve ser livre, mas concordo que vocês têm mesmo que aprender certas bases se quiserem seguir nesse caminho, e são para essas bases que estarei puxando sua atenção e suas orelhas. Por fim, o que quero dizer é que aqui vocês serão mais livres para criar. Algumas vezes, pedirei temas, modelos e conceitos específicos, em harmonia com o que vêm aprendendo nas outras aulas e os avaliarei por progresso. Alguma pergunta?

Ninguém na sala pareceu ter nada a questionar. Todos apenas pareciam absortos com aquele timbre grave da voz da professora, que falava o tempo todo radiante, apaixonando a todos com a beleza dos seus gestos leves e delicados. Como se sincronizadas, a minha mente e a do Ângelo pareceram perceber exatamente a mesma coisa, mas foi ele quem primeiro comentou, se inclinando para sussurrar em meu ouvido:

— Se me perguntassem, eu diria que essa mulher é uma fada.

— CAPÍTULO NOVE —

Relicário

A tarde da sexta ia seguindo rápida, devido ao meu estado absorto por causa das palavras da professora Soraya. Enquanto falava, ela ia andando a passos lentos, por todo lado da sala: frente, entre os cavaletes, lá no fundo, ao meu lado, perto da janela. E eu, no meu lugar, os olhos brilhando para a carga filosófica que, inevitavelmente, guiava meus pensamentos até a Roxie, que era deste mesmo jeito.

E a professora ia dizendo, naquele momento:

— É importante ver que também temos uma carga de filosofia por trás de cada pintura, cada escultura, cada xilogravura, cada mosaico, enfim. Cada forma de expressão artística detém um "quis dizer" nas suas entrelinhas, à sua própria maneira. Portanto, é deste ponto que estaremos começando a tratar hoje: os sentimentos que impulsionam a arte. Nosso intuito será debater, e nosso primeiro tema será almas gêmeas. Balela, alguém diria. As pessoas contaminaram tudo o que conseguiram tocar, desde a própria Arte até os sentimentos. Deixaram claro que para existir, era preciso base de prova, desmentiram a alma falando de Química, assassinaram Deus falando de macacos, e impuseram o Caos como o verdadeiro senhor de todas as coisas. Pois bem, pessoalmente, eu creio que as pedras que movem ciência e religião despencam de mesma altura, mas em ladeiras diferentes, confundindo todos que procuram respostas, inclusive eles mesmos. Todos procuram na física explicação para os milagres e, assim, não percebem que assumem com isso que milagres existem. Outros, afirmam que milagres são fatos inexplicáveis e concordam, com isso, que são ignorantes. Por que, se tudo tem uma explicação, por que seria diferente com os milagres? Por outro lado, por que é que tudo teria que possuir uma explicação? Perdemos tanto tempo

em busca de respostas em uma série de perguntas movidas por mero e mesquinho orgulho que nos esquecemos do ponto crucial para se observar: esquecemos que independente de como é feito, o vidro não deixa de ser bonito. Que saber se ele é sólido ou líquido seja um conhecimento a mais, seja um fato para deixá-lo ainda mais interessante. Por que devemos perder tanto tempo massacrando a fé de gente que simplesmente quer ter fé, por que devemos tentar convencer céticos se eles gostam mais da estrutura do que da fachada?

Fascínio era a palavra que descreveria a turma diante daquelas palavras. E tinha mais:

— Gosto de pensar que Deus é Deus e fim da história. Que me importa a forma que Venha a ter? Um átomo, uma reação, um velho barbado, um brilho no centro do universo. Olhemos à nossa volta, vejamos a perfeição que emana das flores e dos insetos; vejamos a nossa casa, vejamos o nosso conhecimento, a simetria perfeita entre horizonte e firmamento: o começo de uma metade quando a outra metade se encerra. Podem me perguntar o que isso tudo tem a ver com Arte, e eu lhes responderei: é que nós, artistas, estamos — modestamente — acima disso. Nós observamos as linhas e percebemos sua estrutura, mas nossos olhos não se esquecem da beleza. Às vezes, um quadro de um iniciante não obedece a linhas perfeitas de perspectiva, mas aquele jardim fora pintado com tanto sentimento que suas cores simplesmente nos fazem esquecer da perfeição para assimilar que a imperfeição é igualmente bela. Nós, humanos, somos belos. Belos porque há o nosso lado podre. Somos belos porque temos fome, frio, inveja, maldade. Somos projetados pra viver sozinhos, predadores, autoritários. Por quê? Porque tudo isso nos foi dado pra que vejamos que a luz brilha mais nítida no escuro. Passamos nossas vidas em busca de um par perfeito porque sabemos como é a dor da solidão: nascemos com isso. Lembram? Imagem e semelhança. Até Deus se cansou de ser sozinho, por que nós não? Por que não deveríamos amar, nos apoiar, nos doar, sentar e chorar? Temos tudo à nossa mão. O certo e o errado, e dentro de cada um de nós, eles se mostram como uma balança. Por mais que ajamos como selvagens. Até os selvagens têm sentimento,

e nós, por Deus, nós somos repletos disso. E esses sentimentos giram ao nosso redor como um campo magnético, isto se projeta de dentro de nós e nos circunda, formando nossa aura. Como pacotes de elétrons viajando por linhas que ninguém vê, nós temos nossas sensações, e este ponto em particular nos leva ao tema que eu propus lá no começo: falemos, finalmente, de almas gêmeas.

Ela repousou a mão direita sobre o birô, enquanto gesticulava suavemente com a outra nos olhando nos olhos, dissertando imersa em universos que nos absorviam, embora não fossem realmente fáceis de se contemplar. Até ali, eu já tinha percebido de que era preciso concentração para assistir àquelas aulas; de outra maneira, seria impossível perceber de onde vinha, por que razão vinha cada uma das frases fixadas no discurso da professora. Olhei pelo canto do olho para Ângelo, que estava extasiado. Ele parecia ter uma percepção acho que sensível ao toque; parecia haver um canal natural de seus ouvidos com a mente da professora.

Tomando cuidado para não me distrair demais olhando aquele homem, retomei o foco enquanto a professora falava:

— Quando paro pra pensar a respeito do assunto, eu sempre penso que não existe um único amor para a sua vida. Somos todos capazes de conhecer o amor das nossas vidas… várias vezes. Não deixe que lhe digam que por você não tomar atitudes que achou que não tomariam, você nunca se apaixonou de verdade. Você sempre sabe quando isso acontece. Nós sentimos no nosso cerne cada grama de sentimento nos arrebatando, então o que sabem os outros a respeito do que se passa no nosso coração? Conforme eu quis dizer anteriormente, tudo não passa de rótulos que nos foram impostos. Os humanos rotularam tudo, em absoluto. O sofrimento deve ser por algo grande; o sorriso, por algo realmente engraçado, ou não é verdadeiro. O amor, de homem para mulher, sofrido, relativamente velho, vencedor de inúmeros obstáculos que provem que ele é verdadeiro. Por quê? Pra mim, o amor puro é aquele das duas primeiras semanas, onde você não se aguenta de saudades, quando você mal pode esperar pelo celular tocar, olha a cada cinco minutos a caixa de entrada o e-mail, dorme pen-

sando, acorda lembrando, as pernas ficam bambas, o coração dispara e a vista brilha. Com quantas pessoas não sentimos isso, caros artistas? Essa é a verdadeira Paixão, esse é o amor despreocupado. Concordo que não devemos banalizar o "eu te amo", que isto deve ser dito apenas quando se verdadeiramente se ama, incondicionalmente, independente de por quem seja, e de como tal alguém é. Mas por que devemos sofrer primeiro pra poder dizer que amamos? Isso não está certo.

Enquanto a professora fazia uma pequena pausa, a turma ia absorvendo aquelas palavras.

— Então vivemos nossas vidas, e encontramos vários amores. Dentre muitos, nossas almas gêmeas. Estas podem se completar. Em geral, isso realmente ocorre; em outros casos, são tão parecidas que a polaridade não permite sua aproximação e a coisa não dá certo. Mas o fato é que quando duas almas ditas gêmeas se encontram, tudo o que gira em órbita de uma termina sendo atraído à orbita da outra. Pessoas que marcaram a vida da primeira de repente saltam aos olhos da segunda; sentimentos profundos aparecem a quilômetros de distância, e mesmo que a razão acuse tolice, o coração diz "vá em frente". Não se é impossível pôr rédeas no amor, mas é algo brutalmente difícil. Neste ponto, meio que sintetizo tudo o que falei: o que nos importa é olhar a beleza primeiro. Sendo esta, de fato, reluzente, todo o resto já vale a pena. Antes de julgar um amor e condená-lo a falso ou promovê-lo a verdadeiro, devemos observar se é amor em si. Como pode o amor ser feio? Se amor, que me importa de quem seja? Ainda é vidro, ainda é bonito. Falamos de Deus, falamos de ciência, de fé, de física, química pra chegar no seguinte: no caso do amor, vejam bem, não importa muito a estrutura, o que importa é mantê-lo vivo, a salvo de rótulos medíocres.

Quando ela finalmente fez uma pausa, o que restou à turma foi aplaudir. Eu batia palmas euforicamente, sorrindo para a beleza do significado de todas aquelas palavras, de todo aquele contexto. Havia muitos e muitos pontos naquele dito que levariam a horas sem fim de discussão, de debate e até de discordância, mas eu aplaudia porque entendia o que ela queria dizer. O Sr. Manson até me falara certa vez: "somos casca.

O que importa é o que está por dentro".

Assim, após nos agradecer os aplausos e consultar o relógio, ela disse:

— Eu gostaria de pedir que pensassem no assunto, e me fizessem uma tela com esse tema todo. O que pra vocês pode melhor representar esse amor? Não se preocupem se a pintura for muito pessoal. Não se preocupem em deixar seu significado claro demais. Apenas façam. E eu gostaria de recebê-las para a primeira aula daqui a duas semanas, tempo o suficiente pra pensar no que pintar. Será a nossa primeira avaliação, e até lá, trabalharemos outros assuntos paralelos conforme combinamos. Estão dispensados.

Muito antes do sinal tocar, ela dispensou a turma julgando termos o suficiente para pensar. Conforme ninguém se habilitou a acrescentar algo ao que ela propôs como debate, e eu e o Ângelo, ainda maravilhados, nos levantamos dos bancos e nos dirigimos para a saída, ouvindo um "até logo" da professora, sempre sorridente.

Os comentários por todo o corredor se assemelhavam aos nossos:

— Caramba… que aula mais…

— Fantástica. — completei a frase do meu colega, enquanto descíamos as escadas espirais para alcançar o pátio.

— Pois é. Por um momento, eu achei que ela tinha se perdido na conversa, mas depois ela volta amarrando todas as coisas que havia dito. Perfeito! — comentava ele, com entusiasmo.

— Nem me fale. Dá pra pensar que o tema da aula foi muito mais amor do que alma gêmea, como ela havia dito. Mas se a gente for observar, se todos os sentimentos giram à nossa volta, com o amor não seria diferente. E tipo, se ele está em nossa órbita, é natural que atraia outros que "vibrem" na mesma proporção gratuitamente, nos levando a uma pessoa que possua tais vibrações, ou seja…

— Alma gêmea. Fato! — concluiu o Ângelo pra mim. Eu sorri, e vi que nossos pensamentos eram, ironicamente, pertencentes à mesma frequência, por assim dizer.

Durante todo o longo trajeto do Coliseu até o primeiro pá-

tio à entrada do Campus, fomos conversando assim, um completando inúmeras frases do outro. Rimos à beça, e até conversamos sobre os nossos planos para a tela requisitada pela professora Soraya. Ele me falou algo sobre pintar qualquer coisa relacionada à irmã dele, a que morrera depois de sofrer um acidente e perder a memória. Eu ainda não tinha exatamente ideia nenhuma sobre o que iria pintar e, por isso, agradeci pela professora ter nos dado um bom tempo para confeccionar a obra.

Assim, quando o sol já derramava seus mais dourados e derradeiros raios sobre o vasto e bonito gramado da Universidade, paramos na escadaria de entrada, onde eu esperaria pela Roxie. Fiz isso conversando muito com o Ângelo, que levara o assunto para o endereço dele, e bem na hora em que ele tentava — a muito custo — enfiar na minha cabeça onde era que ficava a casa dele que a Roxie chegou.

— Olá! — exclamei ao vê-la chegar, a franja enlouquecendo por causa do vento, cigarro entre os dedos e mochila passada por apenas um dos ombros. Ela sorriu pra gente e perguntou:

— E então, como foi a aula?

— Perfeita — eu disse, sorrindo largamente. — E a sua?

— Eu preciso de férias. — sentenciou a Roxie, nos fazendo rir.

Como eu era realmente boba pra dar risada, demorei um bom tempo rindo (e como sempre, a última a parar), só então falei:

— Roxie, este aqui é o Ângelo. Um dos meus colegas de classe.

— Prazer, Roxie. — disse o Ângelo, e de seu jeito cavalheiro, ele tomou a mão dela, e a beijou. Cena rara de se ver, especialmente porque a Roxie sorrira cândida para ele, dizendo:

— É todo meu.

— Ele mora perto lá de casa. Em que rua mesmo? — eu disse, fazendo-o rir.

— Rua da Matriz, eu sei — disse, para a minha surpresa, a Roxie. — Prédio Dois, apartamento dois meia quatro.

— C-como sabe? — perguntei, boba.

— Ele mora dois andares abaixo do meu. — disse a Roxie,

rindo.

Eu olhei dela para o Ângelo, que disse:

— É, mas nunca nos falamos. Mas nos encontramos algumas vezes nos corredores.

— Ok, isso é que foi inesperado. — eu disse.

Ângelo sorriu, e a Roxie disse:

— Bem… Ângelo, né? Me perdoe a chatice, mas vou levar a moça aqui comigo. Não posso demorar muito, uma sexta-feira só e já tenho o que estudar pela vida inteira. Vamos?

— Sem problema. — disse ele.

— Nos vemos na segunda, então? — perguntei.

— Sim… até lá.

— Já ia esquecendo. — disse Roxie. — Aceita carona?

O Ângelo pôs a mão no bolso e puxou uma chave de carro, e disse:

— Não, obrigado. Mas valeu a intenção.

— Disponha. — disse ela, dando as costas e descendo as escadas.

O cinza-chumbo da minha íris mirou aquele azul-celeste novamente durante a despedida, e antes que eu corasse, acenei, disse tchau e desci as escadas para acompanhar a Roxie.

Ao entrar no carro, acendi um cigarro e ouvi a Roxie comentar, daquele seu jeito alheio, enquanto olhava para trás dando a ré:

— Ele é bem bonito.

— E não é? — eu disse, rindo.

— É sim. E eu tenho uma notícia.

— Sério? Qual?

— Conversei com meu professor, que é o mandachuva da editora da Universidade. Ele disse que está aguardando o original do livro. Me assegurou prioridade na avaliação quando os escritos estivessem prontos.

— E você vai mesmo estudar hoje? — eu disse alto, fazendo-a ter um sobressalto. — Hoje você vai comemorar comigo, na minha casa!

— Mas…

— E nem venha! — a interrompi, sacudindo o indicador na direção dela. — Você pode até escolher o vinho que quiser.

Ela riu disso, e por fim concordou.

"Ok, ok! passo na sua casa às oito em ponto, então.

Eu sorri triunfante, e depois o assunto não foi outro: Ângelo.

Até em casa, eu entupi os ouvidos da Roxie sobre como ele me chamara atenção desde a primeira vista, como eu e puxei assunto, como eu achava interessante o seu jeito centrado e simples de ser, o modo como ele conversava, sua eloquencia, sua desenvoltura. E a Roxie lá, pegada no volante, me dando atenção do seu jeito distraído, ora comentando, ora não… e eu falando pelos cotovelos.

Ao terminarmos o trajeto, entrei em casa e me despedi brevemente. Preparei um qualquer coisa pro jantar, tomei banho e me pus a esperar pela Roxie. Nem um minuto a mais, quando o relógio indicara as oito horas, ouvi uma buzina do lado de fora, pouco depois, a campainha. Certa de que veria a Roxie do lado de fora, uma surpresa: ela estava lá, certo. Mas estava ao lado de ninguém menos que o Ângelo, sorridente detrás de seus óculos quadrados.

— Ué… por esta eu não esperava. — comentei cumprimentando-o.

— Ela me convidou. Achei que seria interessante aceitar. — disse ele, com aquela voz macia de provocar arrepios. Olhei para a Roxie que erguia uma garrafa de contornos delicados de vinho tinto bem na frente da minha cara:

— *Esse* aqui é bom. — disse ela, me dando língua. Eu ri, e disse:

— Tá, tá… mas me diz, o que é que você tem aí na outra mão? — perguntei, ao perceber uma sacola de papel reciclado, em tamanho médio.

— Já mostro.

Fiz uma cara emburrada pra ela de brincadeira, e gesticulei pra que entrassem. Rumando para a cozinha — a verdadeira sala da casa —, ouvi o comentário elogioso do Ângelo a respeito do meu lar:

— Você tem um lugar bem legal aqui.

— Obrigada. Sabe, foi uma luta achá-lo. Não fosse a Roxie, talvez estivesse morando em Nova Esperança agora.

Ele sorriu, e eu fui pressionar a Roxie enquanto colocava um balde e o entupia de gelo:

— Vamos, Roxie, acabe com o suspense.

Ela pôs a sacola sobre a mesa, e retirou outra garrafa do mesmo vinho, dizendo:

— Bem, primeiro tem essa outra aqui. Ponha no balde, sim? Obrigada — completou quando eu peguei a garrafa e a colocava dentro do balde com gelo, enquanto passava ao Ângelo a tarefa de abrir a primeira garrafa. — E depois…

Ela retirou com delicadeza uma caixinha de madeira cuidadosamente trabalhada e realmente bonita, medindo uns trinta centímetros de comprimento, por dez de altura e quinze de largura. Entalhes em algum material que parecia ouro desenhavam ramas por toda ela, que possuía também uma diminuta fechadura em seu centro.

Ante o meu olhar maravilhado, a Roxie respondeu à minha pergunta feita posteriormente, com um ar de orgulho:

— Isto é um relicário. Não posso dedicar o meu livro a mais ninguém antes de você, Abby, portanto lhe trouxe isto. Quero que guarde com você os originais dos mais belos poemas que eu fizer, e bem, quem sabe, lembranças de nossa amizade. É um presente. — ela tirou um cordão muito fino, delicado e prateado do pescoço, no qual pendia uma chavezinha também de prata; me estendeu o colar, que refletiu o brilho da lâmpada no teto, mas fora pouco. Bem mais eu sei que brilhavam os meus olhos diante de um gesto que pra mim era tão bonito. Nessa hora, penei pra não chorar.

E minha reação fora outra: rapidamente, saí de onde estava e envolvi a Roxie num abraço tão repentino que ela nem o devolveu a princípio, e ficara ali, de braços meio abertos. Pelo reflexo na janela, eu vi que ela então sorriu, e me abraçou de volta dizendo:

— Mas pelo amor de Deus, não vem chorar não.

Era tarde.

Soltei a Roxie, e tentei começar a dizer o quanto eu achava importante tudo aquilo, mas ela logo me mandou ficar de bico fechado, porque não nadava direito e se eu fosse falar muito, afogaria todo mundo por causa do choro.

Me recompus e o Ângelo propôs alegre um brinde, nos entregando as taças. As erguemos no ar, e eu disse:

— Ao livro da Roxie.

Assim que o tilintar do cristal fora ouvido, e nós descemos o primeiro gole, o Ângelo perguntou:

— Pelo que vi, será um livro de poesia. E como será o nome?

Ela lançou um olhar que foi de mim à caixinha de madeira, e disse:

— Relicário.

Talvez o Ângelo não tenha, a julgar pelo seu "bom nome", mas eu, que sempre observava o jeito peculiar de ser da Roxie, percebi que ela havia acabado de escolher o nome. Mais uma vez, me senti feliz em tê-la como amiga, e agradecia a Deus por este presente; era tudo que eu precisava.

Assim, a noite foi se passando por entre cigarros, vinho e conversa, muita conversa. Contei ao Ângelo a minha trajetória desde Malta, minha cidade natal, até a Ilha de Montenegro; contei como conheci a Roxie, e como ela me salvou de uma tristeza profunda, e como as coisas haviam sido até o presente momento.

Ele, por sua vez, compartilhou um pouco mais da história de sua família, os motivos dele querer se tornar um pintor. Como era de se esperar, a Roxie não falou um grama de seu passado, o que eu notei, mas deixei passar. Ela tinha o direito de não dividir tudo conosco. O problema é que isso só fazia crescer em mim a impressão de um passado realmente doloroso, que ela quisesse esquecer e, de fato. Ela já me tinha dito algo a respeito.

Roubando a cena, o Ângelo falou algo que me interessou bastante, ainda na parte de suas motivações:

— Bem, e como acho que todo aspirante a artista do nosso país, eu também sonhei em ter uma exposição no Salão Circular.

— Ha! Toooodos nós sonhamos. — eu disse.

O Salão Circular era a galeria de artes que tornava Montenegro tão famosa. Um imenso hall onde somente as obras mais sensitivas e temáticas eram expostas. Para nós, pintores,

seria uma espécie de Prêmio Nobel nacional ter uma exposição feita lá, o que significava também um prêmio simbólico da banca de análise.

— Não sabia que você era tão a fim dessa galeria, Abby. — disse a Roxie.

— Mas saiba que sou. Ainda não a visitei porque li há um bom tempo que ela havia fechado para uma reforma na estrutura, no sistema de segurança, no prédio inteiro, enfim.

— E ainda não acabou — informou Ângelo. — Ouvi dizer que vai reabrir por volta do final do ano.

— E eu estarei lá! — eu disse.

Conforme a conversa caíra no assunto da pintura, eu trocava informações fluentemente com Ângelo, e a Roxie comentava alguns pontos que ela conhecia — e estes eram um bocado. Nosso amigo já estava à minha frente no curso, então sua carga de conhecimentos era um pouco maior, e eu ficava maravilhada em assisti-lo expondo o que já havia estudado.

Conversamos ainda um bocado. Foi quando falamos de Renascimento que vimos que ficaríamos horas a fio ali. Foi aí que decidimos estudar juntos quando chegassem os testes.

Por volta de meia-noite, eles se prepararam para ir embora, e eu agradeci à Roxie mais uma vez pelo presente, e relembrei o motivo da comemoração, dizendo que estava ansiosa para ter a primeira cópia autografada de sua obra.

Acenando tchau da porta de casa e recomendando cuidado, vi os dois rumarem para o carro, e partindo. Entrei em casa, e fui dar um jeito na cozinha, meio tonta do vinho. Meu olhar recaiu sobre o relicário e a chavinha no cordão sobre ele.

Carinhosamente, rodei a chave na fechadura e o abri. Dentro, já havia um papel dobrado, que eu reconheci como uma fatura detalhada de telefone. Ao abri-la, foi impossível não sorrir, apesar de um detalhe triste que notei.

Destacado com marca texto estava a data e a hora da ligação errada que eu fizera para o apartamento da Roxie, a duração e o número que ligara, que eu reconheci imediatamente como o número da pensão da Dona Magda. Na parte em branco da fatura, estava escrito com a letra fina da Roxie: *"O começo de tudo"*.

O detalhe pesaroso que eu vi foi que a Roxie não precisaria realmente ter usado um marca-texto para destacar a ligação: ela era a única que constava naquele mês.

Ainda assim, num suspiro contente, eu olhei para o teto branco da cozinha e disse, num murmúrio sussurrado: "Deus, obrigada. Simplesmente obrigada".

❀

Os dias foram passando depressa depois dessa noite. Na segunda-feira, não vi o Ângelo, e fiquei imaginando quais seriam os dias em que assistiríamos aula juntos. Devido à correria que começara a se tornar a vida da Roxie, também não a via muito. Para compensar, eu mandava mensagens de texto via internet para o celular dela, para demonstrar que eu continuava ali pra quando desse.

Andava contente, passeando leve pelos corredores da Universidade, ostentando uma expressão tranquila, em paz. Naquela tarde, rumei para a sala dos armários do coliseu e abri o meu, para guardar materiais extras de pintura que havia comprado para não ter que ficar sempre trazendo os meus de casa. Ao abrir a porta, me deparei com um vão vazio, exceto pelo pequeno envelope preto que lá estava.

Franzindo as sobrancelhas, o tomei na mão e observei o selo feito de cera escarlate. Abri-o. Dentro, um papel azul-elétrico fazia um imenso contraste com o preto do envelope. Assim que meu olhar bateu, reconheci a letra na mesma hora: a Roxie era muito clássica.

A primeira frase do papel dizia: *"para o relicário"*. Seguia o seguinte texto:

Aqui…

…Há.

Há algo que se mexe dentro de mim… bem aqui, na altura do peito. Há uma voz que fala na noite, de dentro da minha cabeça; bem aqui, também na altura do peito. Há um silêncio que deixa o quarto mais solitário… bem aqui, na altura da sua

ausência.

Quanto tempo faz? Horas, minutos e todos os clichês de tempo não são hábeis para discernir quanto tempo você está distante; eu continuo acordada por horas, na esperança… se eu me deitar, haverá minha mão direita aberta estendida no lado direito da cama, bem onde você deveria estar. Haverá a porta do quarto aberta, bem por onde você deveria entrar…

Daí eu olho o escuro e lembro do seu rosto. De olhos abertos ou fechados, é como se tudo fosse um painel neutro, esperando tuas formas tomarem forma, da forma mais perfeita que se pode ser… sacudo a cabeça, passo a mão no rosto, recolho a mão aberta, esqueço a porta… viro os olhos para o teto.

Porque também haverá o teto. Branco como a sua lembrança… algo que falta ser completamente preenchido por cores e vaga-lumes, e as habituais borboletas do inverno — ou quem sabe por seu rosto outra vez? Por que há um teto que eu gostaria de dividir… aqui, bem na altura do meu pensamento.

Não, o céu não é o meu limite… o meu limite é o teu "não" silencioso. Sempre que eu tento me fazer de todo sua, sempre que eu tento dar mais um passo… quantos passos faltam? Nem faço ideia, porque há uma gigantesca escada pra mim… aqui, do tamanho do seu sentimento.

E eu escalo a tua montanha, envolta no frio que me cerca… cada pequena palavra é mais uma semana de mantimentos, mas nunca mais um cobertor para os fortes ventos que me massacram… o que será que verei ao chegar ao topo? Na verdade, o que seria o seu topo? Talvez um belo pôr do sol para nós… porque há o tempo que se esvai… aqui, bem do tamanho da minha fraqueza.

Não sei dizer o que em mim me faz querer viver… viver somente para ti, para te contar as novidades do meu dia, para exaltar toda a minha tristeza arredia e aclamar a felicidade por estar, por algum tempo, mais próximo de ti do que a vida por enquanto conseguiu permitir. E eu não consigo mentir, nem ocultar os fatos… lhe encho de mim? Esta é bem a ideia…

Invadir cada centímetro do seu ser… transportar o meu ego para junto do seu, ser o que quer que seja, mas ser sua posse, baseada na minha inocência. Que ralhem-me os que creem que

não há valor pra mim, da minha parte… eu só quero ter um pouco mais (gradativamente) do elixir da alegria, da força que me contamina, do futuro que eu planejo.

Por que há o futuro, e há você — e há você no meu futuro… aqui, bem do tamanho do meu desejo.

Roxie.

Sorri para as palavras contidas no papel e dobrei-o com cuidado, repondo-o no envelope e depois dentro do armário, junto com o material. Eu achava impressionante o fato da Roxie conseguir se colocar tão bem numa situação a qual ela não vive. Certa vez, ela me falara que consegue sim ser uma escritora "contadora de histórias", que apenas escolhe o tema e a caneta trata de compor o resto, sobre o que quer que seja.

Recordo que ela dissera na mesma ocasião que não gostava muito disso. Era preciso uma inspiração "imperdível" para fazê-la escrever sobre algo que não viva, assim ela permaneceria verdadeira, autêntica, e cada vez mais os futuros leitores de seus textos veriam que aquelas linhas expressavam a realidade dos sentimentos ao invés de ser apenas um amontoado de palavras falando coisas bonitas.

Cada texto dela que eu lia, interpretava com o coração. Nas vezes em que parávamos para conversar a respeito deles, a Roxie gostava das minhas interpretações porque lhe pareciam sinceras, sem se preocupar em saber se estavam certas ou equivocadas; e quanto a este detalhe em especial, ela jamais me comentara se eu havia interpretado algo errado, e me cabia apenas achar que não. Eu sei que sorridente e pensativa, subi as escadas espirais para a sala onde teria a primeira aula de História da Arte e Estética do trimestre, e eu estava realmente ansiosa por ela.

Entrei na sala quatro, conforme indicava meu horário, e procurei uma cadeira mais ou menos na metade da sala, também colada à janela da parede oposta à porta, de maneira que eu tinha a visão do jardim anterior inteiro do Campus, além de que uma ventilação a mais do que somente a dos ventiladores de teto da sala.

Conforme não conhecia ninguém, fiquei ali no meu birô,

que era de madeira reluzente, com uma extensão de um metro, mais ou menos: espaço o suficiente para espalhar os livros requeridos pelo professor, que chegou dez minutos depois informando que seria naquela sala que teríamos boa parte das aulas teóricas.

Achava interessante o modo como as aulas que eu havia tendo eram lecionadas. No caso desta, de História da Arte e Estética, fizemos uma viagem extensa pelos primórdios da arte das cavernas, passando pelas esculturas misteriosas dos desertos longínquos, onde em pedras estavam gravadas imagens de "astronautas" toscos e interessantes, chegando ao Santo Sudário e, por fim, ao Renascimento.

Duas horas e meia de aula depois, saí para o pátio pelos dez minutos de intervalo até a aula de Desenho. Sentei à fonte e acendi um cigarro enquanto repassava mentalmente o punhado de informações passadas pelo professor Augusto, que nos pedira um relatório dos primeiros dois capítulos do livro-texto para a quinta-feira.

Perdida nos pensamentos, não vi que alguém havia sentado ao meu lado, tanto que demorei um pouco para responder quando uma voz familiar me disse:

— Com licença, você poderia me emprestar o isqueiro?

Me virei para um Ângelo sorridente, os cachos de ouro brilhando à luz da tarde que entrava pelo teto aberto do Coliseu.

— Mas aí está você! — eu disse, estendendo o isqueiro a ele.

— Me atrasei, hoje. Tive uns problemas com o carro, daí tive que passar na oficina. — explicou ele, daquele seu jeito calmo. Eu comentei:

— Não achei que o veria hoje.

— Bem, pelo que vi do meu horário, teremos aula junto nas segundas, nas quintas e nas sextas feiras. Você tem algum horário pela manhã?

Fiz um esforço para lembrar do horário, e constatei que não. Informei-o, e ele disse:

— Pena. Se tivesse, provavelmente seria na quarta feira, e teríamos aula de Desenho Técnico juntos.

— Não terei essa disciplina até o próximo trimestre — eu

disse. — Ei, por acaso você viu a Roxie por aí?

— Não. — ele respondeu à pergunta, e fez uma expressão diferente, meio que impressionada, não sei. Então, quis saber:

— Que foi?

Ele pareceu meio desconsertado, e disse esquivo:

— Quê? Ah, não… nada.

— Você ficou pensativo de repente. — eu disse, com um quê de insistência.

— Foi? — disse ele, tentando me dobrar.

— Sim, foi. — eu disse, mas não tive intenção de ir muito além disso. Deixei que ele desviasse o assunto e, salvo pela sirene da aula, ele me acompanhou de volta à sala onde teríamos a próxima aula.

Ao entrar na sala, tomei meu lugar no birô; Ângelo se sentou na mesa à minha frente, me dando a visão de suas costas malhadas e largas. Bom atrativo. Porém, meu olhar recaíra sobre a grama verde dos jardins lá fora, e minha mente fora tragada para outra leva de devaneios.

Por que eu tinha a impressão sempre de que todo mundo me escondia algo? A expressão do Ângelo, sei lá… pareceu algo a respeito da Roxie, se não me falhava o instinto. Roxie era sempre um mistério, sempre um pormenor nas entrelinhas. Que seria agora? Que seria tudo, aliás?

Tive uma aula bem interessante de Desenho, adquirindo alguns conhecimentos novos que eram minoria para mim, que já desenhava há um bom tempo e conhecia uma grande parte das técnicas de simetria que estavam sendo passadas pela professora.

Como a professora Soraya, ela aparentava ser bem nova. Usava jeans e salto alto, com uma blusa azul que, não pude deixar de notar, só a fazia parecer gorda. Num determinado ponto, a aula tornou-se desinteressante e minha mente começou a voar pela janela, flutuando de volta até os jardins. Assim passou o resto da tarde.

Após um aviso sobre mudança no horário — uma aula passara para a quinta de manhã, a de Desenho Virtual, excluindo a última aula da tarde do mesmo dia —, peguei meu material e rumei com o Ângelo para a saída.

Ao contrário de como tinha sido nos demais dias, desta vez fizemos o caminho muito em silêncio, e isso se deu mais por minha causa, que estava bastante pensativa embora admitisse que não houvesse mesmo um bom motivo para isso. Como de costume, ao chegar à frente do prédio principal, me pus à espera da Roxie, e o Ângelo me fez companhia. Estávamos conversando sobre o assunto de História da Arte, e ele disse que tinha um pouco de conhecimento sobre os temas abordados, portanto fazer o relatório não seria tarefa muito difícil.

Pouco depois, Roxie chegou com uma cara irritada, e disse:

— Ei, é sério. Alguém, por acaso, tem uma arma?

O Ângelo riu e eu perguntei?

— Por quê?

— Malditos vizinhos do andar de cima. Passei o começo da tarde inteiro tentando terminar um relatório de Prática, mas os bastardos e seu maldito som não me deixaram me concentrar.

— Aqueles caras são um problema. — comentou Ângelo.

— Nem me fale — disse Roxie. — Por sorte, a mãe deles parece que chegou e acabou com a farra. Quase não consigo terminar o troço a tempo de entregar. Pra completar, ainda tenho um resumo de três capítulos pra entregar amanhã de manhã. Eu mereço?

Eu ri de sua expressão raivosa, e carinhosamente endireitei sua franja, dizendo:

— Calma, por que não vamos todos lá pra casa? — propus. — Bem, eu tenho um relatório pra fazer, e o Ângelo também. Podemos estudar juntos, se quiserem. Assim você vai ter companhia e um lugar tranquilo pra estudar. Que me diz?

— Por mim, tudo bem. — disse Ângelo.

— É… por que não? — disse a Roxie. — Mas tenho que passar em casa primeiro.

— Certo, mas me deixa em casa antes, que eu vou adiantando algo pra comermos. — pedi, sorrindo. A Roxie pareceu mais maleável depois disto, e disse:

— Ok.

— E Roxie, hoje eu posso te… err, pedir carona? — disse o outro, tímido.

— Aham. Vamos todos, deixo a Abby em casa e voltamos lá pro prédio.

Olha, pra ser bem sincera, nessa hora eu tive uma ponta de inquietação que me fez passar boa parte do trajeto calada. Sem dar uma palavra, e tentando não demonstrar que algo me incomodava, eu fiquei até que algo inusitado aconteceu:

Um cara num conversível prata "trancou" o nosso carro numa curva, forçando a Roxie a dar um cavalo de pau quase cinematográfico. Meu corpo foi jogado com força contra a porta, me arrancando uma careta de dor e um grito de espanto; tinha motivos de sobra para temer acidentes de carro.

O cantar do pneu parecia estar rasgando meus tímpanos, e um medo absurdo tomou conta de mim enquanto eu cerrava os olhos em pânico, até que o carro parou e eu ouvi uma porta se abrir e em seguida, um brado encolerizado da Roxie:

— FILHO DE UMA PUTA, DESGRAÇADO DUMA FIGA! FICA AÍ, BASTARDO, QUE EU TE ENSINO UMA COISA!

De olhos fechados e lágrimas correndo por eles, eu estava paralisada, pregada no banco do carro, ouvindo os berros distantes da Roxie e sentindo o Ângelo me sacudir de leve, chamando pelo meu nome:

— Abby, Abby! Você se machucou? Abby?

Eu comecei a chorar; algumas imagens atordoantes me passando pela cabeça, a imaginação funcionando furiosamente, tecendo cenas do acidente que matara a minha mãe na minha cabeça, fazendo tudo ficar ainda mais assustador, deixando o Ângelo bem preocupado.

Então, eu senti que alguém pegava no meu rosto carinhosamente, e tremendo violentamente, eu abri os olhos para encarar aquelas safiras reluzentes a poucos centímetros de mim. O Ângelo tinha se inclinado para o banco da frente, e me dizia coisas que não chegavam aos meus ouvidos. Minha visão estava turva, e eu só via o contorno daqueles lábios perfeitos se movimentando muito próximos aos meus.

Senti o coração acelerar, e pisquei os olhos atônita, sem saber o que viria pela frente, sentindo apenas aquele êxtase se apoderando de mim à medida que o rosto do Ângelo ia fican-

do cada vez mais perto, cada vez maior. Aquele hálito morno tocando de leve as minhas maçãs do rosto, aquela mão de seda acariciando minha bochecha, aquelas palavras ininteligíveis a mim chegando aos meus ouvidos na voz de um anjo de cabelos de ouro e olhos de paraíso. Sentindo uma tensão perpassar por meu corpo enquanto um suor fino descia por minhas têmporas, observei que meu coração parecia querer tomar o lugar na minha garganta muda e agora seca, talvez drenada pela visão daquele rosto brilhante ficando perto, mais perto, cada vez mais próximo.

Fechei os olhos outra vez.

— CAPÍTULO DEZ —

Vento no litoral

"Calma, Abby, já passou".

Meu cérebro finalmente entendeu o que o Ângelo estava dizendo, bem na hora em que eu ouvi:

— Ora esse bastar…!

O Ângelo saiu da minha frente e eu pude ver a Roxie parada no meio do movimento para entrar no carro, com uma expressão de uma profunda surpresa no rosto. Estupefação era bem a palavra.

Depois de alguns segundos de silêncio, ela pareceu recobrar o raciocínio, e percebeu meu estado. Isso a fez logo dizer, enquanto lançava um olhar peculiar que ia do Ângelo a mim em milésimos de segundo:

— Abby, você está bem?

— Eu… estou, estou… só fiquei u-um p-pouco nervosa, só.

Eu olhei para os lados e vi um amontoado de gente nas calçadas olhando para o carro parado atravessado na rua. Por sorte, não havia praticamente tráfego nenhum àquela hora, mas ainda assim uma sensação ruim foi crescendo dentro de mim, e eu disse:

— Vamos, gente, vamos pra casa, por favor.

A Roxie suspirou e assentiu com a cabeça, fechando a porta do carro e dando a partida no carro. Eu me endireitei no banco, e só então percebi que durante o cavalo de pau, o porta-luvas havia aberto e praticamente cuspido um monte de papeis no meu colo.

Ainda trêmula, eu comecei a apanhar os que estavam espalhados sobre os meus pés, lá no canto abaixo do painel, no chão do carro. Endireitei todos, desamassei as orelhas de um bocado, organizei e juntei com os do meu colo; porém, no ins-

tante em que eu ia colocá-los de volta no porta-luvas, notei um olhar tenso da Roxie quando esta percebeu que eu havia notado uma bolinha de papel, desses reciclados, que a Roxie tanto usa em seus escritos. Curiosa, peguei o papel amassado, repus os outros no pequeno compartimento e disse à Roxie, indicando o papel:

— Posso?

Ela pareceu ponderar um instante, e eu vi que ela olhou para o espelho superior do carro, mirando rapidamente o rosto do Ângelo, que nos olhava com uma expressão curiosa. Por fim, ela disse: "pode".

Obtendo a permissão, desamassei o papel e percebi que era um poema pequeno, com a tão conhecida caligrafia da Roxie. Notei que Ângelo se afastara para a frente, tentando ler por cima dos meus ombros, mas eu disse:

— Deixe que eu leio.

Roxie manteve os olhos fixos na estrada, enquanto eu ditava:

— "Palavras não ditas".

As palavras que não disse um dia,
Agora as te direi.
Friso que minha mente não as fia,
Com o peito é que falarei

E que teus olhos brilhem
Com a emoção do entardecer
E que meus versos assim trilhem
Pra que belos como ele possam parecer

As rosas que intuí te dar
Não murcharam, não morreram
Imaculadas, permanecem lá
No jardim onde comigo sofreram

Por um amor e por amar
Sem, contudo, te ver perceber
Sem sorrir, sem chorar,

Sem cessar, sem viver

Que minhas pobres rimas aqui citadas
Jamais te pareçam ávidas
Que há tempos foram enfeitadas
Num ímpeto, com lágrimas cálidas

E com este poema, espero
Que digo-te a que ele veio:
Amo-te, não nego
Mas espero-te com receio.

— Que bonito! — disse Ângelo, com uma expressão de admiração.

— Por que ia jogar fora? — perguntei à Roxie, que respondeu à sua maneira esquiva:

— Não julguei que estava bom.

A sensação que crescera dentro de mim pouco antes do quase acidente, na hora em que entramos no carro, voltara a arder em meu âmago. Me incomodara profundamente imaginar o Ângelo sendo levado pela Roxie até em casa, imaginar também o fato deles dois se cruzando nos corredores do prédio, quem sabe conversando, quem sabe fazendo algo a mais. Não quero saber se eu podia estar exagerando, o que me incomodava ainda mais do que esse súbito sentimento de ciúmes era perceber que, de fato, *eu estava com ciúmes*.

Forcei um sorriso para a Roxie, e pouco depois chegamos à minha casa. Disse um "até logo" meio que às pressas e entrei correndo, fechando a porta atrás de mim com um golpe de calcanhar.

— Mas por que diabos eu estou sentindo isso?

Esta era a minha pergunta fundamental. Do nada, eu senti medo de ser posta a escanteio, talvez… não, não era isso. Era ciúme. Admita, Abby, são ciúmes e pronto. Mas por quê? Nenhum dos dois havia mostrado interesse um pelo outro, e eu só havia sentido algo do tipo agora, depois de tantas semanas convivendo. Estávamos nos tornamos bons amigos, porque isso iria acontecer agora? Não fazia sentindo.

Sacudi a cabeça, e respirei fundo. Larguei o material sobre a mesa da cozinha e comecei a preparar algum lanche para mais tarde. Assei pães, fiz café, separei biscoitos salgados, e respirei novamente. Pus uma xícara grande de café e munida de isqueiro, xícara e cigarro, me sentei à mesa da varanda atrás da cozinha.

Procurei relaxar e expulsar aquela coisa toda repentina de mim. Observava o quebrar das ondas de um mar revolto na areia da praia, o vento erguia meus cabelos suavemente enquanto eu tomava aquele líquido tão revigorante e saboroso que era o café. Os pensamentos iam e vinham, numa ordem sem nexo, trazendo consigo sensações adversas, confusas e — eu tentava crer — surreais.

Por um instante, observei crianças brincando ao longe, montando seus castelinhos de areia, correndo para dentro do mar, soltando pipa, sendo criança, enfim. Por um breve instante, invejei a inocência que possuíam. A visão de todos aqueles menininhos despreocupados e sorridentes me distraíram um bocado de todo o ocorrido. Mas caramba… a Roxie era muito intensa, ela seria perfeitamente capaz de gostar tão profundamente de alguém a ponto de chamar de amor em poucas semanas. E todos aqueles poemas falando de solidão, de desejo por alguém, de amor em um termo geral: "*amo-te, não nego… mas espero-te com receio*". Seriam para o Ângelo aquelas palavras? Mas que droga.

Ele havia aparecido para mim como um cara praticamente perfeito. Seu jeito em tudo me agradava, desde o reflexo azul nos seus óculos ao seu modo de falar do Renascimento. O modo educado, o perfume amadeirado, sem contar aquela sensação arrebatadora que fora senti-lo tão próximo a mim. Um quê de pânico se apossara de mim naquele momento, sem saber o que fazer, e algo no meu íntimo me segurava, me dizia que não. Como era possível? Se eu assumir como base que estou gostando dele, então por que é que eu não o beijei?

Ouvi a voz deles anunciando que estavam entrando antes de conseguir chegar a uma resposta. Ao ouvi-los chamar meu nome, eu disse um "estou aqui na varanda" e os esperei chegar. O sol já havia se deitado há algum tempo no seu leito horizon-

tal e se coberto com o manto azul do mar para dormir quando eu senti que era hora de me despedir do vento que soprava no litoral norte da Ilha. Me sentindo um bocado filosófica e escondendo minha expressão de incômodo ao ver o Ângelo e a Roxie chegando juntos, eu cumprimentei a dupla quando ela apareceu na porta da cozinha, me chamando para os estudos. Assim, me ergui e sentei-me com eles à mesa, e colocamos a mão na massa.

Maldito clima estranho se abatera sobre nós. Devido à matéria, que era realmente interessante, eu consegui me distrair um bocado enquanto ia passando para o Ângelo algumas notas acerca do que o professor havia comentado. A Roxie participara um pouco do debate, falando também da literatura da época e por um momento pareceu que nada havia acontecido entre ninguém. Dócil ilusão.

Foi só nós ficarmos em silêncio e cada qual começar a escrever suas próprias coisas que eu senti o ar pesar. Para escapar um pouco, subi à torre para pegar meu computador, com a desculpa da praticidade. A Roxie escrevia à mão, e era seguida pelo Ângelo. Vez ou outra, por cima da tela, eu percebia que a Roxie lançava alguns olhares para o lado em que eu me encontrava. O Ângelo sentara ao meu lado na mesa, e de quando em quando me pedia dicas sobre alguma passagem, ou me pedia para relembrar algum tópico, e tudo isso acontecia sobre o olhar aparentemente desatento da Roxie, mas que eu sentia em cada grama de certeza que tinha que ela não estava deixando passar absolutamente nada.

É engraçado como as coisas da vida são; depois de horas e horas de estudo, os dois foram embora satisfeitos por todos nós termos concluído nossos devidos afazeres, mas eu ficara só em casa com minhas dúvidas, além de um segundo incômodo por ver que os dois rumaram, novamente, juntos para casa. Achei engraçado porque há algumas semanas, eu e a Roxie éramos inseparáveis e agora, ali estava eu, traindo nossa amizade com dúvidas e mais dúvidas, querendo saber se estávamos vivendo um triângulo amoroso que, ao meu ver, era ridículo. Por que a Roxie gostaria do Ângelo? Assim que eu me fazia essas perguntas, imediatamente brotava outra em seu

lugar: "e por que é que não?".

Mas estranho não era eu me pegar pensando nesse assunto vinte e *quatro* horas por dia — e sem exagero: numa determinada noite até cheguei a sonhar que ficávamos todos os três brigados por causa dessas picuinhas. O estranho mesmo era justamente os fatos que sucederam essa segunda-feira — o que só me fez dizer com ainda mais afinco que odeio, de coração, esse maldito dia da semana.

Cada dia que passava, eu via menos a Roxie. Ela raramente ficava *online,* assim como o Ângelo. Ótimo, mais ciúmes. Deixava recados dizendo que muitos horários dela haviam mudado e nossos horários não se batiam mais. O resultado disso se deu comigo indo de ônibus para a Universidade, o que me fez começar a pensar seriamente em olhar a conta bancária e comprar um carro popular qualquer.

Inclusive os problemas de banco, agora eu resolvia sem a companhia da minha amiga, que estava sempre atarefada demais para me acompanhar e as visitas dela, que costumavam ser praticamente todo dia, passaram de menos frequentes a raríssimas; as mensagens na secretária telefônica, as mensagens no celular — que eu havia adquirido apenas pelo fato dela viver me cobrando uma maneira de me achar quando estivéssemos na Universidade — foram diminuindo primeiro de tamanho, depois de conteúdo. O que antes trazia algum verso que, segundo ela lembrava a mim, agora era apenas um "como está indo? Espero que esteja bem. Tem sido corrido pra mim, mas espero te ver em breve". Pouco depois, simplesmente pararam.

Num primeiro momento, me deu raiva, mas eu percebi que estava começando mesmo era a ficar triste. Porém, o convívio com o Ângelo ia se tornando mais intenso. Ao menos com ele parecia que nada havia acontecido e, pelo amor de Deus, me diga, algo *realmente* aconteceu? Mas que inferno! Enquanto o Ângelo era atencioso, perguntava como havia sido o meu dia, me ajudava nas matérias, e passeava comigo pelo Campus da Universidade, eu me lembrava que tudo isso quem fazia era a Roxie, e que agora estava distante. Agora me diga se eu não tenho razão de ficar imaginando mil coisas?

Pra completar a situação, tinha menos de duas semanas

pra entregar aquela tela falando de amor para a professora Soraya, e não estava com um pingo de clima pra pintar nada. Agravando a situação, nas raras vezes que encontrava a Roxie, tinha eu que aguentar vê-la falar comigo como se tivesse me visto na véspera, como se dar notícias fosse algo que não era realmente comum a duas amigas fazerem, e isso me irritava profundamente.

Mas deixava passar, fazer o quê? Me limitava a andar com o Ângelo pela propriedade do Campus depois das aulas. Agora era ele quem me dava carona, e sempre estávamos com fome depois de tanta coisa pra desenhar em tão pouco tempo.

Num desses passeios, estávamos sentados à beira do lago da Universidade. O Ângelo tentava puxar uma conversa animada sobre os bardos da Idade Média, mas eu respondia com meias palavras, meu olhar mirando o reflexo do sol de fim de tarde sobre a superfície da água escura. Então, notei um profundo suspiro vindo dele que disse, segundos mais tarde:

— Olha Abby, sobre aquele dia no carro…

Eu senti como se tivesse engolido uma pedra de gelo do tamanho da minha mão. Pronto, era só o que faltava: consumar a tragédia e dar o desfecho da minha guerra fria com a Roxie nesta hora da verdade. Eu estava olhando para o outro lado, com a cabeça apoiada nos meus braços, que envolviam meus joelhos, e aproveitei para respirar fundo. Se era pra disseminar a discórdia, aqui íamos nós.

— Eu só quero dizer que foi meio que sem querer.

— Ângelo, olhe — interrompi, sem dó nem piedade — eu estava assustada — eu comecei a dizer, mas ele me interrompeu em contrapartida:

— Sim, eu sei — disse, num tom insistente. — eu não queria ter chegado tão perto de você. E eu quero que você me perdoe. Eu tenho notado você estranha, meio triste.

— Nada com o que você precise se preocupar, Ângelo. É sério.

— Mas me preocupo. Você é minha amiga, Abby, por que eu não me importaria com quem é tão importante pra mim? — dizia ele, e eu sentia resquícios de dor na sua voz. Eu evitava encará-lo, e tudo o que eu dizia era olhando para o lago, fixa-

mente, como as seguintes palavras:

— Estou lhe pedindo, Ângelo, não se preocupe, por favor. Eu não estou certa de quase nada no momento, eu não seria.

— Abby, é que eu gosto de você.

Naquele instante, se alguém me desse um tapa, eu nem sentiria. Usar bombas ficou pra quem não sabe soltar frases como aquela.

— Desde o primeiro momento, desde que você veio falar comigo. Você é distinta, você tem sentimentos. Passou por coisas pelas quais eu passei e me entende. Esse seu jeito meigo de ser, estranhamente atrapalhado, mas que me faz sentir um poço de calmaria, de serenidade.

Eu ia começando a querer a gostar de ouvir tudo aquilo, mas algo me dizia "não, Abby, *não*!". O bom era saber para quê é que servia aqueles "não". E o Ângelo não parou por aí:

— Você é a pessoa por quem eu sempre procurei, Abby. *Por que você não olha pra mim?*

Nesse momento, como que obedecendo a uma ordem, eu virei meu rosto para ele. Os olhos dele fervilhavam lágrimas sensíveis, assim como os meus ao ter aquela visão. Eu sabia, bem no meu íntimo, que a recíproca era verdadeira. O Ângelo era — e eu tinha plena certeza de que ele sabia disso — o homem que eu sempre quis pra mim. Sempre. Tipo físico, altura, modo de falar, personalidade, com a sensibilidade que só o artista sabe ter.

E tudo isso parecia estar sendo dito nos meus olhos, porque o vento soprou de leve e um sorriso brotou nos lábios daquele rapaz. Ele quebrou grama por grama do chumbo dos meus olhos e encontrou minha alma indefesa, acorrentada em grilhões de tristeza e ele sabia. O tempo todo ele sabia que fora feito para mim, e que eu mesma fora feita para ele. Só pode ter sido por ser tão convicto nessa certeza que ele, com tanta segurança, segurou meu rosto delicadamente… e me beijou.

Se as trombetas do Juízo fossem tocadas bem no pé do meu ouvido, o anjo morreria sufocado e não me faria ouvir nada além do som daqueles passarinhos. Que o anjo da trombeta morra de inveja, outro anjo já havia me tomado por inteiro naquele momento.

Eu me sentia entregue, absoluta, plena. O burburinho do vento balançando as folhas, a canção dos passarinhos, o cheirinho de verde do gramado, e o silêncio do resto dos anjos; a palpitação do meu peito, a maciez de uma boca de veludo, o gostinho de hortelã. Por um instante, me senti incrível, intocável, acima de tudo. Pena que só a sensação só durou algo em torno de dez segundos.

De repente, eu me sentia como se estivesse beijando uma estátua de mármore frio e insípido. Uma coisa correu dentro de mim, e não me pergunte o quê é que diabo me fez virar o rosto tão abruptamente com tantas lágrimas no olhar. O Ângelo ficou estarrecido, sem entender. Quis ter dó dele por me ver chorar tanto, do nada, logo após de ter sido beijada, mas não dava. A torrente lacrimal era grande demais para ser contida.

Então ele perguntou assustado:

— Abby, o que está acontecendo?

Eu não sabia, como poderia saber? De repente, uma sensação sublime se transformou numa mágoa, em algo doloroso, em uma tristeza profunda. Meu Deus, como podia eu ser tão volúvel? Foi preciso um grande esforço meu para tentar explicar o inexplicável, e eu sabia que soaria confuso, que provavelmente o Ângelo não entenderia, que eu pusesse até nossa amizade a perder. Eu sei que eu só abri a boca:

— Perdão, Ângelo, perdão. Mas eu não posso, não posso ter isso com você. Eu não sei por que, mas eu sinto como se estivesse errado, como se não fosse mesmo pra acontecer. Desculpa, eu também achei que você fosse perfeito pra mim, tudo o que eu queria. E você é incrível, mas não dá, desculpe… *desculpe.*

— Abby, calma.

— Eu sinto não ter como lhe explicar melhor, mas eu juro por Deus que se eu soubesse o que está se passando, eu lhe diria, lhe explicaria até você entender cada linha, cada detalhe, até porque você merece. Deus, como merece!

Eu tentava, em vão, secar as lágrimas que caíam; e sentia em mim que a coisa agora só tendia a piorar, mas como eu havia comentado: as coisas da vida são *realmente* engraçadas. Em vez de se levantar magoado e esquecer tudo me deixando

ali entregue à minha dor, o Ângelo sorriu e pôs meu cabelo atrás da minha orelha. Abobalhada, eu fiz uma expressão indagadora a respeito de sua reação, e ele apenas susteve o sorriso, acariciando minha orelha, para depois dizer algo que me fez ficar estupefata:

— Abby, pare. Eu entendo perfeitamente.

Franzi as sobrancelhas, e fiz que não com a cabeça, querendo uma confirmação em nome de tudo o que é mais sagrado nesse mundo, e ele confirmou:

— Escute: eu *realmente* entendo. Não posso ter seu coração, sei que não.

— P-por quê? — perguntei, com a voz fraca.

— Você não sabe *mesmo*?

Fazendo uma triste contração nas sobrancelhas, balancei a cabeça negativamente como resposta. E ele disse:

— Do que você precisa é de tempo. Deixa, deixa que o tempo passe. Você vai perceber o que digo.

Ele disse isso com um sorriso tão tenro que foi impossível não confiar, mesmo sem entender um grama sequer daquelas palavras. Então, eu suspirei profundamente e fiquei ali, junto dele… até que um certo fato me veio à cabeça, e eu disse:

— Ângelo, preciso que me diga: o que está acontecendo com a Roxie?

Ele me olhou e fez uma expressão complicada de se explicar. Era algo como receio misturado com pena, que só serviu pra ter efeito preocupante, especialmente quando ele respondeu:

— Não me faça mentir pra você, Abby.

— Ângelo, por favor. Ela tem estado estranha e, se quer saber, eu acho que é por nossa causa.

Ele olhou pra cima, como que ponderando uma resposta, suspirou e disse:

— Talvez, Abby, talvez. Mas ela anda com problemas, mas não estou no direito de contar. Ela me pediu que não contasse… pra ninguém, entende? *Ninguém*.

Eu esperei que ele continuasse, o que o fez logo em seguida:

— Foi por sentir que você se preocupa tanto com os amigos que eu me admirei de lhe ver junta da Roxie aqui na Uni-

versidade.

— Por quê?

Ele pareceu meio desconcertado, mas percebendo que eu não o deixaria correr desse assunto também, falou:

— É que eu nunca vi a Roxie conversar com ninguém nesse campus. Ela sempre foi muito reclusa, muito alheia ao tipo de gente que é costume de ser ver por aqui. Já ouvi comentários maldosos, piadas sem graça, mas ninguém nunca pareceu ter coragem de dizer algo pejorativo a ela; e conforme ela não é nem um pouco inclinada a se aproximar das pessoas, só alimenta as más línguas.

Ele falou com uma expressão sentida no rosto, e eu li nas suas formas que ele também pensava igual à massa há pouco tempo, até conhecer a Roxie. Então, fiz um único comentário àquele assunto:

— Eles não a conhecem, e ela não liga.

— É, Abby — disse Ângelo. — Mas convenhamos; mesmo a gente pode dizer que sim? Quem é que conhece bem a Roxie, afinal?

Aquelas palavras e um tiro de canhão tinham o mesmo efeito. Não dava para retrucar porque, afinal de contas, ele estava cheio de razão e isso me incomodava profundamente. Não dava pra defender também, embora essa fosse a minha vontade; mas pra ser bem sincera, não tenho certeza de que a Roxie merecia… dane-se. Eu a defenderia de qualquer maneira, contra quem fosse… mas talvez, em um outro momento.

Subitamente, uma profunda mágoa foi se apoderando de mim novamente. Por que a Roxie era tão reclusa? Por que é que ela não me deixava cumprir meu papel de amiga dedicada que eu costumava ser? Por que tanta distância, custava dar notícias? Por que é que ela confiara ao Ângelo coisas que não me confiaria? Por acaso eu não era confiável? Droga, eu estava aqui, o tempo todo.

Tudo o que me vinha na cabeça era a mágoa de ser posta de lado, e eu só queria entender. Se ela me pedisse para deixá-la em paz, eu faria, mas eu queria ao menos entender o que estava acontecendo, de uma vez por todas, entender, entender, entender… isso ecoava na minha cabeça, oscilando entre inú-

meros "por ques". Eu sentia tanto tudo aquilo.

Dentro de mim, uma sensação ruim crescia, e eu me lembrava das palavras da Roxie sobre a sua própria sensação de que haveria dor em nosso caminho. O pior é recordar de algo que ela uma vez me disse no meio de um dos passeios antes da época de sumiço, e daquele jeito dela de mandar uma frase pesada do nada. Nquela ocasião ela me disse, olhando para o céu:

"É, Abby, é triste, mas é bom que se saiba: depois da tempestade, sempre vem a enchente".

— CAPÍTULO ONZE —

A enchente

Paranoia.

Procuro pensar que a coisa tá bem, que tudo vai, no fim, dar certo. Procuro respirar o dia sentindo o sabor do vento nas narinas, o som da brisa sobre minha pele, e os arrepios é que se danem.

Procuro olhar em volta, procurando sabe Deus o quê. Aliás, eu também sei… eu procuro uma esquina qualquer e procuro ter a visão de você fazendo a curva, na minha direção. Fecho a janela pra que não entre o ar da noite, e pra que eu não veja nítidas as estrelas que pulsam no infinito — e graças à minha paranoia —, pra não crer que elas se riem de mim lá do seu lugar no escuro.

Mas quando eu me deito… droga, quando eu me deito é o teu corpo que quero sobre o meu. É tua mão enroscada nos meus cabelos, é teu beijo enrascando meus desejos, é o teu olhar emboscando minha essência.

É um sem fim de quereres, é um não acaba de solidão, é uma pá de neve dentro do café, é uma jaqueta de frio atrás da porta. Cega, surda, muda, pobre porta. Sei bem como é não ter boca senão pra ribombar silêncio…

E eu agora deito reticências retificando palavras que não disse ainda (mas ora veja só) com medo de lhe aborrecer. Eu engulo meus medos, engulo minha auto-clemência, faço brotar a porra da paciência do fio desencapado que me tornei, pronto pra me descarregar violentamente no primeiro que ousar o toque.

Daí eu falo em toque, lembro que meu telefone não toca… e você que costumava ligar quase todo dia. Hoje você, todo dia, quase liga pra mim… é um milhão de suspiros resumidos num fechar de olhos na escuridão, é querer não ter tudo, só um pouco

de compaixão. É querer lhe ver ouvir, mas é não querer dizer.

Alguém (ao menos há um vocativo que não lhe envolve) se for explodir o mundo hoje, me avise: ando a fim de detonar a bomba.

Agora lhe parece mesmo que estou revoltada, fora de mim, cega de raiva, ardente de ódio, puta da vida ou, no mínimo, querendo chutar o pau da barraca?

Droga nenhuma. O que estou é amando.

Fechei a tela do notebook após ler esse texto na página da Roxie, não sem dor lancinante no peito. Levei a mão à testa, e tentei não pensar muito, tentei esquecer, e decidi andar por aí. Presa em meus devaneios, rumei ao mercado perto de casa e comprei gim (vinho me lembrava os momentos entre amigos). Paga a conta, me pus de volta no caminho de casa.

Já passava das sete horas, e eu via o farol dos carros passarem por mim como fachos de luz que rabiscavam a noite; meus pés não eram meus, minha cabeça rodava e rodava feito um ventilador de teto, se firmando para não despencar. Eu só sei que andava com olhar vidrado, uma expressão vazia no olhar e este, cheio d'água. As poucas pessoas que me cumprimentavam passavam por mim e lançavam suas interjeições, que eu mal respondia; o resultado era olhares penalizados, ansiosos para lançar-me perguntas sobre o que poderia ter me acontecido e eu, apegada à reza do contrário, no silêncio que me deixassem, ficam quietos eu e meu vazio, meus pés e minhas pegadas, minhas lentas passadas e a calçada… o mar e um navio. É, bem assim… à deriva.

Sabe, às vezes você simplesmente não tem ideia de onde ir, de onde quer chegar, o que quer ver, pensar ou ouvir. O que quer que se encontre no caminho é pouco mais que uma pedra, e cada situação se mistura ao som das sirenes e você está lá mais uma vez, perdido na imensidão de concreto.

O asfalto seco não conserva suas pegadas, mas sua cabeça se lembra de cada passo dado naquela direção. Os postes acesos no meio da noite iluminam o caminho, mas a luz no fim do túnel só você pode ser capaz de enxergar. A calçada pisote-

ada o tempo todo borda o cenário de vida néon estaticamente, como uma margem convencional.

Então de repente você percebe que andara horas e nem por um momento esqueceu. Sabe que já fez esse caminho, mas as vitrines brilhantes lhe parecem, de longe, quebradas na sua memória. Por onde você esteve durante esse tempo todo? Por que sua mente já não caminha junto do seu corpo? E por que é que seus olhos estão vidrados e seu peito em cacos? A vitrine de seus sentimentos não resplandece mais, o reflexo dos seus olhos parece perdido, como você, e seus pensamentos erram pelas ruas, guiando ou não os seus passos.

E então você finalmente percebe que por mais que você queira, às vezes simplesmente não se pode esquecer.

Nem entender.

Mas não é sempre que não se pode fazer alguma coisa, e ao tomar o primeiro gole de gim eu havia decidido: simplesmente não dava mais pra ficar ali, com a cabeça parecendo um tomate no asfalto sob o sol do meio-dia; era preciso ação, e agir não algo que se faz sentada numa mesa de varanda sob efeito de gim e coberta de fumaça de cigarro. Porém, antes de decidir qualquer coisa, ouvi a campaninha tocar e tive um sobressalto; o coração disparou, assim como eu, que praticamente voei através da casa para atender a porta.

O fiz num gesto tão brusco que assustei a pessoa que estava parada, olhando distraída para algum ponto do jardim. Por sorte e devido ao susto, o Ângelo não viu minha cara de decepção ao vê-lo, e assim tive tempo de forçar um sorriso para quebrar a tensão da cena, quando ele disse:

— Nossa! Quanta pressa! — e riu, timidamente.

— Tropecei. — menti, percebendo que andava receosa de mirar aqueles olhos azuis. Durante a fuga do meu olhar, ele recaiu sobre a mão do rapaz, que segurava um livro preto. Antes de perguntar o que seria, convidei-o a entrar, o que ele fez sorrindo, deixando a mochila sobre o sofá quando passou por ele.

— Bem, como você está? — disse ele, enquanto me seguia pela sala em direção à varanda da cozinha.

— Estou até bem. — eu disse, e atravessando outro assunto na conversa, ofereci: — Gim?

Ele olhou para a garrafa, dela pra mim e de mim para o cinzeiro sobre a mesa, transbordando de cinzas e pontas de cigarro. Por fim, disse:

— Aceito, obrigado.

— Vou pegar um copo. — eu disse, e passei por ele em direção ao armário. Na volta, estendi o copo e o servi. Com um gesto, indiquei que ele se sentasse, e me sentei na cadeira à sua frente, tendo o mar como paisagem de fuga por cima de seus ombros redondos e realçados pela camisa que usava.

Brindou comigo seu primeiro gole, e disse logo em seguida:

— Vim lhe pedir um favor.

— Se estiver ao meu alcance. — eu disse, rezando que não fosse nada muito trabalhoso. Não por nada, era só que meu ânimo ultimamente andava a quase zero.

— É que eu pedi esse livro emprestado à Roxie…

Mas tinha mesmo que ser. Enquanto ele terminava a frase, eu dava o trago mais longo que era capaz de dar.

— E estou indo daqui a pouco para a casa de um amigo em Nova Esperança e só volto depois de amanhã. A Roxie não esteve no seu apartamento o dia todo, e não consegui entregar o livro. Como sei que ela gosta das coisas certas, gostaria que ela o tivesse de volta na data combinada, que seria amanhã. Poderia entregar a ela por mim, por favor?

Eu tive séria vontade de pedir em troca que ele me contasse o que afinal acontecera com a Roxie no dia do quase acidente, mas me recuperei do surto de maldade bem a tempo de não parecer ridícula, e disse veemente:

— Entrego.

Ele sorriu para mim, e terminou sua pequena dose de gim, e disse:

— Sinto não ficar, mas já é um pouco mais tarde do que eu pretendia que fosse. Tenho que ir.

— Tudo bem. — eu disse, me levantando quando ele se levantou.

Peguei o livro sobre a mesa e o virei para olhar a capa.

Sonetos — Luis de Camões

Reconhecendo a obra do poeta português, suspirei e fingi não dar importância. Deixei o Ângelo à porta, recomendei cuidado e juízo, e ele se foi. Voltei à sala fechando a porta com o calcanhar e me sentei no sofá, o livro em mãos. Ao abri-lo, li na contracapa o nome da Roxie acima uma data da semana passada. Não consegui lembrar qual era o dia da semana, e não dei muita importância àquele detalhe.

Sem paciência de ler, apenas folheei as páginas, deslizando meu dedo fazendo-as passarem velozes para parar num pedaço de papel aparentemente velho, que me fez franzir bruscamente as sobrancelhas. Vi demais aquilo para não reconhecer no mesmo instante aquele pedaço de papel de jornal rasgado, com um ponto destacado por um círculo feito com caneta vermelha, sobre um anúncio de uma casa em Nova Esperança.

Como se alguém tivesse me dado um tapa na cabeça, subitamente ela funcionou a todo vapor… voltei para a contracapa, e reconheci a data: fora um dia depois do famigerado dia da carona; então, se a Roxie adquirira o livro naquela data, certamente o recorte de jornal também seria recente. Levei um tempo para achá-lo novamente entre as páginas e fui conferir: datava um dia após a obtenção do livro, e nessa hora, estarrecida, eu tive vontade de jogá-lo na parede com toda a força que tinha.

Por que é, por Deus, por que é que a Roxie não me contara que ela estava procurando uma casa? Só podia ser isso então que o Ângelo me escondera, ele deve ter visto o anúncio largado em algum lugar no apartamento dela e teve que prometer que não me contaria nada. Era isso, só podia ser. Mas por quê? *Por quê?* O que a impedia de me contar a verdade, fora algo que eu disse? O que é que a fazia ser sempre misteriosa, sempre escondendo expressões, sempre sorrateira? O que tinha acontecido com a nossa amizade, até então, perfeita? Nessa hora, a raiva sobrepujou a mágoa, e eu sabia o que tinha de fazer.

Fui em busca do meu celular, e achei-o dentro da minha bolsa. Pela falta de prática, demorei um tempo, mas consegui digitar a seguinte mensagem de texto: *"não vou à Universidade amanhã; encontra um tempo pra vir aqui, ok? Preciso falar…"*.

Preenchi o campo do remetente e esperei uma resposta, que não veio.

Me descobri vinte minutos depois andando pra lá e pra cá na sala, mais uma bela dose de gim e um outro cigarro na mão, olhando para o celular sobre o encosto do sofá. Quieto, como sempre, lá ficara ele; só mais um telefone que não toca. Eu também não ia ligar. Suportaria, guardaria tudo o que eu queria falar para a hora certa, o momento propício; engoliria minha ânsia de saber da verdade, tentaria estimular, manter cada milímetro da raiva que eu estava sentindo para a próxima vez que visse a Roxie. Tantos pensamentos passando a tanta velocidade pela minha cabeça me deram vontade de chutar algo. Sobrou para o celular que, quando eu acertei o sofá com muito mais força do que achava que tinha, se desequilibrou e caiu do outro lado da sala, abrindo-se em um monte de pedaços.

Bradei um xingamento realmente cabeludo *exatamente* na hora que a campaninha tocou. Rubra de raiva, esqueci do celular e marchei violenta até a porta, que abri com um solavanco. Sentindo o sangue gelar nas veias e o estômago se contorcer, eu lancei meu olhar pesado de chumbo para encarar aquele outro taciturno, moral, intimidador e de ar desafiante que assumia uma cor âmbar. Parada, me olhando através da alma, estava a Roxie. Suprema, do alto de suas botas.

— Queria falar comigo?

Respirei fundo, me recompondo do choque. Eu *realmente* não esperava que a Roxie batesse ali hoje. Senti minha raiva querer se esvair e correr como um ratinho pelos cantos das paredes, mas não era hora. Definitivamente era o momento de passar a limpo tudo aquilo que estava acontecendo, independente do resultado. Respirei outra vez e pronunciei como numa sentença:

— Sim. Entre, Roxie.

❀

Ela entrou silenciosa, e esperou meu sinal para continuar até a cozinha, o que eu fiz. Quando ela deu as costas, peguei

o livro sobre o sofá e retirei o recorte de jornal de dentro dele e o pus no bolso, para só então rumar para a cozinha indo de encontro à Roxie.

Ao chegar no aposento, ela puxou uma cadeira enquanto eu dava a volta e me pus à frente da porta, de costas para a varanda. Ela cruzou as pernas, juntou as mãos entrelaçando os dedos e me encarou sem dizer uma única palavra. Era impressionante o modo como ela parecia superior e indiferente. Se fosse possível, preferia nunca me tornar inimiga da Roxie; ela parecia ser capaz de trucidar com o olhar a montanha mais alta, o coração mais rijo. Aos suspiros, ofereci-lhe gim e ela aceitou; acendi outro cigarro, e ela me acompanhou; abri a boca para falar, e seu olhar, novamente, me calou. Droga.

Ela ergueu as sobrancelhas para mim, e julgou que devia me instigar para ver se a conversa saía ainda naquela noite. Ela o fez dizendo:

— E então?

Fiz um gesto para tirar o excesso de cinzas do cigarro e a Roxie me estendeu o cinzeiro. Tirei as cinzas, e agradeci. Por fim, disse:

— Ângelo esteve aqui… e pediu que lhe devolvesse isto. — estendi a mão que segurava o livro, e ela o pegou. Deu uma olhada na capa, o reconheceu e disse:

— Obrigada. Por que ele não me entregou lá em casa?

— Disse que ia passar uns dois dias na casa de um amigo e achou que você gosta das coisas certas, então me pediu pra lhe entregar amanhã, na data que ele havia combinado de entregar. — expliquei, acrescentando em seguida: — Não te entregou hoje porque não lhe achou em casa.

— É que eu não parei mesmo em casa hoje. Tive que…

— Procurar uma casa? — disparei, calando a Roxie instantaneamente.

Aproveitando a brecha, tirei o recorte de jornal do bolso, e pus sobre a mesa, ao lado dos nossos copos de gim. Roxie empalideceu, se endireitou na cadeira e disse:

— Abby, eu ia lhe contar.

— Mesmo? Quando? Quando tivesse se mudando, já? Ou talvez quando já tivesse se mudado? — Comecei, indo para

o lado oposto da mesa, carregando meu copo para perto de mim. Roxie tentou dizer, num tom explicativo:

— Tive motivos pra não contar, Abby.

— Não sei qual não, Roxie, mas deve mesmo ter. Era por isso o seu sumiço?

Ela suspirou, e disse:

— Também.

— O mais engraçado é ver você procurando uma casa. Digo, tem semanas que você anda ausente, e quando tínhamos um tempo juntas, você não me conta nada, nada a respeito de absolutamente nada, nem dos motivos que você teria pra mudar de casa. E mesmo sabendo que eu nunca deixaria você ficar por aí procurando por um lugar pra ficar, que eu te acolheria aqui porque você sabe que eu sou sua amiga, *aliás!* — urrei — Será mesmo, Roxie, que você me tem como amiga? Será que eu mereço um título como esse?

Eu ia descarregando o que eu vinha sentindo, e o gim ia travando minha garganta, mas eu arrumava força pra continuar aquilo até o fim, não importava quanta mágoa fosse criada, não importava mais droga nenhuma.

— Você sabe que sim. — foi a resposta que tive, mas que não me satisfez:

— E por que, Roxie; por que você não confia em mim?

— Como pode dizer que não confio, Abby?

Eu senti que ela mordera algumas palavras. Talvez ela não quisesse me jogar nada na cara, mas isso era algo que eu queria. E muito.

— E como posso dizer que confia, Roxie? O tempo todo, me dedico a você, fico sempre aqui pra quando precisar mas, de repente, você some. Eu compreendo, esqueço que fico sem amiga, e me preocupo achando que algo está acontecendo com você. Dias depois você reaparece e me fala como se nada tivesse acontecido, como se a gente tivesse se visto na véspera. E ultimamente, Deus do céu, você tava procurando era uma casa e eu aqui, sem saber de nada, andando triste por aí, me perguntando onde estava a minha amiga.

— E tendo o apoio do Ângelo o tempo todo.

Foi ela falar aquilo e eu sentir uma raiva crescendo avas-

saladoramente dentro de mim. Aquela frase só confirmava a minha suspeita das últimas semanas, e não dava pra deixar aquilo em branco também:

— Sim, o Ângelo tem sido um bom amigo. Amigo, entende? *Amigo*. Mas que tem ele? Era por causa dele que você não podia me contar nada? O Ângelo impedia que você me enviasse notícias? — a expressão dela me dizia "sim", e eu não gostei nem um pouco: — Se era, por que é que vocês conversam tanto? Trocam livros, conversam por aí… por que o Ângelo sabe de coisas que não pode me contar a seu respeito? Por que é que eu não posso saber, Roxie, por quê?

Ela ficava em silêncio, olhando para o lado, franzindo as sobrancelhas enquanto as suas mãos seguravam o copo sobre a mesa. A falta de resposta dava o silêncio necessário para minha boca não calar e o espaço necessário para a minha raiva crescer. E eu continuava:

— Agora veja só: ficamos amigas, você me apoia, eu deposito minha confiança em você e pouco depois, você me diz que também tenho a sua. Mas de repente você vive cheia de segredos, um sumiço miserável e nem sempre é por causa da Universidade, mas eu nunca posso saber de nada que pareça sério. Não é por curiosidade, Roxie, mas o que me magoa é porque eu sempre estive aqui e você parece que nunca quis me deixar cumprir meu papel de amiga, sempre se isolando, sempre! Vejo você distante, recebo seus poemas que andam cada vez mais tristes e, certamente, são dedicados a uma pessoa em especial a qual você nunca dividiu comigo quem era. Ouço comentários a seu respeito e minha vontade é de lhe defender, dizer que as pessoas estranham seu jeito porque não lhe conhecem de verdade, mas sinceramente, Roxie, *eu também não sei quem é você*. Sabe o quanto isso me dói? Você sabe? Sabe o que é querer retribuir a alegria que alguém lhe passa, mas sem fazer a menor ideia de como agradá-lo? E pior, perceber que chamo de melhor amiga uma pessoa que nem a data do aniversário eu sei? É procurar uma brecha pra acenar "aqui, eu estou aqui", e indo dia após dia, de brecha em brecha, procurando ser forte e Deus sabe como eu me sinto.

A Roxie continuava ouvindo tudo olhando pro lado, e eu

notava que suas mãos iam apertando cada vez mais o copo entre elas, mas eu não conseguia parar. E a mágoa ia crescendo.

— Não sinto vergonha em admitir que me tornei ainda mais frágil e fraca do que já era depois da morte da minha mãe. Vergonha eu tenho de parecer incapaz de retribuir o mínimo que seja à pessoa que me mostrou de novo o caminho pra alegria, pra confiança, o caminho que leva os bons passos, os passos importantes. Não conheço você, Roxie, e isso me dá uma dor de cabeça dos diabos! Não sei por que você optou por ser sempre sozinha, não sei por que seus poemas não falam mais de dias felizes, não sei por que você é sempre tão distraída, não sei nada do seu passado — embora você saiba o meu de cor — e não sei bem se é amizade o que temos, me desculpe, mas não sei. Assim como não tenho respostas pras coisas que aparecem à sua volta, e nunca entendi o que aconteceu naquele dia lá na pensão, a reação da Dona Magda ao lhe ver, eu não sei…

PAH

A Roxie bateu o copo na mesa com tanta força que foi sorte eu não ter lhe dado um de cristal. Eu me calei abruptamente, e vi que as mãos dela tremiam, e seus olhos estavam fechados com força, uma expressão de dor ficara explícita no seu rosto contraído, e eu assistia a tudo aquilo sem reação, estagnada lá do meu canto. Então, com uma voz trêmula, ela falou:

— De novo… não. — eu fiquei sem entender, com as sobrancelhas contraídas de modo preocupado, esperando o que viria.

E o que veio me rasgou ao meio, como uma folha de papel. A Roxie abriu os olhos e eles estavam com os cantos vermelhos. As lágrimas começavam a correr pelo seu rosto enquanto aquele olhar castanho arrombava a minha ira, destroçando cada grama de voz na minha garganta, me deixando estática e perplexa, apenas percebendo que eu nunca que esperava por aquilo. Então ela falou:

— Igual a eles… você… igual, *igual*! Ok, Abby, eu vou lhe contar o que você quer.

Ela deu um trago nervoso no cigarro, e eu vi que o meu havia acabado ao sentir os dedos esquentarem. Pela tensão do

momento, mandei meus pulmões se danarem e acendi outro. Com um profundo suspiro, a Roxie me encarou com uma expressão negativa, as sobrancelhas contraídas e a boca semi aberta, procurando a primeira palavra de algo que eu sentia que ia ser grande; muito maior que o meu ressentimento. E ela começou:

— Eu nasci longe daqui, Abby. Morava numa cidade pequena, de interior, onde os costumes da cidade grande não haviam conseguido chegar. Éramos cinco: morava com minha mãe, meu pai, um irmão e uma tia. Apesar do clima pacato daquela cidade infeliz, eu sempre fui diferente. Sempre gostei de jeans rasgados, de blusas curtas, de luvas e cabelo curto. Me acostumei a ser olhada como aberração naquele chiqueiro, e meu único refúgio sempre fora meu quarto. Porque dentro de minha própria casa, eu continuava sendo a aberração. Minha mãe não gostava que eu me dedicasse aos estudos, achava que eu tinha que aprender a fazer apenas serviços caseiros, como a verdadeira dona de casa que ela achava que era. Por causa desse pensamento imbecil, a vi passar a vida inteira sendo submissa a um careca gordo e bêbado, um vagabundo de meio de rua nojento, que por sorte não quisera me dar seu maldito sobrenome. Quando eu chegava tarde demais em casa por ficar estudando, apanhava. Apanhava daquele bêbado imundo, apanhava daquela mulher submissa e me calava. Com o tempo, parei de chorar durante as surras, e minha maneira de demonstrar desprezo só me rendia longos períodos de coça a mais, até que eu me entregasse e suplicasse para parar. Tudo isso enquanto meu irmão ria de mim, lá do seu canto. Um canalha mirim! Eu acobertava aquele desgraçado na escola e ele ria das minhas surras, e era sempre assim, sempre desejando ver o mal dos outros, sempre querendo tirar proveito. Ele me dizia que não contaria ao pai dele que eu gostava de um garoto na escola se eu fizesse sua lição. Eu tinha que aceitar, e ficava mais tempo na biblioteca da escola por isso, garantindo a surra em casa, da qual ele ria largamente, sem disfarçar. Sempre tratado como o futuro homem da casa, aos dezesseis anos já bebia tanto quanto meu pai, que continuava a lhe dar dinheiro porque o via sempre com meninas mais velhas e atraentes.

À medida que a Roxie ia me narrando sua história, seus olhos jorravam lágrimas que não tomavam a força de sua voz firme, e ela contava tudo aquilo com uma veemência de quem enfrenta sozinho um exército de cavaleiros, sem sentir medo em um único instante sequer. Eu… eu continuava parada no meu canto.

— Dolorosamente, eu continuava indo à aula, e o menino que eu gostava uma vez riu de mim por causa das marcas no meu corpo. Eu era sensível, acredite! Nesse dia, caí na minha cama e chorei por horas a fio e, só por porque acharam que eu já estava dormindo, meus pais não me bateram naquela noite. Todos aqueles poemas que eu havia feito para aquele garoto foram rasgados. Ele rira das minhas marcas; marcas que eu só tinha porque era apaixonada por ele. E sabe onde eu o conheci, Abby? Aqui, nesta ilha. Uma vez vim passar uma semana com a "família", e durante uma visita ao monte, eu me perdi. Enquanto tentava encontrar o caminho de volta pra onde eles estavam, cheguei ao outro lado do monte, completamente desnorteada. Encontrei um garoto parado olhando o pôr do sol num jardim natural repleto das mais belas flores que eu já havia visto e fiquei maravilhada. Me aproximei e conversamos um pouco, e talvez pela mágica do cenário eu me apaixonei. Ainda levei uma surra por ter me perdido, mas achava que tinha valido a pena e a vida tratou de me mostrar o contrário. Meses mais tarde o mesmo menino havia rido indiretamente do meu sentimento por ele, do qual ele nunca tomou conhecimento, nem nunca tomaria por causa daquela noite, no meu quarto, enquanto eu quebrava tudo no meu desespero. Na ocasião, enquanto urrava de dor, eu destroçava os papeis perfumados das cartas que nunca entreguei, quebrava as canetas coloridas que comprara só para escrevê-las, e chorava. Chorava como a criança que eu era no auge dos meus dezoito anos, até que alguém entrou no quarto. Minha tia, que era a única pessoa que parecia se importar comigo naquele inferno todo, observou sem espanto a bagunça do meu quarto revirado, e fechou a porta atrás de si. Ela me olhou de um jeito que me fez me envergonhar do que estava fazendo, me fez me sentir pequena, ignóbil, fraca. Ela me sentou na cama e me abraçou,

somente. Enquanto eu chorava em seus braços, ela me dizia pra não baixar a cabeça, pra persistir e ir atrás do que eu queria… eu expliquei que não sabia bem o que queria; bastava me livrar de tudo aquilo, e ela me disse "então livre-se. Liberte a si mesma; sonhe". Naquele instante eu percebi que o que eu tinha a fazer era estudar com afinco, me tornar alguém e sacudir a poeira daquele lugar de uma vez por todas, mas isso não seria nada fácil. Mas ela me disse também que o que queremos, devemos querer com vontade, e conseguiremos. Que sonhar é bem mais fácil do que pôr em prática e começar a tecer o caminho que leva à ascensão, que era preciso sangue, luta e suor além de uma fé irrefutável no seu desejo. Saiu do quarto me mandando esperar, e voltou com uma caixinha de madeira decorada. Disse que ali eu deveria guardar meus sonhos, o que fosse importante pra mim. Mas o que ela não sabia é que meu maior sonho sempre fora ter um sonho; tive que aprender a sonhar pra fazer valer o ensinamento da minha tia, mas isso levou muito mais tempo do que a minha amizade com ela teve para que eu lhe contasse isso. No outro dia, ela foi à escola e fez um acordo com a professora que me ajudasse nas matérias pra que eu não perdesse mais um ano. Contou parte do que eu vivia, e eu tive raiva por isso. Nunca gostei de ninguém me olhando com pena, mas tive que engolir isso a mando de minha tia, que alegara saber o que estava fazendo. Assim, me esforcei em dobro, aguentei surras e mais surras, as canalhices de meu irmão, mas passei de ano. No final do ano seguinte, prestei vestibular em segredo para a Universidade daqui e passei. A alegria fora tremenda, mas era por pouco tempo.

Era de cortar o coração, ver a tristeza com que a Roxie revivia aqueles momentos tão sofridos.

— Minha tia um dia chegou em casa e disse que tinha que ir embora, que arrumara um emprego em outra cidade e que não podia recusar porque era importante demais pra ela. Meu pai gostou de ter a irmã longe, era uma boca a menos para alimentar e não deu a mínima. Minha mãe, que adoraria ter uma pessoa a menos para presenciar as tapas que levava do marido bêbado, assinou em baixo. Meu irmão, pouco ligou: jamais conseguira dar algum golpe na tia. Mas eu… eu estava em pe-

daços. De repente, eu tinha que perder a pessoa mais importante pra mim pelo mesmo motivo que ela me ensinara a lutar: porque era importante para ela. E ela não me disse muito, apenas que ia e que nunca mais se esqueceria de mim, mesmo com a nova vida, e eu acreditei. Os dias foram se passando e eu me via sozinha novamente, mas com o queixo erguido, com vontade de me provar. Escolhera um curso com o talento que minha tia me apontara ao ler um de meus poemas que, segundo ela, não eram nada infantis, eram coisa de prodígios dignos de serem lembrados. Assim, eu tive ânimo outra vez, apesar da solidão. Mas mais uma vez, a vida se encarregara de me pregar outra peça. Os formandos organizaram uma excursão para a cidade vizinha, a fim de comemorar os resultados das provas e eu fui junto. Assim que chegamos na cidade, decidiram parar na maior casa noturna do local, e eu gostei. Sempre me atraí por aventuras, embora que de modo discreto; a própria excursão era uma aventura, que eu sabia bem como ia acabar: em uma surra pelo sumiço, mas minha tia havia me ensinado a não ter medo, e enfrentar as desgraças com garra, e não se deixar abater pelas tempestades. Naquela noite, eu descobri que depois da tempestade, sempre vem a enchente. E a minha só estava começando. Bebíamos contentes até que o apresentador dos shows das prostitutas anunciou um nome. Pela reação à nossa volta, parecia um número bem esperado por todos, que aplaudiam freneticamente e berravam baixarias enquanto o apresentador os instigava. Jamais vou esquecer da hora em que ele disse o "com vocês: *Madalena*".

Meu queixo caiu. Instantaneamente me veio à cabeça o dia em que pus os pés em Montenegro, quando entrei na estalagem e a mulher roliça me veio dizer seu nome: "Me chame de Magda. Madalena era o *antigo nome*, se você me entende". Não… era… possível. Não podia ser. Eu senti uma pontada no peito de remorso profundo, dolorido. Embora a Roxie houvesse parado de chorar, seus olhos, nem por um momento pararam de ostentar aquele rancor, aquela determinação em enfrentar aquele passado todo… por minha causa. Me senti mal, mas ela não meu deu tempo de comentar nada, e continuou:

— Pela sua cara, você já deve ter somado dois mais dois.

É, a Magda da estalagem é minha tia. E naquela noite, eu descobri que ela me deixara entregue àquele inferno em que eu vivia para virar uma prostituta numa casa noturna da cidade vizinha. A única pessoa no mundo que parecia se importar comigo havia me largado, me deixado, me trocado por algo tão mesquinho. Nunca quis ouvir os motivos dela, nem quando ela parou o número no meio ao me ver levantar da mesa, com ela correndo atrás de mim para me dar explicações que eu sabia que seriam mais e mais mentiras. Está bom pra você, Abby? Está de bom tamanho o motivo de eu não gostar de me aproximar demais?

— Roxie, eu…

— *Eu não terminei* — disse ela, ríspida, me fulminando com a interrupção. Voltei ao meu silêncio chocado. — Naquele dia, cheguei em casa, e meu pai avançou pra cima de mim com as mãos mirando meu pescoço. Me esquivei e bati na cara dele com um abajur. Minha mãe berrou comigo, e me acertou com uma panela e eu caí no chão, quase quebrando o braço. O sangue jorrava do nariz do meu pai, que se levantara lívido, e me olhava espantado enquanto eu levantava e me armava com o taco de beisebol do meu irmão, esquecido sob o sofá. "Toque em mim, e eu quebro o resto", eu disse, e lentamente, subi para o meu quarto sem dar as costas, joguei tudo na mala, inclusive o relicário de madeira dado pela minha tia: não me importava mais se ela mentira, ela tinha me ensinado bem. O mundo não pararia por mim, e eu devia me focar no que queria. Rumei pro armário da cozinha onde guardavam o dinheiro, ainda com o taco na mão, peguei toda a quantia que tinha lá, pus as malas nas costas e chutei a porta da frente, respirando o ar da noite. Sabia que eles não poderiam chamar a polícia, porque meu irmão não deixaria: sabia que ele escondia a maconha que traficava numa taboa solta do assoalho perto da porta do hall. E não me orgulho do que fiz, mas é que simplesmente não me arrependo. Dormi numa parada de ônibus naquela noite. Na manhã seguinte, peguei um ônibus para Nova Esperança planejando arrumar abrigo no campus da Universidade, o que consegui por um tempo. Os dias foram se passando e eu já não tinha mais lágrimas pra lamentar nada, isso era perda de

tempo. Esqueci todo aquele pessoal e comecei uma vida nova, completamente independente. Apaguei tudo o que me lembrava aquela corja nojenta de pessoas pequenas e aprendi a ter mágoa, e vivi com mágoa todos os dias da minha vida, e esta adorava me sacanear. Meu irmão, que era mais velho, havia adquirido malícia, e apesar dos pesares, tinha uma relação indiferente comigo. Não sei como, ele conseguiu me achar e telefonou pra universidade, me oferecendo um apartamento que tinha na ilha e que podia me alugar. Mesmo correndo o risco de ser encontrada pelos meus pais, aceitei porque não estava inscrita no programa de residência universitária e tinha um prazo pra sair do campus. O que só foi concedido pelo coração bondoso de uma professora: a Soraya.

Mais uma informação chocante sem tempo de resposta. E ela continuou:

— Há algum tempo, o canalha apareceu lá no apartamento à noite, com uma ordem de despejo de um prazo de dois meses. Desesperada, pedi uma explicação praquilo e ele me disse que encontrara pessoas que poderiam pagar melhor pelo aluguel e o que me restava? Procurar um lugar pra ficar. "Me mudei e continuava com mágoa, com ódio… passava horas e horas pensando no mesmo jardim em que conhecera uma boa parte daquilo tudo, e terminou sendo o lugar onde vou para tomar minhas decisões importantes, bem antes do sol acordar. Foi lá que me decidi por fazer acontecer. Me dediquei e consegui uma bolsa de estudos gorda o suficiente pra me manter sem que eu precisasse trabalhar, mas sempre com muito aperto. Ganhei o carro num sorteio em Nova Esperança, e isto fora a última coisa boa que tinha me ocorrido em treze meses de Montenegro… até que um dia, precisei comprar roupas novas e encontrei você.

Nesse ponto, ela pareceu ter que fazer força pra continuar. Vi seus olhos se encherem de lágrimas grossas e doloridas, e eu começava a sentir os meus próprios arderem, mas minha boca continuava muda, e por esses poucos segundos em que a Roxie parecia tentar decidir se continuava sua narrativa, o silêncio pairou pesado sobre nós. Até que ela o rompeu: me encarando arduamente e me passando aquela sensação de que

ela estava penetrando o ponto mais profundo de minha alma, ela disse de um modo brando, cedendo ao choro:

— Você me apareceu e magicamente me fez esquecer o quanto eu odiava o mundo. Você me mostrou com o seu jeito simples que o planeta todo gira e se quiséssemos pará-lo, só precisaríamos querer, ou morrer tentando. Me ensinou que antes de virar borboleta, a lagarta precisa de um casulo que o proteja, e você se tornou meu casulo, minha rocha, meu refúgio. O tempo todo, eu queria lhe dizer o quanto eu a acho importante pra mim, o quanto eu lhe considero e o quanto eu me importo com você. Porque com você, eu consigo me lembrar do que eu sonhei à noite, e consigo relaxar quando a correria do meu dia me faz quase enlouquecer; do seu lado, Abby, eu vi que a vida pode ter um sentido, e cabe a nós decidi-lo. Sem dizer uma única palavra, você me reforçou a lição que minha tia me dera, só que dessa vez com jogo limpo, só verdade. Você me fez ver que todo o ódio que eu criara por todos esses homens nojentos que passaram pela minha vida era bobagem, e terminou se tornando indiferença, porque conheci uma mulher que tinha dentro de si uma força que todos esses canalhas juntos não seriam nunca capazes de ter. E eu juro, Abby, que a primeira coisa que pensei quando me vi praticamente na rua foi pedir pra ficar aqui com você, mas eu vi como você estava se dando bem com o Ângelo, e eu simplesmente não quis incomodar com meus problemas. Eu me afastei pra que você não tivesse essa preocupação e continuasse com a sua privacidade, o tempo todo eu só não queria atrapalhar. Porque eu não vou mentir: me incomoda o modo como você me invade sem intenção, sem querer. Você tem a chave que encaixa perfeitamente na fechadura que fiz na minha alma, que ao seu lado está vulnerável, frágil e com medo de ser magoada novamente.

— Roxie — disse eu, decididamente aos prantos, — isso não era motivo! Eu teria lhe ajudado e não teria sido incômodo nenhum, você sabe disso! Roxie, por que você achou que seria incômodo ouvir seus desabafos, lhe ajudar como pudesse, lhe dar abrigo? Por que você tinha que se afastar, Roxie, *por quê?*

Ela virou a cabeça de lado e eu vi que ela estava chorando

tanto que resto do gim dentro no copo parecia estar fervendo de tanto que balançava por causa da tremedeira nas mãos da Roxie que o segurava. Eu chorava também, ainda paralisada por todas aquelas confissões, mas se eu deixasse aquilo passar, talvez nunca soubesse da verdade, então eu não pude me conter:

— Roxie, de uma vez por todas, por que tudo isso?

Ela voltou a cabeça pra mim depressa, e disse com uma voz carregada de dor, raiva e como se estivesse, há muito, entalado em sua garganta:

— Droga, Abby, foi porque eu amo você!

— CAPÍTULO DOZE —

Luz no horizonte

Que Deus criou o planeta em sete dias. O diabo me roubou o mundo naquelas sete palavras.

Eu parei! Parei de pensar, de chorar e até de respirar. A Roxie olhava pra mim arquejante, e eu, quando consegui falar alguma coisa, foi:

— O-o… q-que você… disse?

Ela balançou a cabeça negativamente e disse, desesperada no meio do seu pranto:

— Nunca na minha vida dediquei um sentimento tão grande a alguém como o que eu venho dedicando a você! Nunca na minha vida alguém tinha me tirado tanto o sono como você faz, nunca ninguém tinha me feito me sentir tão bem, tão feliz e tão tranquila apesar de tudo isso que já me aconteceu! Mas você estava se envolvendo com o Ângelo, e eu não podia suportar ver aquilo, mas não estava pronta pra lhe contar isso.

"Abby, *eu amo você*. Eu lhe amo como um todo, se você é sonho, pra mim é o sonho mais bonito; se você é real, então o mundo não é tão feio e o céu é só uma cópia em miniatura do meu sentimento… porque mais de um dia sem te ver e já sinto uma saudade imensa, que me rouba a seriedade e no meu rosto brota um sorriso doce que nem a sua lembrança. Mas eu não podia, *não podia* lhe dizer isso, tinha que me segurar. É estranho, é complicado… e você e o Ângelo…

Eu estava diante da coisa mais bonita, complicada, diferente, inesperada, dolorida, e confusa que JAMAIS presenciei em toda a minha vida. Eu não conseguia dizer nada, e a Roxie lutava para dizer tudo de uma vez:

— Mas o tempo todo eu me enganei, não é? No final das contas. — ela passou a mão tentando cessar lágrimas descontroladas correndo pelo rosto. — No final das contas eu não

soube explicar nada, e você esqueceu que eu preciso de alguém que me pergunte como estou até eu conseguir dizer. Eu achei que poderia sempre contar com uma pessoa leal, mesmo que tivesse que suportar todo esse sentimento difícil, achei que poderia sempre contar com a pessoa pela qual me apaixonei, mas no fim de tudo… você tem sido igual a eles.

E antes que eu pudesse dizer alguma coisa, ela levantou da cadeira tão rápido que esta virou no chão. Ali, estupefata, eu ouvi a porta da sala bater com força e senti um vento poderoso entrar pela porta da cozinha… sem mexer um único músculo.

Estava destruída por todas aquelas coisas que a Roxie havia falado. Enquanto eu tinha uma vida tranquila ao lado da minha mãe, a Roxie só sofria; quando ela se afastou, ela *realmente* tinha motivos pra isso e eles eram muito mais nobres do que eu jamais conseguiria ser, e eu havia provado isso com essa minha incompreensão, essa minha intolerância, essa falta de paciência.

Eu me sentia tão pequena, tão suja. Ver a Roxie chorar daquele jeito por minha causa e agora, essa…

❀

A porta bateu e levou consigo o último sinal de som. Ia embora uma pessoa magoada, cega de lágrimas, o peito aberto jorrando dor. Ficara eu… de pé, com um copo na mão, olhando para a porta da sala, branca como a minha pele ainda estava; silenciosa, como a casa inteira ficou. E eu ali, em pedaços.

Como pode? Não; me diga mesmo, *como pode*? Como pode haver a mínima possibilidade de existir uma pessoa tão idiota quanto Abby Montenegro? O tempo todo, durante todo o maldito tempo, o que a Roxie fez foi me poupar de carregar o olhar de dó lançado a ela em compaixão; foi se poupar de me ver triste por ela porque ela me conhece, e não é muito difícil prever o estado em que eu ficaria. Mas tapada que eu sou, só consegui pensar em mim, na minha própria angústia, nos meus próprios medos, sem me dar conta de minha demência e que — outra vez — o tempo todo eu estava era sem enxergar o que estava na cara, sem sequer pensar na possibilidade da

Roxie estar passando por algo ruim. E chego num ponto que vou morrer sem decifrar.

Não tinha como saber se era realmente ruim o que ela estava passando, digo, com relação a mim. Porque, se ela gostava — *gosta* —, talvez seja um sentimento bom. Mas ruim por outro lado; Deus, como eu pude nascer tão débil? E como pode a Roxie ter se apaixonado por tanta distração, por tanta bobagem, por tanta besteira acumulada que sou eu? O coração gosta de mostrar que é ele quem manda, e como isso atrapalha às vezes.

Me despreguei do chão e pus o copo na pia, o que antecedeu um profundo suspiro. Lembrei da Roxie, das suas palavras duras e doídas. Aliás, não lembrei; pra isso era preciso ter esquecido, e isso definitivamente *não* aconteceu por instante algum do resto das horas daquela noite.

Passava da meia noite, e eu continuava com os olhos fixos no ventilador de teto, girando lento, enquanto um mosquito tentava a todo custo alcançar a lâmpada. O som do mar entrava claro pela janela, disputando minha atenção com o tic-tac do despertador enquanto eu continuava atônita, largada na cama de maneira espalhada, sem conseguir dormir.

Era estranho. Se eu fechasse os olhos, veria a Roxie no auge de seu desespero, com todo aquele clima estranho e pesado que recaíra sobre a lembrança do acontecido durante a noite. Nada podia fazer a respeito dos outros sentidos, pois a pasta de dentes não era capaz de remover o amargo de minhas papilas, de tanto rancor irracional que eu tive que engolir de mim mesma; altas e claras em meus ouvidos ainda soavam aquelas sete palavras ditas com tanta dificuldade, numa profusão de sentimentos e sombras. Virei de lado na cama.

Minha mão direita recaíra sobre o vasto espaço que ainda sobrava no colchão, e eu me lembrei que em algumas vezes, fora ali onde a Roxie dormira. Recolhi a mão e juntei forças para me levantar. Desci à cozinha, queria um copo de leite; enquanto sorvia o líquido, meu olhar recaiu sobre o copo com ainda um pouco de vinho deixado pela Roxie. Suspirei dolorosamente e, baixando a cabeça, cobri o rosto com uma mão, passando-a em seguida pelos cabelos, erguendo novamente a

cabeça para terminar o leite.

Sem um mínimo de sono, rumei para a varanda da cozinha. Encontrei o maço de cigarros esquecido sobre a mesa, e me sentei puxando uma cadeira para olhar o mar. Franzindo um pouco os olhos, através da fumaça pálida que se erguia na noite, notei uma luz onde deveria ficar o horizonte. Ela piscava lentamente, e o navio que a carregava parecia estar se aproximando do porto. Fiquei ali, aos suspiros, de braços cruzados olhando por um tempo que desconheço para aquele ponto luminoso no horizonte das horas elásticas.

Incrivelmente, eu não conseguia chorar. Minha garganta entalava, eu sentia os olhos arderem, mas parecia já haver lágrimas o suficiente em minha memória por uma noite. Eu passava a mão no rosto, tomava mais vinho, me acabava de cigarros, mas era uma angústia além do físico e do psicológico: era sobrenatural, era no âmago da alma. Parabéns, Abby — eu dizia. — Parabéns, você conseguiu magoar a última pessoa do mundo que merecia.

A luz do navio se apagou.

❀

Os dias foram se arrastando e dramaticamente trouxeram chuva. Eu já não saía de casa; muitas vezes, nem à padaria ia. Passei alguns momentos de uma semi-fome, um fastio, uma tristeza densa se alojou nas paredes de meu estômago e, assim como em meu peito, naquele já não cabia mais nada.

Numa dessas tardes (de que dia, não sei, pois a semana pareceu perder o sentido pra mim), Ângelo apareceu durante uma chuva que caiu repentina. Eu estava sentada na cadeira da cozinha, olhando o janelão, de pernas cruzadas sobre a cadeira, enquanto tomava café e enchia meus pulmões de fumaça venenosa. Foi quando ouvi a campaninha tocar. Incomodada por ter que fazer algo que já havia dias que eu desconhecia, disse "entre". O som da porta se abrindo me fez lembrar do som dela fechando com força, me fez lembrar da Roxie partindo, me fez lembrar de minha dor à dor dela, me fez lembrar que sou estúpida e que estou sofrendo.

— Então você ainda vive — disse o Ângelo, chegando ao aposento, e se abaixando para beijar minha cabeça. — Como você está?

Eu olhei pra ele e soltei um suspiro. Em seguida, disse:

— Sinceramente?

Ele franziu as sobrancelhas se mostrando confuso e disse:

— Por que não seria?

— Tá… sinceramente.

— Não sei.

Ele tombou a cabeça para um lado, ergueu as sobrancelhas e puxou uma cadeira. Ofereci algo para beber, ele aceitou, e após pegar o resto de vinho na geladeira e um copo (que outra vez me lembrou o acontecido), disse:

— O que aconteceu?

Ao ouvir aquela pergunta eu lancei um olhar a ele e de supetão, as lágrimas prorromperam dos meus olhos. Ângelo me comovia. Era a segunda vez que ele me via chorar como criança, apenas me olhando com aquela expressão de anjo que tentava, mesmo sem saber por que deveria, lhe dizer que não importa o que acontecesse, ficaria bem, ele estaria ali. Estaria ali pra lhe ouvir, pra lhe consolar e lhe dizer "calma… apenas tenha calma". Dessa vez, ele disse com um pouco mais do que com o olhar:

— Abby, detesto lhe ver assim. O que pode ser de tão mau pra te fazer chorar desse jeito?

Era incrível como ele era… incrível. Eu só lancei um olhar a ele, e antes que eu terminasse de abrir a boca, ele já havia percebido:

— Roxie.

Contraí a boca, o queixo tremendo de choro enquanto a cabeça confirmava lentamente. Então, eu a abri para tentar sugar o máximo de ar que conseguisse, e suspirei. Parei, baixei a cabeça, roubei um pouco do vinho do Ângelo que, paciente, apenas me observava, com uma expressão compassiva e leal.

Nesse momento, eu percebi que se não desabafasse, se não vomitasse tudo aquilo que fora posto à força em minha garganta, eu não iria aguentar mais que dois minutos respirando. Fechei os olhos, balancei a cabeça negativamente, suspirei tris-

te e comecei a contar tim-tim por tim-tim o que tinha acontecido.

Desde as primeiras semanas até ali, passando pelas minhas desconfianças a respeito do próprio Ângelo, das noites inocentes juntas, dos poemas escritos para alguém que eu não sonhava quem, mas imaginara que fosse para ele. Contei tudo, desde o primeiro olhar até o som da porta batendo, enquanto minhas lágrimas eram torrenciais e minha voz trêmula, incapaz de arranjar força.

Em nem um único momento sequer, notei alguma expressão de repulsa no rosto do Ângelo que — pelo contrário! — apenas me ouvia de maneira compreensiva, procurando entender silenciosamente cada detalhe das palavras que eu dizia com dificuldade, até que terminei.

— E foi isso.

Ele me olhou por um instante, e disse:

— Sabe, Abby… eu já sabia. Digo, da Roxie… já havia percebido.

— É, eu acho que sou mais tapada do que imaginava.

— Isso não é realmente importante — ele disse, cortando minha frase de baixa-estima. — O que importa é: como você reagiu a isso tudo?

Eu ergui os olhos da mesa e os pus nos olhos dele, o chumbo confrontando o céu infinito. Suspirei e respondi:

— Desse modo. Quero dizer, não sei… juro que não sei, Ângelo.

Para a minha estranha surpresa, ele apenas esticou um risinho no canto da boca e disse:

— Olha, procure se aliviar desse peso, porque eu creio que não é exatamente um peso. Logo você vai descobrir que isso tudo vai acabar da melhor maneira possível. Acredite em mim.

Tinha como não? Naquele momento, todo o conforto que eu precisava estava transcrito por aqueles lábios contraídos em um riso tenro e carinhoso. Ele bagunçou de leve os meus cabelos, e de imediato eu comecei a me sentir melhor, mais leve, e até quase ri com algumas coisas.

Já era bem tarde da noite, e a chuva ameaçava cair quando o Ângelo foi embora. Levei-o à porta, e ao fechá-la atrás de

mim voltei a reparar na casa como um todo. Subitamente, ela pareceu muito, mas muito *mesmo* maior do que realmente era. O corredor, de repente, era tão extenso que podia ir dar no mar lá fora, as paredes pareciam muralhas, e eu… eu era só mais um pontinho em cima do tapete. Me escoei de volta até a cozinha, de gota em gota, alcancei a pia e a porta ao lado dela. A abri, e me senti sendo levada embora pelo vento que batia.

Podia o Ângelo estar com razão? Mas depois de ouvir tantas mágoas e palavras doloridas, como podia isso tudo acabar bem? Como eu saberia respeitar o sentimento da Roxie sem causar mais uma pá de dor? E se eu quisesse apenas dormir e me afastar de tudo?

No horizonte, outra vez a luz de um veleiro parecia se distanciar de mim. Fiquei muito tempo observando aquele pontinho amarelo se acender e se enfraquecer vagarosamente, enquanto terminava um vinho quente e amargo que me queimava a garganta, enquanto o alcatrão me assassinava muito menos que essa dor travada na espinha.

De repente, me lembrei de tudo outra vez. Os *flashes* teimavam em vir, como durante toda a semana. O relógio já batia três da manhã, me lembrando que dali a algumas horas, quando a noite caísse novamente, faria uma semana desde o ocorrido fato que me trouxera tanta tristeza.

Andando pra lá e pra cá naquela casa, eu ia pairando o olhar por cada canto disfarçado pela poeira de lembranças tão vivas. Os pensamentos me vinham como órbitas espirais, me atravessando e ricocheteando nas paredes, numa cápsula na qual cabia somente todo o meu mundo, e meu mundo, por definição, se chamava Roxie.

E não foi assim tão difícil perceber isso. Era só olhar pro meu rosto, minha cara feia refletida no espelho da sinceridade, a dor da verdade diluindo minhas entranhas, como se brasa liquefeita. Então, uma certa caixinha de madeira posta no balcão do arco da parede da sala me chamou a atenção. O relicário da Roxie continha ainda os originais de poemas que ela escrevera — detalhe doloroso —, em boa parte, para mim.

Lá, havia ainda dois textos que eu imprimi no decorrer da semana, depois de pegá-los na página da Roxie na internet.

Reli, aos soluços:

Talvez...

Talvez seja minha carne enfraquecendo, talvez seja o toque do mal, talvez seja só o tempo passando, talvez seja meu relógio que está atrasado, mas talvez seja só a vontade de lhe ter…

Tenho tentado resistir, tenho tentado respirar, tenho tentado de tudo pra tentar, ao menos uma vez, não sucumbir, mas não dá.…

Porque é você no meu pensar, no meu sentir, no meu fechar de olhos, e até nas minhas preces... é seu o lugar que quero dividir sem atrapalhar, é o seu olhar que quero tocar, é o seu peito que quero sentir, é você chegar que quero assistir..

É você aqui, sou eu por aí, você aqui em mim, eu aí à sua volta... diz que volta, diz que o mundo dá volta, diz que nossos extremos são pequenos, serão próximos, serão eu, você, e o firmamento… diz que vai pôr um fim nesse tormento.

Talvez eu tenha tentado estar com você, talvez eu quase tenha me cansado disso. Mas quando suspiro, é por você; e é você quem eu quero que escute. Seu nome no meu seio, teu símbolo no meu pulso, sua pele na minha carícia, seu travesseiro sob meu cabelo... e as marcas suas que não deixam ferida.

Eu, você, nós, o resto é eles. Elas… é o que diriam de nós.

Suspirei fechando os olhos por um momento, e li o próximo:

Para Rasurar.

Baixo a caneta e contemplo as linhas escritas até agora. Meu olhar vagueia à procura de erros, de incoerências, de inconsistências enfim, de coisas a se corrigir. E lá estão.

Perdidas nas entrelinhas, esquecidas pela pressa, ou pela ânsia de se tornar dito o sentido, ainda que não faça sentido tornar concreto o abstrato… engraçado é que pra mim faz. E faço das suas palavras a fonte de onde beberico, e as fissuras profundas em meu peito semi-tectônico expulsam o magma ardente do

amor intenso que arde até queimar o peito, esfriando após algum tempo, enrijecendo tudo outra vez, mas sem nunca tapar as fendas que se desenham e se emaranham aos montes numa árvore de passados.

Rijo como pedra, deixei meu coração há uns tempos, mas notei que na verdade, não era bem pedra. Sinto como se apenas o tivesse congelado em criogenia profunda, mantendo-o conservado para as próximas altas temperaturas, e isso explica o frio que sinto em mim: o cubo de gelo que bombeia meu sangue quente.

Mas vem você e faz de mim uma sublimação constante e perfeita… ao passar dos dias e das chuvas, uma abrupta mudança radical de estado físico, mas meu medo me torna liquefeita, e você teima em me espalhar no ar, numa calefação que exuma alma em contradição. Alma essa que explode em cores, e intimida até o fogo fátuo das catacumbas, das velas de navio, sem temer o vento que estas move, sem temer ser extinguida, sem temer se libertar, virar outra coisa qualquer e depois se condensar numa hibernação gelada e perene por momento. Meu momento.

Nada que eu possa identificar faz processos tão radicais e perfeitos como você, e nada que seja perfeito se equipara à imperfeição do que sinto no tocante à grandeza. Pouco na verdade sei do rumo das coisas, mas quando eu retomo a caneta nas mãos, já estou certa de ter visto todos os erros cometidos durante o entrelaçar das tramas e das linhas… porém eles já não têm correção senão sofrer os mesmos arranhões que senti, ao passar da ponta da caneta rompendo-os numa linha horizontal de negação. Aquilo não deve ficar… nem no texto, nem no meu peito.

Resta a mim desejar um bocado mais de papel em branco, e ter cada vez menos passagens para rasurar.

Passei a mão no rosto, secando as lágrimas que me voltavam. Me doía tanto o fato de estar pra virar uma rasura na vida daquela que tanto me fazia falta, de que tanto tinha feito por mim em tão pouco tempo.

Era ela quem me ensinara a acreditar na força, foi a ela que eu ensinei que a alegria existiria, foi ela que me acolhera em seu peito tão gelado, fui eu que entrei meio que invadindo.

Mas também fora eu quem magoou.

E eu voltava a tentar guiar meus passos por cada espaço vazio naqueles cômodos. O banho quente que tomei não me aqueceu, o vento da noite não refrescava a ardência da culpa, e meus passos não me levavam mais a cômodo algum. Voltei novamente à varanda, para fumar o último cigarro do maço, lançar um último olhar no espaço escuro do mar, e contemplar a luz de um navio que, para a minha surpresa, parecia começar a se aproximar da costa.

Eu me lembrava de tudo, e isso era tudo o que eu podia fazer. As lágrimas já haviam cansado de cair e rolar como pedregulhos na minha cara; eu sentia meus olhos do tamanho de maracujás, e meu hálito devia estar ruim por causa da amargura travosa em minha língua, que desaprendera a articular palavras. Assim, todos os sete últimos dias foram passados quase que em completo voto de silêncio. Voto que fiz por não ter o que dizer, e não ter o que dizer além de "me perdoe" é ainda mais triste, porque eu sabia que não adiantaria pedir, não seria reparada assim toda a minha mágoa provocada.

Ouvi o relógio bater quatro da manhã, e percebi que a noite quase já se fora, e certamente não dormiria. Eu queria ficar em pé, mesmo que isso não significasse nada, mesmo que isso só cansasse ainda mais o meu corpo já debilitado pela tristeza. Essa sensação me lembrava das semanas decorrentes da morte de minha mãe e, por consequência, eu lembrava que a Roxie havia aparecido para substituir a amizade mais profunda e bonita que eu parecia só ter direito a possuir uma. E agora, estavam ambas perdidas.

Por mais que o Ângelo me dissesse que ia ficar bem, tudo mudava de perspectiva sempre que ele ia embora. Eu ficava sozinha com meus medos, com minhas contradições e com minha angústia. Me perguntando centenas de coisas que não almejavam resposta, pareciam apenas pura vontade de me chicotear com dúvidas cruéis. Tudo para tentar reparar a culpa. Era tudo pela culpa.

Eu, como sempre, tendia a estragar todas as coisas; e quantas coisas eu deixei de ter por causa das minhas inconstâncias? O irônico era que inconstância era justamente o que eu recla-

mava da Roxie. Talvez possa ter perdido um grande momento com o Ângelo, que provou ser muito mais homem do que eu já tinha visto, me dando espaço para pensar, para viver e decidir. E eu não havia conseguido gostar dele, mesmo que tivesse tentado apenas uma vez, por um tempo tão pequeno.

E por quê? Por que era que eu me enfiava de cabeça em dúvidas sem resposta, por que era que eu não era capaz de me apaixonar perdidamente por ele? Por que era que meu coração parecia estar travado, e essa depressão se abatia sobre mim, por que eu não consegui simplesmente reagir e dizer à Roxie que sentia muito, e pedir por perdão?

Por que a Roxie estava rodando tanto na minha cabeça? Por que tinha que ser tudo tão complicado, por que eu nunca conseguia entender nada? Abby, você é burra? A Roxie cuidara de mim esse tempo todo, nas entrelinhas, sendo um poço de carinho, abrindo seu peito para a confiança, e eu não soube retribuir nem um terço de tudo que ela me fez. Mas que bela merda de pessoa que eu sou.

No exato instante em que percebi a luz do navio se apagar, ouvi o telefone tocar. Como se uma corrente de trilhares de volts perpassassem meu corpo inteiro, me enrijeci pondo-me de pé. Corri furiosamente em direção a ele, derrubei uma cadeira no caminho, quase quebrei um copo, mas consegui tirá-lo do gancho antes que parasse de tocar. Com uma voz além de ofegante, falei:

— Alô?!

— Abby?

Respirei muito fundo. Aquela era a voz do Ângelo.

— Oi.

— Desculpe, acho que não sou quem você esperava que ligasse, mas… é sobre ela que eu queria falar.

— Eu… de quem você está falando?

Notei um silêncio ante minha mentira, e ele fingiu não ouvir. Apenas falou:

— Olha, tem cinco minutos, ouvi um barulho no portão do prédio. Estava acordado ainda, lendo algumas coisas da Universidade, e fui olhar pela janela. A Roxie acabou de sair no carro, e estava com uma mochila nas costas. Mas ela não

parece estar indo embora… digo, ela pegou o caminho contrário.

Meus olhos vidraram e a voz da Roxie ecoou na minha cabeça:

"E lá que eu vou… antes do dia amanhecer, sempre que tenho que tomar uma decisão".

— Alô? Abby? Você está aí?

Eu desliguei o telefone, e saí correndo. Como o vento, subi as escadas, peguei minha bolsa, catei dinheiro e uma balinha de morango, que eu pus na boca enquanto descia as escadas quase deslizando pelos degraus. Abri a porta da frente da casa, passei por ela e a fechei quase que num único movimento. Girei a chave na fechadura uma só vez para economizar tempo, e comecei a correr pela rua, em direção ao sul da ilha.

Mil pensamentos perpassavam pela minha cabeça, e eu desejava com todas as forças que um táxi estivesse passando pela avenida àquela hora. E por Deus, eu nunca abençoei tanto um taxista quanto aquele que guiava um sedan branco em minha direção. Fiz sinal, o cara parou e eu entrei no banco de trás. Ele olhou pra mim com uma expressão de espanto e eu o pedi que fosse direto para o Monte Negro. Com uma cara de quem se pergunta o que diabos eu ia fazer na montanha àquela hora, ele deu a volta na rua e me levou.

O horizonte já começava a ficar claro quando ele parou na entrada da trilha turística à base do monte. Paguei as dez pratas e adentrei na estrada. Ignorando a beleza do lugar, eu ia subindo a ladeira íngreme, procurando um desvio para a direita, para a direção do sol, que era onde eu lembrava que a Roxie havia dito que se perdera quando criança.

Não havia ninguém no monte, mas eu não sentia receio de que nada de ruim acontecesse. Na minha visão, apenas havia a imagem translúcida da Roxie, parada, me indicando o caminho. Magicamente, eu seguia aqueles gestos, me distanciando da trilha, me embrenhando na floresta, enquanto percebia que tudo ia ficando mais claro, tanto na Ilha, por causa da alvorada que chegava, quanto dentro de mim.

Meu coração estava disparado, e eu sentia uma dor aguda num lado. Cerrando as sobrancelhas, resisti firme e continuei

a passos largos (já não dava mais pra correr), e onde fora parar a imagem da Roxie?

Eu andava, agora começando a me sentir realmente perdida, talvez até arrependida de ter ido até ali; mas dentro de mim, havia uma força que me impulsionava, me guiava e não me deixava desistir, e eu me sentia rubra, sentindo o sangue latejar em minhas têmporas, minhas pernas haviam ganhado força novamente, e eu desbravava aquela floresta assim como desbravava meus sentimentos, meu próprio peito, minha própria alma. E nunca ninguém, nem mesmo Camões, traduziria em palavras a sensação que eu senti ao subir uma elevação natural logo após encerrar-se a linha das árvores, e ver o sol nascente derramar o ouro em luz sobre aquele jardim de flores brilhantes de orvalho como faíscas azuis como o céu se revelava naquela manhã.

Faíscas voavam do meu peito ao ver a figura da Roxie, dessa vez real e em cores, de costas, olhando o sol nascer; mochila segura na mão esquerda, um cigarro aceso na direita — e ombros caídos. Naquele instante, eu percebi o que tanto queria entender, e prometi agradecer ao Ângelo assim que o visse: eu havia visto o que ele queria que visse, o que ele há tanto havia percebido.

— CAPÍTULO TREZE —

Miosótis

Por um momento, eu parei observando a figura da Roxie, recortada na profusão de luz do alvorecer. Ofegante, eu percebi cada detalhe daquela cena: reconheci a florzinha azul do vaso lá do quarto da pensão, a que eu quebrei num surto. Era um jardim que se estendia até o precipício, voltado para o nascer do sol. As flores se erguiam apenas a alguns centímetros do chão, mas sua quantidade era enorme, fazendo todo o jardim parecer, com um pouco de imaginação, um imenso tapete azul.

E a Roxie permanecia parada de pé, aparentemente mirando o sol em silêncio, e neste, eu já não podia mais ficar. Respirei fundo, e sutilmente, como se a estivesse acordando de um sono profundo, chamei:

— Roxie…

Notei um leve movimento nos ombros, talvez um quase sobressalto por susto, mas fora isso, ela não se moveu. Eu contraí os cantos da boca numa expressão triste, e a passos lentos, caminhei em direção a ela. Ao me aproximar, ainda lentamente, fui estendendo a mão para lhe tocar o braço, mas ela falou, me fazendo parar no ato:

— Essas flores… os miosótis. São lindas, não são?

Recolhi a mão para perto do rosto, e olhei triste de lado e para baixo, contemplando a beleza do jardim.

— São… são sim.

Roxie, ainda sem se virar, disse, enquanto um vento frio começava a soprar:

— Reza a lenda que Adão havia nomeado tudo no Éden, mas algum tempo depois, andando pelo mesmo, percebeu que havia esquecido de dar um nome a esta pequena flor. Então ele a nomeou miosótis, que significa "não se esqueça de mim".

Aquilo era uma despedida, e eu mordi os nós dos dedos, o queixo tremendo enquanto as lágrimas já começavam a preencher meus olhos.

— Roxie, eu…

— Eu vou embora, Abby — sentenciou Roxie. — Vou para algum lugar novo, tentar terminar o meu livro, começar do zero, reescrever outra página depois de rasurar tantas outras.

Eu podia jurar que o jardim era um ralo, e meu peito, água suja. Lá se ia, esvaindo-se em pranto tudo o que era de mim, tudo o que havia em mim. Como seria a partir daquele momento, eu não tinha a menor ideia. Mas meu corpo, num último ato de desespero, agarrou-se à luz para fugir da sombra, arrumando forças para, num ímpeto, eu falar algo que doeu um bocado:

— Eu só espero… realmente espero que você possa um dia me perdoar por tudo de ruim que eu lhe causei. Eu sinto muito mesmo se o que eu mereço é apenas um golpe de caneta firmando uma rasura, e ainda não pude *me* perdoar pela minha incompreensão, mas eu não posso mais reparar eu acho.

O vento ia crescendo à medida em que o diálogo se tornava mais intenso, e isso se deu quando Roxie falou:

— Esqueça aquilo tudo, Abby. Esqueça que brigamos, esqueça da história ridícula que eu lhe contei, esqueça do que eu disse no final de tudo, esqueça.

— Não… eu…

— Esqueça o relicário, talvez não precise mesmo remoer poemas insensatos e egoístas, esqueça disso tudo. — o vento soprou furiosamente, fazendo meus cabelos voarem para trás, enquanto a Roxie se abaixava, arrancava uma flor e se virava para me olhar pela primeira vez, com olhos tão vermelhos que pareciam chorar sangue, mas era só dor. Dor ao tentar dizer aquelas palavras tão difíceis, mirando direto ao meu olhar. Era dor o que estava contido naquele adeus ainda não dito. — Esqueça disso tudo, Abby, só não se esqueça de mim.

Eu olhei para ela, me adiantei um passo e segurei o braço dela, o que continha a flor; a minha outra mão segurou a alça da mochila, e minha boca… minha boca desenhou o traçado que delimita o infinito, os trovões do começo do universo, a

chuva que molhou o barro de Adão, que nomeara aquela flor, que não me deixaria esquecer do beijo mais intenso que já dei em toda a minha vida.

O engraçado era que ambas pareciam, ao máximo, tentar se resistir, mas era impossível. A tensão, o elemento surpresa, aquele gosto de morango na boca. Naquele momento, naquele lugar, o vento abençoava a quebra da roda dos tabus, quebrava o gelo em nós e fazia do "pecado" a máxima divindade de nossas almas, que se emaranhavam naquele passar de desejos, de perdão silencioso, de amor gritante. Durante aquele beijo, eu me desculpava e ela me dizia "eu te perdoo", naquele beijo eu descobri que amava como nunca, e que aquele frio na barriga me traria complicações sérias depois, mas eu sabia que as enfrentaria. Aquele era o momento que se eternizaria, e dias ainda melhores viriam. Eu não a deixaria ir embora como a rajada de vento que nos balançava roupas e cabelos; ela seria sempre aquela luz do sol dourada que chegava e aquele friozinho de começo de manhã que sentíamos no calor uma da outra. E quando tudo terminou, eu disse para a expressão surpresa dela:

— Você demorou tempo demais pra chegar. Não vou deixar que vá embora.

O sol inspirava a canção dos passarinhos, e eu tive a impressão que, de longe, aquele sorriso que a Roxie abriu também. Eu acariciei seu rosto, e já não havia mais lágrimas correndo pelo meu. Eu sentia que mais palavras apenas atrapalhariam, era melhor que se deixasse o momento se passar em silêncio, com todas aquelas frases sendo absorvidas no que a nossa boca calava, mas que nosso peito berrava.

O rosto da Roxie pareceu receber uma nova luz, e ela de repente riu daquele jeito, com aquela risada linda e gentil. Eu fiz que não com a cabeça e ri também. Enquanto o vento levava aqueles únicos sons de felicidade para longe da gente, nos olhamos como quem contempla um milagre e, ao mesmo tempo, nossa salvação. Já não existia céu e inferno, agora era na Terra o nosso paraíso, e aquele jardim naturalmente seria o Éden de nossos desejos. Longe dali, todo o resto do mundo seria escuro e inabitado, enquanto que dentro, nenhum anjo

viria ali a não ser para rir maravilhado com o amor que brota na terra seca, na forma de uma flor com um tom de azul, um tom até de menino. Daquela cor era o nosso amor; nada daquele vermelho cheio de estigmas e lendas, nada de rosa com falsa doçura enamorada. Nosso sentimento era de um tom azul. Um azul quase… *miosótico*.

— Vem, Roxie, vamos pra casa.



— E agora, o que vai ser?

— Não importa muito.

— Como não?

— Ora, eu fico aqui, com você. De mãos dadas, pelo tempo que nos couber. Que mais importa?

— E os outros?

— Abby, os outros são os outros.

— Não sei, Roxie, não sei.

— Ficamos no sigilo, no segredo então. Isso engloba o Ângelo?

— E temos como esconder algo dele? Ele já tinha percebido tudo. Antes mesmo antes de mim.

— Mas você também…

— Quê? Eu tenho culpa? Você é que é toda fechada.

— Ok, ok.

Foi assim que o caiar da noite nos encontrou. Deitadas na minha cama, de mãos dadas e quentes, conversando enquanto mirávamos o teto do quarto. Como seria dali em diante, eu não sabia, nem tinha como afirmar que sim. O futuro todo era uma incógnita, e restava a mim esperar o tempo ir e vir, trazendo suas ondas de altos, baixos e poréns. Caberia a nós ter peito para enfrentar o que viesse de contrário ao que estávamos construindo, mas mesmo em nós o sentimento já nem cabia, e em mim especificamente… ah, em mim? Eu estava de mãos dadas com ela, que mais precisa dizer?

Pelo tempo que fosse preciso, eu estaria ali sempre. Se ela fosse embora, como passaria a ir todas as manhãs para buscar pão enquanto eu ficava pondo o café no fogo, eu permanece-

ria à espera simplesmente porque nada, em absoluto, pagava a sensação do palpitar do coração que acelera pra bombear sangue mas veias já preenchidas de saudades. E agora meu coração palpitava acelerado.

Eu estava feliz ao lado dela.

Logo mais, com o passar dos dias, contamos ao Ângelo abertamente o que havia acontecido. Eu contei minha pequena aventura através da floresta do Monte Negro, e ele apenas sorriu pra gente e nos abraçou como o verdadeiro amigo que era. Particularmente, eu achava ainda mais bonita a sua atitude, porque eu sabia que ele estava domando algo dentro de si por minha causa. Mas o Ângelo não era só o exemplo de homem perfeito, ele era resistente, ele estava acima de todos os homens que eu havia conhecido até então. Ele soube nos dar espaço, ele soube, sem precisar ser pedido, guardar nosso segredo, e não nos lançar olhares estranhos que condenam; Ângelo não era desse tipo.

Esse tipo de olhar, eu aprendi que era de quem simplesmente não entendia, de quem jamais parara pra se pôr no lugar. Não se tratava de preconceito, se tratava de egoísmo. Eu não gostava de mulheres, eu *amava* a Roxie, e só ela cabia no meu mundo, como a peça que preenche o vazio que nem Deus fora capaz de preencher. Este, talvez ficasse zangado com isso tudo, mas como pode? Como pode Deus, ser supremo e perfeito, poço de amor e sabedoria, condenar minha carne por causa do amor de minha alma confinada em meu peito? Isso me lembra das palavras do Sr. Manson, que me dissera que desde que o nosso interior esteja repleto desse belo sentimento, a casca poderia até se perder, porque Deus não nos esqueceria.

E o Ângelo nos mostrava que sabia entender e bem o que estava passando pelas nossas cabeças, minha e da Roxie. Por que as pessoas pensam que apenas aqueles que se aventuram nessa paixão sem fim são capazes de defender, ou mesmo nem ligar, pra essas mesmas pessoas? Por que não os que eles nomeiam "normais", como se o amor — que não é diferente, de maneira alguma — por uma pessoa do mesmo sexo fosse uma praga que apenas os doentes dela fossem capazes de se pro-

nunciar? O mundo não precisava ser assim, o mundo devia ser como naquele momento lá atrás que eu falei, com mãos dadas e olhos vidrados no teto, sem se limitar por ele só pelo fato de sonhar com o céu acima.

Amar sem limites, amar sem ver a quem. Desde criança ouvi dizer que amor era gostar de alguém incondicionalmente de como aquela pessoa é. Seria perdoar "setenta vezes sete", seria gostar como a si mesmo, seria "amar como se não houvesse amanhã".

E os amanhãs que se seguiram foram os melhores que eu tive durante aquele ano todo. Minhas médias na universidade decolaram, e eu pintava cada vez melhor. Roxie recebia boas notícias a respeito dos poemas dela, e do andamento do livro de poesia que escrevia, enquanto o Ângelo partia para a escultura, se distanciando um pouco mais da minha área. Mas uma coisa era certa: religiosamente, toda tarde de sexta, separávamos um horário para nos reunir os três no Jamaica rindo à beça do bom clima daquele quiosque. Clima esse que, certo dia me deixou confortável para contar à Neide que tipo de relação eu tinha com a Roxie. Apesar de surpresa, ela apoiou um bocado, me deixando intimamente aliviada. Não iria precisar procurar um outro lugar confortável para relaxar. Quando estávamos juntos, Ângelo brincava de nos chamando de Os Três Mosqueteiros, fazendo a Neide sempre comentar que era lindo o modo como nós três havíamos nos tornado tão amigos, tão irmãos.

Mais dias se foram. Roxie vendeu o carro, e compraria uma moto preta e estilosa para compensar. Como havíamos combinado, passou a morar comigo, e me ajudava com as tarefas de casa sempre que sobrava tempo. Nossos horários não se batiam tanto, apenas cedo da manhã e aí pelas oito da noite; raramente ela vinha almoçar em casa porque os trabalhos de pesquisa que andava fazendo iam lhe consumindo um bocado de tempo, e eu aproveitava o silêncio da casa para aperfeiçoar minhas técnicas de pintura e fotografia.

Vez ou outra, aproveitava as esculturas mirabolantes do Ângelo para fotografar, o que provocava protestos da parte dele, que não se contentava em "ter esculturas tão feias e po-

bres em tão boas fotografias". Eu ria, e o mandava calar a boca enquanto disparava os *flashes* objetivos na escultura de cérebro dele. A Roxie *sempre* chegava a tempo de nos pegar rindo, o que me deixava um pouco tensa; mas se ela tinha alguma raiva, abstraía muito bem.

Os dias passavam rápidos, e os ventos frios começavam a trazer o clima de inverno que, por sua vez, cheirava a Natal. Mas mesmo com a correria de fim de ano da universidade, nós três decidimos que faríamos uma festinha de fim de ano, conforme ninguém tinha realmente uma casa para onde voltar e visitar parentes.

Pulando este detalhe triste, os dias foram os melhores possíveis. Ao sair da minha prova de Esboço, caminhei até a praia acompanhada da Roxie e do Ângelo, que procurava relaxar para a prova do dia seguinte, então o lugar escolhido naturalmente foi o Jamaica novamente.

Não fora uma conversa muito longa, porém foi animada como sempre. Tínhamos ainda uma lista de compras a fazer e até pensamos em ir embora, mas Neide insistiu em que começássemos o trabalho por lá; ganhamos então uma ajuda nas lista. Assim, dois tipos de vinho, perus, panetones e toda sorte de itens que se podia imaginar (eu tinha certeza que não compraríamos metade) foram acrescentados ao guardanapo amassado de tanto ir de mão em mão.

Fazia uma tarde bem bonita, e demos um tempo a mais curtindo a vista. O vento frio começava a soprar, e eu já sentia um cheiro um pouco diferente no ar. Era meu primeiro Natal em Montenegro e talvez eu devesse até estar mais entusiasmada. Porém, os dias se arrastaram até quase metade da estação mais triste e que em nada me inspirava. Carregava lembranças dolorosas dela, que teimavam em me vir à mente sempre que me distraía olhando algum navio silencioso no horizonte. Sensível, como sempre, a Roxie me fazia um carinho após um abraço morno ao redor dos meus ombros, e eu sorria para ela após soltar um suspiro. Roxie continuava sendo minha rocha.

Dura como ela era, não foi convencida a comprar roupas comigo, que tive que escolher sozinha minhas roupas de frio enquanto ela se encarregava da faxina da casa. Ângelo, que vi-

via muito mais lá em casa do que no seu apartamento, ficara para ajudá-la, e a isso eu agradeci contente de ter me livrado de dores crônicas pós-limpeza.

Tomei um táxi até o centro, e escolhi uma loja a esmo. Na verdade, talvez tenha sido inconscientemente, mas entrei de cara na mesma loja em que tinha conhecido a Roxie há tantos meses. Animada por ter percebido isso, andei a passos largos até o pilar onde lembrava ter o quadro que parei pra admirar, e lá estava… as cores ainda vibrando na moldura, e agora irradiando nostalgia. Comecei a ter uma boa sensação, e talvez ela me fizesse contradizer o período de inverno e assim eu conseguiria produzir algo numa tela mais cara de verão.

Sorri para a tela, e me virei a fim de escolher alguns casacos, toucas e luvas. A temperatura caía radicalmente dia após dia, então escolhi as peças mais grossas que pude encontrar. Foi complicado, porque eu gostava de um estilo de roupas mais leves, mais esvoaçantes. *Quatro* horas depois, saio do caixa carregando uma sacola larga de papel reciclado e tomo outro táxi para o supermercado, acometida de uma súbita vontade.

Ao chegar ao destino, avancei ávida para a parte de artigos natalinos e tratei de escolher uma árvore de natal para levar. Meus olhos passearam na infinidade de opções, mas não levei mais que dois segundos para escolher a que levaria: era aquela lá no canto da parede, com cerca de um metro e meio de altura, branca e reluzente. Imediatamente imaginei enfeites vermelhos por toda ela, os quais tratei de comprar assim que pedi para o vendedor embalar a nossa nova árvore.

Decididos os enfeites, aproveitei para estudar os presentes que daria, e fiquei de olho em alguns artigos típicos de artistas. Um exemplo fora uma caneta bico de pena de ouro, com um tinteiro verde-esmeralda para a Roxie. Fiquei em dúvida sobre o que daria ao Ângelo, e pensei que talvez pudesse ser algo como ferramentas para escultura, o que lá não tinha. Contando um pouco com a sorte, decidi escolher o presente dele em um outro dia. Rumei para o caixa e fiz um bom uso do cartão de créditos; ao sair da loja, adivinhe: neve.

Os flocos caíam devagar como se fossem uma chuva muito fina e leve, tonalizando tudo de branco e embelezando ainda

mais as ruas do centro da ilha. Ainda esperei um pouco até conseguir um táxi, que só apareceu uns vinte minutos depois de eu ter ficado abobalhada olhando pro véu de neve que recaía sobre Montenegro. Durante o curto trajeto, observei pela janela que as pessoas já estampavam os sorrisos natalinos, e os postes já estavam repletos de cartazes das programações festivas de fim de ano da ilha. Duendes estavam pelos jardins, pisca-piscas se espalhavam pelos sobrais das casas, e as lareiras começavam a ser brandamente acesas, liberando fumaça cinza no céu colorido de neve. Foi com um largo sorriso causado por todo esse clima que eu abri a porta da frente de casa com o pé, carregando uma caixa grande e sacolas de roupas e enfeites penduradas nos braços.

— Minha nossa! — exclamou Roxie, vindo me ajudar com as compras. — Você sai pra comprar casacos e volta com o quê, matéria prima?

— Ah, não deu pra resistir — eu disse, rindo da cara de espanto do Ângelo ao me ver com tanta coisa. — Vejam, comprei pra nós.

Abri a caixa da árvore, e mostrei o panfleto que veio junto dela. Roxie ficou ligeiramente boquiaberta de felicidade, e o Ângelo lançou seu sorriso bonito lá de trás do sofá, segurando uma vassoura e ainda trajando um lenço na cabeça e um avental branco — certamente, ideia da Roxie.

— Nossa, Abby, eu não tinha pensado nisso. — confessou a Roxie.

— Na verdade, nem eu. Lembrei de repente, daí decidi comprar.

— Quanto custou?

— Pouco. Bem, precisamos de uma árvore pra colocar nossos presentes, não?

Roxie e Ângelo se entreolharam, e disseram em uníssono:

— Claro, presentes!

Lancei um olhar irritado aos dois, dizendo:

— Vão me dizer que não estavam pensando em presentes?

Os dois se entreolharam, parecendo mais do que culpados.

— Vocês são demais. Sério. Como, em plena época de Natal, vocês conseguem se esquecer dos presentes?

— Eu não disse a você que ela ia morrer de raiva? — disse Roxie, se rindo para o Ângelo, que riu também.

— *Quê*? — indaguei.

— Nós lembramos, Abby. Claro que sim, não temos a sua memória de peixe! — riu Roxie. — Só não lembramos da árvore.

— Vocês me tiram do sério.

— Deixe disso — disse Roxie, balançando a mão. — Quando montamos?

— Depois de amanhã, acho — respondi. — Você vai estar aqui, não vai Ângelo?

— Sim, sim. Estarei sim.

Jantamos. Conversamos horas, rimos, e perto de um ataque de hipotermia, vencemos uma travessa de sorvete de baunilha com chocolate. Rindo com os dentes doendo, Ângelo se despediu pouco depois.

A sós, eu e Roxie conversávamos sobre absolutamente tudo como sempre, e tínhamos nossos momentos de romance. Eu me sentia absurdamente feliz, embora muitas vezes, à noite, minha cabeça ainda rodasse querendo entender, decidir se podia ser errado. Isso me fazia ter realmente muita raiva de certas coisas que nos ensinam desde criança, aquelas coisas forjadas pra serem engolidas prontas, sem questionamento, sem racionalização nem interpretação.

Porque eu sempre lembrava de como estavam sendo aqueles dias e todas as mudanças que minha vida sofrera ao se harmonizar com a da Roxie. Todos os dias, não precisávamos nos preocupar em dividir as tarefas de casa, porque nenhuma das duas se importava de fazer determinada tarefa. Logo, se a Roxie lavava a louça, eu secava o chão; quando eu lavava a louça, ela cuidava das roupas, e por aí ia.

Não me lembro de uma fase da minha vida, mesmo no tempo em que morava com a minha mãe, em que eu nunca precisasse me preocupar com absorventes que faltavam, com comprimidos para cólica, nem se o esmalte que eu queria havia acabado, porque eu sempre encontrava o que me faltava nas coisas da Roxie, e vice-versa.

Eu tinha em casa alguém que sempre reparava no tamanho

do meu cabelo — que já passava da linha do quadril —, e que achava bonito a maneira como ele seguia liso para terminar em cachos bem feitos, que passavam horas sendo enrolados pelos dedos longos e carinhosos da Roxie, enquanto assistíamos televisão empacotadas por causa do frio, que era aliviado pelo excelente chocolate quente que ela preparava.

Regávamos os miosótis que colhemos cuidadosamente, pesquisando sobre como mantê-los a salvo durante o inverno rígido que se abatera na ilha. Por sorte, elas são florzinhas simpáticas que se dão muito bem com o frio — segundo um site, eram originárias da Rússia e curtiam nascer em lugares altos e, consequentemente, frios. Compartilhávamos o cigarro, embora gostássemos de marcas diferentes, tomávamos vinho barato e só às vezes uns requintados, ao gosto mais sutil da Roxie; dividíamos as contas e planejávamos minha carta de habilitação para quando o inverno passasse. Nos ajudávamos a estudar, sempre eu e ela, e muitas vezes o Ângelo, mas era sempre a Roxie que estava ali para mim em tempo integral, até quando eu a chutava à noite quando tinha pesadelos.

Ríamos dos olhares esquivos e curiosos dos vizinhos, ríamos das pessoas que nos olhavam abismadas ao nos ver passear pela praia de mãos dadas e do olhar de decepção de metade dos homens que encontrávamos no caminho e, pouco a pouco, nosso segredo foi deixando, despreocupadamente, de ser segredo. Ríamos praticamente de tudo, quase o tempo todo. Vá lá, tínhamos nossos desentendimentos, mas eles eram tão pequenos que nunca eram além de quem se levantaria para fechar a janela que esquecemos aberta, ou quem iria limpar a neve que entrasse no dia seguinte, caso nenhuma das duas criasse coragem para fechar a janela esquecida.

Eu recomeçara a pintar, e pintava plantinhas azuis, com pessoas felizes passeando à volta. A Roxie, por horas, ficava socada lá na torre da casa, trabalhando em textos e poemas que, pelo que entendi, seriam uma série que ela só aceitaria me mostrar quando terminasse. Mas o relicário que continha partes de nossas almas não parava de encher com sonetos da Roxie, feitos durante a novela (alguns *realmente* não iriam parar no livro dela), e com as contas que eu não pagava por mero

esquecimento, para o desespero dela, que geme de perfeccionismo e senso de responsabilidade.

Eu, como sempre, era o poço da distração sem fim, e a Roxie parecia um lobo de orelhas em pé para tudo o tempo todo. Perdi as contas de quantas vezes ela ralhou comigo por esquecer no forno alguma comida, ou esquecer a porta da frente aberta à noite. Eu só me desculpava e ria, porque achava incrivelmente linda a maneira como ela brigava comigo sem querer se irritar: *"aaaah, Abby, você ainda vai me mataaaar!"*. Mas logo estava me adulando com uma xícara gigante do mais perfeito chocolate quente já produzido nesse planeta.

Se me perguntassem se eu gostaria de voltar no tempo, a resposta seria mais do que óbvia: claro! Eu adoraria viver cada momento daquele uma segunda vez, talvez vendo de um outro ângulo, para rir ainda mais da minha cara lerda levando bronca da Roxie, ou implorando a ela que tivéssemos um cachorro. Também adoraria ver de todos os ângulos possíveis a cara da Roxie cedendo, após me fazer jurar que não esqueceria de cuidar do cachorro, e me advertindo que só o compraríamos na primavera para que ele não destruísse toda a limpeza que a neve nos obrigava a fazer, ou mesmo a árvore de Natal.

Pensando nisso tudo, a minha certeza se resumia num sorriso gigante que eu abria toda noite, quando me curvava sobre a Roxie na cama, para beijar sua testa e desejar uma boa noite. Eu havia conhecido a felicidade plena, e dentro de mim, parecia não haver como sobrar espaço para um eventual medo de que ela passasse. Estava tudo como eu queria, e olhe que eu nem fazia a menor ideia do que eu queria há uns tempos. Agora, eu só não queria que tudo aquilo mudasse, e que muitas vezes mais nós ríssemos jardas como no dia em que fomos, finalmente, montar a árvore.

Nosso Natal pareceu excessivamente breve. Nos divertíamos tanto que o tempo parecia cobrar a alegria, e passava vertiginosamente depressa de modo que antes que percebêssemos, era manhã do dia vinte e cinco. Eu havia pedido que Ângelo dormisse conosco na véspera, após nos empanturrarmos com uma ceia pedida pelo telefone e cozinhada à base de muito riso e vinho; nesse ponto, nós realmente excedemos nossa

cota, porém graças aos milagrosos comprimidos anti-ressaca, estávamos de pé às nove da manhã. Roxie nos acordara pulando sobre nós na cama onde dormimos os três, puxava meus cabelos e dava tapinhas no rosto do Ângelo enquanto berrava feito criança para irmos abrir os presentes.

Assim, de cara amassada e cabelos feito moita, descemos as escadas e caminhamos a passos de zumbi para a sala. Os seis embrulhos coloridos nos esperavam sob a árvore, que tinha alguns enfeites a menos graças à Roxie, que a derrubara na noite anterior quando tentou pegar o controle da televisão na mesinha de centro.

— Quem primeiro? — perguntou Roxie, coçando os olhos.

— Você. — eu disse, e ela sorriu satisfeita. Notei que era decididamente a resposta que ela esperava. Ela escolheu um dos pacotes com a etiqueta com seu nome, e abriu.

Era, de cara, o meu presente. Como havíamos combinado que cada um deveria adivinhar quem dera o presente, ela tateou primeiro, conferiu o formato de paralelepípedo, e disse?

— Acho que é um porta-retrato.

Por fim, rasgou o papel de presente e seu engano quanto ao conteúdo pareceu ser realmente feliz. Por um instante, ela olhou quase sem acreditar para a caixinha onde repousava uma caneta bico de pena de ouro branco, e um vidrinho cheio de tinta azul-marinho acomodado ao lado dela.

— Obrigada, Abby.

Ela me abraçou quando conseguiu recuperar a voz, e partiu pro presente do Ângelo, que fora um Box de cd's com coletâneas de hits franceses, o que ela pareceu gostar tanto quanto a caneta. Fora então minha vez de abrir os meus pacotes. Ganhei um conjunto de pinceis especiais, e adivinhei de cara que era o típico presente que o Ângelo me daria. No segundo pacote, que era um pouco menor do que todos os outros, estava uma caixinha bem pequena e um envelope laranja dobrado de maneira que a envolvia. Com um sorriso curioso no rosto, abri primeiro o envelope, e li as linhas sutis da letra da Roxie, que pareciam reproduzir a voz da autora enquanto eu lia:

Castanhola

Segredo meu…
Penso em contar que de nós,
Quem mais gosta sou eu

Do nosso sentir discreto,
Do tabu quebrado por vós
Que veio a mim por decreto
Tanto gentil quanto veloz

Segredo meu…
Penso em contar que de nós,
Quem mais teme sou eu

Que ao prolongar cada despedida
Sinto o amargo frio na barriga
Que não voltes tal qual prometeste

Pra me mostrar de novo seu sorriso
E me deixar ébria com tuas palavras
Também é por isso que eu friso
Que em muitos sonhos meus estavas.

Ah, segredo meu…
Bem mais secreto é o pranto que eu
Derramo ao lembrar da distância
Que nem que queira eu e minha ânsia,
Posso declarar que morreu…

Mas feliz fico em saber
Que alma nenhuma cansa,
Não importa o quão longa a andança;
E a minha vira, pois, criança
[quando aí vai te ver

E volta cá pra me dizer
Que viu a vós dormindo

E cá eu fico sorrindo
Sempre e sempre, antes de adormecer

E assim que o dia comece
Rezo que inspire a ti que confesse
Para o mundo, para tu'alma
E para o teu eu
Que queres reclamar para si, por direito,
Todo o sentir do peito meu

E a mim que não sei sentir por um meio,
Nem tampouco recuar para o amor,
Resta só enfrentar o receio
De, um dia, cruzar com a dor

Mas te conto, segredo meu
— e fica cá um dos segredos teus
Que se antes disso, encontrar a ti,
Feliz para sempre fecharia
Esses castanhos olhos meus.

Esse texto eu havia escrito pra você há um tempo, antes mesmo de lhe conhecer. Hoje, você ainda é o meu segredo, e eu o levaria pro túmulo se fosse preciso. O que queira, como queira… pois toda noite, ao deitar ao seu lado, fecho feliz esses castanhos olhos meus.

Feliz Natal.

Eu a abracei com os olhos cheios d'água, enquanto ela ria. Eu não consegui dizer nada, só imaginar que toda mulher deveria, por lei, ter direito a ser amada por um poeta. Mas eu, particularmente, jamais trocaria a minha, só minha poetisa.

E na caixinha tinha um enfeite em forma de uma flor estrelada, azul e reluzente.

— CAPÍTULO QUATORZE —

Março

Se eu tivesse o dom de prever o futuro breve, e o tivesse feito logo após o réveillon, eu teria esperado ansiosamente pela primavera daquele ano. Após um inverno feliz, que conseguiu compensar a época em que minha mãe morrera, eu pensei em visitar seu túmulo. Por uma questão de não querer que toda a sensação de fazer isso venha à tona, deixarei breve esta passagem, que só se estende um pouco por me lembrar da visita que fiz à antiga casa. Há lágrimas tristes demais aqui, então adiemos.

Pouco depois de retornar a Montenegro e reencontrar a Roxie — que não fora comigo porque achou que eu deveria realmente enfrentar isso sozinha, e acabou perdendo a chance de conhecer o Sr. Manson de quem eu falava tanto —, eu cuidei de organizar minha nova matrícula na Universidade. Um novo ano começava, e eu podia sentir em cada capilar do meu corpo a vibração de bons ventos vindo em nossa direção, ao passo que a mão de Deus nos caía com um afago cuidadoso e compreensivo, e isso eu sentia em tempo integral, sem pestanejar. Me bastava sair à varanda para olhar o mar e as estrelas da noite reluziam sorridentes, a brisa que ainda arranhava um pouco o rosto carregando o resto do inverno que gelava a pele trazendo um frescor de novidade, de expectativa boa, de ascensão.

Após alguns dias, eu e a Roxie passamos a frequentar juntas o jardim dos miosótis, fazendo deste o nosso cenário. Foi naquele jardim que eu dei os melhores beijos de minha vida, que vivi a plenitude do amor verdadeiro, que me entreguei à felicidade, que me declarei, que ri, que chorei de alegria, e onde eu ouvi uma excelente notícia dada pela própria Roxie:

Era uma tarde qualquer de março, mas me lembro bem

que era uma sexta-feira. Estávamos lá no jardim, tomando um pouco de sol enquanto esperávamos a boa vontade do Ângelo aparecer com o nosso sorvete e falávamos de assuntos quaisquer, também de como nos sentíamos bem, de como nos amávamos. Num dado instante, ela falou, assumindo um ar incrivelmente sério:

— Abby, eu tenho uma coisa pra lhe falar.

Eu, que sorria para o horizonte, com a cabeça recostada no colo dela, me virei de modo que a visse, e senti meu sorriso morrer nos lábios quando vi a expressão séria em seu rosto.

— Deus do céu, o que foi? — perguntei, assustada enquanto me endireitava para olhá-la melhor.

— Eu hoje recebi uma notícia.

— Que notícia?

— Ah, Abby, é algo que vai mudar pra sempre nossa vida.

Eu senti um frio na barriga tão intenso que achei que tinha engolido um balde de picolés. Respirei fundo e perguntei novamente:

— Que notícia?

Ela parou, me olhou e de repente o canto dos seus olhos se estreitaram, a boca se alargou no sorriso mais lindo que eu jamais tinha visto e falou:

— Vão publicar meu livro.

— Puta que pariu… — me escapou, enquanto eu ficava num estado atônito.

— Nem me fale! — disse ela, abrindo os braços para um abraço que eu dei com força, um pouco abismada ainda, sem absorver direito a notícia. Em compensação, quando explodi a alegria, foi de vez:

— Aaaaaaah! Venha cá, venha! Me abrace mais, me conta, como foi isso?

Enquanto ríamos, ela começou a contar:

— Conversei com o meu professor ontem, e ele está voltando para a carreira de editor… recebera um convite pra exercer o cargo numa editora gigante daqui. Como ele me acompanhava há um tempo, disse que teria que tomar comigo uma postura de *e-di-tor*.

— E como é isso? — perguntei achando graça na ênfase

dela.

— Bem, basicamente ele vai me criticar enquanto tiver forças e cuidar do processo de publicação.

Eu ri, e ela prosseguiu:

— Então, quando eu liguei pra ele assim que soube que ele ia voltar à carreira — Deus abençoe a internet —, e perguntei se ele estaria disposto a publicar meu livro quando estivesse pronto, até porque não falta muito pra terminá-lo.

Ela fez uma pausa para acender um cigarro, e eu fiquei:

— E ele, *e ele*?

— Ele disse: "venha me ver na universidade hoje à tarde".

Amaldiçoei o isqueiro não-funcional que proporcionou mais aquela pausa. Cigarro aceso, ela prossegue dizendo:

— Por isso saí tão apressada naquela hora. Mas olha, Abby, se tem uma coisa que Deus me deu foi instinto. Eu sabia que iria lá pra olhar na cara dele e convencê-lo a publicar meu livro, não importasse o que ia custar, nem tampouco seria levada em conta a amizade que temos, nem o tempo que ele me acompanha como aspirante.

— E aí?

— Dito e feito. Quando entrei no escritório dele, ele me serviu café depois de me mandar sentar. Depois, pôs os braços sobre a mesa cruzando as mãos e disse, fazendo um gesto breve as abrindo: "então. Me convença".

"Nessa hora, eu suspirei e usei todas as forças que tinha pra esconder o sorriso triunfal que ia brotando no meu rosto enquanto eu me levantava um pouco pra tirar um papel do bolso traseiro, que eu havia posto antes de sair de casa.

"Cara, nada é por acaso. Eu sabia assim que tinha escrito aquilo que não deveria colocá-lo na internet… e eu sabia, Abby, eu sempre soube, desde que comecei a primeira linha do primeiro poema voltado intencionalmente pro livro: — ela sibilou as palavras que seguiram — *eu vou publicar meu livro*".

— E aí?

— Aí que eu tirei um papel dobrado do bolso, me sentei novamente cruzando as pernas e joguei com jeitinho o papel sobre a mesa. A postura do Ricardo estava diferente, ele me olhava como se fosse um ser superior, e eu mal podia esperar

pra ver aquela montanha toda desabando na minha frente.

— Ê pretensão.

— Não é isso. É que… ah, sei lá. Não tinha como dar errado, eu não sentia nada menor do que pleno sucesso. Foi tanto que ele pegou o papel, desdobrou e depois de me lançar um olhar penetrante de desafio, baixou os olhos pro papel. Ok, nessa parte eu fiquei um pouco tensa, mas disfarcei bem. Assim, depois de alguns minutos de silêncio pleno pairando naquela sala iluminada de um jeito que o vapor do café desenhava figuras estranhas no ar, ele endireitou o papel nas mãos esticando-o, levantou seus olhos pra mim… e sorriu com um canto da boca. Devolvi o sorriso daquele homem de rosto quadrado e cabelo de lado, armado com gel, que sorria com aquele charme, se levantava da cadeira e me estendia a mão. Eu me levantei e a apertei sorrindo lisonjeada. Estava feito.

Meus olhos brilharam imaginando a cena, e meu coração batia forte de orgulho. Eu sorria de olhinhos fechados, e a Roxie parecia a ponto de dar pulinhos. Então, eu com minha curiosidade, perguntei:

— Tá, mas afinal, o que era que tinha no papel?

O sorriso que brotou no rosto da Roxie era de quem havia acabado de ouvir a pergunta para a qual nasceu para responder. Então, ela se inclinou pra frente, meteu a mão no bolso traseiro da calça, e retirou um papel já um pouco amassado, dobrado pequeno e de cor azul clara. Ao me entregar, ela disse:

— Isto foi o que eu mostrei.

Eu abri o papel azul e li:

Regra de Três (Todo Santo Dia)

Apenas por ser tudo.
Apenas por ser o que é…
A folha seca no chão que se locomove com a brisa,
O par de pardais nos fios de telefone,
O telefone que quase não toca, o toque que comove o meu coração.

Apenas por ser minha rotina.

Apenas por ser o que tem de ser…
As poucas palavras, as frases inexatas, a perfeita convicção.
O objetivo dos meus planos, o plano mestre da ilusão,
O outono de outrora, o fim da temporada e o verão.

Apenas por ser minha sina.
Apenas por ter, a duras penas, que compreender a compaixão…
Entender cada gesto, cada nota do piano cantando cada verso,
De cada música, o bordão.
Apenas por ser somente toda a minha canção.

Vem.
Transforma minha carne em teu passeio,
Minha fala em teu lisonjeio, minha pressa em minha oração.
Faz de mim o teu templo, faz de ti o meu resto,
Faz a prece ser de coração.

Por ser somente esse todo céu e seus detalhes,
Por ser em mim a marca dos entalhes,
Por esculpir meus versos sem intenção,
Por cravejar amor, dor e ser verdade,
o motivo de minha vaidade
[e devoção. De quebra, a lacuna em minha razão.
Por ser da minha frase a primeira letra;
A direção certa à minha direita,
A cal sobre a sarjeta,
A tinta da minha caneta,
A fase de erupção.

Somente o ar que eu expiro, que roda o mundo
— E o mundo roda e volta pra mim.
Logo pra mim, que balanceio sentimentos postos à roda,
Que muda todo o sentido, todo o destino, toda a forma…
Da nossa regra de três.

Vem.
Porque é tu a criatura, é tua a minha ternura,

O meu pranto, o meu gesto, o meu incerto certo do meu dia, minha agonia,
Minha nostalgia, minha feliz companhia; meu ar…
…E minha inspiração.

Vem,
Que dada a nossa última fantasia, és minha poesia,
Meu receio e minha alegria.
És o túmulo da minha pressa e agonia,
Acalma a alma, a mente e o corpo meu…
Todo santo dia.

Se eu soltasse outro palavrão, ficaria feio. Mas após repassá-lo mentalmente, eu me virei para a Roxie e uma determinada frase fez formigar minha boca antes de escapulir por entre os lábios. Foi mirando aqueles olhos castanho-claros, ainda mais cintilantes por causa da luz do sol, que eu disse, pela primeira vez, sem medo de ser feliz:

— Roxie!

— Quê?

— Eu te amo.

Ela sorriu, e eu nunca mais precisaria ser triste.

— Alôoo! — disse uma voz às nossas costas.

Ângelo chegara com nosso sorvete.

— Já não era sem tempo! — reclamei rindo.

— Ainda não aprendi a voar sobre montanhas, me desculpe. — disse ele num tom de falso ofendido. — Então, e essas caras sorridentes?

Nos entreolhamos, e Roxie me deu a honra de contar a novidade. Ângelo ficou muito contente, e fez um bigode branco de baunilha em Roxie "para comemorar". Me senti plena com aqueles três. Eu, ela, ele, e o sorvete de amante.

❀

Depois dessa tarde, a vida pareceu ser ainda mais bonita. E rotineira. Acordávamos às sete da manhã, pontualmente. Enquanto eu tomava banho, a Roxie comprava pão, e ao chegar,

ia tomar seu banho enquanto eu preparava o café. Comíamos juntas, fumávamos o cigarro na varanda e esperávamos a buzina do carro do Ângelo berrar lá da frente. Corríamos e rumávamos para a universidade, contentes de termos conseguido conciliar nossos horários perfeitamente de modo que nós três nos víssemos sempre. A Roxie quase sempre reclamava que podia me dar a carona se já tivesse a moto, mas Ângelo dizia pra ela se acalmar e compensar na janta. Ela ficava resmungando, e vez ou outra, amaldiçoava o irmão pela venda do carro — ele havia cobrado judicialmente alugueis que, verbalmente, dispensara a Roxie de pagar. Até hoje, ela não se perdoa por essa inocência.

Ela pretendia comprar uma moto com o dinheiro que sobrasse. Fazia mais a cara dela, e isso automaticamente me deu uma bela de uma ideia. Aproveitei uma tarde em que ela estava de bobeira e passei no banco para dar uma checada nas aplicações que o Ângelo me ensinou a fazer. As cifras depositadas eram um tanto grandes (cerca de quinze por cento da minha herança), e haviam rendido bem. Andei dando uma pesquisada em preços de motos e que estilo de moto a Roxie gostaria de ter.

E isso era um trabalho difícil. Ela vivia de orelhas em pé, e eu tinha certeza de que não aceitaria um presente desses, mas eu não me importava; dependendo, não ia ser um grande custo. Eu pedi ao Ângelo — que era homem e sabia exatamente como puxar um assunto sobre veículos despreocupadamente — que fizesse esse favor, e expliquei o que eu pretendia fazer. Numa tarde aí consegui finalmente o modelo de moto que a Roxie gostava, e me surpreendi por ser um estilo meio incomum, logo, relativamente cara.

Esperei um tempo para não correr riscos dela notar o que eu andava tramando. O problema é que graças a essas pesquisas (a internet não ajudou muito) eu tive que ir algumas vezes a Nova Esperança, a cidade vizinha. Com isso na cabeça, terminei esquecendo de um estudo que tinha que fazer a respeito do desenho técnico industrial e um esboço anatômico humano avançado, e senti dolorosamente metade da minha nota trimestral na disciplina indo por terra.

Porém, era por uma boa causa… eu tinha acabado de me atolar no dobro de coisas a fazer por conta disso, tinha poucas horas livres e, para a minha sorte, durante as várias horas que eu passava no ateliê debruçada sobre a prancheta, a Roxie me acompanhava ao piano, pelo qual ela voltou a ter gosto. Me trazia lanche e café, perguntava coisas, conversava, me fazia carinho. Por vezes, o Ângelo aparecia, mas as meninas lá da universidade não andavam dando muito tempo para ele parar o quadril e a boca. Eu achava engraçado a Roxie perturbando-o com a fama de "pegador" que ele estava prestes a adquirir. Meio tímido, como sempre, ele ficava encabulado, mas sempre levava na brincadeira com seu jeito tranquilo.

Quando conosco no ateliê, ele tirava as dúvidas que eu tinha, mostrava pacientemente como eu poderia fazer pra melhorar, sempre prestativo e meigo. Homem da minha vida, o Ângelo. E a Roxie às vezes metia a cara nos livros dela. Por vezes, pegava o computador, nos obrigava a ficar na varanda enquanto ela escrevia, eu desenhava e o Ângelo falava.

Às vezes, indo para a aula, eu baixava o vidro do carro e deixava entrar o vento erguendo meus cabelos. Quase como um cachorrinho que mete o focinho pra fora da janela sentindo a profusão de cheiros no ar que, no meu caso, eram só a variedade de cheiros que a felicidade tem, eu respirava tranquila e dormia agradecida toda noite, com a mão da Roxie acariciando meus cabelos. Nas vezes em que, hum, *ficávamos acordadas*, eu sentia o colo quente da Roxie sobre o meu e meu peito inflava como chamas quentes demais para ficarem trancafiadas em meu íntimo. Deixávamos o amor correr em nosso tato, na nossa troca de sentimentos, no nosso seda com seda, o nosso cheiro feminino em encontro, a sutileza e a leveza das peles num confronto de paz contra paz… na nossa guerra das eternidades, no nosso orgástico segundo rastejante pela noite inteira. Eu, só eu com a Roxie, a lua e a lua, o rio e a chuva. Eu, só eu e a Roxie. Era assim… assim que ao lado dela eu era inteira, sem eira nem beira.

Subir uma ladeira requer esforço, paciência, e muitas vezes, autoclemência. Por um bom tempo eu praticamente escalei o caminho que leva à felicidade e agora, no topo dela, eu

comprovo minha tese que a ela é utopia; porque foi só quando vivi esse momento que eu notei que a felicidade não é bem uma montanha íngreme de se subir. É uma linha sinuosa de colinas e mais colinas que se repetem em intervalos baixos e sem grama. Estava no topo de uma, uma das mais altas, e já não tinha medo de descer novamente, pois logo estaria subindo outra vez.

Com esses pensamentos, quando o Ângelo parava o carro em frente à universidade, eu subia o vidro e abria a porta. Numa das vezes e como de costume, eu tomei meu rumo para o "coliseu" onde assistiria aula de anatomia. Com muito empenho — e mérito! — consegui entregar meu trabalho ao professor na última data que ele havia reservado para a entrega das artes. Tomei meu lugar à janela, e foi bem na hora que vi a Roxie passando lá embaixo, cruzando os jardins em direção à lanchonete. Nem notei que abri um sorriso sob a minha mão, que apoiava a minha cabeça na mesa e cobria uma parte da boca. Suspirei contente, e pelo tempo que Roxie levou para sair de meu campo de visão, eu fiquei ali, com o coração fazendo festa enquanto a aula de anatomia acontecia em alguma galáxia além da vizinha.

— Com licença, Abby Montenegro?

Eu notei que uma voz perguntava por mim lá da porta. Despertando de meu transe, virei a cabeça a fim de ver quem era e notei uma menina parada na porta, olhando pra dentro da sala pra ver se alguém se manifestava. Com a licença do professor, fui atendê-la. Ao fechar a porta atrás de mim, a ouvi dizer:

— A professora Soraya pediu que você passasse lá na sala dela, se pudesse, agora. — disse a moça, sem emoção.

— Ok, o que ela quer comigo? — indaguei.

— Não faço ideia. — ela falou, com um olhar baixo e voz de preguiça. Eu agradeci e imediatamente rumei para a sala da coordenadora do curso, realmente intrigada com o que poderia ser.

Ao chegar à porta, bati e a entreabri pondo o rosto pra dentro.

— Com licença… professora?

Ela ergueu seus olhos da papelada à sua frente e disse:

— Entre, Abby.

Um pouco tensa, eu caminhei em direção a ela, e ao seu sinal, sentei na cadeira. Graciosamente ela reuniu a pequena pilha de papeis, organizando-os e os soltando sobre mesa.

— Então, minha filha, eu andei observando seu desempenho nas últimas avaliações…

Eu prendi a respiração. Seria possível que eu ia mesmo levar uma bronca por causa de notas baixas? Mas… minhas notas não andavam tão baixas assim, sei lá, ao menos não pareciam.

— E eu devo lhe perguntar uma coisa.

— C-claro… — balbuciei.

— Bem, dei uma olhada nos seus últimos trabalhos e seu talento me chamou muita atenção. Você parece um poço de inspiração tranquila e feliz, e suas telas ostentam um ar sublime, com uma espécie de moral da história sendo contada na sua mistura de técnicas e cores simples. Não tenho certeza se você é ciente do quanto é boa.

— Eu sou? — perguntei abismada, afundando na cadeira.

— Como eu pensei, não sabe — ela sorriu de um jeito de fadinha, fazendo um gesto com a mão delicada e fina. — Pois bem, como você já deve saber, a galeria do Salão Circular já está perto de ter sua reforma terminada, e meu amigo e dono da galeria, o Aurélio, está pensando em realizar uma exposição para a festa de reinauguração.

E meu coração, de repente, estava batendo igualzinho ao de um hipertenso. Eu mal podia esperar pelas palavras seguintes, que eram:

— Então, como ele me disse que acharia interessante mostrar para a cidade e, posteriormente para o país, as obras da nossa mais recente geração de artistas, me perguntou se eu poderia indicá-lo alguns. Assim, como sou coordenadora de um curso de arte, revi os trabalhos de alguns alunos e os seus, como disse, me chamaram bastante atenção. Logo, gostaria de saber — e esse é meu convite — se a senhorita se interessa em participar desse projeto conosco.

Eu… estava… *aflita*!

— N-nossa, prof-fessora, m-mas é claro! É claro que sim, eu quero. Muito!

Ela sorriu para o meu jeito destrambelhado de falar, e disse:

— É que eu notei que suas telas têm uma sensibilidade de fada (nesse instante eu pensei na ironia que era ouvir a única sílfide que eu conheço falar isso), são quase um poema não-verbal, música na partitura, eu diria. E vou encaminhar algumas obras suas para análise, se ele gostar, você está dentro.

— Certo, certo.

— Então é isso — disse ela, sorrindo. — Obrigada por aceitar estar conosco.

— Será uma honra, professora… sério. Mas quando a minha tela será exposta? Digo, tem uma previsão de data?

— *As telas*, Abby. No plural.

— Ah… — eu estava quase dando pulinhos. — Então… quantas, exatamente?

— Bem, pelo que o Aurélio me falou, ele pretende montar uma exposição inteira. Então você terá umas quinze telas para pintar até junho, que é quando pretendemos expô-las.

— Peraê! Quer dizer que caso seu amigo goste… a exposição vai ser *só minha?*

Ela fez que sim com a cabeça, fechando brevemente os olhos numa piscadela, e disse:

— Sim.

— Oookay, eu estou indo embora.

Ela sorriu e se despediu, e eu saí estupefata. Meus passos foram gradativamente aumentando até que eu, quase correndo, entrei na sala, peguei minha bolsa, saí e — agora literalmente correndo —, rumei para a lanchonete onde vira a Roxie ir.

Encontrei alguns conhecidos no caminho, mas os cumprimentei brevemente demonstrando a pressa. Ao sair do centro acadêmico e chegar à passarela coberta, dobrei à direita e praticamente corria. Uma excitação se apoderava de mim, uma alegria misturada com desespero, uma dor de lado por causa da corrida, o coração a mil. Eu precisava contar aquilo para alguém.

Cruzei o campo gramado em direção à lanchonete. Varri a varanda onde ficavam as mesas externas com os olhos à procura da Roxie, mas se ela ainda estava ali, estava do lado de dentro. Entrei no local, que era tão branco e limpo que lembrava os banheiros da pensão da Dona Magda, e olhei em volta. Nem sinal da Roxie. Me dirigi ao balcão à esquerda e disse à moça que estava no caixa, uma conhecida depois de tantos lanches que eu fazia lá:

— Rita, você viu a Roxie por aqui?

— Não, Abby, ela não passou aqui.

— Ok, obrigada.

Dei meia volta e me dirigi à saída, procurando o celular na bolsa. De cabeça baixa, fui andando enquanto o meu telefone parecia ter se escondido no meio da bagunça que estava na bolsa. Subitamente, trombei com alguém.

— Ai! Desculpa.

— Está desculpada. Por que está tão descabelada?

Era o Ângelo. Como sempre, sorrindo delicada e angelicamente, ele passou a mão em meus cabelos, e nesse instante eu achei o celular. Fui falando enquanto discava para a Roxie:

— Eu estou procurando a Roxie. Você não sabe o que acabou de me acontecer.

— Quê?

— Um minuto e já conto.

Esperei a ligação completar, e o celular dela deu na caixa postal. Meio frustrada, eu disse ao Ângelo:

— Celular dela está desligado. Olha, eu estou indo pra casa, talvez a Roxie esteja lá.

— Ué, tão cedo? — ele disse. — Não tem mais aula?

— Tenho só mais uma de Expressão Gráfica, mas mando o exercício por e-mail pro professor mais tarde.

— Bem, se quiser, te dou uma carona. Vim aqui só trancar uma disciplina e já estou livre.

— Então, aceito — e fomos andando. — O que você trancou?

— Programação. Estou sobrecarregado com algumas disciplinas, e não deu pra organizar direito o tempo de estudo. E não vai ser problema, posso colocá-la pro próximo trimestre.

— Entendo.

— Mas afinal, o que aconteceu? — ele indagou.

— Você não vai acreditar…

No caminho até o carro, eu contei euforicamente o convite que a professora Soraya me fez. Ângelo ficou tão surpreso quanto feliz, e segundo ele, cheio de inveja. Era uma oportunidade excelente de se lançar no mercado como pintora, e como — ainda segundo ele — eu realmente tinha talento, provavelmente estaria sendo cotada como uma das revelações do ano. E este foi o nosso assunto até chegar em casa.

Ao chegar, abri a porta e encontrei a Roxie estirada no sofá, com um braço passando por cima dos olhos. Franzi as sobrancelhas e fiquei um pouco receosa, daí chamei:

— Roxie?

Ela tirou o braço do rosto e olhou para nós, com cara de sono.

— Aconteceu algo? — perguntei. — Você chegou em casa tão depressa.

— Sono demais. Não dormi direito a noite inteira. Tive sonhos estranhos. Sonhei com uma cartomante puxando umas cem vezes a mesma carta, a mesma carta, sempre a mesma carta, e eu ficava ansiosa e assustada. Ela era assustadora.

— Mas que coisa. — disse o Ângelo.

— Que carta era? — perguntei, largando a bolsa no outro sofá enquanto ela se levantava e nos indicava a cozinha.

— Não consigo lembrar. É estranho, eu quase a vejo, mas não consigo lembrar exatamente qual era. Só lembro que era preta.

— Isso é típico de sonho. Detesto isso. — comentou Ângelo.

— Nem me fale. — disse a Roxie. — Abby, faz um pouco de café, por favor?

— Aham — respondi, enquanto eles se sentavam à mesa. — Roxie, eu liguei pro seu celular, tava desligado.

— Desculpa, é que eu cheguei e apaguei no sofá. O celular tinha descarregado, e não tive coragem de pôr pra carregar. Era algo importante?

Eu pus o bule no fogo, acendi um cigarro e senti um sorri-

so brotar mais largo que de costume. Então, eu disse:

— Adivinhe quem é que vai expor telas na exposição de reinauguração do Salão Circular!

— Ah meu Deus… — disse ela, aparentemente despertando de vez. — Você?!

— Euzinha aqui. — disse eu, fazendo um estilo de pouca modéstia.

— Aaaah, parabéeeens!!! — fez Roxie, se levantando para me dar um abraço, que foi seguido de um selinho na boca.

— Ué, mas você não disse que a professora Soraya ainda ia mostrar o seu trabalho pro cara lá? — perguntou Ângelo, puxando o cinzeiro para perto de si, de sobrancelhas franzidas.

— É, eu disse — respondi. — Mas acontece que ele vai aprovar. Estou confiante.

E não era brincadeira. Se eu fechasse os olhos, eu veria quase que perfeitamente minhas obras expostas nas paredes da galeria, com um monte de gente fina admirando, se interessando, e eu lá, bela e ruiva recebendo elogios. Isso me fazia sentir realmente bem, e depois da primeira vez, automaticamente era no que eu pensava quando me distraía. E no meio de outro devaneio, Roxie falou, me chamando de volta à Terra:

— E quantas telas você vai expor?

— Quê? Ah, bem, não sei. A professora Soraya falou algo em torno de umas quinze, pra junho.

— Vai ser um pouco apertado. — ponderou Ângelo.

— É, vai sim — concordei. — Mas vou me dedicar. Essa pode ser minha chance, eu tenho que fazer valer.

— Vai dar tudo certo, você vai ver. — disse Roxie, e Ângelo completou:

— Pense que vai. E como a Roxie diz: "Se você pensa que tudo vai dar certo, tudo vai dar certo".

Eu sorri para eles agradecida, e disse:

— Eu vou precisar de um tema. Mas acho que já faço uma ideia. — eu disse, lançando um olhar maroto em direção à Roxie, e Ângelo disse, percebendo a cena:

— E eu que achei que fosse algo sobre paisagens.

— De certa forma. — falei, virando os olhos para o teto, com um sorriso maldoso.

— Se não se importam, senhores pintores — disse a Roxie —, Abby, a água já está fervendo.

Era verdade. Tratei de pôr o açúcar e o café em pó e fui atrás do coador. Pouco depois, estávamos na mesa da varanda, olhando o mar, enquanto falávamos sobre a última menina que o Ângelo tinha ficado. Nós perguntávamos um monte de coisas das quais ele falava realmente sem problema. Eu achei engraçado, pois a cada dia que passava, o Ângelo, que sempre fora um poço de gentileza e timidez, aos poucos ia se soltando, confiando cada vez mais, falando pelos cotovelos quando decidia, e isso havia se tornado frequente. Nesses assuntos mesmo, era comum ele ficar logo vermelho e a gente parar de falar, mas agora ele respondia, comentava, ria até. Compartilhava conosco certas *estranhezas* que aconteciam — e sim, eram *realmente* estranhezas —, e tinha a sadia mania de rir. Sempre.

Enquanto ele matava a Roxie de rir contando um caso de um sutiã vermelho preso na porta do carro, eu parei de falar e os observei calada, apenas fumando meu cigarro. De onde eu estava, eu os via como numa fotografia animada, tendo o mar como plano de fundo. Eu me sentia leve e contente, e Deus! Ainda fico impressionada como a paz gera paz, a alegria gera boas sensações que contagiam, que lhe deixam leve.

Tínhamos pouquíssimas coisas com o que nos preocuparmos. A Roxie odiava o irmão, e eu nem ousava tocar nesse assunto. Decidi deixá-la à vontade para desabafar quando a conviesse. O Ângelo, até onde sabíamos, andava sobrecarregado das várias ex e de matérias do curso, e eu tinha um bom problema, um problema não-dor-de-cabeça, que era bolar um tema para a exposição. Ou seja, éramos muito afortunados e — eu tenho certeza — cada um dos outros dois era profundamente grato a Deus por ter unido esse trio tão amigo, tão cúmplice.

Nós praticamente não tínhamos amigos na universidade, todos eles eram mais colegas de curso, conhecidos de praça ou meros monitores acadêmicos do que amigos propriamente ditos. Irmandade mesmo, ao menos eu, encontrava ali, naqueles dois a quem eu tanto amava.

E eu fiquei observando o belo riso da Roxie, que ela dava

com gosto; o riso quieto do Ângelo e o tom de seus cachos dourados refulgindo à luz do sol, ao som do quebrar das ondas, enquanto a brisa nos refrescava soprando de leve, e eu me sentia plena, completa, feliz. Não imaginava direito como seria o todo, mas ao menos uma grande pedra do mosaico da minha vida estava ali, rindo, tomando café e fumando bem na minha frente. Aquela pedrinha tom de azul, em forma de flor de miosótis num jardim ao pôr-do-sol, dois dos maiores e únicos amores da minha vida, que davam uma coincidência curiosa a toda essa reflexão: eles formavam uma das pedrinhas do mural, mas essa pedra, por si só, já era um maravilhoso e reluzente mosaico.

Fiquei apaixonada por aquela visão que, por mim, poderia bem fazer parte da descrição do paraíso. Assim, me levantei e fui até a sala, pegar meu celular na minha bolsa. Fiz o caminho de volta e parei à porta da cozinha para, discretamente, tirar uma foto dos dois risonhos à luz da manhã. Aquela imagem me fez pensar rapidinho num tema para a exposição e eu nem preciso me ater a explicá-lo: o amor que eu sentia por aqueles dois e a gratidão por tê-los perto já denunciam todo o intento.

Decidi que daria às minhas telas um quê sublime e angelical, assim como o Ângelo, e faria uma surpresa à Roxie: iria procurar um poema dela sobre o tema, e ilustrá-lo do meu ponto de vista. Me esforçaria para fazer as mais belas telas que minhas mãos fossem capazes, e sabia que isso era possível. Sabia disso tanto quanto sabia que o tal Aurélio, dono da galeria, iria aprovar a exposição, e seria em breve, então não havia muito tempo a perder. Planejei começar naquele dia mesmo o esboço da primeira tela, e deixaria o estilo e a técnica simplesmente aparecer na tela, falando por si só.

Ao tirar a foto que queria, me agachei entre as cadeiras deles e pedi para registrar o momento. Com a câmera meio de cima da gente, tirei uma fotografia de três pessoas que ainda não eram muita coisa pro mundo, mas eram gênios na arte da amizade que mereciam ser reconhecidos como se fossem os derradeiros. E eu, destrambelhada, frágil, tagarela e chorona estava ali, no meio dos meus pilares de carne e osso. Lá estava eu restituída, de peito inflado de orgulho, de sorriso largo no

rosto e de alma carregada de asas prontas para bater em direção ao infinito.

Naquele momento, eu senti de verdade a alegria em mim, e admirei a beleza do amar sem medo, do amor sem propósito, sem dívida nem dúvida, do amor puro e sincero, de cor diferente do escarlate que pulsa nas figuras dos "amantes de hoje em dia". Meu amor profundo pela Roxie, meu amor amigo pelo Ângelo… eles não eram vermelhos e sangrentos de tanto sofrer represálias, machucões; nem tinham, por convenção, que sofrer limites dolorosos. Meu amor por eles era puro e imenso, como o céu sem nuvens na tarde de domingo, e aquele azul miosótico do firmamento inteiro era, em contrapartida, apenas meu amor. Sendo que dele, o céu era mera miniatura.

E isso eu vi naquele momento feliz. Ali, naquela hora eu possuía tudo que eu sempre quis na vida, em absoluto. Naquele momento feliz, a única coisa que eu não possuía mesmo era um pingo de coragem para cozinhar. Tratei de pedir o almoço via telefone, e obriguei o Ângelo a rachar a conta comigo.

— CAPÍTULO QUINZE —

Ás de espadas

Primeiro, eu estava andando por uma praia incomum. Havia neve em vez de areia, e as ondas do mar se congelavam assim que alcançavam, fracas, a praia; elas se descongelavam quase que instantaneamente enquanto uma névoa se erguia do chão através do frio. Estava de pés descalços e ouvia a voz da minha mãe como se estivesse conversando com alguém, comentando de dificuldades que havia passado na vida, e que se tivesse ouvido melhor seus pais, teria sido diferente.

Eu ouvia cada palavra como um conselho bom, como algo que eu realmente deveria escutar, mas ali estava a praia de gelo, e aquele mar de águas límpidas e chamativas. Por um momento, eu encarei os olhos do mar e tive medo de contrariar, de desobedecer, de fazer uma má escolha. Por uns dois segundos, tive ânsia de sair correndo, fugir dali até encontrar mata verde, mas estava diante do encontro do céu e do mar, meramente a fusão que comprova o infinito.

E como se falasse, o mar desenhava suas ondas congelantes na neve que eu pisava descalça, sem sentir um mínimo de desconforto sequer. Ao fundo, os comentários de minha mãe, se lembrando de tempos antigos, de brigas, de dificuldades; momentos de quase desistência, de semi desespero, enfrentados com luta, dor e perseverança. Ela dizia a alguém que eu não via, assim como não a via, mas também não ouvia nem sabia quem era. Falava com um tom cansado, mas com um quê de triunfo que soava mais com um quê de "tome cuidado". Pelo que eu sentia na vibração daquelas palavras, ela me dizia que se dependesse dela eu jamais passaria por aquilo. Falava isso de algum ponto perdido acima da minha cabeça, e sua voz parecia vinda de todos os cantos. Eu ouvia atenta ainda ali, parada, ponderando. Eu adquiri medo, e arrisquei triscar

o pé no último centímetro de água que beijou a neve. O medo continuava grande.

Mas eu simplesmente *precisava* sentir aquele frio em minha pele. Eu necessitava da dor do toque do gelo nela, que já havia sido arranhada pelo vento gelado que soprava contra meu rosto. Então não me despi. Entrei no mar assim, de roupa mesmo, e de olhos fechados.

Para a minha surpresa, as águas não eram gélidas, elas eram mornas e aconchegantes, e eu sorria feliz sentindo o balanço do mar me embalando como se num berço. Cada passo que eu dava em direção ao fundo era um passo dado à plenitude, à vida, à emoção de correr riscos. Não que eu não fosse prudente, mas todo aquele frio me aquecia — sim, eu estava ciente de que a água era fria na verdade —, fazia eu me sentir viva e poderosa, senhora ao menos de meus pés e forças. Deus estava em algum lugar preparando uma boia pro caso de eu me afogar.

E eu fechava os olhos e virava a cabeça para cima, sentindo os raios do sol em meu rosto, marcando como impossível aquele paradoxo bonito. Eu respirava sem dificuldade alguma, e eu podia ser uma vitória-régia flutuando naquele mar de céu cristalino e azul resplandecente. Não notei quando eu estava boiando, de braços e pernas abertos como uma estrela, totalmente entregue aos desejos desse mar e do sol brilhante e me lembrei que raramente na vida havia me sentido tão em paz como naquele momento. Mas notei uma presença na praia.

Ergui a cabeça, e meu corpo se verticalizou, tocando outra vez o chão do mar. Lancei um olhar curioso à praia, e percebi dois olhos amarelos e vítreos, penetrando os meus como finíssimas agulhas de quilômetros de extensão. Tais quais os do mar, aqueles olhos me hipnotizaram, e eu fui saindo de dentro da água, obviamente encharcada e me dirigi àquele olhar.

Eu caminhava lentamente, com cautela. Os olhos não estavam numa grande altura e eram pequenos, porém muito, *muito* brilhantes. Andei até estar a uns vinte metros deles e notei que a névoa que se erguia da neve, a "areia" da praia, na verdade camuflava alguma coisa branca-pérola. Alguns passos adiante consegui, finalmente, enxergar a quase imperceptível

figura que olhava para mim.

Um lobo. Branco como os picos gelados das montanhas, imponente como um imperador e ameaçador como o maior de todos os guerreiros estava parado, sentado, me olhando diretamente nos olhos. Ele era lindo, mas aterrorizante. Me encarava impassível e misterioso, como se esperasse pacientemente que eu me aproximasse. Quando pude perceber perfeitamente sua forma lupina (agora com seus contornos se destacando um pouco contra a brancura da neve), eu fiquei estagnada, com medo. E foi nesse exato momento, quando parei de ir em sua direção, que suas feições mudaram e se tornaram ferozes. Um rosnado desesperador se fez ouvir e ele arreganhou suas presas, franzindo a pele entre os olhos e sobre o focinho.

Tive ânsia de correr, mas o medo me paralisara quase que por completo. Dei um passo pra trás e ele latiu, fazendo um movimento rápido para se pôr em posição de ataque. Ele quase avançou em mim. Eu continuava em pânico, lágrimas enchiam meus olhos enquanto eu arrastava lentamente o pé direito cada vez mais pra trás, e ele cada vez se inclinava mais para a frente, rosnando, ameaçando. Então eu dei passos rápidos para trás, pegando velocidade para dar as costas e correr. Ele se levantou e partiu em minha direção. Eu girei para correr de costas para ele, mas me atrapalhei e caí, ainda a tempo de ver o salto que ele dera.

Esperei pela dor das presas penetrando minha carne, mas essa dor não veio. Olhei em volta, e vi que era como se tivesse dentro d'água novamente. Mas o céu permanecia nítido acima de mim, então o que estava acontecendo? Foi profundamente confusa que eu me dei conta de que, na verdade, *o mar havia me cercado.*

Eu estava no meio de um anel de água, que girava lentamente, formando um abraço que o lobo não podia transpor. Lá estava ele, além dos limites, andando de um lado para o outro, me cercando, rosnando. O mar me protegia, e eu percebi que era a única maneira de permanecer viva. Era ali, apegada ao abraço daquele mar.

,

Minha rotina se tornou ainda mais corrida nas semanas que se seguiram. Organizei meus horários da universidade de maneira que eu tivesse o máximo de tempo livre possível. Eu passava horas enfurnada no ateliê, captando o clima de fim de tarde, ou de alvorada, ou das sete horas da noite. Estava ilustrando um poema da Roxie belíssimo, que se tratava de amizade, de felicidade. Havia decidido que o nome da exposição seria "Eu vi", e me empenhava de pintar as telas mais hábeis que eu era capaz de produzir, para a alegria da professora Soraya, que poucos dias depois daquele sonho maluco, me dera a notícia de que eu estava confirmada para expor as telas na galeria.

No dia da notícia, eu cheguei em casa com uma bela garrafa de vinho do porto, que tomei em companhia da Roxie e do Ângelo. Nada, eu acredito, nada poderia ser acrescentado à minha vida. Não havia mais espaço para mais felicidade e perfeição. Eu andava contente pelas ruas, ora sozinha, ora com a Roxie; e por ela eu enfrentava os mais singulares olhares, os mais mesquinhos e medíocres. As pessoas estavam interessadas em minar minha alegria com sua pequenez e repúdio, as pessoas estavam paradas por aí, varrendo suas calçadas, vendendo seus lanches, fofocando nas esquinas e lançando aqueles olhares fedorentos, mas que eu só notava, não sentia.

Na universidade, algumas colegas de classe vinham me perguntar coisas absurdas e metidas; queriam saber se era verdade o que diziam, queriam saber como era, o que acontecia. Queriam que eu expusesse até nossas intimidades, e eu me sentia realmente acima daquele tipo de coisa. Que o mundo caísse à minha volta, eu iria abrir meu caminho por entre cada ruína. Andaria descalça na praia de gelo dos mal-amados, entraria no mar do risco e não temeria a mordida do lobo do fracasso, da queda, enquanto eu estivesse sendo abraçada pelo mar da Roxie, pelo nosso amor infinito, "esquisito" e belo. Por que eu me importaria com o resto?

Eu prezava mais a companhia de amizades verdadeiras, como a do Ângelo, que engoliu o sentimento que havia começado a sentir por mim para dar lugar à compaixão, ao entendimento, ao apoio. E ele acompanhava tudo de perto, das nossas brincadeiras aos mal-entendidos, então eu realmente

não iria me preocupar se a minha vizinha velha, chata e gorda não queria mais me emprestar açúcar, nem se ela ia varrer o lixo da frente da casa dela e colocá-lo inteiro quase à minha porta. Eu achava era engraçado.

Porque eu estava sempre de mãos dadas ao meu mundo inteiro, que era a Roxie e, em um quase segundo plano, o Ângelo. Queria que as pessoas entendessem que quanto mais elas estavam contra nós, mais nós estávamos sozinhas e por nós, mas sem sentir um mínimo de falta disso sequer. Os olhares maldosos serviam como motivo de riso assim que dobrávamos a esquina; as palavras de baixo calão ditas aos cochichos lembravam ratos roendo um cabo de aço enquanto quebram seus dentes. Sinceramente, o único motivo desses ratos insistirem em tal tarefa é que seus dentes jamais param de crescer. Acho engraçado. Meu amor pela Roxie era exatamente do mesmo jeito.

E era isso que eu transcrevia nas telas, que recebiam nomes de "girassóis", "crisálida", "eclipse". Por causa da minha fonte inesgotável de inspiração, eu começava uma tela quase imediatamente ao término de outra. Às vezes pintava um pouco de uma, vinha a ideia, passava pra outra e depois voltava à primeira. E assim eu ia seguindo, pintando, ao som do piano da Roxie, no embalo dos lanches maravilhosos do Ângelo, tendo o sol por luminária nas horas de pintura. Dessa maneira as semanas iam se passando, e o clima alegre parecia que simplesmente nunca ia passar.

Roxie prosseguia com seus escritos, adotando o Ângelo como avaliador. Ele ficou responsável por fazer a capa do livro, já que eu não andava tendo muito tempo. Os processos da publicação iam de vento em poupa, e as cifras apresentadas pela editora à Roxie dariam pra lhe dar uma boa estabilidade por um bom tempo. Ela andava radiante, se sentindo realizada, e vez ou outra eu a pegava cantarolando uma música que eu não conhecia, e que ela sempre me prometia arrumar para ouvir e sempre esquecia. Numa das vezes em que me fez essa promessa, ela me comunicou que a festa de lançamento do seu livro se daria na próxima segunda, dali a oito dias.

Cuidei de arrumar roupas, fazer um corte no cabelo, fazer

as unhas (que andavam aos trapos por minha pura falta de tempo e paciência de arrumá-las), e comprar um calçado. Arrumei um tempo para isso, e levei uma tarde inteira comprando um vestido longo na mesma loja em que conheci a Roxie no ano passado. Uma sandália rasteira e dourada fazia o conjunto ficar até bonito por causa do branco-gelo do vestido de decote em "V" que eu comprei. Numa joalheria comprei uma pulseira e um colar, ambos de ouro. Feitas as compras, restava esperar chegar o grande dia.

Então, na outra segunda-feira, eu, Roxie e Ângelo partimos para o Househead Café às seis da tarde, onde aconteceria a festa. Na chegada, um susto: a quantidade de repórteres, de câmeras disparando *flashes* a todo vapor, microfones, cabos e gente espalhados por toda a parte era realmente *bem mais* do que a gente esperava.

— Sinta-se importante, Roxie. — eu brinquei, dando uma cotovelada de leve no braço dela, que se riu encabulada. Eu notei que seus olhos brilhavam.

— Roxie! — disse uma voz às nossas costas.

Um homem de terno azul, cabelos meticulosamente arrumados, e rosto quadrado, veio na nossa direção. Ele chegou, cumprimentou a Roxie com dois beijinhos na bochecha e falou animado:

— Previamente, creio que essa será uma grande noite!

— A julgar pela quantidade de gente, creio que será sim — disse ela, sorrindo. — Ah! Gente, esse aqui é o Ricardo, meu professor-amigo-editor.

Ele apertou a mão do Ângelo para em seguida dar um beijo de cavalheiro na minha mão, enquanto a Roxie dizia:

— Ricardo, esse é o Ângelo, e essa é a Abby. Os outros dois mosqueteiros.

— Fico encantado — disse ele. — Bem, sirvam-se. Peguem alguma bebida e fiquem por aí. Roxie, quando for a hora, eu lhe aviso.

— Ok. — disse ela, quando eu tinha acabado de reparar que lá no centro do salão estava uma mesa redonda cheia de livros, e ao lado de uma estante pequena, de mesmo conteúdo. Alguns repórteres, ao terminar de endireitar seu material

apontado para a mesa, vieram falar com a Roxie ainda sem um tom de entrevista, cumprimentando-a com elogios sobre a boa impressão que o livro andava causando no meio da mídia, por causa dos trechos dele que foram publicados como amostras na internet e no jornal impresso da cidade.

Segundo o Ângelo, havia um monte de gente que era de Nova Esperança, fora que vimos uma grande quantidade de alunos lá da Universidade também. E sua maioria, nunca haviam falado com nenhum de nós três, mas ainda assim vieram com seus cumprimentos e sorrisos, pelos quais a Roxie não teve desprezo. Eu a notei radiante demais para ter raiva de gente falsa e oportunista, muito embora algumas dessas pessoas viessem, realmente, tentar uma aproximação sincera com a Roxie. Algumas meninas da minha turma nos cumprimentaram e brindaram conosco, tomando desajeitadas o espumante caro servido.

Sentamos numa das mesas do café, um pouco mais afastadas da multidão que não parava de se tornar cada vez mais densa. A Roxie estava começando a ficar incomodada com seu brinco, e coçava a orelha furiosamente por um bom tempo. Nervosa, ela nos perguntava se o vestido não a havia deixado gorda, se os brincos em "V" não estavam lhe dando um ar vulgar, se seu cabelo estava despenteado (como se aquelas fibras soubessem sequer o que era ficar amassadas), se estava aparentando muito nervosismo e mais uma tonelada de perguntas de última hora das quais a gente só ria e respondia sinceramente que ela estava deslumbrante.

— Ah, qual é? Sejam sinceros uma vez na vida!

— Deixa de bobagem, Roxie. Vou começar a dizer o contrário. — ameaçou Ângelo, daquele seu jeito gentil.

— Ah, olha lá! A professora Soraya! — eu indiquei quando vi a mulher de pele escura entrar no salão.

Mais bonita que eu, a Roxie e o Ângelo juntos, a professora rumou para a nossa direção assim que nos viu, sustentando um sorriso de orelha a orelha durante a caminhada, que terminou com ela abrindo os braços e dizendo:

— Ora, mas felizes nos encontramos! Como estão bonitos. Roxie, você está espetacular!

— Obrigada, professora. Sente-se conosco, vou pedir uma bebida. — disse a outra, acenando para um garçom.

Ângelo se levantou depressa e puxou uma cadeira para a professora, que agradeceu e se sentou. Ela olhou pra mim e disse:

— Então, Abby. A quantas andam as telas?

— Dentro do prazo, professora. E o que me diz sobre a exposição interativa? — eu disse, sorridente.

— Exposição interativa? — interessou-se Ângelo.

— É… bem, foi uma ideia da Abby, sabe — explicou a mulher. — Nós vamos pôr cortinas automatizadas em todas as obras no salão, e vamos apresentá-las primeiro num telão para que todos vejam ao mesmo tempo, enquanto a Abby vai rec…

Afobada, eu fiz sinal de silêncio para a professora, que entendeu que eu não havia revelado à Roxie que eu recitaria um poema dela enquanto apresentava as telas no dia da exposição. Por sorte ela ainda estava entretida pedindo as bebidas ao rapaz que viera atendê-la. Ângelo fez uma cara de quem tinha percebido qual era a ideia, então a professora retomou o que ia dizendo:

— Então, Abby, Aurélio me disse que era uma excelente ideia, e que já estava vendo como poderia fazer isso. Me pediu para que você marcasse um dia a fim de que se conhecessem logo, você aproveitava e via onde queria cada coisa e organizaria a sequência das obras.

— Então diga a ele que pode marcar a data que eu vou, com certeza. É só ele dizer. — eu disse, tentando conter a euforia.

Pouco depois das bebidas terem chegado, o editor da Roxie, o Ricardo, chegou à mesa e disse:

— Roxie? Está na hora.

Ela se levantou tensa, e nós a acompanhamos em direção à multidão de repórteres que se virava para vê-la, e abriam a passagem para a mesa. Nós ficamos num local bem perto da mesa, de modo que dava para ver bem o cartaz pendurado na estante com a capa do livro (uma mão estendida aberta, ostentando uma estrela tatuada em seu pulso, sobre um fundo preto) e a Roxie se despediu dizendo "me desejem sorte", para ir tomar o seu lugar à mesa de entrevistas.

Os *flashes* começaram a disparar furiosamente, e o Ricardo tomou a frente para dizer em alto e bom som:

— Cavalheiros e senhoritas, eis aqui o motivo de estarmos reunidos hoje no Househead Café: a Srta. Roxie Montgomery!

Aplausos eclodiram no salão, e eu observei a Roxie acenar para uma e outra pessoa, enquanto a professora Soraya aplaudia euforicamente ao meu lado, espalhando aquele cheiro doce que emanava dela por toda a área. Então, o Ricardo passou a palavra à Roxie, que disse:

— Muito boa noite a todos. Eu agradeço profundamente a presença de todos aqui. Como sabem, cá estou para responder suas eventuais questões e falar um pouco do meu livro de estreia. Estejam à vontade para perguntar. Obrigada.

Mais uma leva de aplausos, e os repórteres começaram a erguer as mãos, pedindo a vez de perguntar. A Roxie indicou uma mulher de cabelos grisalhos para começar, e ela disse:

— Senhorita, por que escolheu *"Relicário"* como nome da obra?

— Escolhi esse nome porque o livro inteiro é uma caixinha de palavras que eternizam momentos sagrados para mim. É parte da minha vida, do que vivi no último ano, é parte de mim. Não poderia haver um outro nome, realmente *tinha* que ser esse. — e indicou outra pessoa, desta vez um rapaz de uns vinte e cinco anos:

— Seus textos trazem uma linguagem fácil e que atinge uma profundidade peculiar. Isto é fruto de experiência e trabalho, ou de inspiração?

— Eu diria que um pouco dos dois. Escrevo desde pré-adolescente, e creio que a prática leva ao amadurecimento. Mas há momentos em que não importa quão capaz você seja de fazer algo, a sua vontade de realizar a coisa deve ser firme. No caso de escrever, o que creio que move a vontade é a inspiração. Sem ela, o texto termina saindo mecânico, de plástico, daí não importa o resultado, bom ou ruim, você mesmo, como autor, nunca o verá com bons olhos e ele se torna só um tapa-buraco. É preciso realmente querer escrever… e ter uma fonte de inspiração.

Nesse momento, a vi olhar de esguelha para mim, com um

sorriso quase imperceptível nos lábios, enquanto gesticulava para um outro rapaz, que falou:

— Na última semana, foi notável o tanto de notas que foram publicadas a respeito de trechos do seu livro. Como estreante e estando inclinada a um grande sucesso, você já faz planos para um próximo livro? Se sim, qual seria a ideia?

— Bem, comecei com um livro de poemas e textos livres, mas andei pensando sim em seguir a carreira de escritora, independente do resultado de *Relicário*. Só que para o próximo livro, penso em um romance, gostaria de contar uma história de amor entre uma moça e um homem mais velho.

— Isto poderia ser proveniente de alguma experiência pessoal?

— Olha, não exatamente. Decidi contar uma história, apenas. É verdade que a coisa fica bem mais rica se você tem uma certa experiência com o assunto, mas não se deve subestimar a capacidade de imaginação de um autor. Particularmente, eu acho é mais empolgante escrever sobre um tema que não aconteceu na íntegra com você, de modo que sua pesquisa deva ser maior, seu envolvimento também e enfim, colocar a cabeça pra funcionar de maneira que você consiga escrever tangendo a realidade de quem viveu a história na vida real, sem que esse alguém seja necessariamente você.

— Os autores são sempre sinceros quando escrevem suas linhas?

— Não creio que eu possa falar muito sobre outros autores. Eu sou sim, bem sincera. Procuro escrever apenas o que eu sinto, e não busco temas pelos quais começar um poema, por exemplo. Mas, no caso do romance quero ir para um rumo o qual não vivi, então não sei bem se serei "sincera". É só meu ponto de vista de uma história que eu imaginei. Só.

— Você possui alguma fórmula para isso?

— "Percepção, observação, perfeição". É o que sempre procuro lembrar de seguir.

— Por quê?

— Porque é preciso, antes de tudo, perceber um assunto. Acho que é como desenhar: você imagina, percebe determinada forma, depois a observa e tenta reproduzi-la por você

mesmo. Quanto mais você está ciente dela, com ela na cabeça, quanto mais você observa seus detalhes, mais próximo da perfeição você vai estar. Se você lembrar que não existe perfeição exceto por questões sentimentais, você vai conseguir um bom trabalho, por fim.

— De quem foi a ideia para a capa do livro?

— Minha. Se observarem, é o meu pulso que foi retratado pelo Ângelo, ali.

Ela indicou pulso e os flashes prorromperam mais uma vez. Como era de se esperar, a pergunta seguinte foi:

— E essa estrela tem um significado especial?

— Sim. Ela representa uma pessoa muito importante pra mim.

— E quem seria?

— A Abby, ali.

Notei muitos rostos se voltando para a minha direção e fiquei vermelha. Acenei timidamente, e logo os repórteres me esqueceram e continuaram a deitar perguntas.

Um bom tempo depois, a Roxie começou a autografar cópias intermináveis de seu livro, após ler o seguinte poema do próprio livro:

— Você…

Você me faz lembrar da sensação dos passarinhos,
Quando voam.
E faz minhas mãos os invejarem,
Quando pousam
Delicadamente, sem propósito, nos seus ombros
Só pra pedir licença
E lhe afastar pro meu lado, onde quero que esteja sempre
Enquanto dura esse agora...
E preciso de uma desculpa pra roçar meu braço no seu,
E sentir um arrepio que indica a sensação do infinito
No meu dizer mais bonito
No meu dizer que meu eu é seu…

Sou eu o seu restrito;

Quero que seja eu o seu segredo,
Seu segredo menos finito.
Quero dizer em seu ouvido
Coisas que ainda não sei

Nem sei se quero,
Nem sei dizer se acredito.
Sei mesmo que espero
E espero, espero, espero… (meu peito é uma tela)
E enquanto espero, revelo meu traço e lhe rabisco.
Logo me desenho e percebo
Esta minha inteira forma de ouriço.

A noite ficou marcada pelo ritmo de gente aplaudindo, andando pra lá e pra cá, disputando a vez de ter sua cópia autografada e, claro, por uma foto que tiramos juntos eu, Roxie, Ângelo, professora Soraya e o Ricardo, ao lado do cartaz da obra. A foto sairia na manhã seguinte ilustrando uma pequena manchete no jornal de cadeia nacional, que trazia opiniões elogiosas a respeito da festa de lançamento e do estilo da obra. Roxie não cabia em si de felicidade.

❀

Não tenho muito a contar dos dias que se seguiram. Apenas o vento soprava sutil, vez ou outra carregando folhas sem vida e em miniatura, ora fazendo pequenos redemoinhos de poeira orientada. O que importa é que algo havia de mudar, e cada fibra do meu peito sentia isso como se corresse em suas veias um certo néctar de diferença, de inexatidão, misturado com o toque triste do som do piano trilhando as folhas secas levantadas do chão.

Roxie, depois de alguns dias comprou uma moto. Com efeito, a mesma moto que eu pretendia comprar para presenteá-la, o que me deixou contente apenas pelo fato de que eu teria acertado o gosto dela. A moto possuía um ronco forte, mas que não incomodava. Na verdade, ele era apenas firme e grave, como um bufo de um búfalo ao pensar em correr. Dava

para ouvir a Roxie chegando de longe, e sem perceber, eu começara dia após dia a esperar cada vez mais ansiosamente por este som, rasgando o pesado silêncio da noite.

Eu tive que me ausentar um pouco da universidade, as coisas estavam ficando sobrecarregadas. Minha prioridade era terminar as obras pra exposição, que já estava se aproximando de maneira estonteante. Ainda faltavam duas telas, que teimavam em não sair.

Sei lá, era um quê de tédio na sobrecarga da rotina, era um não querer fazer o que se tem por obrigação, era como espremer o peito sobre uma tela por esperança de ver gotas de tinta sentimental pingando sobre o branco. Alguma coisa estava me entalando a garganta, e toda aquela paz que havia se instalado na minha vida parecia um borrão em *blur* furta-cor. Nada de branco; nem as nuvens que me atrapalhavam a visão o possuíam: eram todas flocos metálicos de tormenta, e de chuva que não tardaria pra cair.

Roxie, sempre compreensiva, me dava o espaço que eu precisava para que eu terminasse meus trabalhos, e eu não conseguia mais ficar muito tempo longe dela. Muitas vezes, largava o pincel de lado e corria a descer as escadas, a encontrava fumando enquanto fazia alguma coisa na cozinha e a abraçava forte, enquanto a chuva (a real, aquela que nos prende em casa quando é demais), tamborilava seus dedos tão diminutos na janela, anunciando o verão que já começava a querer entrar. Ela me sorria sempre, e eu a olhava como se fosse uma miragem, uma escultura gótica resplandecente, o meu próprio pedaço do céu.

As frases mais bonitas foram ditas a mim por ela, e de todas as frutas que provei, nenhuma jamais imitou o cheiro daquele hálito, a textura daquela boca, enquanto por vezes eu viajava léguas pelas curvas da estrada de seu corpo, trajetória de meus olhos e mãos, objetivo de meus sentimentos. Eu, só eu sabia o quanto a amava, o quanto ela me fazia bem. Ângelo talvez fosse capaz de supor, mas nem o diabo e sua astúcia dominavam matemática qualquer que fosse capaz de estimar vagamente o que seria esse universo contido em um único ponto: o meu amor, ao redor do qual estão cinco pétalas bem pequenas e

azuis, sob asas de borboletas e olhares de compaixão. Dali saiu depois uma das minhas mais belas telas.

Naquela noite, dormi realmente muito bem. Havia anjos em meu sonho; eles me tomavam pela mão e sorriam encantadores, abrindo os braços. A última coisa que me lembro era de ter cedido ao abraço, e sumido numa nuvem brilhante, levada por eles.

❀

Acordei um tanto estranha naquela manhã. Embora tivesse o dia de folga da universidade, ainda havia uma quantidade razoável de coisas pra pintar, e conforme a Roxie tinha lá suas coisas para resolver, eu fiquei responsável pelo almoço. Levantei da cama, tomei banho, vesti um roupão e desci as escadas. Só ao chegar à cozinha notei que uma chuva fininha caía deixando o clima mais agradável. Imaginei o que cozinharia, e ao decidir por um almoço básico, pus a mão na obra.

Enquanto cortava verduras, me distraí do tempo, e todas as reflexões que eu, já havia algum tempo, fazia, agora estavam pairando ao meu redor, entrando na minha cabeça por osmose outra vez. Meti a ponta da faca no dedo, soltei um palavrão e chutei a cadeira da mesa. Acendi um cigarro.

De todas as coisas que eu vinha me lembrando, as que menos doíam era as telas que faltavam. Era como se o cheiro de algo errado (que *não era* o meu macarrão) invadisse minhas narinas, e eu começava a andar preocupada. Conferi o relógio: onze e meia. Onze e trinta e cinco… onze e quarenta… ovos cozidos, é, cozinhar ovos… onze e quarenta e cinco… trovão.

Se eu tivesse ovo pronto, tinha posto exatamente naquela hora. A colher de pau que eu usava pra mexer o molho do macarrão voou da minha mão, acertando em cheio a vidraça da varanda. Cena estranha… o molho, bem vermelho como eu preferia, escorregou lentamente no vidro, enquanto trovões trazidos pela chuva — que engrossara pra valer — iluminavam as gotas do lado de fora da janela, onde o reflexo do meu rosto estava, com os olhos coincidindo com o ponto onde a colher batera. Macabramente, meu reflexo umedecido pela chu-

va chorava sangue, digo, molho. E ele pareceu triste por um momento (virei o rosto depressa quando percebi o que estava vendo). Apanhei a colher e conferi novamente a hora… onde estava a Roxie que não chegava?

Mais de uma hora depois, eu desliguei a ultima boca do fogão e me sentei à varanda. Peguei um pouco de café, requentei no microondas e me pus a fumar admirando os raios cortarem o céu. De onde vinha aquela violência de chuva? O céu parecia uma grande folha de chumbo, pesada e barulhenta; não havia um único ser vivo na praia, e o mar estava furioso… mesmo ali da segurança da minha sacada, tive uma certa impressão imposta com um quê de imponente intimidação. Do nada, lembrei do sonho que eu tive: o mar ao meu redor, o tal lobo… agora eram só lembranças vagas e meio difusas. Soltei um suspiro que não sabia exatamente de onde vinha. Me sentia meio perdida, alguma coisa me fazia infeliz, e a falta de ter conhecimento do quê exatamente me fez me pôr a pensar na vida. E fiquei assim até que o telefone tocou.

Me arrastando de preguiça, atendi com o habitual "alô?" e ouvi uma voz um tanto fraca do outro lado da linha dizer:

— Abby?

— Sim, sou eu. — despertei instantaneamente ao ouvir a voz do Sr. Manson, que estava trêmula.

— Abby, estou ligando pra lhe avisar que terei de atrasar o aluguel esse mês, me desculpe.

— Quê? Ah, não… não tem problema, Sr. Manson, sério. Mas o senhor está bem, aconteceu algo?

Fiquei um bocado desesperada quando ele desabou em prantos ao telefone. Eu notei que ele balbuciava algo, mas o choro contido estava saindo forte demais. Era quase possível sentir uma imensa dor me atingindo vinda de muitos quilômetros, e meu estado sensível me fez começar a deixar lágrimas correrem meu rosto, enquanto eu chamava pelo velho gentil no telefone:

— Sr Manson, o que aconteceu? Alô? Sr Manson?

— A Alícia, Abby…

Fiz um esforço para conseguir lembrar que Alícia era sua esposa.

— A Sra. Manson? O que aconteceu?

— Ela… ela faleceu, Abby.

Fiquei estagnada, segurando o telefone na mão por um tempo. Eu conhecia de perto aquela dor, e ela ressonou com a minha própria e fez um estardalhaço imenso quando partiu meu peito outra vez. Contudo, não era hora de chorar minhas próprias dores, e eu disse:

— Sinto muito, Sr Manson.

— Ah, me perdoe, menina. Eu aqui, chorando feito o velho que sou. Foi um pouco esperado, sabe? Ela vinha um pouco doente. Morreu dormindo, ontem. Avisei a minha irmã e… bem, terei algumas despesas extras então, vou atrasar.

— Coisa nenhuma! — eu o interrompi brandamente. — Esse mês o senhor não precisa depositar nenhum dinheiro. Eu não posso viajar agora, infelizmente, então fica como meu gesto para com a Sra. Manson.

— Mas e quanto a você?

— Bem, eu estou bem de vida, digamos assim. Relaxe, o senhor tem uma última homenagem a fazer, não se preocupe comigo.

Eu quase o pude ver sorrindo do outro lado da linha quando ele disse:

— Fico feliz. Você é uma menina de ouro, Abby, muito obrigado.

— O senhor sabe o quanto o estimo. E essa dor… eu compreendo bem. Não há muito o que eu possa fazer, e isso não é nada. Eu tenho uma exposição pra terminar, Sr Manson, e não posso ir aí.

— Ah, não, por favor, Abby, não me deixe atrapalhá-la. Vá, cuide de suas coisas, eu entendo bem. Uma exposição? Nossa! Essa pode ser sua chance, então se dedique, agarre-se a ela.

— Eu quase tinha me esquecido o quanto o senhor é bom em me acalmar.

— Fico contente, então. — eu ouvi um suspiro triste antes dele dizer:

— Então, Abby, obrigado por tudo. Devo desligar agora.

— Tudo bem, Sr Manson. Se cuida, ok?

— Farei. Tenha tudo.

Ouvi um "clack" e a ligação caiu. Repus o telefone no gancho, e dei um trago no cigarro. Era impressionante como eu não sabia como consolar ninguém, nem falar nada reconfortante. Ri de mim… me sentia tão pouco que nem mesmo sabia o que de mim era bom. Me encaminhei lenta para a cozinha e, mesmo sem fome, decidi comer algo a fim de evitar dor de cabeça mais tarde.

Assim, quando eu acabei de comer, a campaninha finalmente tocou, baixo, perdida no meio do som dos trovões.

Me levantei empolgada, atravessei o cheiro de comida da cozinha e me dirigi à sala. Ao abrir a porta, uma estranha surpresa ao ver que não era a Roxie (embora não tenha havido o som estridente da moto anunciando sua chegada) quem batera. Era a Dona Magda da pensão.

Ela trazia um guarda-chuva recolhido entre as mãos gordas, vestia um casaco cor de pele sobre um vestido azul estampado com figuras que eu não consegui decifrar. Ao dar de cara com ela, creio que não contive bem a estranheza da visita:

— Hein? O-olá, Dona Magda…

— Olá, Abby — ela tinha um ar sério quando falou. — A Roxie está aí?

Como ela sabia que a Roxie morava ali, sabe Deus. Eu disfarcei a surpresa e informei:

— Hm, não, não está.

— Err…, eu poderia esperá-la um pouco?

Eu disse "claro" sem ter muita certeza se era uma boa ideia.

A conduzi até a cozinha enquanto me lembrava da reação que ela teve da última vez que viu a Roxie… o susto, a paralisia abrupta, e toda a aura de choque que se apoderara dela naquele instante na frente da pousada. Seria hoje o fim desse mistério?

Ofereci café, que ela aceitou de bom grado. Servindo-me também, notei que ela olhava em volta e pareceu estranhamente contente quando disse:

— Vejo que conseguiu uma bela casa.

— Ah, é verdade. — eu disse, entregando-lhe a xícara. — Sorte que conheci a Roxie. Um conhecido dela que me arranjou esta casa, a qual eu amei. Estive pensando em comprá-la,

não sei se ele vai querer.

— Tomara que sim. Vejo que está contente aqui. — ela disse, e emendou: — Apesar de parecer preocupada.

Ela notou que eu tinha acabado de apagar um cigarro e acender outro olhando para o relógio. Eu suspirei. Acho que não dava bem para esconder, então achei melhor só concordar:

— É, é bem verdade.

— E o que lhe aflige, menina Abby?

Um outro longo suspiro. Sentei-me frente a ela na mesa, e falei que havia uma certa sensação estranha ao meu redor. Um quê de preocupação que vinha se arrastando por dias, e toda hora eu ficava preocupada, olhando para o relógio. Enquanto eu falava, ela havia metido a mão na bolsa que trazia, e parecia que procurava algo. Foi então que ela tirou um baralho, estendeu pra mim e disse como quem sabia a solução de um problema milenar:

— Corte.

Automaticamente, sem sequer pestanejar, estendi minha mão e puxei um pequeno bolo de cartas. Ela as virou pra mim e olhou a carta de baixo: um ás de espadas. Algo na expressão dela me disse que não era lá uma boa carta; esperei que ela começasse a deitar a falar coisas e dispor as cartas na mesa, mas ela só as juntou novamente e guardou na bolsa sem dizer uma única palavra.

Não me contive:

— Sim, mas… o que foi isso?

— Pensei em tirar as cartas pra você. Mas o corte já me disse o suficiente.

Fiz uma cara intrigada a olhando tomar um gole do café e dizer:

— Hmm, muito bom.

— Então?

— Bem — disse ela, como se arrependida de ter me entregado o baralho, — o que posso dizer é que um ás de espadas não é, *definitivamente*, um bom sinal. Se prepare, algo está pra acontecer. É o sinal da perda; o *infortúnio*.

Ok, dizer que foi como se eu tivesse levado um tiro vai pa-

recer muito melodramático, mas a sensação foi bem essa. Eu não ousei perguntar mais: a sentença junto com dias de preocupação me tiraram a voz, porém, intimamente, me revoltei com a "delicadeza" que ela usava para dar certas notícias. Sorte minha que nunca acreditei em tarô.

Mas será que algo ia acontecer mesmo?

❀

Cerca de uma hora de um silêncio tenso, ouvi a porta da frente se abrir. Eu havia falado pouco com a Dona Magda, que estava sempre focando um ponto qualquer da mesa, as mãos cruzadas, se concentrando. Eu arrumei mil coisas pra fazer durante esse tempo. Alguma coisa na presença dela me incomodava, e eu procurava me manter distraída, portanto, lavei louça, sequei, guardei, limpei fogão, microondas, acertei o relógio, fumei, tomei mais café, juntei o lixo. E esse tempo todo, a D. Magda parecia um enfeite medonho na minha mesa da cozinha. Porém tudo isso passou a ser sem importância por causa do frio na barriga quando, ao ouvir o som da porta se abrir, virei e me deparei com a Roxie, encharcada, segurando um capacete e uma sacola com um volume quadrado. Supus ser mais uma caixa de sorvete.

Conforme nossa cozinha fazia um "L" com o corredor, ela não havia percebido que tinha mais gente na casa. Então eu me adiantei até ela, que falou:

— Mil perdões pela falta de notícias. A moto deu pau, começou a chover e eu tive que ir empurrando debaixo da chuva até a oficina no pé do monte.

— Roxie… err…, tem alguém aqui, e quer falar com você.

Ela franziu as sobrancelhas, curiosa e perguntou:

— Quem?

— Eu, Roxie.

A Dona Magda apareceu no final do corredor, e a Roxie largou a sacola e o capacete.

— CAPÍTULO DEZESSEIS —

Partida

Que nunca me perguntem por quê. Mas eu vi a Roxie inspirar fundo, fechando os olhos e erguendo um pouco a cabeça, como se para ajudar as lágrimas a vencer a gravidade para se manter na alma, ao invés de vazar lentamente — como terminaram por fazer — e escorrer solenes sobre sua face. Sem entender nada, eu vi que a D. Magda também tinha olhos marejados de lágrimas, mas fazia menos esforço em contê-las. E eu, pregada no chão dali de onde estava, assisti um pouco à cena, sem ter realmente muito o que fazer. Até porque se eu oferecesse um abraço enquanto a Roxie tentava se segurar por si só, provavelmente ela me chutaria; eu não me importava lá tanto com a D. Magda, e pra completar, eu não conseguia fazer nada além de olhar de uma pra outra com uma interrogação pairando sobre minha cabeça. Então Roxie falou, abrindo os olhos e atirando-os de encontro ao olhar da velha, que usava as costas da mão pra secar o rosto:

— Quando?

— Ontem… dormindo.

Roxie baixou a cabeça olhando para um lado e disse:

— O outro sabe?

— A essa altura, creio que sim. Mas não por mim, não consegui achá-lo.

E eu lá, linda e calada como estava, só franzi a sobrancelha.

— Bem, se era só isso. — foi dizendo a Roxie, enquanto ia se voltando para indicar a porta, mas D. Magda interrompeu:

— Não, Roxie, espere. Acho que há mais para ser dito.

Roxie lhe lançou um olhar tão mortífero, mas tão mortífero, que eu imaginei as flores lá da varanda murcharem enquanto o mar se recuava de medo:

— *Mas nada pra ser ouvido!* — sibilou ela, rangendo os

dentes.

D. Magda se arrepiou e pareceu ter um calafrio, mas se recompôs e disse:

— Tenho tentado isso há muito, e você tem fugido por tempo demais.

— Não venha *você* me falar de fugas! Eu não quero saber o que você quer vomitar pra ter um pouco de piedade de si mesma, eu não quero saber o que você ensaiou anos todos pra pedir desculpas e pôr a cabeça mais leve no travesseiro. Eu não quero ouvir mais nada, e você já cumpriu o combinado. Ou você acha que eu estaria no mesmo ambiente que você por mais de cinco minutos em outras circunstâncias?

— Roxie, eu…

— *Saia*, tia Magda — e lançou um olhar pra mim, que arregalei os olhos. — Perdão, Abby. Fique. Deixe que eu saio.

— Não! — eu disse, mais firme do que achava que seria capaz de dizer naquele momento, o que fez as duas, Roxie e Magda, olharem pra mim um pouco surpresas:

— Dona Magda, você ouviu a Roxie. Por favor…

— Abby, eu sei que você só quer protegê-la. *Eu sei de tudo*, mas é que eu preciso ter uma conversa com a Roxie.

Naquele momento, eu senti a voz da razão dizendo para deixá-la falar à vontade, mas ao olhar pra Roxie, li no olhar dela que ela suplicava pelo meu apoio, e que o mundo explodisse: ninguém a machucaria na minha frente.

— Sinto muito, Dona Magda. Se ela não quer ouvir, talvez não seja a hora.

Dona Magda lançou-me um olhar que misturava uma ternura com uma resolução. Meio que franziu os olhos, e disse:

— Agora eu posso ver o que disseram. — soltou um suspirinho com um riso, igual ao de quem ri de si mesmo por uma ignorância. Foi o caso, pelo que vi. Sei que depois, ela disse: Então tudo bem.

E tirou algo do bolso e apertou na palma da mão. Passou por mim e disse baixo, quase num murmuro triste:

— Talvez fosse *exatamente* a hora.

E me entregou algo amassado, que eu peguei automaticamente. A senti caminhar no corredor e a ouvi bater a porta. Só

então olhei para a minha mão, onde vi o ás de espadas que ela havia tirado do baralho — e que eu achei que tinha guardado na bolsa — se desdobrar um pouco na minha mão. Meu coração acelerou, e eu suspirei.

— Abby, tem café? — disse Roxie.

— Eu faço; também quero um pouco.

Me encaminhei para a sala, apanhei a sacola caída e o capacete; pus este sobre o sofá e rumei para a cozinha. Guardei a sacola com o sorvete na geladeira e não ousei encarar a Roxie, que passou direto e foi ficar na varanda. Enquanto colocava a água para ferver e procurava as vasilhas onde guardávamos o café e o açúcar, fiquei repassando mentalmente o que havia acabado de acontecer. Era um tanto esquisito, na verdade, era muito esquisito. A Dona Magda de repente aparecer assim, de repente, trazendo algo que certamente foi uma péssima notícia, embora eu não fizesse a menor ideia qual era, a tal carta do tarô, o estado arrasado da Roxie. E o modo como ela falou que sabia de tudo: "Abby, eu sei que você só quer protegê-la… *eu sei de tudo*, mas é que eu preciso ter uma conversa com a Roxie". As palavras apareciam na minha lembrança como se sussurradas ao meu ouvido pela própria Dona Magda. Ela estaria se referindo ao meu tipo de relação com a Roxie?

Talvez fosse a hipótese que mais fizesse sentido, creio. Bem, não era exatamente segredo que nós éramos namoradas, embora esse termo ainda soasse um pouco estranho pra mim, mas ainda assim… por questões básicas de respeito e princípios, não ficávamos aos amassos em público, e nossos carinhos naturais eram, suponho, discretos. Imagino que somente alguém que estivesse procurando ver o que éramos uma da outra de verdade poderia perceber que nos amávamos mais do que como amigas.

Havia vezes em que algumas pessoas olhavam para nós, ou para mim quando andava sozinha, um tanto receosas ou desconfiadas. Sempre fui muito inocente, não liguei uma coisa à outra, mas pensando bem. Ângelo não foi o único que me olhara com cara surpresa quando eu falei que era amiga da Roxie. Muitas pessoas ficaram tão surpresas quanto ele e, Deus!, me lembrei que elas acresciam um risinho canto de boca en-

quanto se entreolhavam.

Mas afinal, qual era a desse pessoal?

Mas enfim, o que acontece é que nós mantínhamos algo discreto e sadio, e não nos importávamos muito com os olhares alheios. Na verdade — fiz cara de choque quando notei —, eu não me importava, até porque não percebia muita coisa, mas e se… (olhei triste para a porta da varanda). E se a Roxie se importava?

Suspirei.

Não tinha levado em conta que eu era nova na cidade, não conhecia ninguém então pouco me importava com o que os outros pensavam. Mas Roxie já estava ali há algum tempo, e não tenho certeza se ela fora sempre assim tão solitária. Seria por minha causa, então?

Fiquei em dúvida por dias a fio, inconscientemente, do que exatamente eu sentia pela Roxie, mas ao descobrir por fim, eu aceitei de coração, porque *era o meu coração* quem finalmente fora aceito. E o que mais me importava? Ela era a agitação que eu nunca consegui ter, a determinação e força. Possuía lá seus alicerces fracos, mas quem não tem um só para-raios? Eu me sentia como um rio que fluía fadado à queda livre no encontro com a cachoeira, e a Roxie *sempre* fora minha represa, amparando minha queda no final do trajeto. Eu sentia que ela pensava mais ou menos o mesmo de mim. Mas quando eu fui a represa pra ela? Eu estava tão próxima quanto achava que estava? Que preço pagava a Roxie por estar sempre ao meu lado?

Ângelo… na tentativa de saber o que estava de errado comigo, por que eu me sentia tão insegura, eu terminei pondo tudo a perder e dei um beijo nele. Eu achei que estava me apaixonando por ele, mas alguma coisa não me fazia ir à frente. Meu coração já tinha dono, ou melhor, dona, e eu nem sonhava. Ele percebeu, e foi o homem com mais caráter que eu já vi na vida. Soube estar presente, a uma distância segura da qual ele mesmo, creio, precisava. Enquanto eu mergulhei nua e de cabeça no mar da Roxie, me sentindo segura e intocável. Não me importaria jamais com os protestos vindos de fora de lá, como latidos.

Latidos.

O sonho. Claro, era tão claro! O que mais me fazia sentir mais segura senão a Roxie? O que mais seria capaz de estar ao meu redor, mas sem tomar conta de mim, sem deixar que eu me envolvesse demais a ponto de me esquecer quem eu era. Era estar mergulhada, sem que o mar me molhasse; enquanto as feras maldosas bradavam e latiam de fora da minha redoma. Nunca um sonho me pareceu tão sombrio.

Enquanto eu despejava cuidadosamente a água no coador, eu me senti perturbada. Sempre contei com o apoio da Roxie, e sempre me mantive ao seu lado. Mas fiquei tão feliz que me abobalhei, esqueci de olhar pro lado e procurar ver um sorriso alegre. E agora… Deus, o que era aquela sensação? O canto dos meus olhos arderam. Pela primeira vez, em um bom tempo, tive medo.

— Aqui, pegue. — eu disse, estendendo a xícara para Roxie.

Ela pegou a xícara e provou. Estava do jeito que ela gostava, então ela tomou um gole sem olhar para mim. Até quando tateou a mesa em busca dos cigarros, acendeu um, tomou outro gole de café, seu olhar mirava o mar turbulento. Eu tomei um gole do meu próprio café, também acendi um cigarro, e olhei para ela. Alguns momentos sem nenhuma palavra humana, apenas as frases chorosas ditas pelo mar, e eu suspirei para perguntar baixinho, quase num sussurro com todo o cuidado que eu havia aprendido com a própria Roxie a ter:

— Quer conversar um pouco?

Ela suspirou e fez que sim com a cabeça. Como se estivesse tomando fôlego, ela disse:

— Ano passado, pouco antes de ter lhe conhecido, eu tive uma outra conversa com a minha tia. Ela tentou me pedir desculpas, mas acabou me acusando de outras coisas que não valem bem a pena repetir. Pra resumir, jogou sua frustração em cima de mim, e terminou me arremessando de volta ao passado de que eu tanto fugi, tanto lutei pra esquecer, e outra vez Montenegro se tornou pesada e dolorida.

Foi minha vez de suspirar. Deixei que ela continuasse.

— A mesma tia da história que lhe contei, Abby. A mesma pessoa em quem eu depositei toda a minha pouca confiança,

e que me abandonou, do nada, sem explicações, a mesma pessoa que fez com que eu me tornasse assim, dura, fria, e incapaz de suportar sentir amor. E há algo na história com a minha tia que eu não lhe contei. Naquele dia, eu não aguentei e explodi. Disse a ela que só ousasse me procurar outra vez pra me dar uma notícia. Ela cumpriu o "combinado", e só deu as caras hoje, pra dizer que minha mãe havia morrido.

Eu arregalei os olhos de puro espanto. Roxie, por sua vez, esticou um canto da boca com um sorriso irônico; jamais havia visto um sorriso ser tão mártir como aquele.

— Roxie…

— Ela se foi, Abby, e eu sei que você compreende o que é essa perda. Embora eu estivesse distante, e tivesse tudo aquilo que você já sabe como motivo pra me manter distante, algo me foi arrancado: eu já não preciso mais esperar pelo dia em que faria as pazes com ela.

Eu não sabia o que dizer. Frente à força assustadora de Roxie, que falava tudo sem derramar uma lágrima sequer, eu me sentia pequena em comparação a ela. Não havia, eu bem sabia, palavras que atenuassem aquela dor. Imediatamente fui transportada para aquele dia de inverno, e senti o sofrimento trágico daquela despedida como se esta dor fosse inédita e desconhecida. Tanto que eu lutei pra me recuperar, pra me recompor e tocar a vida… e Roxie permanecia lá, com o olho fixo no horizonte, deixando apenas Deus ter ciência do que se passava em seu peito naquele momento de pesaroso silêncio. Havia mais, eu sabia, e ela tratou de dizer:

— O Carter continua me procurando, me pedindo grana. Tem me enchido o saco pra valer, e já chegou até a me ameaçar. Eu não tenho um pingo de medo, sabe? Mas só de pensar que aquele canalha pode tentar te machucar.

Eu entendi que ela estava falando do seu irmão. O nome me lembrou o cara do avião, o que tinha esbarrado em mim na rua. Mas meu lapso de concentração logo passou bem na hora que eu achei absurda a hipótese que me ocorreu, e eu falei:

— Ele continua lhe procurando? Deus, por que você não me falou nada, Roxie?

— Seria muito clássico dizer que era pra não lhe preocu-

par? Perguntou a Roxie, finalmente olhando pra mim. Seus olhos estavam com os cantos vermelhos.

— Sinto muito, mas seria inaceitável. — eu disse, sinceramente.

Ela baixou a cabeça, e a ergueu olhando pro céu. Tragou o cigarro, e após uma baforada-suspiro, desabafou:

— Não tenho conseguido dormir, Abby. Sei que você notou, você está sempre tão atenta a mim. Esse tempo todo, eu tenho estado anestesiada por você, com uma felicidade inexplicável que me faz esquecer do mundo inteiro à minha volta, das dores, dos rancores e inclusive dos outros amores. O mundo que você me mostrou se desenhou em uma de suas telas. Devo meu livro a você, devo meu sorriso a você, e pode ter certeza. Minha vida ainda só é vida porque eu te encontrei.

— Ah Roxie…

— Você me veio numa brisa, Abby, me trouxe sementes do paraíso, e eu que era um jardim seco, soube o que era vida de novo. Você me trouxe inspiração, alegria, e um novo modo de ver as coisas. Você é incrível, e parecia ser minha redenção, mas…

"Mas"

— É que às vezes você não descansa, só dorme.

Ela levou o cigarro mais uma vez à boca, e eu a imitei. Ela baforou demoradamente o longo trago que dera, enquanto eu me segurava para não cair da cadeira. Perpassou em mim, como um trovão, claro, a ideia do que viria a seguir quando ela, com seus olhos postos ainda no mar, falou:

— Acabou.

Um soco na boca do estômago não teria tanto efeito quanto aquelas palavras. Uma facada no olho pareceria gentil. Ouvir aquilo sem um cigarro, talvez. Mas eu não disse nada; só esperei.

— Abby, eu não creio que possa mais continuar com você.

Fechei os olhos devagar, senti as cinzas do meu cigarro caírem nos meus joelhos. Ouvi a Roxie suspirar dolorosamente para falar:

— Temos sido felizes. Digo, ao menos eu tenho sido ao seu lado. Mas não vou arriscar o pouco do que sobrou. De mim,

quero dizer. Estou em cacos, e graças a você, consegui valorizar cada grama de mim, e eu preciso montar um mural… *o meu* mural, Abby, ainda que seja todo só de cacos. Meu sono agora é leve, e há os pesadelos e desesperos. — eu senti que ela pararia pra me esperar falar… e sabe, eu não tinha nada a dizer. Eu a amava. Amava como à Lua ou ao Sol. Amava, somente.

Naquele momento eu senti meu peito urrar em agonia, por um breve instante, enquanto o céu girou e as nuvens se espiralaram, trovões, lampejos, um tom escarlate vívido pingava do céu como a baba da besta, e o horizonte parecia vertical. Então veio a paz, e a calmaria.

Quem no mundo era eu?

Eu queria que aquela conversa acabasse logo, rápida, urgentemente, só pra ver se ela ia sorrir. Imaginei todos os nossos dias de sol, e dolorosamente repeti pra mim mesma o quanto a amava. A vi publicar seu livro, a vi comprar sua moto, e dar um pitaco de arte numa loja. A vi vencendo a dor, e se abrindo novamente em flor para o mundo. Mas nunca o mundo seria seu jardim. Ela não era daqui, nem de ninguém. Eu era Ninguém, aquele que não a possuía.

E daí meu peito em cacos? E daí minhas próximas noites em claro, e meu estado acabado? E daí que passaria dias, meses, talvez anos e a vida toda olhando triste pra uma tela inacabada? Eu a amava, e isso bastava. Eu poderia negar ao mundo a sua salvação, se coubesse a mim, mas jamais negaria à Roxie sua paz. Ninguém merece viver sem paz, e isto vale mais ouro que toda a felicidade do mundo. Então, que fosse eu o arco-íris, e a estrada sem mim e ao meu além, o pote de ouro. Não haveria duendes, bastava a magia do sentimento, e rezar para a Roxie caminhar por mim e alcançar sua utopia.

Se era a dor que eu deveria enfrentar, que ela viesse. Talvez até tivesse preguiça, ou considerasse mau negócio ter comigo depois; Roxie precisava de paz, precisava de silêncio, e quietude. E ela não faz do tipo que decide à toa, como eu. Eu sabia que era caso pensado, escrito e irrefutável, sem espaço para arrependimento. Assim era a Roxie, um tiro no acaso da decisão, força, e poder. E eu era só a aura, apenas uma cor que

aparece no misturar das tintas. Eu a amava, e até o inferno gelar, amaria.

E o que seria do amor se não fosse a reclusão? Do que eram feitas as relações verdadeiras senão de recusa e um certo exílio de orgulho e amor-próprio? Que mais eu iria querer da Roxie se ela já havia me ensinado que o amor real faz o Picasso mais caro ser uma mancha qualquer de café num guardanapo? Ao olhar para ela, ela era boa parte do que eu precisava aprender, descobrir, desvendar. Enquanto isso eu também me abria em flor, mas já eu… eu sim sou do mundo. Eu ainda sonhava em ser capaz de enfeitá-lo um pouco, pra isso virei artista, ou nasci assim, sei lá. Mas havia algo a mais ali, algo que se abria mais em flor do que eu ou ela.

Mais do que nossas almas-gêmeas atraindo o universo uma da outra para si, como bem disse a professora Soraya, mais do que podíamos suportar carnalmente. Havia o amor. E esse amor, eu descobri que não precisava ser vermelho, como mandam os clichês. Não precisava ser como retratam os filmes, os livros e as tragédias engraçadas das novelas. Longe disso, esse amor nem cheiro tinha, e era delicado e morno, porque precisa de um tanto de frio para nascer. Nosso amor nasceu como uma flor, englobando a nós duas; e longe de ser vermelho, tal sentimento é de um tom azul… um azul miosótico que brota no Monte Negro. E eu repito: eu a amava, e isso basta. Eu… a… amava.

A amava o bastante para deixá-la ir, já que queria.

Então, com a bravura que brota no peito dos fracos ao defender o que eles têm de mais importante, eu desci da cadeira, me agachei à frente dela, tomei as mãos dela na minha e disse:

— Está tudo bem.

Roxie desceu seu olhar do céu e me mirou profundo. As lágrimas agora ameaçavam nascer em seus olhos, enquanto ela, perplexa, disse:

— V-você não v-vai nem perguntar por quê?

Eu ri com o canto da boca, e disse:

— Não preciso.

— M-mas… eu pensei q-que i-ia lhe m-magoar…

— Roxie, não preciso saber dos seus motivos, porque aqui

dentro eu sinto que você faria diferente se não fosse tão preciso falar tudo isso. Eu confio em você, e além do mais, não sou cega, e cresci um pouco. Sei que você precisa de paz, sei que se eu estiver por perto, talvez complique seu caminho, e sei que você precisa se encontrar outra vez. Mas quero que você saiba que não estou triste, porque o meu maior desejo é realizado todo dia que vejo o seu sorriso. O que eu sinto por você venceu as barreiras que geralmente são impostas, inclusive, somos do mesmo sexo. Eu quero ver você bem, feliz, plena. Vá, Roxie, para onde tiver que ir. Leva uma foto minha pra quando quiser se lembrar dessa época, procure, busque, se encontre. Vá nas asas do mundo vencendo a dor, em direção à redenção. Vai, amor, que eu fico aqui, procurando meu próprio caminho. Que você se complete, mesmo que sem mim — eu pus a mão dela em meu peito. — Aqui, sente? Ele estará batendo ansioso, e eu prometo: ele estará guardado debaixo do meu travesseiro, pra o caso de você achar que a peça que lhe falta sou eu.

Roxie prorrompeu de lágrimas, e desceu da cadeira pra se ajoelhar na minha frente, e me abraçar. Eu também chorei, e que ninguém jamais me pergunte o que era aquele choro. Não, verdadeiramente, eu não estava triste. Não posso dizer também que estava feliz, afinal aquilo era uma despedida também, e seria bem difícil sem a Roxie. Vou dizer então que só estava. Por excelência, só estava. Naquele instante, o rádio ligou conforme Roxie o programava para não perder a hora do Faixa Sete, um programa que tocava apenas as músicas que eram gravadas na sétima faixa de algum álbum.

Pareceu cena de filme. Era uma canção bonita, que falava um pouco do tempo, e de arrependimento por não gastá-lo bem com a pessoa amada, e que prometia, assim como eu praticamente prometi à Roxie, de que esta pessoa nunca estaria sozinha.

O mar silenciou-se, e a música emoldurou nossa cena. Cantarolei baixinho um trecho que expressava bem o que eu quis dizer com tudo. No fim, ela disse que me amava. E isso era tudo que eu queria ouvir.

❀

— Como assim terminaram? — chocou-se Ângelo, quando eu lhe disse na cozinha de casa, um dia após do fato ter acontecido. Eram sete da noite, e estávamos dividindo uma garrafa de vinho após trabalhar horas no ateliê: eu havia finalmente terminado a última tela.

— É, foi isso. — confirmei.

— Não faz sentido, Abby. Simplesmente não faz.

— E o que no amor faz sentido, Ange? Ela precisava de espaço, e eu dei.

Ele me olhou concordando com a minha pergunta, e fez sua própria:

— E você, como fica?

— Eu não faço ideia. Ainda estou um pouco anestesiada, não sei como vou estar.

Ele passou as mãos nos cachos cor de ouro, tomou mais um gole e suspirou. Parecia à beira do riso, o que eu achei estranho e tive que perguntar:

— Quê? Que foi?

— É irônico. Eu tenho a sensação de que tudo vai mudar. Acho que me acostumei com os bons tempos que vivemos juntos.

— É, eu também. — eu olhei um pouco pesarosa pra um canto da mesa. — Sabe, Ange, eu não vou mentir pra você. Eu estou em cacos. Parece que um pedaço de mim foi arrancado à força, quando na verdade, eu facilitei sua saída. Dormi ontem feito uma pedra, como se tivesse passado a semana inteira acordada. Fiquei cansada, e chorei horrores, mas acho que estou um pouco orgulhosa de mim, creio que fiz o certo e não o fácil. Eu a amo, Ange, você sabe disso tão bem quanto ela. Não vai ser fácil viver sem que ela esteja aqui.

— É, eu imagino. — ele se ergueu um pouco da cadeira e tirou algo do bolso de trás da calça. Era um papel cinza e fino, que eu reconheci imediatamente como um recorte de jornal. Ele me entregou dizendo "andei relendo…".

Desdobrei o papel, e baixei os olhos pro texto.

Tudo Azul

Embora piegas, não há título melhor para o lançamento do livro Relicário, do novo nome da literatura poética, Roxie Montgomery. No centro de convenções do Hotel Dumont, ontem à noite, a jovem de apenas vinte e dois anos trouxe a público a veracidade de que a experiência não provém de maneira alguma apenas da idade de cada indivíduo, exuberando sensibilidade e maturidade no seu livro de estreia lançado pela Cronix Editora.

Em cada uma das cento e quarenta e quatro páginas, podemos vivenciar textos que parecem ter sido escritos por encomenda para cada um de nós. Num estilo — pode-se dizer — inovador, Montgomery compõe uma melodia onde dançam prosa e poesia em fabulosas linhas descritas com a leveza de um solo de violino, com as profundidade e sinceridade de alguém que vive com o coração de criança, encarando o mundo com olhos de gavião.

Acompanhada por seus dois melhores amigos, Ângelo Martin e Abby Montenegro, Roxie leu um dos poemas em voz alta, um breve aperitivo para os amantes da boa literatura contemporânea que, com certeza, sente-se enriquecida por esta valiosa obra, que pode ser encontrada nas melhores bancas e livrarias de Nova Esperança.

Ladeando a coluna, estava a nossa foto um bocado amassada. Irônico é que havia um vergão passando entre a minha cabeça e a da Roxie. Maldito seja o vergão.

Eu levantei a vista em direção ao Ângelo, e disse:

— É, tenho um recorte desses no reli…cário. — terminei a palavra lentamente. Eu havia esquecido desse detalhe, desse presente que significava tanto. Os originais de cada poema que está no livro, todas as coisas que se remetiam ao nosso namoro, fotografias no jardim dos miosótis, inclusive um miosótis que ela me dera. Estava tudo lá.

É, precisei de mais força para não chorar depois dessa. Dei um longo gole no vinho, e fiz uma careta, agitando a mão livre

como se fosse um bebê.

— Whoa, vai com calma aí. — disse Ângelo.

— Arrrgh, desceu ruim! — argumentei, fechando os olhos com força. Uma pausa, e ele indagou:

— Que horas ela disse que vinha mesmo?

— Ai… oito horas. — eu disse, ainda sacudindo a cabeça.

Ele se virou para conferir o relógio. Eu olhei também. Faltava pouco para as oito. Encarei o copo de vinho. Meu reflexo distorcido lançava seus olhares para mim, parecendo triste, sério e cansado. Mais silêncio na cozinha. Eu não estava realmente a fim de falar; por outro lado, também não queria estar (mais) sozinha. Eu só queria estar ali, e observar o tempo passar.

Triste de quem sente dor no peito e não tem nada a fazer. A cozinha estava arrumada, a casa também; já havíamos jantado, pintado, e o Ângelo havia terminado o último trabalho para entregar antes das férias… restou-nos as taças de vinho, e só. Acho que me distraí pensando nisso, e o outro interpretou que eu estava remoendo cenas da tarde passada, quando falou meio que de supetão:

— Então, e a exposição? — perguntou, claramente para não me deixar ficar pensando coisas à toa.

— Bem, agora que as telas estão terminadas, já estou no processo de digitalização. — falei demorando um pouco para retirar os olhos do reflexo e direcioná-los para ele. — Dá um trabalho enorme ajustar tudo, mas segundo já me informei hoje com a professora Soraya, minha ideia vai funcionar.

— Bom. Mas vem cá, como será mesmo? Digo, a exposição?

— As obras estarão expostas, mas sob cortinas a princípio. Prepararam um oratório, de onde eu vou ler o poema da Roxie enquanto as luzes estarão apagadas. Vou me valer de uma luminária na mesa, e um telão vai reproduzir cada obra ao meu comando, como uma apresentação de slides, seguindo o ritmo do texto.

— É, isso me soa original. — disse ele, impressionado.

— Talvez nem seja. — respondi, sincera, e uma nota triste escapou no meu suspiro. Ângelo continuou:

— Mas então você pintou tudo pra coincidir com o texto?

— Não exatamente. Já havia algumas coisas que eu tinha em mente pintar, mas para efeito ilustrativo, creio que casou bem.

— Por que não vamos rever as obras? Eu só as vi inacabadas.

Tive vontade de dizer a ele que não precisava ficar tentando me distrair o tempo todo porque para mim, era claramente a intenção. Mas como não havia motivo que contrariasse a sua ideia, consenti, e rumamos junto para o ateliê no primeiro andar.

Então mostrei cada uma das quinze telas que havia pintado. *O Abajur, A Borboleta, O encontro, Paz, Dúvida*, e todas as outras chamaram muito a atenção de Ângelo, mas nada comparado à última que mostrei, intitulada *"Promessa"*.

Esta era um retrato da Roxie. Ela estava um pouco de costas, como se estivesse se virando. Segurava um lençol de veludo vermelho para cobrir as nádegas e os seios, com os braços erguidos à altura desses, encostados no busto. Seu perfil sorria de boca fechada, olhando para o observador; e na sua mão esquerda, a mais "próxima" de quem observa, estava um recorte branco, na forma de estrela na ponta de uma linhazinha verde, que era um caule.

Ângelo olhou cada detalhe com atenção, e reparou bem no fundo da tela, que era um céu que descia com relevo de cortina azul meia-noite, enquanto estrelas refulgiam solenes atrás da Roxie. Olhou, olhou, olhou por mais de cinco minutos para, por fim, virar-se para mim e dizer:

— Você é um gênio. São só as palavras que me restam.

— Ah, para com isso. — eu pedi, sem jeito.

— Não, sério… não há imperfeição nenhuma aqui. Proporção, meio-tom, enquadramento. Nada, nada está fora do lugar. Mas tem um detalhe…

— Quê?

— Esta aqui está incompleta.

Ele indicou o recorte branco em forma de estrela com o dedo, e eu falei:

— É, eu sei. Não vou expor essa.

— *Como você não vai expor a melhor de todas?* — perguntou ele, chocado.

— Você mesmo percebeu. Está incompleta. — disse eu, decidida.

— Você tem duas semanas ainda, Abby. Tem certeza?

— Ange, não dá pra terminar isso agora… mas quem sabe o dia de amanhã?

Esperto que era, ele percebeu o real motivo de eu não querer terminar o quadro, e se adiantou em começar a dizer:

— Abby…

— Deixa, Ange — eu o interrompi —, vai ficar tudo certo. É que… bem, não é fácil pintar um miosótis.

Com isso, o calei. Ele era o único que sabia além de mim e da Roxie o real significado daquela flor pra gente. Então, batalha vencida, cobri a tela e me encaminhei para a varanda a fim de acender um cigarro. Ângelo me acompanhou e fez o mesmo. Ficamos ambos mirando o céu límpido de junho, como se tivesse sido lavado pela chuva de ontem; tive a impressão de que os astros estavam mais brilhantes quando mirei Vênus pairar indiferente no céu. Assim, depois de algum tempo, creio que Ângelo ia voltar ao assunto, ou dizer algo pra me convencer. Que seja, eu estava pensando em como seria quando finalmente a Roxie chegasse para pegar as últimas e poucas coisas que faltaram.

Revivi a hora da partida na manhã daquele dia: a mala de carrinho, os óculos escuros e nem sequer um milímetro de cabeça se voltando para olhar pra trás. A ida até o táxi, o aceno da janela, até que o táxi partiu e eu entrei em casa com uma dor no peito que chegou a ser física, me fazendo recostar à parede com uma cara de profunda dor. Ao me recuperar, subi a passos lentos em rumo ao ateliê e preparei o pincel. Tudo estava nos conformes, faltava apenas um último detalhe na tela da Roxie, e eu quis terminar isso de uma vez, porém é como eu disse: "não é fácil pintar um miosótis". Sábias palavras de quem acha ainda mais difícil esquecer o fato após ter vivido um miosótis. Recostei minha cabeça no cavalete e chorei, enquanto esta cena se desfazia como se dissolvida na minha mente.

Eu soltei um suspiro, e Ângelo definitivamente ia falar algo,

mas nesse instante, ouvimos um som ruidoso e bem familiar. Meu coração deu um salto ao perceber que era o ronco do motor da moto demasiado estridente da Roxie que crescia ao longe, vindo pela avenida. Eu creio que fiquei pálida, e comecei a tremer. O som crescia e eu estava a ponto de pular da varanda para a noite linda que fazia; provavelmente eu aterrissaria leve como uma pluma e a Roxie viria ao meu encontro dizer que tudo que havia acontecido ontem fora só um lapso de lucidez, e que ela se sentia muitíssimo mal por aquilo tudo, e que eu, por tudo que fosse mais sagrado pra mim, a perdoasse. Talvez dissesse que havia sido um engano, um erro…

Devia estar estampado na minha cara demente, porque Ângelo fazia ar de riso pra mim.

— *Quê?* — perguntei, meio ríspida a ele.

— Naaada… — ele se defendeu, erguendo as mãos com uma expressão ainda mais maliciosa no rosto.

Meu coração ainda parecia que ia disputar o lugar da minha glote quando tudo virou de ponta-cabeça. Eu senti um calafrio, precedido por uma era glacial na barriga; o sorriso sumiu do rosto do Ângelo enquanto o cigarro caía dos meus dedos no jardim e minha boca se mexeu sem produzir som.

— Roxie… — quis dizer, mas houve um rangido agudo e alto… um estrondo… e depois mais nada.

O *rock* do motor da Roxie havia sumido na escuridão.

— CAPÍTULO DEZESSETE —

Metal contra as nuvens

— Santo Deus…

Eu corri em disparada. Chutei a porta do ateliê, estendi a mão para a parede da escada, enquanto descia vertiginosamente depressa. Sentia Ângelo me seguindo, chamando meu nome apreensivo. Não dei atenção, corri, corri como o vento. Brotei na sala, parei em frente à porta da frente, agarrei a maçaneta, e puxei com força. A porta não quis abrir, eu sacudi com todas as minhas forças e, por coincidência, minha mão escorregou para um lado e girou a maçaneta, fazendo a porta se abrir. Bati a porta contra a parede e ganhei o jardim. Ao longe, muito ao longe, ouvia sirenes. Virei à esquerda na avenida e continuei a correr. Não ouvia som algum a não ser o das minhas passadas e da minha respiração. O mundo inteiro estava em silêncio.

— Ela deve ter parado pra ajudar, deve ter parado, *tem que ter parado!*

Eu repetia isso mentalmente, *implorava* por isso. As casas passavam por mim, e eu notei algumas luzes se acendendo, portões abrindo… *deve ter parado, deve estar ajudando… Roxie, onde está você?*

O suor já pingava no meu rosto e encharcavam a raiz dos meus cabelos, que esvoaçavam violentamente a favor do vento forte da noite. Minhas pernas doíam, e minha resistência de fumante não ajudava nem um pouco — me amaldiçoei nessa hora pelo vício —, até que eu vi um carro parado na beira da estrada.

Era um carro preto, de passeio, porém grande. Os faróis estavam ligados, as sirenes ficavam mais altas, e havia alguém por ali. Alguém tinha visto, alguém tinha chamado ambulâncias, Roxie, cadê você?

Meu olhar procurava compreender toda a paisagem cen-

tenas de vezes no mesmo segundo, indo de lá pra cá, procurando uma forma feminina em pé, ou carregando algum corpo, uma moto encostada a um canto, qualquer coisa do tipo. Alguma coisa na altura das minhas costelas doía, mas eu não parei de correr. Tirava os cabelos do rosto e cada vez que sentia que estava perdendo velocidade, algo me dava mais força para continuar correndo, correr, correr, Roxie! Até que finalmente pude distinguir com perfeição os contornos escuros do carro; a frente estava bem amassada, e ele estava atravessado no canto da rua. Foi então que eu vi, com horror, que havia um amontoado de metal também preto esbagaçado contra a amurada do penhasco que ladeava aquela parte da avenida. A quase dez metros disso, mais próximo de mim, notei uma forma humana deitada na pista: uma blusa branca, calça jeans preto, coturnos, um capacete negro destroçado a alguns metros na rua.

Se o bater de asas de uma borboleta é capaz de causar um tufão do outro lado do mundo, o grito que eu dei ribombou as crateras geladas da lua:

— ROXIEEEEEEEE!!!!!!!

Ângelo chegou ao meu lado, olhou, notou, e me abraçou. Eu chorava desesperadamente, e sentia que ia morrer. Não tinha fôlego, o choro me tapava as vias respiratórias, eu me senti desfalecer. Mais uma vez, estava eu precisando de amparo. Pudera…

Na minha cabeça, aquele quadro horrível. A noite, os faróis da ambulância que chegava, os faróis do carro estragado, as pessoas que chegavam, as sirenes na minha mente e a luz contra os meus olhos, deixando com que a sombra do corpo da Roxie quase tocasse os meus pés, que doíam.

— Roxie… não, não!

Eu gemia sem parar, e sentia lágrimas pingarem na minha cabeça. Ângelo não parecia capaz de proferir uma só palavra, e só me abraçava forte. Eu o apertava contra mim, com o resto de força que tinha.

Então, como se estivéssemos conectados mentalmente, nos largamos ao mesmo instante e fomos pra perto. Eu corri para a Roxie, Ângelo foi procurar saber o que havia acontecido.

— Roxie! Roxie!

Ela não podia estar acordada. Havia ferimentos e arranhões feios em seus braços, e um deles me parecia estar quebrado. Eu sabia que não podia tocá-la, que não podia fazer nada…

— ROXIE!

Eu quis abraçá-la. Era minha culpa, minha culpa. Eu a havia deixado ir, eu não pedi que ela ficasse. Roxie, acorde, eu… eu… *eu* quero acordar agora, não, me solta… Roxie… *Roxie*!

Alguém me empurrou dizendo pra me afastar. Estavam de branco, alguém me arrastava pela cintura para a calçada, e eu gritava, meus olhos jorravam lágrima, e minhas cordas vocais pareciam que iam se romper. Se agacharam perto dela, tocaram seu pescoço, se entreolharam apreensivos.

— Roxie…

Eu gemia fraca, chorando. Vi alguém me dizer para ter calma, e eu olhei o céu. Deus, como pôde? Vertigem. Meu coração doeu, o ar foi embora enquanto os sons estavam ficando mais baixos e ininteligíveis. Eu ouvia vozes difíceis de entender: "Parecia bêbado… fez a curva… tentou livrar… ela vinha… aquele ali".

Girei minha cabeça, o pescoço mole, procurando onde seria o "ali". Eram todos vultos num só, e aquelas luzes… eu diria que as pessoas eram só borrões brancos que me lembravam anjos, que me lembraram meu sonho, que fez doer meu peito, a dor era como de estocada, uma estocada por uma faca fina, ou uma espada, ás de espadas… infortúnio. Até que, num canto da calçada, vi um cara jovem ia sendo atendido por um paramédico que tranquilamente punha uma faixa na sua cabeça. Tive vontade de assassiná-lo, mas já não havia força para muito. Antes de desmaiar, o que eu pude fazer foi dizer seu nome, com a voz fraca que me sobrou:

— Carter…

❀

Abri os olhos assustada. Me levantei depressa e senti uma tontura que me forçou a fechar os olhos e levar a mão à cabeça.

— Vai com calma, Abby. — era a voz do Ângelo. Eu olhei

em volta. Eu estava em uma maca azul, que ficava de frente para uma TV suspensa por um suporte na parede. Não era muito amplo, mas a claridade que entrava pela janela se unia aos tons azuis das paredes para trazer um mínimo resquício de calma. Claridade… o dia já havia nascido. Busquei em minhas lembranças o que tinha me feito parar ali, e minha cabeça doía. Meu coração também. Então, de uma só vez, tudo se revelou a mim num poderoso soco mental.

Me virei agarrando os braços do Ângelo tão depressa que ele se assustou.

— Onde está ela, Ange, *onde está ela*?

— Argh, calma, Abby, calma. Você precisa se acalmar.

— Como você pode me pedir pra ter calma? — eu disse aturdida. — Como ela está, Ange, COMO?

Ele pacientemente se levantou da cadeira onde estava, me endireitou na cama, beijou a minha testa e disse:

— Está sendo tratada. O acidente foi grave, e eu não sei muita coisa. Os médicos estão fazendo o possível.

Eu afundei no travesseiro e fixei o teto. Não conseguia entender nada do que estava pensando, tamanho era o fluxo das imagens na minha cabeça. Era pensar em tanto que sentia uma espécie de pane neural. Nenhuma informação era processada, exceto aquela angústia.

— Olha, Abby, tenho que falar com você.

— F-fala…

— Você só acordou agora porque precisou ser dopada, estava nervosa demais.

— Não é pra menos, Ângelo! — eu quis gritar, mas o que saiu foi um sussurro rouco. Ele continuou, paciente:

— Segundo o médico que lhe examinou, é possível que a sua taquicardia de ontem seja sinal de problemas maiores. Você sentiu o coração doer?

Taquicardia? Problemas maiores? Do que diabos ele estava falando?

— Eu… eu senti o peito doer ontem. Mas o que importa, eu quero ver a Roxie!

A porta do quarto se abriu nesse instante, e eu vi a Dona Magda entrar, com uma expressão que a fazia parecer ter cem

anos. Ela olhou na minha direção e disse:

— Ela está em processo cirúrgico ainda. Vamos conseguir.

— Dona Magda… eu…

Ela se aproximou de mim, e toda a esquisita aversão que eu tinha por ela desapareceu em um segundo. Tocou meu rosto com a palma da mão enquanto olhava para mim, com uma expressão terna e um quase sorriso. Então ruiu:

— Você cuidou dela mais do que eu jamais pude, Abby! Seu amor por ela não é indigno como o meu foi… obrigada, obrigada por cuidar da minha menina por tanto tempo.

Eu não sabia o que falar, realmente não sabia. Eu achei que a pobre senhora me repudiava pelo que eu vivi com a Roxie, achei que ela fosse contra e me detestasse, mas…

— Por que, Deus, o Senhor castiga esta menina? — ela olhou pra cima, e já não parecia lembrar que eu e Ângelo estávamos no quarto. — Eu sou uma velha, uma velha tola com ideias quadradas, absurdas… de que valeu vencer o que eu era, sair daquilo e pregar conservação? Não fui capaz de cuidar dos meus sobrinhos.

A última palavra que ela disse passou como uma corrente pelo meu cérebro. "Sobrinhos", *no plural*. O rapaz sentado, o olhar vazio, Carter, meu nome é Carter. Deus, o cara do avião era… *irmão da Roxie*?

Eu olhei assustada para Ângelo, que se preocupou, pôs a mão sobre meu coração, na minha testa, conferindo. Eu sentia o toque dele e tentava falar… era possível? Um dia um estranho senta ao meu lado no avião, me diz seu nome; no outro eu cruzo com ele na rua e passo mal. Eu senti… e não pude fazer nada, como pude ser tão burra?

— Dona Magda — eu disse, trêmula — o-o C-carter também est-tava no acid-d-dente?

Ela suspirou tão profunda e sombriamente que me fez achar que eu não deveria ter perguntado. Mas foi possível notar facilmente o alívio se apoderar dela quando ela começou a pôr pra fora.

— O Carter… ele passou na pensão. Estava louco, alucinado, disse que precisava de dinheiro, falou em alguém que iria matá-lo. Eu não tinha o dinheiro, eu não tinha como ajudar.

Ele ficou ensandecido, e lembrou da Roxie. Lembrou que ela tinha publicado um livro, supôs que ela estava rica e disse que iria arrancar o dinheiro dela. Eu tentei impedir, e ganhei isso.

Ela levantou a manga da blusa fina que usava, e pudemos ver no braço flácido uma marca roxa de dedos. Levei a mão à boca, e Ângelo murmurou um palavrão. Ela baixou a manga até os cotovelos, e disse:

— Ele saiu de lá louco, naquele carro preto. Disse que me odiava, que odiava a Roxie, que a mataria por tê-lo abandonado.

Ela fungou ruidosamente dessa vez, fechando os olhos como se estivesse tomando fôlego para correr uma maratona, e falou:

— Eu tentei ligar pra Roxie. Duas, dez, vinte vezes! Ela não atendeu. Não tinha o número da sua casa, Abby, não tive como ligar. Até que soprou aquele vento, e o que eu pude fazer foi rezar.

E fechei os olhos, tentando absorver o que acabara de ouvir. Carter era irmão da Roxie, e ele tentou matá-la. Por sorte não cabe a mim julgar o perdão. E que eu seja perdoada, mas naquela hora pensei que iria matá-lo na primeira oportunidade que tivesse.

Sentia uma dor na coluna, talvez por estar deitada por tanto tempo na mesma posição. Pedi ao Ângelo que apertasse o botão para inclinar a maca, e quando ele atendeu e o barulho do movimento se fez ausente, eu perguntei:

— E como ele está?

— Preso. Não sofreu mais do que arranhões, e dados os testemunhos das pessoas, ele vai ficar preso enquanto as investigações estiverem correndo. Ele me pediu pra que lhe arranjasse um bom advogado, claro.

— E a senhora? — perguntei.

— Não vou arrumar. — disse ela, com um gesto firme dos braços.

— Mas…

— Está na hora de deixar aquele irresponsável arcar com as consequências. Sua rebeldia matou sua mãe aos poucos, por dentro, justo quando ela estava tendo anos felizes! Não é cer-

to… não é certo.

Eu não queria ouvir sobre a mãe da Roxie. Lembrar dela me deu um aperto no peito tão grande…

— Ange, vamos dar uma volta. — pedi, com um ar de súplica.

— Não sei, Abby. — disse ele, carinhosamente preocupado, mas entendendo bem que no meu lugar, ele também iria querer sair. Então eu disse:

— Eu estou melhor, sério. Por favor, chame uma enfermeira.

Ele me fez mais esse favor, se dirigiu à porta e sumiu no corredor. Me vi só com a Dona Magda, que me olhou exausta e disse:

— Abby, você me perdoa?

Eu não entendi, nem de longe, o motivo disso, e falei:

— Dona Magda! O que tenho de perdoar?

— Eu não gostei de você… com ela. — e lá íamos outra vez aos pingos nos i's. — Não por nada, mas é que invejei você.

— Hein?

— Você estava perto dela todo dia, você a fazia bem, e ela lhe ama. Me perdoe por invejar isso. Parte disso tudo é minha culpa também.

Ela me olhou suplicante, e eu fiz que não com a cabeça:

— Eu é que preciso pedir desculpas. Eu não deixei a senhora dizer o que tanto precisava, e agora… — uma dor profunda atravessou minha alma — agora não sei se será tarde demais.

— Você só estava cuidando dela. Eu teria feito o mesmo. Obrigada, Abby.

Trocar perdões com a Dona Magda me deu uma certa dose de ânimo. Ou anestesia. Estava desesperada para sair daquele quarto e dar um jeito de ver a Roxie; queria bater a cabeça em algum lugar e esquecer um pouco, ou tomar uma poderosa dose de qualquer coisa que me fizesse dormir profundamente. Então só a Roxie poderia me acordar, e ela o faria como sempre fez. Me beijando na testa e me sacudindo de leve, enquanto eu brigava puxando o lençol.

Ângelo voltou dizendo que eu estava liberada, mas que devia voltar pra fazer alguns exames. Eu comemorei com um

sorriso, e olhei para a Dona Magda para dizer:

— Não as deixaremos sozinhas. Eu vou só comer algo, não quer vir com a gente?

— Ah, querida, obrigada, mas não, não estou com fome.

Uma serenidade se apoderou de mim, e parece que foi só para que eu confortasse um pouco aquele corpo cansado daquela mulher, que se largava na cadeira a lado da minha cama:

— Vai dar tudo certo.

Ela esticou a boca num quase sorriso e balançou um pouco a cabeça positivamente, fechando os olhos. Eu me virei e aceitei o braço que Ângelo me oferecia. Rumamos para o lado de fora do Hospital de Valença em busca de um pouco de ar fresco e sem não-fumantes.

Eu já não lembrava como eram dolorosos os corredores de um hospital. Havia pessoas andando depressa pra lá e pra cá, pessoas em lista de espera. O Hospital de Valença era, de longe, o melhor da região e atendia também um grande número de pessoas vindas de Nova Esperança. Eu não conseguia desfazer a cara de horror a todo aquele desespero silencioso; num canto, uma mulher corria desesperada: seu bebê de dois anos engolira uma moeda e estava com um tom um pouco azulado quando ela quase nos atropelava no corredor, as lágrimas lavando seu rosto.

As senhoras nos bancos tomando soro, as macas indo e vindo, cadeiras de roda, muletas, sangue, jalecos brancos, a campaninha informativa do hospital, aquele branco e azul sem fim. Eu já sentia o ar pesar ali dentro com todo aquele sofrimento se tornando uma camada densa ao meu redor. Ângelo me conduzia por entre o largo corredor principal da ala sul, em direção à saída.

Pouco depois, encontramos nosso lugar na varanda circular e realmente ampla na lateral oeste do hospital. Sombra, vento, e ninguém ali: tudo o que eu precisava. A varanda se projetava num semicírculo forrado de cerâmica azul clara, e aqui e ali tinha mesas e cadeiras numa espécie de praça, no centro da qual fora posto um canteiro de onde emergia uma imponente sempre-verde de tronco grosso e galhos podados. Caminhamos até o final do pátio, em direção às últimas cadei-

ras dispostas, numa das quais eu me larguei.

Ângelo se sentou ao meu lado, e me passou um cigarro. Eu não conseguia pensar em nada além do que havia acabado de ouvir da Dona Magda, as peças manchadas de dor do passado da Roxie que ela tanto lutara pra afugentar… e como aquilo me causava dor. Finalmente eu entendera o motivo de tanto silêncio, tanto mistério. Ela também queria me preservar, eu creio. Era bem a cara dela, fazer dessas coisas; ir embora sem muitas explicações, sem ser muito clara.

— Por que a deixei ir?

— Porque você a ama. Pare de pensar nisso dessa maneira, não foi sua culpa.

Eu me assustei quando o Ângelo respondeu à minha pergunta; eu achava que estava apenas pensando quando as palavras simplesmente saíram da minha boca.

— Sinto muito, eu estava pensando alto, acabei dizendo… — tentei explicar, mas ele disse:

— Mesmo que não tivesse dito, eu já sabia que você se sentiria assim. No fundo, somos todos um pouco culpados, é assim que nos sentimos. Mas nossa chance de sermos perdoados, acho, nos será dada. Precisamos acreditar nisso, com toda a força.

Ele falou com tanta seriedade que eu simplesmente não o reconheci. Apenas me recostei novamente na cadeira, e dei um longo trago no cigarro, tentando esquecer aquilo tudo, aquela agonia, aquela má sensação. Eu rezava tanto, e me sentia tão indigna e suja. Rezava pra Deus compreender desesperos e não ligar pela minha ausência nos dias de sol. Silenciosamente, no meu canto, eu recomecei a chorar.

Virei a cabeça para o lado oposto ao Ângelo. Ele não estava em condições de me dar mais apoio, e eu também não queria. Meus desejos todos se resumiam na Roxie inteira na minha frente, outra vez, e eu não a deixaria ir, nem desistir tão fácil. Proporia ajudá-la em suas buscas, arriscaria atrapalhar, sei lá, mas não a deixaria partir. Não a deixaria por nada nem de jeito nenhum.

Os minutos se arrastaram, e eu observava as nuvens tomarem formas pequenas e esticadas no anil do céu. Parte da lua

aparecia distante, meio ofuscada pela claridade do dia, e este estava ironicamente lindo. A brisa tocou meu rosto, e levou embora cinzas e fumaça do meu cigarro, esquecido nos dedos. Estava pensando se algum médico teria talvez uma injeção anti-culpa. Seria conveniente viver sem culpa, sem mártires, sem esse peso que se deposita sobre nossa glote e faz a garganta arder; sem esse ar de arrependimento, sem nada. Viver, somente.

Lancei um olhar que morrerei sem ser capaz de traduzir. Só sabia que ele, naquele instante, fazia jus à cor cinzenta que tinha; a cor pesada do chumbo. Meus olhos postos em Deus; metal contra as nuvens.

Dona Magda caminhava em nossa direção, vinda do interior da recepção do hospital. Observei por um momento o caminhar da velha roliça, e percebi que era um bocado firme para alguém da sua idade. A saia marrom e brega ocultava seus tornozelos, tocando a boca de seus sapatos castanhos, da cor do xale que puxava enquanto endireitava a bolsa cor de creme que teimava em lhe cair dos ombros arqueados e cansados. Pobre velha!

— O médico quer nos ver em dez minutos. — disse ela com um tom pesaroso, ao nos alcançar algum tempo depois.

Eu me levantei de supetão, e senti outra tontura. Foi leve, deu pra disfarçar; ao menos o Ângelo não me olhara duro como andava fazendo sempre que eu fazia uma "extravagância". Seguimos a velha pelo pátio enquanto eu observava as plantas que cercavam o hospital, do lado de fora da cerca tubular pintada de branco que contornava o semicírculo da área externa. Atravessamos as portas de vidro e seguimos por um corredor, de volta ao quarto onde estávamos; porém, passamos reto, sempre seguindo a Dona Magda, que nos guiou a uma pequena sala de estar no canto à esquerda, onde havia poltronas e uma televisão plana fixada na parede, sobre uma banca cheia de revistas velhas.

Ao comando de um gesto dela, nos sentamos e nos pomos a esperar. Olhei para o relógio na viga do teto de frente para mim. Passava das oito da manhã quando o médico apareceu. Não era muito alto, ostentava um sorriso branco e olhos verdes, sob um cabelo loiro escuro cuidadosamente penteado de

lado. O Dr. Felipe, segundo seu crachá, era um cara educado, tinha lá seus trinta anos, e falou conosco com um tom que revelava um quê de triunfo:

— São os parentes e amigos da… — conferiu a prancheta — Roxie Montgomery?

— Sim! — eu disse, me erguendo da cadeira.

— Eu sou o Dr. Felipe. Queiram me acompanhar por favor.

Nos entreolhamos tensos e acompanhamos o médico através dos corredores que levavam à área da recepção. Subimos as escadas de degraus largos de madeira além do balcão e pouco tempo depois, o silencioso médico abriu uma porta onde se lia seu nome numa placa dourada e nos convidou para entrar.

Era uma sala que me lembrava a da professora Soraya. O piso revestido de madeira reluzia sob nossos pés, havia uma estante que acompanhava toda a extensão da parede à direita do cômodo, que não era exatamente grande. Uma mesa grande de design moderno trabalhada em madeira estava disposta de costas para um janelão coberto por persianas brancas.

Dr. Felipe deu a volta na mesa, abriu um pouco as persianas e nos convidou a sentar nas três cadeiras colocadas à frente da mesa, que era milimetricamente organizada — apesar da quantidade enorme de papeis —, acompanhados de um telefone e um notebook branco aberto. Ao se acomodar, ele repousou sua prancheta num lugar à sua direita, pediu pelo telefone que alguém nos servisse café, e nos lançou seus olhos verdes para dizer:

— Então, vocês tiveram uma longa espera, eu presumo.

Dona Magda parecia tensa demais para falar, portanto só assentiu com a cabeça lentamente. Eu vi Ângelo esticar um canto da boca para aquiescer também, e eu confirmei:

— Estamos aqui a noite toda. Eu tive uns problemas também.

— Estou ciente — disse o médico, de maneira delicada. — Bem, senhores, me perdoem a indelicadeza, não lhes perguntei seus nomes.

Eu apresentei os meus dois acompanhantes, dizendo meu nome em seguida. O Dr. Felipe falou praticamente só para mim depois disso:

— Vou lhes manter informados sobre o caso da Srta. Montgomery.

— Como a Roxie está, doutor? — disparei sem poder me conter.

— Ok. Veja… Abby, não é? Então. O acidente da Srta. Montgomery foi algo que não foi realmente grave. Segundo um amigo policial que, por coincidência, está no caso, o acontecido poderia ter sido bem pior. Pelo que consta na primeira análise da polícia de trânsito e da perícia que foi conduzida, a Srta. Montgomery provavelmente se jogou da moto antes da colisão quando percebeu que os freios não seriam suficientes.

Não pude deixar de ficar um pouco surpresa ao imaginar a cena, o que foi doloroso. Por sorte, o Dr. Felipe não deu crédito ao silêncio, e continuou ao perceber que ninguém iria pronunciar nada:

— Porém, o trauma que ela sofreu foi grande. E preocupante.

Ele parecia estar se preparando para dar uma notícia bem difícil. Mais uma vez, logo após a pausa, continuou:

— Os exames preliminares nos indicaram um problema. Precisamos realizar uma cirurgia de urgência para reparos no crânio, e observar um outro problema, o mais grave…

— Por favor, doutor, continue. — eu disse, tentando não perder o controle.

— Sinto muito, sei que é um momento difícil.

— Está tudo bem — menti. — Só continue, por favor.

Ele me olhou compassivo, e me atendeu:

— Explicando de uma maneira simples e direta, senhorita, é um milagre que sua amiga esteja viva. A maneira como o capacete dela saiu da cabeça poderia tê-la matado. Há ainda, infelizmente, um pouco de abstração no caso por enquanto, mas verificando seu estado…

Uma outra pausa, dessa vez, breve. Ele nos olhou e disse:

— Não há como prever até quando, mas a Srta. Montgomery se encontra atualmente num estado de coma.

Eu respirei fundo, e segurei as lágrimas outra vez. A única coisa que não tinha me feito me jogar pela janela da sala do Dr. Felipe era o fato de que, ao menos, havia a esperança de que a

Roxie se recuperasse.

Olhei para a Dona Magda, que não deu uma só palavra. Apenas mirava triste um canto da mesa do médico, talvez ainda absorta em arrependimentos. Desviei o olhar e o direcionei ao Ângelo, que olhava para a frente, na direção do médico, com um ar intrigado. No mesmo instante, acompanhei sua vista e notei: havia algo mais a ser dito.

— Mais alguma informação, doutor? — eu perguntei apreensiva.

— Sim. É provável que a paciente passe por um período de cegueira.

Eu já não tinha muito mais o que fazer. Cada notícia só me fazia me tornar mais pesada, e já não havia mais choro para conter. Suspirei ante a resposta, e perguntei:

— Por quanto tempo?

— Só saberemos com o passar dos dias. Pode variar de algumas horas a vários dias.

— Pessoalmente, o senhor crê que ela vai ainda ficar muito tempo em coma? — mudei o assunto, e o médico foi compreensivo ao responder pacientemente outra vez:

— Depende muito da evolução do quadro. Os danos não foram realmente graves, então se fosse pra dar um palpite, ele seria de pelo menos três dias.

O resto da entrevista se deu sobre horários, pagamentos e essa burocracia. Minha cabeça já estava rodando de cansaço, de depressão. Eu só queria poder ver a Roxie, tocá-la, ficar ao seu lado. Mas meu desejo não poderia ser atendido por causa de regras severas da UTI.

Um pouco de discussão depois, o Dr. Felipe recapitulou:

— Bem, o dano na cabeça foi o mais grave. O mais grave dos outros traumas consiste num ombro deslocado. Mas também pode ser que caso haja o estado de cegueira, ele pode ser temporário. Não há como saber agora. Meu conselho é que vocês vão para casa e descansem um pouco, especialmente a senhorita — ele falou olhando para mim. — Ela não vai acordar agora, e tenho razões para acreditar que *não* será hoje.

— Não quero ir pra casa. — eu disse, mais pensando alto que compartilhando a ideia.

— É o melhor a se fazer, Abby. Você o ouviu; você também precisa descansar. — disse Ângelo docemente, pondo as mãos em meus ombros.

— Escutem — disse o Dr. Felipe —, eu sou oficialmente o médico especialista encarregado do caso. Nosso sistema tem as informações de vocês, e eu prometo que qualquer novidade, qualquer uma, vocês serão avisados imediatamente.

O modo educado e prestativo do médico me fez sentir um bocado segura, embora achasse intimamente que era uma espécie de abandono deixar a Roxie sozinha. Por outro lado, eu estava exausta, precisava descansar. Sentia como se estivesse na bateria reserva, prestes a descarregar de vez novamente.

— Obrigado, doutor — disse o Ângelo, por nós. — Vamos, Abby; e a senhora, Dona Magda, eu lhe dou uma carona.

— Deus o abençoe, filho. Obrigada.

Nós levantamos e apertamos a mão do médico. Enquanto o Ângelo, em seguida, me impulsionava levemente para andar, ainda pegado nos meus ombros, eu lancei um olhar direto para o Dr. Felipe. O chumbo dos meus olhos se atirou contra o verde dos dele levando um pedido:

"Cuide dela."

E ele fez um mínimo aceno positivo com a cabeça, respondendo com aquela íris expressiva:

"Cuidarei".

— CAPÍTULO DEZOITO —

O Salão Circular

Após deixar a Dona Magda na pensão, Ange parou o carro na porta de casa. Desligou o motor, puxou o freio de mão e repousou a mão em seu colo. Não dissemos nada, nem fizemos nada. Ficamos ali, parados, absortos em nossa dor. Eu, mirando o painel como se ele fosse uma tela de cinema repassando as últimas horas tensas. Ângelo, apertando o volante seguro por sua mão esquerda, olhando fixamente algum ponto perdido no asfalto do lado de fora.

— Se você quiser, eu fico aqui com você.

Ele falou meio que de repente. Eu me esforcei para processar o que havia acabado de ouvir, e ao entender, falei:

— Obrigada, Ange. Mas acho que quero ficar sozinha um pouco. Descansar, sabe?

Ele me olhou daquela maneira como só ele sabia fazer. Aquele olhar que pergunta "tem certeza?" e que põe a mais sólida certeza em uma torrente duvidosa tamanho eram os carinho e segurança que ele passava.

Mas minha dor era igualmente poderosa. E eu queria ficar só.

Havia um bom tempo éramos amigos, e não precisávamos realmente que algo fosse dito para que se transmitisse uma mensagem. Assim, nada falei. Contraindo um pouco a boca e concordando brevemente com a cabeça, ele se inclinou para me beijar a testa, e disse:

— Qualquer coisa, me ligue.

Eu fiz um sinal positivo com o rosto e abri a porta do carro. O vento frio arranhou meu rosto, mas os flagelos em meu peito eram demasiado dolorosos para que outra dor fizesse sentido para o meu cérebro. Ao descer do carro e bater a porta, caminhei para o hall externo da casa e notei que a porta havia

ficado destrancada. Tanto melhor, pensei. Girei a maçaneta e me deparei com o corredor que levava à cozinha. Jamais ele pareceu tão quilométrico.

Ouvi Ângelo dar a partida no carro, e então acenei. Ao ver o carro sumir, bati a porta às minhas costas, e ali mesmo onde estava, escorreguei devagar para o chão e chorei. Chorei até bem mais do que me lembro. Me arrastei para o sofá, onde me larguei.

Mirando o ventilador de teto girando lento, um braço passado sobre a testa, ouvindo o tique-taque do relógio, e deixando caírem as lágrimas em correnteza triste e preocupada. Deus! Não acreditava que houvesse remédio para todo aquele arrependimento. E o *pior* era saber que eu ajudei tudo acontecer. Eu deveria ter conversado mais com a Roxie, tentado ajudar mais de perto ao invés de deixá-la o tempo todo solitária enquanto não era mais preciso.

Dona Magda sofrera o diabo, e eu deixei que o meu senso de proteção falasse mais alto do que o correto a se fazer; e falhei. Não soube deixar que a verdade fosse dita, não soube deixar que cicatrizes fossem abertas porque era preciso, não soube deixá-la ficar mais forte. Ah, Roxie, mas foi por amor… eu sinto tanto! Carter, o que você foi fazer? Ah, Deus, que ela melhore, que fique boa logo, que volte logo pra casa. Por favor, Deus, *por favor*, Deus… Deus. Deus!

O ventilador pareceu mais vagaroso, e minhas preces foram dissolvidas em suspiros de cansaço e dor. Então adormeci.

❀

Quando acordei, já passava das quatro da tarde. Me sentia fraca, sabia que precisava comer algo, mas o apetite havia sumido. Requentei alguma coisa no microondas, e não comi um terço do prato que havia colocado. A todo momento, me vinha na cabeça o fato de que a Roxie estava alheia ao mundo, em um torpor profundo e piedoso, na linha tênue da consciência. E eu… estava ali, enrolando o macarrão no garfo há pelo menos quinze minutos, sem um pingo de fome, sem um pingo de vontade de nada. Não conseguia mais fazer nada. Arrisquei

um banho para passar o tempo, e após uma hora largada na banheira, percebi que o relógio não era exatamente meu melhor amigo.

Mas um melhor amigo, eu tinha, com certeza. E ele veio me visitar às oito horas da noite. Trazendo cobertores e uma garrafa de vinho, Ângelo bateu à minha porta e disse que eu precisaria de uma ordem judicial para expulsá-lo do sofá da sala, onde levantaria acampamento para o caso de precisar fazer companhia para alguém que andasse triste e preocupada naquela casa.

— Aah, Ange…

— Não discuta — disse ele, gentilmente decidido. — Não vou abandonar você.

Então acrescentou em um tom de confissão:

— Eu também não conseguiria ficar sozinho.

Eu o abracei, agradecida. E mais uma vez desabei em lágrimas nos ombros dele, que acariciava a minha cabeça e dizia:

— Tenha calma, Abby. Ela vai melhorar, precisamos de paciência.

Eu tentava perguntar como poderia ficar calma, como poderia ter paciência? Como poderia não ter medo, culpa, e dor? Me deixei embalar naquele abraço morno, que parecia um pedaço da grama do jardim dos miosótis, quando nós três tomávamos o sorvete divido. Um tempo depois, eu o larguei, limpei o meu rosto que supunha estar brutalmente rubro, e disse tomando a sacola da mão dele:

— Sinto muito. Venha, vamos nos distrair um pouco.

Como de costume, nos dirigimos à cozinha de casa. Achei engraçado o fato de eu não precisar realmente ter uma sala na residência. É que gostava do ambiente cozinha, e que ninguém me pergunte o motivo; jamais saberia responder. Então a noite avançou depressa. Conversamos sobre os planos para a próxima semana, sobre a exposição, e eu lembrei de pedir uma mãozinha para transportar as telas, no que ele se dispôs de pronto.

Então, por volta da meia-noite, disse a ele que ele *não* dormiria no sofá. Ele então foi no carro, pegou um colchonete, o colocou aos pés da minha cama, e lá mesmo ficou. Ele me

alegrara um pouco; ao menos eu havia parado de chorar havia horas. Assim, me deitei de bruços com a cabeça voltada para perto do colchonete do Ângelo, que me contara ainda no que estivera trabalhando, leituras que andava fazendo… e eu, lentamente ia absorvendo as palavras, enquanto o sono vinha me embalando.

Depois de notar que minhas respostas estavam ficando cada vez mais fracas e menos frequentes, ele disse que ia me deixar dormir. Então apagamos as luzes e o silêncio pairou solene no quarto. E o escuro traz o medo à tona, traz o frio da solidão, e eu sempre me sinto fraquejar, mas como se estivesse lendo minha mente, Ângelo falou lá do seu canto no chão:

— Abby… vai dar tudo certo.

A última coisa que me lembro foi de ter sorrido para o travesseiro, antes de mergulhar em uma torrente de lembranças e adormecer profundamente.

E na manhã seguinte, fui com o Ângelo à universidade, que estava fervilhando de gente pra lá e pra cá correndo para entregar os trabalhos de fim de período. Eu estava mais tranquila, apesar de não ter feito praticamente nada além de trabalhar nas telas para expor, minhas notas acima da média de outros trabalhos compensaram a falta de outros, embora minha média tivesse ficado muito… média.

Porém, valia a pena. As quinze telas estavam prontas mais de uma semana antes da exposição, marcada para o dia dezesseis de junho, no sábado à noite. O único problema era o fato de que as chances da Roxie melhorar a tempo eram praticamente zero, e não havia a menor possibilidade de haver um adiamento. Teria de ser sem ela.

Assim que eu cheguei em casa, por volta do meio-dia, conferi os recados da secretária eletrônica. Na verdade, só havia um; a voz da professora Soraya me pedia para retornar a ligação assim que pudesse. Foi o que fiz, após ir beber água e acender um cigarro. O telefone chamou quatro vezes, então ela atendeu:

— Soraya.

— Olá, professora, é a Abby.

— Ah! Abby… oh, querida… soube da Roxie. Eu sinto

muito. — ela disse, daquela sua maneira delicada.

— É, professora… mas ela vai ficar bem.

— Creia, minha filha, e o melhor será feito.

— Espero que o melhor seja ela estar de volta.

— Todas nós. Mas Abby, querida, eu precisava falar com você sobre outro assunto. Mas sei que está num momento difícil, se quiser, posso lhe ligar outra hora.

— Ah, não professora, pode falar.

— Aurélio me ligou. Ele me perguntou se você poderia ir montar a exposição.

— Certamente. Quando?

— O mais cedo que puder, querida. Mas eu gostaria mesmo de fazer parte, se não se importar.

— Ora, que bobagem, professora! Eu não começaria sem a senhora.

Ela riu do outro lado da linha, e disse:

— Então, acontece que por mim, iria hoje mesmo, à tarde. Mas não posso deixar a coordenação sozinha, só terei um tempo na tarde de amanhã. Lhe seria inconveniente?

— Está perfeito. Levo as telas para lá às?

— Duas.

— Ok.

— Tudo certo, então. Fica bem, ok?

— Estou tentando, professora. — eu disse, com uma nota melancólica que saiu sem querer.

— Conseguirá. Até mais!

Após essa sentença, desligou. Baixei o telefone para o gancho, e me afastei dele lentamente. Prendi os cabelos, que estavam enormes, com um peso que parecia puxar minha cabeça para baixo, e alcando a minha cintura. Segundo Ângelo, estava perfeito; só que eu não tinha muita certeza devido ao fato dele estar sem corte e eu, sem saco pra dar um trato nele. Enfim. Cheguei à cozinha, e pus as mãos na cintura, olhando para tudo. Decidi fazer o almoço.

Me acho impressionante. Passei as duas horas seguinte cozinhando a maior sorte de coisas que dava para cozinhar, mas tinha certeza que nem em cem anos comeria tanto com o agravante de uma brutal falta de apetite que me abatera no

último dia. Bem, talvez o Ângelo trouxesse alguém para almoçar; talvez a sua parceira da semana passada, ou a da retrasada, enfim, tinha que haver alguma vantagem em ter um amigo tão requisitado.

Eu sei que terminei de fazer tudo, e me pus a lavar a montanhosa louça. O modo como eu saí empilhando as panelas à medida que as usava formava alguma coisa que daria pra encher um quadro. Esse pensamento me guiou através de minhas próprias telas: havia sido realmente um feito pintar tanto em tão pouco tempo. Embora as telas fossem relativamente simples, eu *sempre* fui muito lerda para absolutamente qualquer coisa que fizesse.

Minha mãe fazia brotar um almoço na mesa na metade do tempo que eu, que tinha uma maldita mania de me achar incapaz de cozinhar duas coisas ao mesmo tempo. Pudera, havia um ponto em que parecia que tudo ia ficando no ponto ao mesmo tempo, e de repente, tudo estava fumaçando enquanto eu ia correndo e me queimando num gerúndio caótico que era eu na cozinha. Mas bem, eu estava só lavando a louça agora — na verdade, estava esfregando o mesmo prato pela terceira vez. Pouco antes das três horas, recoloquei a última panela em seu lugar no armário. Faltava fazer o quê? Café. Precisava de café, eu acho. Sei que fiz. Me servi de uma xícara, um cigarro, e me escorei na porta da cozinha, olhando o mar adiante. Lembrei de algo, fui ligar o rádio.

Maldita hora.

Estava na primeira frase de uma música particularmente dolorosa de uma dupla de garotas da Rússia. Foi inevitável: as lágrimas escorreram tão depressa que pareciam querer acompanhar as notas dos solos de sax. Ah, Roxie, o que eu fiz pra você? Por que tinha que ser sempre tão duro suster a felicidade por perto? Eu sentia uma saudade tão profunda, tão dolorosa. E havia aquele medo… e se não desse certo? E se o pior acontecesse? Imaginar isso foi suicídio.

Repousei a xícara na mesa, puxei uma cadeira. Passei a mão no rosto, depois pelo cabelo, as deixei na nuca. As lágrimas pareciam gotas de parafina derretida se amontoando na mesa, e a música soprando medo na minha tênue chama de

esperança. Acho que só Deus sabe a dimensão dessa dor que me atingia por todos os lados. Dor inigualável, que me levava de volta ao cemitério naquele inverno, onde tudo começou; aquele caixão macabramente belo sendo colocado lentamente numa vala retangular e funda. As rosas, as lágrimas, as pessoas e a dor. Adeus… e ela se fora.

Dizer que há como um dia esquecer esse momento, é pecar contra a sanidade. Nunca, *jamais* haveria uma lacuna tão branda como aquela deixada pela minha mãe. E agora meu medo me fazia imaginar as mesmas coisas adicionando a Roxie no meio. Caramba, coma? Por quanto tempo? Possibilidade de cegueira? Deus do céu.

Eu podia sentir os ponteiros, e cada segundo passava com aquele som estrondoso vindo do relógio e pareciam dias. Dias a mais sozinha, ou dias a menos sem você?

Me pus de pé de um salto. Iria ao hospital, Ângelo talvez ligasse e fosse depois, ou talvez não fosse, ou talvez não importasse. Desculpe, mas eu só queria ver a Roxie, e isso fazia o mundo todo valer tanto quanto valia meu almoço intocado. Afoita, fechei a porta da cozinha, sequei as lágrimas, resisti ao impulso de jogar o rádio na parede e o desliguei ao invés disso, só então me pus a caminhar em direção à porta da frente. Foi aí que a campanhinha tocou.

Estendi a mão e nem lembrei de checar o olho mágico da porta. Ao abri-la, um choque: o Sr. Manson olhou para mim do lado de fora da casa.

❀

Parado, parecendo ser ainda mais velho que aparentava a Dona Magda (isso dá uns duzentos anos), com olhar cansado, um pulôver xadrez sobre tons de cinza, com bem menos cabelos do que eu lembrava que faltavam, sendo os remanescentes cor de prata.

— Deus do céu, Sr. Manson? — eu disse, abobalhada.

Ele quase sorriu, e disse:

— Sinto não ter avisado. Estava de saída?

Olhei para ele. Velho, simpático, gentil. Aquele olhar que

deixava escapar uma esperteza analítica, e que me sugeria que a visita não era à toa. Então, respondi:

— Tive impressão de ter ouvido alguém bater à porta, só isso — menti. E não sei por quê. — Venha, entre.

— Com licença.

Ele me acompanhou, e como não poderia deixar de ser, o guiei até a cozinha.

— Aceita café, Sr. Manson? Acabei de fazer. — indaguei, puxando uma cadeira para ele, que agradeceu com um gesto e disse:

— Adoraria, Abby. Obrigado.

Tratei de pegar duas xícaras, e servi café com bolachas. Abri a porta da cozinha outra vez, de modo que o Sr. Manson ficou perfeitamente de frente para o quintal, o que o fez dizer com um sorriso:

— Você conseguiu uma excelente morada aqui.

— Foi um achado! Andei pensando seriamente em comprá-la.

Com isso o velho homem concordou sem saber:

— Faria uma ótima compra. Ela tem a sua cara.

Eu não havia me sentado à mesa, então outra vez me escorando à porta da cozinha para acender *outro* cigarro, eu soltei sem querer num murmuro:

— Mas está incompleta.

— Perdão? — disse o Sr. Manson.

— Ah, bem, eu me sinto confortável aqui, ela é bem aconchegante, e tem espaço pro meu ateliê, então… é, eu gosto daqui. — eu disse depressa. O olhar dele então assumiu um ar sombrio, pesado. Eu reconhecia aquelas vibrações, aquele brilho: era dor.

— Está tudo bem? — arrisquei, cautelosa.

Ele suspirou, e disse:

— Seus olhos estão inchados. Andou chorando, Abby?

— Bem, sim, Sr. Manson.

Após dizer isso como quem confessa algo tristemente a um padre, eu contei que a Roxie havia sofrido um acidente. Então, para meu choque absoluto, ele disse:

— Eu sei. Vim assim que soube.

— Como o senhor…?

Eu até comecei a perguntar, mas ele havia tirado uma pagina de jornal dobrada do bolso e posto em cima da mesa. Ao bater o olho, reconheci a reportagem do lançamento do livro da Roxie, com nossa foto ladeando o texto. E, aproveitando meu silêncio pós-choque, ele disse:

— Quando você me falava de uma amiga chamada Roxie, eu não tinha bem certeza. Então você falou que estava namorando com sua amiga, e eu deixei a coincidência de lado, até que vi a foto…

O tom dele era de quem conta os detalhes de um plano de super vilões; para ele, as palavras pareciam fazer um novo sentido a cada vez que ele pronunciava a seguinte, enquanto eu estava estupefata tentando entender o que eu havia perdido:

— Coincidência? Do que o senhor está falando?

— Você não é a única a cuja vida a Roxie está intimamente ligada, Abby.

Por um instante, cheguei a pensar que ele ia dizer que também tivera um caso com a Roxie, mas sacudi a cabeça a tempo. E disse:

— Eu… eu receio que não estou entendendo o que o senhor quer dizer, Sr. Manson.

Ele suspirou. Eu não soube dizer exatamente o que significava aquele suspiro, se era de tristeza, cansaço, enfim. Ele falou em seguida:

— Eu sou o padrasto da Roxie, Abby.

A xícara quase caiu da minha mão.

— O s-senhor é *o quê*?

— Padrasto da Roxie. — repetiu ele, serena e pacientemente.

Puxei minha cadeira e me sentei de frente a ele.

— C-como pode? — perguntei, perplexa.

Ele se endireitou na cadeira, tomou nas mãos o recorte de jornal e disse olhando para a foto:

— Maria. Esse era o nome da mãe dela.

Senti uma volta no estômago. Nunca havia parado para saber isso com a Roxie. Também, pudera; ela nunca falava *nada* da família, não tinha como eu saber se a incomodaria pergun-

tas acerca disso. Porém, confesso que realmente não havia me ocorrido tal curiosidade, exatamente o oposto do que acontecia a respeito da história que o Sr. Manson estava para contar:

— A conheci numa livraria, na mesma cidade onde ela morava com o marido há algum tempo. Ela estava triste, cansada da vida. Trazia uma tristeza no olhar que era insuportável observar, ver aquela pessoa tão frágil carregando todo aquele peso nos ombros. Era como se o xale que usava pesasse cem quilos, coisa assim. Conversamos por um tempo, e eu parecia que era a pessoa certa na hora exata. Ela precisava desabafar, precisava de um ombro amigo. Estava só, tendo que lidar com um marido que você já deve saber como era. Sem os filhos por perto, a cunhada que havia saído de casa. Eram tempos horríveis para ela, mas eu apareci oferecendo o conforto de uma conversa e um café na livraria. Ela me contou tudo: das brigas, da cunhada, do problema do filho com drogas, da filha que ela não conseguia proteger e que achava ter perdido para sempre. Naquele dia, ela havia saído de casa para tentar ver algo, algum motivo que a dissesse que valia ainda a pena viver, do contrário.

Ele fez uma pausa que me fez entender perfeitamente o que ela pretendia fazer.

— Mas então o destino nos uniu, e para encurtar a história, nos apaixonamos. Estávamos um tanto velhos, é verdade, mas lembra o que eu lhe disse? Devemos aceitar quando o amor se dispõe a preencher nossas cascas vazias, e devemos amar como se a incerteza do amanhã deixasse um legado certeiro pro hoje, sem ver os músculos do coração, apenas sentindo no seu próprio as batidas intermitentes do outro, em uníssono. Ela fugiu de casa. Teve de ser assim, o pai da Roxie a mataria se ela ousasse enfrentá-lo. E foi assim, como num filme do nosso tempo. Fugimos de carro, na calada da noite, e cruzamos o país de carro, abandonando tudo. Eu tinha minha aposentadoria, que me mantinha num hotel razoável, ela também recebia uma ajuda do governo, que era sugada pelo marido beberrão. Fugimos, enfim, Abby. Eu conhecia uma cidade, havia trabalhado lá na juventude, e as árvores de Malta foram a primeira coisa que eu queria mostrar à Maria.

— Não me diga que… — disse eu, perplexa.

— Sim. Passamos a noite num hotel, e no dia seguinte, procuramos uma casa para morar. Foi quando conhecemos você.

Soltei um palavrão, e levei o cigarro à boca. Traguei tenso, profundo, com vontade. Expeli a fumaça segundos depois, e tomei um gole do café, já morno. O Sr. Manson apenas me observava conter o choque. Na minha cabeça, a ideia de "que mundo pequeno" ecoava na voz da professora Soraya, na primeira aula que tive dela: *"mas o fato é que quando duas almas ditas gêmeas se encontram, tudo o que gira em órbita de uma termina sendo atraído à orbita da outra…"*. Tinha como acreditar? Minha vida parecia estar se tornando o tipo de trama que tem o enredo de uma novela mexicana. O cara ao meu lado do avião, o dígito errado do telefone, a velha da pousada… coincidências demais pra uma só vida. Perdida nesses pensamentos, notei que o Sr. Manson se cansou do silêncio:

— Então, eu assisti a Maria tentar lutar contra a falta que seus filhos faziam, à vontade dela encontrar com a Roxie e pedir perdão, assisti tentando ajudar seja lá como pudesse… até que ela se foi. Por uma dolorosa ironia, no dia seguinte, a foto da Roxie sendo consagrada como escritora estampa os jornais. — os olhos dele se encheram de lágrimas, imitando os meus. — Foi difícil, entende? Foi difícil me manter firme, aceitar e não culpar ninguém. Mas depois daquele dia, eu poderia ser levado embora a qualquer momento, de qualquer maneira. As saudades doíam em mim tanto quanto o fato de ter assistido a minha mulher perder, por um dia de diferença, a cura para a sua tristeza.

Ele então não se aguentou. Baixou a cabeça levando as mãos ao rosto e chorou. Eu o olhava, apenas. Não sabia o que fazer, não conseguia entender, não conseguia me mover… eu também chorei. Como aquilo tudo poderia acontecer daquela maneira? Qual seria o grande plano em todas essas dolorosas linhas, de vidas destruídas parcialmente pelo acaso, de rombos em peito que se abrem sobre fagulhas da esperança que teima em ir embora? Deus, tende piedade de nós e do mundo inteiro.

— Sr. Manson, eu…

Ele acenou, dispensando minhas palavras e me calei. Ele se

ergueu, secou o rosto com as costas das mãos, e disse:

— Sinto muito.

— Eu entendo. Eu realmente entendo. — eu disse, procurando parecer firme.

— Creio que sim. Eu só sei, Abby — e ele me lançou novamente aquele olhar sincero do qual eu tanto lembrava como marca característica daquele homem tão sublime —, que vim pra cá pra fazer pela filha da Maria tudo, *tudo*! Tudo aquilo que não fui capaz de fazer por ela — e acrescentou mais para si do que para mim: — mas também, não deu tempo, caramba!

Foi um momento difícil. Alguma coisa deve ter soprado silenciosamente uma atitude em meu ouvido, porque eu segurei a mão dele e disse:

— Eu menti para o senhor.

Ele me olhou confuso, e eu disse:

— Eu estava de saída sim. Estava indo para o hospital, visitá-la. Gostaria de vir comigo?

Conforme sempre fui muito atenta a olhares, me lembro de cada um que me marcou de alguma maneira. Naquele momento, havia registrado mais um olhar marcante. O Sr. Manson me lançava um que expressava intensamente apenas uma coisa: gratidão.

❀

Não pudemos ver a Roxie, ela ainda estava na ala restrita do hospital, sem poder receber visitas ainda. Assim, voltamos eu e o Sr. Manson frustrados, para a minha casa. Ele ficou mais um pouco, quis conversar sobre outras coisas, mas o clima estava denso demais, pesado demais, doloroso demais. Ele percebeu que era hora de me deixar sozinha, e o fez, prometendo ir à exposição na semana seguinte.

Fechei a porta da sala quando ele passou, e suspirei. Era cedo da noite, e eu não tinha *absolutamente nada* para fazer. Ótimo. Nada para me distrair, e meu apetite ainda não tinha voltado. Rumando para a cozinha, olhei triste o almoço. Fechei a tampa da panela com força, saí pisando forte pra pegar uma vassoura e acho que varri a casa inteira umas duas ou três

vezes; passei pano no piso, limpei os móveis, o meu quarto, meu ateliê, a varanda, o quintal, e no auge da limpeza, me escorei na parede da escada e chorei.

No dia seguinte, levantei com fome, ou talvez o vazio que estava dentro de mim havia passado a fazer doer meu estômago, e simplesmente se deslocado para trás do meu umbigo. Bobagem. Conferi o relógio enquanto fazia o meu prato. Faltava pouco para o Ângelo aparecer.

Comi feito um boi. Lentamente, tristemente, mas comi. Subi, escovei os dentes, voltei, lavei o prato, me larguei no sofá. Ângelo chegou quando zapeei o milionésimo canal, e foi logo perguntando:

— Como estamos hoje?

— Bem, acho — respondi. — Você não vai acreditar.

— No quê?

Contei a ele a história do Sr. Manson.

Estupefato, ele falou:

— Deus do céu. Que mundo…

— Isso não lembra o que a professora Soraya falou uma vez? — eu disse, ainda surpresa.

— Sobre as almas gêmeas? — ele disse.

— Aham…

— Realmente — ponderou ele. — Putz, eu ainda não consigo imaginar vocês separadas.

Aquilo foi *muito* repentino. Ao menos pra mim, que só olhei chocada, esperando um complemento:

— Sei lá! Sabe, Abby, eu sempre quis saber como era um amor de verdade. E poxa, isso foi exatamente o que vocês têm uma pela outra. Eu via de longe, os olhares das outras pessoas, mas vocês continuavam de mãos dadas, sem medo, felizes, completas. Como isso foi acontecer é que eu não entendo.

Ele me olhou compassivo, e eu suspirei para falar:

— Ela precisava de espaço, ou tempo. Pra falar a verdade, eu também não entendi muito bem, só sei que se era do que ela precisava, Ange, a última pessoa no mundo que negaria isso seria eu.

— Mas e você? Como fica?

— Não sei, e nem importa muito. Eu também preciso cres-

cer.

Afundei na cadeira, jogando os braços para trás para olhar o teto quando disse isso. Ângelo quis entender:

— Crescer?

— É… eu tive uma vida tão confortável, tão de veludo. Sempre fui meio sozinha, mas sempre foi por timidez. Vim pra cá gastando horrores porque bem, minha mãe tinha lá uma boa grana. Ela se foi, e eu fiquei com tudo… dolorosamente, então não sei bem como é *ter* que trabalhar, cuidar de alguém, viver com e por alguém. Isso eu descobri com a Roxie, que sempre deu duro pra conseguir suas coisas, e foi alguém que a vida ensinou a lutar com garra. E todos os dias eu sabia que era importante para ela, mas que sem mim ela conseguiria se virar. Eu preciso aprender a fazer o mesmo, a dar um jeito, me segurar, entende?

— Meio que sim. — disse ele.

— Sou muito boba ainda.

Eu soltei essa frase, e notei que Ângelo ia retrucar de alguma maneira, mas propus meio que imperativamente:

— Vamos organizar as telas?

Ele percebeu que o assunto estava encerrado, e aquiesceu com a cabeça. Assim, subimos ao ateliê e começamos a recostar as telas no andar de baixo. Centenas de subidas e descidas depois, começamos a ir e vir do carro para acomodá-las com cuidado na mala e no banco traseiro.

Feita a tarefa, Ângelo trancou o carro e entramos para tomar um café antes de ir. Quando o relógio indicou uma e quarenta, rumamos para o Salão Circular. Eu adorava o caminho para o interior da ilha; as ruas eram sempre largas e recheadas de verde, embora as casas fossem exatamente do mesmo arquétipo de toda a ilha: quando havia muros, eles eram baixos, os quintais sempre verdes, com flores e espaçosos, os postes eram finos e pretos, e a fiação ia por debaixo da terra. Esse conjunto somado ao clima infinitamente agradável daquele lugar me dava uma sensação de leveza e um quê de felicidade por estar viva.

E essa felicidade foi trocada por um frio na barriga quando, após uma loja grande de artigos decorativos, se ergueu

aos meus olhos uma pomposa construção branca, com portas grandes de vidro, e uma placa de mármore onde dizeres de ouro refulgiam à luz do sol:

GALERIA CIRCULAR
A arte é uma promessa

Ângelo estacionou o carro na entrada, e eu desci, nervosa. Parei olhando a fachada do prédio, aquelas formas circulares espalhadas por todo lugar, aquele branco quase divino limpando minha vista como se estivesse em um sonho. Aliás, *era* um sonho. Não me lembro desde quando eu imaginava boba minhas obras sendo expostas em uma galeria importante, e ali estava, de repente, o sonho branco e redondo na minha frente.

Ouvi a voz do Ângelo me chamando para começar a carregar os quadros, mas um outro carro estacionou ao lado do dele, e paramos para ver. A professora Soraya desceu após alguns momentos, tirando os óculos de sol e sorrido para nós com aquele contraste que era o branco de seus dentes com a pele escura; meio que me lembrava a lua no céu noturno.

— Bons ventos sopram hoje! Como estão, queridos?

— Melhor. — respondi.

— Sua amiga, como está? — ela perguntou, pondo a mão de sílfide delicadamente no meu braço.

— Ainda na mesma, professora — respondi. — Estamos aguardando ela sair do coma.

— Que tudo dê certo. — ela desejou com aquele ar de paz que ela exalava, como se fosse a coisa mais simples e fácil que alguém poderia fazer. Então Ângelo falou:

— Estávamos começando a tirar as obras do carro.

— Ah, não precisa querido. Venham, eu peço para alguém vir pegar.

Concordamos, e a seguimos. No hall, nos dirigimos à recepção, onde um rapaz de uns dezoito anos e ruivo cumprimentou:

— Boa tarde, dona Amélia. O senhor Aurélio está lhe esperando no escritório.

— Ah, que bom que ele já chegou. Obrigada, Nick.

— Disponha. — disse o rapaz, educado.

— Ah, mais uma coisa… — disse a professora — Se não lhe for incômodo, poderia pedir para os rapazes pegarem as telas e começarem a montá-las no salão?

— Claro. Farei isso.

— Aqui, rapaz. — Ângelo lhe entregou a chave do carro.

— Obrigado. Cuidarei disso, professora.

— Eu agradeço. — disse a professora, com um sorriso. Então, ela nos fez um gesto para que a seguíssemos.

Rumamos para o lado direito do hall de entrada, e subimos por uma escada circular que ia dar num patamar lustroso, com piso de madeira em um retângulo largo, por onde seguimos reto, em direção a uma porta corrediça.

A professora Soraya bateu à porta, e com uma mão a deslizou para a direita.

— Com licença, Aurélio. Estamos entrando.

O diretor da galeria era um homem incrivelmente charmoso e bonito. Tinha lá seus quarenta e tantos anos, e se vestia de maneira formal com seu terno azul marinho em harmonia com a gravata listrada com branco. Com um sorriso branco e largo, ele deu a volta em sua mesa para nos cumprimentar:

— Muito boa tarde, pessoal. Amélia…

— Muito boa tarde, Aurélio — respondeu a professora. — Trouxe nossa artista.

E me indicou com um gesto leve de sua mão. Eu sorri para o meu "chefe", que disse:

— É um enorme prazer, senhorita Montenegro.

— É todo meu, diretor.

— Por favor: Aurélio. — disse ele, cortês.

— Então, sou Abby. — eu disse descontraída, e ele concordou com um aceno da cabeça, e eu disse: — Este aqui é meu braço direito, o Ângelo.

— Muito prazer, rapaz.

Ângelo sorriu e eles apertaram as mãos. Ainda comentei que ele era um escultor, e o senhor Aurélio pareceu interessado, porque enquanto nos acompanhava para o hall de exposição, falou sem parar de futuros projetos para outras formas de arte.

Então, alguns minutos depois, voltamos à recepção e rumamos para duas portas de madeira esculpidas à mão, segundo a professora Soraya, por um ex aluno dos dois. Ao assistir a chave dourada girando na maçaneta pelas mãos do homem que era Rei naquele lugar, eu senti meu coração acompanhando o movimento, repetindo aquele *"click"* que fez quando as portas foram empurradas e eu me deparei, finalmente, com o Salão Circular.

Era, como já dizia o nome, um grande círculo de uns vinte metros de diâmetro, forrado por madeira reluzente até as paredes, onde os expositores com moldura folheada em ouro estavam sendo montados de acordo com os tamanhos das minhas telas; lustres de cristal pendiam no teto, iluminando cada ponto majestoso daquele lugar. Eu sentia meu peito vibrar na frequência da luz, e tive que reunir cada miligrama de voz que me restava para atender ao pedido da professora, que disse:

— Vamos ao projeto, então.

Assim, expliquei para o Aurélio que minha ideia era fazer primeiro uma exposição interativa:

— Poderíamos pôr um telão onde as obras seriam projetadas, enquanto de um ponto, eu declamaria um texto de minha amiga poetisa. — eu dizia, enquanto o homem olhava para mim maravilhado — Sabe, é também uma homenagem. A exposição foi feita em cima desse texto, então…

— Mas e quanto às telas? — quis saber o diretor.

— Pensei em deixá-las cobertas num primeiro momento. Após a exposição no telão, reacenderíamos as luzes e deixaríamos os visitantes livres para olhar cada uma mais de perto, com a parte do texto que a ilustra numa plaquinha abaixo da obra, junto com o nome.

Ele parou pensativo, olhou em volta, deu um ou dois passos. E eu lá, *tensa*. A professora Soraya apenas mantinha as mãos juntas, e olhava serena esperando uma resposta; procurei Ângelo com o olhar, e ele fez um aceno para mim que pedia positividade, e me encorajou a olhar de volta para o Aurélio. Este se virou para nós e disse, sem cerimônias:

— Perfeito. Organizaremos desse modo ainda hoje.

Eu quase pulei nos braços dele de tão contente que fiquei.

Logo após isso, nos pusemos a combinar a posição das coisas, do oratório, do telão, das caixas de som e a ordem das telas. Ângelo nos ajudou bastante dando informações onde poderíamos conseguir tudo que estava faltando, equipamentos de som, etc, etc…

Para completar minha tarde perfeita, o celular de Ângelo toca. Ele pede licença, se afasta um pouco, e volta com uma expressão indecifrável. Quando olhei pra cara dele, imaginei uma tragédia, mas ele percebeu que eu provavelmente passaria mal se ele não fosse rápido em dizer a seguinte frase, que teve praticamente o mesmo efeito:

— Vem Abby. Nossa amiga está nos esperando no quarto.

❀

O vento entrava pela janela entreaberta do carro, assanhando meus cabelos. Por dentro, havia uma tensão elétrica atrapalhando sinapses e sentimentos. Por fora, havia só aquele sorriso, o meu verdadeiro sorriso.

Ângelo parou o carro no estacionamento do hospital, e eu desci. Mal podendo me conter, esperei que ele trancasse a porta, desse a volta e pegasse na minha mão. Juntos, rumamos para a entrada da imensa construção; paramos à frente da balconista e demos as nossas informações. A pedido da secretária, esperamos no corredor que o Dr. Felipe aparecesse para ir conosco ao quarto da Roxie.

Cada fração da metade da terça parte dos segundos eram uma eternidade viciosa, eu já não tinha mais unhas para roer, nem cabelos para endireitar. Ângelo estava calado, paciente como sempre, e sorria pra mim sem dizer nada, mas me pedia calma com aquele olhar.

As pessoas iam e vinham, o relógio havia parado. As paredes cresciam, eram gigantes, eram labirintos, mas havia aquela luz indicando o caminho. Havia aquele sorriso, aquele gesto, aquele cheiro, aquela mulher. O mundo pairava taciturno enquanto eu personificava a angústia da espera; sentia minhas forças se esvaindo como areia em uma ampulheta. Aqueles momentos me puseram também de cabeça pra baixo. Foi en-

tão que aquela figura sorridente apareceu dobrando no corredor.

O cabelo cuidadosamente posto de lado, loiro; a bata branca feito a neve, e a pranchetinha carregada sob o braço como se fosse o Santo Graal. Dr. Felipe acenou de longe, e eu me pus de pé nem sei como. Me sentia nervosa, instável, enjoada. Meu coração batia depressa demais para que eu estivesse no meu normal.

— Boa tarde, Abby… Ângelo.

Ângelo conseguiu responder de volta. Eu disparei sem demora:

— Podemos vê-la?

— Claro que sim…

Eu senti essa resposta meio vaga. Me preocupei logo, mas o simpático médico nos poupou a pergunta e foi dizendo:

— Olha, pessoal, temos que conversar uma coisa antes.

Frente a isso, eu quase caí dura, mas esperei o resto:

— Vou procurar ser direto — disse ele, ficando sério. — Não temos motivo para acreditar que há alguma carência na parte da visão da paciente. Quanto a isso, estamos perfeitos.

— Graças a Deus! — eu disse. Mas ele interveio:

— Graças. Porém, há uma sequela, sinto informar. Sinto dizer, Abby e Ângelo, mas a Roxie perdeu a memória.

— CAPÍTULO DEZENOVE —

Por enquanto

Eu caí na cadeira, e Ângelo correu para me socorrer. Ele me abanava com a prancheta do Dr. Felipe, pega sem pedido, e chamava meu nome. Mas a voz dele era um ponto perdido qualquer. Eu só chorava. Silenciosa, parada, olhando pro teto, eu só chorava.

Todas aquelas cenas vindo num turbilhão à minha mente de repente pareceram sem sentido. Como pode? Como pode aquilo tudo ter sido perdido? E agora, e o jardim, e a nossa casa, e o livro dela. *Deus do céu*, e a exposição?

Foi-se embora toda e qualquer vontade que eu tinha de fazer o que quer que fosse exceto ver a Roxie. Eu me ergui da cadeira sem dar uma palavra, e lancei um olhar ao Dr. Felipe que, eficiente em entender o que eu queria, disse:

— É por aqui.

Eu sentia os olhos do Ângelo fixos em mim enquanto desbravávamos os corredores atrás do médico da Roxie. Mas não dei importância. Não pensava em nada, absolutamente em nada; havia apenas aquele sentimento sem nome assentado pesadamente no meu peito e na minha cabeça. Me concentrei em manter firmes os passos que dava.

No andar onde ficavam os quartos, paramos em frente a porta 301.

— É aqui.

Eu ergui a mão e antes de tocar a maçaneta e fechei os olhos. O sabor daquele beijo e o cheiro daquelas flores invadiram meus pensamentos por um instante. Então, tomando coragem, eu respirei fundo e girei a maçaneta.

O quarto era exatamente igual ao que eu própria estivera no dia do acidente. Azul, iluminação fraca, persianas nas janelas, e havia aquela cama onde agora repousava Roxie, de olhos

fechados, a testa enfaixada. Engolindo seco, eu dei passos silenciosos e cuidadosos em sua direção. Vi Ângelo dar a volta e ir para o outro lado da cama.

Perto dela, olhei seu rosto pela primeira vez desde aquela noite horrível. Sua pele lisa estava um pouco pálida; seus lábios, secos, e sua respiração era leve como um dia de primavera, embora que o cateter quebrasse um pouco a beleza de seu rosto sereno. Eu poderia passar minha vida toda apenas para olhar aquele rosto, aquele ar de pureza, de inocência. A Roxie parecia um anjo dormindo sobre uma nuvem no centro do paraíso. Então, carinhosamente, toquei sua mão e chamei seu nome baixinho.

Roxie virou devagar a cabeça em minha direção e abriu os olhos.

— Sua voz… — disse ela, tão baixo que foi quase inaudível. — Sua voz parece tão familiar.

Foi impossível me conter.

Aquele olhar âmbar derretendo o chumbo dos meus olhos, fazendo-o virar lágrimas espessas que caíam sem pressa, enquanto eu a olhava sem conseguir dizer nada, e raciocinar tampouco.

É que era tão bom tê-la ali, a salvo, sentir seu toque, olhar seu rosto, me emocionar pelo que ela era para mim. Jamais inventarão palavra que sequer suponha a ideia do que eu senti naquele momento; jamais haveria significado para aquelas lágrimas que eu derramava. Jamais haveria coisa maior do que o amor que eu sentia pela Roxie.

E ela perguntou:

— Por que você está chorando? Quem… quem é você?

Nesse instante, as lágrimas cessaram, e o silêncio pairou profundo. Imediatamente, lembrei do dia em que disse à Roxie que a amava tanto, que se fosse necessário que houvesse uma distância, eu permitiria.

Porque o que eu sinto, eu sinto de graça. E não tolero menor sentimento. Minha recompensa era o bem que ela me fazia, longe ou perto, com ou sem mim. O bem que ela excepcionalmente me fazia somente pelo fato de estar bem, de estar viva, de ser a Roxie já era recompensa o suficiente.

E aquele nome para sempre pairaria no meu peito, como o sangue que passa a estação do meu coração.

Foi neste momento em que tomei em tempo recorde a decisão mais dura da minha vida. Sorri para ela, com a mão livre, pus meus cabelos para trás da orelha, e com a outra lhe fiz um carinho na sua própria e disse:

— Eu sou Abby. Somos melhores amigas.

O sol entrou pela janela timidamente quando aparentemente havia saído detrás de uma nuvem. Eu vi o rosto chocado do Ângelo, enquanto os olhos do Dr. Felipe se enchiam de lágrimas emocionadas. Mas eu não os olhei muito tempo, me voltei à Roxie, cujo olhar esclarecia refletindo a luz amarela que entrava pela janela:

— Você mora comigo, numa casinha que dá pro mar. Nos conhecemos por acaso, e eu jurei estar com você não importa o que acontecesse. Você é Roxie Montgomery, minha quase irmã.

Eu senti que meu peito estava em frangalhos, mas que era meu peito perto do que ele por ela sentia? Eu estava feliz, e eu poderia curar a maldade do mundo por ver que o rosto da Roxie se iluminara, e ela pareceu ainda mais serena, alegre, recuperada quando repetiu:

— Então sou Roxie, e você é minha melhor amiga.

Ela riu, e seu riso era de criança. E como uma criança curiosa, ela perguntou de tudo. Reapresentei Ângelo, que soube muito bem manter minha atitude. Contamos como éramos amigos, nosso sorvete das sextas-feiras, os poemas dela (e ela ficou surpresa ao saber que era poetisa), da minha exposição.

— Eu estarei lá, prometo! — me disse ela, fazendo um esforço para permanecer acordada. Os remédios que o Dr. Felipe havia adicionado começaram a deixá-la sonolenta, e ficamos ali para distraí-la.

Ela dizia que não estava sentindo dor, que só estava cansada de ficar deitada. Nem a cabeça, nem as costelas nem nada doía, apesar da fratura que sofreu, estava tudo em ordem.

Então, quando falar já estava complicado, ela tentou se espreguiçar e disse, nos pegando de surpresa:

— A única coisa que me lembro é de ter sonhado que esta-

va com alguém num jardim lindo.

E dormiu.

Eu a beijei na testa após endireitar o cobertor. Acompanhada do Ângelo, eu me dirigi para fora do quarto, e ele começou a perguntar:

— Abby, você…

— Não vou contar nada a ela, Ange — eu o interrompi. — Sabe, ela não precisa saber disso agora… ela não precisa. A última coisa que ela me pediu foi de um tempo pra si, e eu estou mantendo o que decidi fazer.

— Mas e quanto a você? — indagou ele, preocupado.

— Eu? Eu morreria por ela, meu amigo. E não, não estou dolorida. Vê-la sonhar com alguma coisa do nosso passado, por menor que seja, já se trata de minha redenção. Não serei um peso para ela.

— Por que peso?

— Porque provavelmente ela vai se sentir angustiada por não lembrar de mim, vai achar que estou magoada. E não é verdade, não estou. Só deixarei que tudo aconteça como deve ser, no seu tempo certo. Vou pedir pro tempo ser meu amigo, e a Deus que faça da melhor maneira.

Ele me olhou um instante, e disse:

— Você é uma grande pessoa, Abby. — e me abraçou firme.

E eu ri por cima do ombro dele. Roxie vivia, e isso pra mim era o que importava. Acontecesse o que quer que fosse, eu estaria ali para ela, como a amiga que antes de tudo, sempre fui. A cúmplice, a coluna vertebral. O pilar de carne e osso.

Ouvimos um pigarro tímido, e nos soltamos. O Dr. Felipe havia reaparecido. Ele disse:

— Eu a admiro muito por sua compreensão, Abby. Não seria capaz de imaginar alguém fazendo o que fez hoje. Meus parabéns.

— Obrigada, mas… não foi nada. Sério. — eu disse, sem estar muito disposta a explicar outra vez meus motivos.

— Me pergunto por que as pessoas não conseguem enxergar o quão puro pode ser um amor entre… você sabe.

— Pessoas do mesmo sexo, entendo. — eu disse, sem constrangimento — Eu não ligo, doutor. Não ligo para os olhares,

nem as caras de falsa surpresa. Na verdade, eu mal reparo neles. Deixa; o mundo é jovem, nós vamos crescer. Nós vamos enxergar que a moral está nos atos e não nas filosofias.

— É verdade. — ele disse, pensativo. — Mas bem, quero dar boas novas…

— Somos todos ouvidos. — disse Ângelo.

— O quadro da Roxie tem melhorado milagrosamente. Fisicamente, ela tem se recuperado de maneira extraordinária. A presença de vocês vai ajudar muito nessa etapa de recuperação.

— Pode estar certo, estaremos aqui. — eu disse.

Ele sorriu, e continuou:

— Agora quanto à memória, não se é possível prever se o caso é temporário. Infelizmente, não podemos fazer muita coisa a não ser tentar estimular com coisas que foram importantes para ela. E creio que vocês realmente *não* precisam de orientação nesta parte.

Nós rimos, e concordamos.

— Sendo assim, vendo como ela tem se mostrado forte, há a possibilidade de, com sorte, ela ter alta até a próxima sexta-feira. Mas vocês devem prometer tomar cuidado, não expô-la a esforços físicos nem mentais, estresse, e trazê-la nos períodos que vou indicar para fazer os exames que acompanharão a evolução da saúde dela, ok?

— Pooode deixar! — dissemos em uníssono, e o Dr. Felipe sorriu erguendo as sobrancelhas:

— É muito bom ver vocês sorrindo. Vamos ter fé, o pior já passou.

— É verdade.

Assim, deixamos o hospital renovados. Em meu peito agora havia aquela centelha de luz morna e aconchegante, que me fazia andar com a cabeça repousada no ombro do Ângelo, a passos lentos, confiantes.

Mentalmente, eu rezava agradecida. Espiritualmente, eu estava encontrando o caminho que leva à liberdade.

Durante todo o trajeto até a pensão da Dona Magda (nos lembramos que não ligamos para ela, e decidimos dar a notícia pessoalmente), eu e Ângelo conversamos alegres, descon-

traídos. O verão perfeito de Montenegro já chegava trazendo sua brisa fresca, e eu amava aquele lugar, se possível, ainda com mais vontade. Ali eu me sentia em casa, ali eu era eu, sem perjúrio, sem medo, sem solidão. Aquelas ruas tão bonitas já haviam me feito experimentar uma vasta sorte de sentimentos e situações, e era com essas memórias que eu montava não só um mural, não só um mosaico, mas sim um expositor gigante que compreendia todo o meu mundo, todo o meu ser. Eu havia cruzado com o sofrimento várias vezes desde pouco antes de chegar a Montenegro, mas agora o caminho para a serenidade havia se posto à mostra outra vez.

Assim, pouco depois na cozinha da pousada, demos a notícia com entusiasmo ao Sr. Manson e à Dona Magda, que chamou por tantos santos que eu estava vendo a hora algum deles aparecer pra dispensá-la da reza.

— Louvado Seja! Louvaaaado Seja, meu Deus!

E as mãozinhas de hambúrguer se agitavam juntas no ar, enquanto o olhar dela mirava o teto cheio de infiltração. Estávamos, como não poderia deixar de ser na pensão da Dona Magda, tomando sopa; dessa vez, de letrinhas. E eu ri quando a minha formou — com um pouco de esforço da minha imaginação — a palavra "vida" bem no centro do prato.

Abrimos um vinho e festejamos. Porque havia o medo e este já fora embora. Havia anjos, e eles estavam ao meu redor. Havia Deus, e Ele que sempre toma de conta. E sorrisos… Para todo o além sempre.

"Lembra…

Lembra de todas as vezes que você quis dizer, mas achou não poder pagar o preço.
De todos os abraços que você quis dar, mas teve um misto de vergonha por querer.
Lembra de todas as vezes em que o abraço foi sua maior salvação…
Lembra de todos os sorrisos, um por um… lembra de todas as vezes em que eles foram importantes. - E do vácuo que fica quando eles não reluzem mais.

Lembra das vezes que você quis mostrar os dentes,
Mas a raiva deixou o sorriso diferente.
Lembre de todas as vezes que foi grato…
E de todas em que faltou convicção.
Lembra do acorde, do poeta, mas reviva sempre a canção.

Lembre dos dias em que tudo pareceu confuso,
E aquele abraço de repente foi áspero e diferente…
Lembra que o amor se transforma, e que o conjunto — e não o tempo — que molda a gente
Lembra de todas aquelas lhe ditas promessas, e esqueça as que não se cumpriram,
Porque o tempo passa, e muda o conjunto.

Lembra de fazer o que é preciso,
E que o indeciso é o que mais espera.
Lembra das pessoas que se fizeram ausentes
Mas nunca se esqueça daqueles que ainda sofrem
Por uma ausência que jamais terá fim
Lembra que as crianças, quando dormem, viram querubins
Seja sempre uma eterna criança.

- Não estão aqui, para os nossos olhos.

Lembre dos seus sonhos, dos seus olhares,
E do que é mais importante pra você.
Lembra de dizer sem vergonha o amor,
Porque eu amo alguém que preciso rever.

Quantas pessoas esperam por você?

E depois vou caminhar de mãos dadas com alguém
E vou olhar aquela flor se abrir
E vou dizer "eu te amo",
E meu maior desejo é ouvir…
Então lembra… lembra que eles ainda estão aqui
No escuro da nossa consciência
Além do limite da ciência

Na nossa pele, no nosso sangue
Lembra que eles têm outro caminho
E que nossa dor é a Sua dor
E machucá-Lo é crueldade.

Lembre de todas as vezes que você quase desistiu
Mas lembre sempre de seguir em frente.

Lembra… pra que o adeus não seja perene e cheio de dor
Lembra enquanto ainda tiver tempo
E enquanto sua cabeça funcionar…
A minha parou nos azuis

Então que haja o peito
Enquanto houver luz."

— Que bonito, é meu?

Roxie me perguntou isso quando, alguns dias depois, eu li mais um de seus textos, sentada na poltrona ao lado de sua cama no hospital.

— Sim, só um dos tantos outros. — eu respondi sorrindo.

— Nossa! Não me sinto habilidosa para fazer nada. — ela disse, pensativa.

Eu a olhei com carinho, e disse:

— Ah, tenha calma, daqui a um tempinho você vai sair desse quarto, e tenho certeza que vai perceber outra vez a beleza que você via no mundo.

Ela parou um instante, e indagou:

— Há mesmo beleza no mundo, Abby?

— Se não há, Roxie, você mentiu pra mim.

Ela pareceu chocada quando perguntou por quê.

— Porque foi através de você que eu encontrei o verdadeiro significado de viver. Você me ensinou mais do que saberia.

Ela sorriu, e disse:

— Eu não lembro, mas se menti, juro que foi sem querer.

— Eu acredito! — eu disse, rindo. Mas ela havia parado no tempo outra vez:

— Abby…

— Roxie?

— Eu fui uma boa amiga pra você? Digo, alguma vez eu te magoei?

Eu a olhei nos olhos e disse:

— Nunca. Mas mesmo se você tivesse me matado, eu lhe perdoaria três vezes.

Ela olhou pra mim emocionada, e disse rindo:

— O que eu fiz pra merecer você?

— Nasceu, e me fez crescer. Só isso.

E a cada dia que se passava, eu notava outra Roxie em meu convívio. A pancada na cabeça havia apagado aquela dor maçante em seu coração, aquela melancolia de tantos anos tristes vividos havia se apagado como mágica, e ela era humana outra vez. Seu riso me lembrava uma criança, e seus gestos eram tão leves quanto os da professora Soraya, que era sílfide. E eu parecia uma bomba atômica de alegria cada vez que a Roxie falava sem querer uma frase que já havia me dito em particular, nos nossos momentos, nos nossos encontros.

Era verdade que eu fixava meu olhar desejoso em seus lábios, e sentia o peito palpitar enquanto ela me abraçava do nada, só pra retribuir a alegria que, segundo ela, eu levava para aquele ambiente mórbido que era o hospital. Todos os dias, ao sair da faculdade, era certo passar o tempo livre com ela… aprendi a ajudar as enfermeiras a administrar os remédios, a ajudei com os banhos, e fazia companhia e massagem quando suas costas doíam.

Eu estava presente lá até quando ela não conseguia mais ficar acordada, e só ia embora caso houvesse necessidade. Ângelo, Dona Magda e o Sr. Manson vinham sempre fazer visitas, trazer frutas, contar piadas. Todos os dias eu via a Roxie rodeada de alegria, como uma florzinha amarela atraindo borboletas. E enquanto minha exposição estava ficando a um passo de estar pronta, eu me sentia leve, merecedora daquela paz.

E a paz me gerou uma compreensão profunda, que não pude deixar de lembrar do Carter. Ele, segundo soube, fora preso e assim vai ficar por longos anos. Mas castigo pior para ele seria se deparar com o fato de que o misto de insanidade e maldade dele só fez um bem enorme para a Roxie.

Ela agora estava contente, rodeada das pessoas que a iam reconquistando, sem pressa, sem angústia, no ritmo do tempo. Ela costumava visitar a ala das crianças doentes, e ficávamos horas brincando de fazer poesia. Nossos olhares, quando se encontravam, o encontro se dava em outro plano, em outras vidas. Exponencialmente, meu amor só crescia por cissiparidade, enquanto nossa parceria estava sólida outra vez.

Ângelo havia conhecido alguém, e a Débora só veio a acrescer nosso grupo. Até o Sr. Manson estava mais aliviado com a vida, recuperando o tempo perdido da esposa, cuidando da enteada que ainda nem tinha consciência disso. Bem, a verdade viria quando fosse oportuno, e a vida seguia nesse ritmo, nesse passo. Estávamos em paz; finalmente, indo de volta pra casa.

Então foi a vez do Dr. Felipe trazer a grandiosa boa nova: sob mil recomendações, ele deu alta à Roxie na noite de quinta, e imediatamente nos despedimos dos meninos do hospital, da equipe tão prestativa. Roxie saíra decidida a montar uma oficina de literatura infantil, já que "nós sabíamos que ela tinha os contatos certos", e essa ideia ficou amadurecendo em conjunto. Foi discutindo isso que chegamos em casa naquela noite, e isto foi interessante.

Roxie se apaixonou outra vez pela casa assim que bateu os olhos nela. Ao entrar, ela admirou tudo, cada detalhe, nossas fotos e… o relicário. Colocado na mesinha sob a janela do ateliê, ele a atraiu a atenção como um imã poderoso, e ela foi logo perguntando com aquele jeitinho radiante:

— Ah, aquela é a caixinha?

— Sim, sim! — eu disse, e a encorajei a olhar.

— Vou ler quando for dormir, quem sabe me dá sonhos? — disse ela, já perto da mesinha. — Por sinal, Abby, onde fica meu quarto?

É. Com essa eu não contava…

Senti meu rosto arder e eu podia me imaginar vermelha da cor de uma pimenta, enquanto a Roxie piscava meio confusa pra mim.

— Err… bem, nós dividíamos um quarto.

— Que legal!

— E a mesma cama.

Ela parou, piscou, olhou pro chão, e eu pedi que um tiro atravessasse minha janela e fosse bater bem no meio da minha testa. Ela não respondeu nada por um momento, e eu achei que todo o meu silêncio a respeito de nosso verdadeiro antigo relacionamento estivesse a um triz de ter que ser quebrado.

Então ela olhou para mim, eu prendi a respiração, e ela disse:

— E se eu roncar?

Soltei um suspiro gigante, e atravessei o ateliê a passos largos e a abracei. Lágrimas despencavam, e a Roxie parecia nervosa:

— Ow, Abby, o que há, que foi? Que eu disse?

E eu lá, abraçada, como se meu amor fosse uma correnteza, eu me agarrava à única rocha capaz de me manter respirando, e esse abraço perduraria por todos os dias, em cada minuto de silêncio, até que eu a soltei, e disse, secando as lágrimas:

— Ah, desculpa, Roxie, é que é tão bom ter você de volta.

— E por um bom tempo! Se acostume.

Nós rimos, e ela, por acaso, pôs os olhos num volume quadrado coberto por um lençol.

— É uma das suas telas?

Outro momento tenso, mas que eu tinha a perder? Confirmei com a cabeça e assenti quando ela pediu para dar uma olhada.

Eu a vi remover o lençol com cuidado, e deixá-lo cair. Eu estava ao lado dela, e a vi levar uma mão à boca quando se viu nua, com as partes cobertas por um veludo vinho seguro pela mesma mão que segurava o que parecia uma flor (eu ainda não havia pintado o miosótis e, com isso, finalizado a tela).

Roxie passou a mão pelas bordas sem tinta, contemplando, sentindo. Eu vi quando seus olhos pararam na parte inferior, onde estava o nome da tela:

— Promessa…

Ela falou mais para si do que para mim, e eu apenas apanhei o lençol para cobrir a tela. Ela se deixou afastar, ficou pensativa, e então, eu disse:

— Vamos dormir?

Ela assentiu, e rumamos para nosso antigo quarto. Ela me desejou boa noite, e se virou para dormir. Eu fiquei observando sua nuca, seus contornos… suspirei baixinho, e me senti um pouco tensa. Mais outra sensação que não saberei explicar, mas que foi embora logo que o sono me apanhou vindo pesado, de modo que me descansou bem para começar melhor uma véspera de tensão por causa da galeria.

❀

Ao amanhecer o dia, acordei achando ter tido um sonho bom. Para minha profunda alegria, a realidade se consumava no fato da Roxie estar ali, dormindo ao meu lado, na minha cama, como antes, como se nada tivesse acontecido. Sorri, e me levantei com cuidado para não acordá-la.

Desci, preparei o café, e tomei banho. Estava repassando mentalmente como faria para iniciar a exposição do dia seguinte, e isto estava começando a me deixar nervosa. Eu pensei em decorar o poema, e até o fiz, mas alguma coisa sempre me fazia trocar ordem dos versos ou demorar demais para lembrar do verso seguinte. Decidi levar uma cola.

Andando pra lá e pra cá, eu procurava o que fazer para me distrair, e quase tive um surto quando a Roxie apareceu com um sonoro "bom dia" na cozinha.

— Deus do céu, bom dia, Roxie. — disse eu, levando uma mão ao peito.

— Desculpe — disse ela, ainda sorridente, — não quis lhe assustar. O dia está radiante, não?

Era verdade.

Ao lançar o olhar pela porta da cozinha, vi o céu mais limpo que se poderia fazer numa manhã de sexta-feira. Concordei com a Roxie a respeito da beleza dele, e notei que ela, definitivamente, não estava no estado de humor com o qual fora dormir. Estranhando o acesso de alegria, eu me contive em me sentir bem por ela estar sem dores, nem o que quer que lhe fizesse ficar séria ou cabisbaixa, então ofereci:

— Café?

— Sim, vou tomar — disse ela já indo se servir. — Você

parece preocupada.

— Estou ficando nervosa — respondi. — Sabe como é, amanhã é um dia decisivo na minha carreira.

— Vai dar tudo certo! — disse a Roxie, com um sorriso tão sincero, tão largo, que foi impossível imaginar que fosse ocorrer o contrário. Me apeguei àquela imagem para atrair mais tranquilidade durante todo o dia, que passou num piscar de olhos. À tarde, Ângelo ficou de fazer companhia à Roxie enquanto eu ia à galeria conferir os preparativos da exposição junto do Aurélio e da professora Soraya.

Ao chegar no Salão Circular, dei de cara com uma intensa correria. Dezenas de funcionários corriam pra lá e pra cá, organizando os espaços, montando as mesas para o Buffet. Ouvi um *Chef* filosofando um cardápio com um auxiliar, vi o pessoal do apoio colocando as obras com todo o cuidado nos expositores embutidos na parede, e tudo isso me fez me sentir ainda mais empolgada.

Quando achei a professora no meio da multidão, eu dei um "sorriso de Roxie" quando desejei boa-tarde, o que não passou despercebido a ela:

— É bom ver que está animada, querida.

— Estou mesmo, professora. Como estamos por aqui? — perguntei, olhando em volta.

— Tudo nos conformes. Estamos no prazo, nenhum problema com as obras, nem nada.

— Isso é um bom sinal. — eu disse, confiante.

— Pode ter certeza que sim — respondeu a professora, meigamente. — Ah, veja, o telão acaba de chegar.

Ela indicou a entrada, e eu fiquei estupefata quando vi um imenso telão digital de dois e meio por dois e meio metros entrar carregado por cinco homens fortões, seguidos de mais umas dez pessoas que carregavam caixas de ferramentas, escadas, e toda a parafernália necessária para suspender o telão na parede à esquerda do ponto onde a gente estava. Os dois últimos da comitiva de fortões traziam o oratório de madeira polida.

— Santo Deus… — eu disse, com a voz fraca.

— É, santo Deus.— concordou a professora, tão abismada

quanto eu com o tamanho da coisa.

Assim, indicamos aos técnicos onde deveria ficar cada coisa, e eles nos adiantaram que o arquiteto responsável já havia entregue o mapa marcado com a disposição das coisas no salão, e aproveitaram pra informar que o palco estava para ser entregue ainda naquela tarde, pronto pra ser posicionado.

— Peraí, palco? — perguntei à professora, que me explicou:

— É um pequeno palco semicircular de madeira que vai ficar sob o oratório.

— Cada minuto que eu passo aqui — eu confessei assustada —, me faz desejar ainda mais que a exposição seja um sucesso. Digo, o diretor fez um alto investimento aqui…

— Faz bem o tipo dele — comentou a professora. — Quando ele percebe que algo tem grandes chances de ser um sucesso, ele não poupa esforços. Você precisa ver a iluminação como ficou.

— Eu acho que já dá até pra imaginar. — falei, vagamente, ainda um bocado surpresa. A Professora Soraya me olhou daquele modo que só ela sabia fazer e disse:

— Ora, vamos lá, Abby, tenha confiança em si. Você é uma das melhores alunas que já passaram por aquele curso, seu trabalho é genial. Confie! Vai dar tudo certo.

E essa última frase disparou um gatilho no meu cérebro, fazendo-o se lembrar da Roxie dizendo exatamente a mesma coisa, com o mesmo ar desejoso e confiante que agora possuía. A lembrança dela me fez suspirar ao sentir uma onda de paz se apoderar de mim, e me sentindo assim, rumei para o andar superior para conferir a quantas andava o processo de tratamento das telas digitalizadas.

Tal trabalho ficara tão perfeito, que eu podia enxergar as linhas deixadas pelo pincel na tela. Fiquei um pouco chateada a perceber certos erros aqui e ali, e a Rafaela, a artista gráfica responsável pelo trabalho, disse que se eu continuasse de cara amarrada ela ia me bater.

— Você só percebeu por causa do zoom, Abby, não seja boba! — ralhou ela.

— Eu sei, mas os visitantes de amanhã possuem olho clínico, né?

— Esse telão vai estar a uma boa distância deles. Relaxe.

Rafaela era o tipo de mulher que não deixava que lhe contrariassem, então me recolhi ao ato de roer unhas, e nesse momento mais uma onda de desespero começou a se abater em mim:

Meu cabelo, minhas unhas, a roupa que eu ia usar…

Quando saí da galeria às oito da noite, corri em casa, onde encontrei Roxie e Ângelo esparramados no sofá, rindo à beça com um filme que estava passando. Disparei logo:

— Preciso de vocês dois.

Eles se endireitaram na cadeira, e olharam pra mim a postos:

— Aconteceu algo? — perguntou Roxie.

— Não. *Ainda* não. Preciso, Ângelo, de uma carona pro shopping. E de você, Roxie, pra me ajudar a escolher alguma roupa pra amanhã.

Eles se entreolharam de cara amarrada, e passaram o trajeto inteiro de casa pro shopping rindo da minha exasperação.

E eu acho que eu visitei umas cem lojas pra encontrar um vestido que me agradasse. Na verdade, Roxie que achara, e me jurou que eu ficaria melhor naquele vestido longo e preto do que na roupa do hospital que, segundo ela, eu usaria quando ela me batesse pra eu deixar de desespero.

Enquanto eu ria, Ângelo aproveitava para escolher alguma coisa para ele também. Roxie continuava sem ligar muito para roupas de gala, e eu desisti de fazê-la me deixar comprar um vestido mais formal para ela, que me ameaçou de hospital outra vez.

Eu me diverti à beça. Aqueles dois conseguiam destilar toda a minha tensão numa boa dose de riso. Fosse me jurando de morte, fosse me fazendo provar o ridículo da alta costura de verão, ou simplesmente ficando impacientes com a minha eterna indecisão, eles conseguiam me deixar leve como uma pluma, e eu me sentia tão grata que seria capaz de fazer caridade pelo resto da vida.

Também tinha o olhar da Roxie…

Claro que eu me lembrei que fora numa loja de roupas que a gente se conhecera. Claro que eu não parei de lhe observar

enquanto ela sumia por entre os infinitos cabides, e me voltava com um vestido que eu não gostava de cara, indo mais uma vez procurar outro.

Eu me perguntava como era possível que ela não lembrasse de nada, como tudo poderia ser tão, sei lá, descartável. Não queria me sentir mal agradecida, mas o meu peito acelerava como no dia do primeiro beijo toda vez que ela tocava minha mão de leve, para chamar a minha atenção para alguma peça, algum conjunto que vira. Eu a olhava como se fitasse um milímetro da face de Deus, absorta em sua luz.

E ela parecia não notar, então eu continuava no meu silêncio resoluto, e sorria achando engraçado. Mas tinha uma dúvida que se fixou na minha cabeça num dado momento, quando chegamos em casa perto da meia-noite, exaustos e com o vestido finalmente comprado:

Seria eu capaz de conquistar a Roxie outra vez?

Ficou um pouco difícil de dormir depois disto. Minha sorte foi o cansaço.

E o sábado que seguiu foi um tanto solitário. Contei com a ajuda da Roxie para cuidar de minhas unhas e do meu cabelo, deixar a roupa pronta, escolher as jóias e os sapatos — que terminaram sendo substituídos por uma sandália de salto alto —, mas à tarde, tive que ir para a galeria para fazer o ensaio.

O salão — agora ainda mais deslumbrante — estava minuciosamente preparado, com seus fabulosos lustres pendendo cristalinos no teto, as cortinas de veludo sobre as obras na parede, os garçons em suas posições, o palco de madeira reluzente como as paredes colocado oposto ao telão, o oratório polido em cima.

Ao subir no palco, sob os olhares de todos ali, um técnico de iluminação veio me dizer que havia um botãozinho que ligava uma luminária na mesa do oratório. O diretor Aurélio chegou, e eu vi dali a professora Soraya trocar palavras com ele, que pareceu tão empolgado quanto ela. Assim, poucos momentos depois, ela fez um sinal positivo para mim. Eu ouvi uma música ambiente e atmosférica começar a ser reproduzida pelos auto-falantes escondidos perto do teto, e apertei o botão para ligar a luminária — que emitia uma charmosa luz

azul sobre a mesa onde pus o papel com o poema escrito. Os rapazes do apoio se posicionaram solenes e atentos, o salão ficou em silêncio e eu vi um led vermelho se acender indicando que o meu microfone estava ligado. Então, ao meu sinal, o telão exibiu ainda ofuscada, uma imagem que consistia no nome da exposição "Eu vi" como legenda em uma foto em que eu aparecia com um olhar um tanto sereno, com os cabelos bem produzidos. Aí as luzes se apagaram.

E estava tudo perfeito.

— CAPÍTULO VINTE —

Promessa

Senhoras e senhores, em dez minutos daremos início à cerimônia de abertura da nova exposição da galeria de artes do Salão Circular.

A voz feminina ecoou pelo salão apinhado de gente. Já era noite de sábado, e havia aquele ar nervoso por todo lugar. As pessoas olhavam curiosas para os quadros nas paredes, cobertos por veludo vermelho, ladeados por rapazes de mãos cruzadas esperando a hora de mostrá-los aos olhos ávidos dos amantes da arte.

Estes eram de toda estirpe. Homens e mulheres, velhos ou jovens — ou ambos —, que conversavam entre si tomando seus drinques com azeitona, como se houvesse passado muito, muito tempo desde que se encontraram pela última vez. O burburinho de conversa não era alto, era apenas presente como o som ambiente oficial. Garçons passavam servindo drinques e comes, a professora Soraya estava a um lado trocando palavras com alguém que eu não conhecia, e Aurélio conferia as páginas de seu discurso com uma cara de indecisão. Observá-lo por um tempo me fez pensar que eu devia muito àquele homem.

Um desconhecido que se apaixonou e pediu em casamento uma única mulher: a arte. Um amigo de uma professora apaixonada pela vida e pela filosofia traduzida em palavras e pincéis, que decidira apostar em minhas mãos, minhas pobres mãos esforçadas.

E eis me aqui, olhando o relógio, meio que escondida do lado de uma planta ornamental. À paisana, eu tomava meu próprio drinque enquanto conferia o relógio e vagava os olhos pelo salão em busca de algum conhecido. Ângelo e Roxie não haviam chegado ainda, e eu estava começando a pensar se al-

guma coisa havia dado errado. Lembrando que eu havia prometido a mim mesma que pararia com paranoias a respeito de acidentes, decidi não ligar e jurei por todos os santos que não roeria minhas unhas, estas feitas com tanto carinho pela Roxie.

Repassei o dia mentalmente, num momento de distração. Acordei cedo, preparei café, e depois não fiz nada a não ser ficar nervosa. Dei um novo corte no cabelo, e a cabeleireira achou de bom tom dar uma escova para realçar o penteado. Sinceramente, não fazia a menor diferença.

Antes do poeta, a pena; antes da pena, a arte. Que importa como eu pareça? Eu só queria mesmo que prestassem atenção, que captassem o que cada uma das pinceladas ocultas pelo veludo significavam para mim e, de certa forma, para Roxie, embora ela ainda não fizesse lá muita ideia a respeito disso.

Mas ela voltou a tocar piano, o que era bom. Ela ficou impressionada com o fato de saber melodias que nem que se rachasse sua cabeça espatifando sua massa cinzenta saberia lembrar os nomes dos compositores. Eu ficava feliz por ela continuar tocando, apesar de achar estranho, só porque notara que eu adorava ouvi-la tocar. E assim, eu ficava por horas desenhando, endireitando projetos para a universidade, e a Roxie, que ainda não voltara a estudar, ficava tocando incansavelmente, se redescobrindo em notas e escalas intermináveis.

Stars ainda era a nossa música, e adivinhe: ela se lembrava de cada nota, cada verso, e cada modificação que havia feito. Sempre que terminava de tocar, ela recolhia as mãos em seu colo e olhava para as teclas e comentava: "Essa música é tão perfeita… sinto tanto significado nesses versos", e eu dizia que era minha música favorita. Ela sorria, e dizia "vou tocar outra vez, então" e eu descansava a lapiseira para olhá-la exalar delicadeza e musicalidade. E ao perceber que faltava ainda seu rosto no meio tantos rostos no salão, conferi o relógio outra vez. Foi quando a professora Soraya se dirigiu a mim, vinda do nada, para dizer:

— Venha Abby, está pronta? — disse ela, tocando meu ombro com delicadeza.

— Sim, professora. — respondi, com misto de ânimo e

medo.

— Vamos começar. Aurélio fará a abertura, é bom que esteja mais perto do oratório.

— Claro.

E segui com ela para o lado oposto de onde eu estava, atravessando aquele mar de gente que me surpreendeu pelo tamanho assim que eu pus os pés no salão. Tomadas nossas posições, começamos a aplaudir quando a voz nas caixas de som das paredes anunciou:

— Senhores visitantes, queiram dar boa-noite ao nosso Diretor, o doutor Aurélio DiPaula.

O Aurélio subiu no palco sob o som de aplausos, olhou para os papeis em suas mãos, franziu as sobrancelhas e os entregou a uma moça que o olhou confusa, mas entendeu seu recado e desceu em seguida, logo quando ele começou a falar:

— Muito obrigado, cavalheiros, cavalheiras, pessoal… estamos aqui reunidos para celebrar esta união — o modo extrovertido como ele começara a falar divertia os ouvintes, que riam ansiosos, com os olhos cheios de respeito — entre nós e a nova cultura. Como sabem, estivemos um tempo desativados, a Idade das Trevas recaiu sobre esta galeria por motivos de força maior, porém, com força ainda maior, conseguimos nos reerguer com uma nova ideia, uma nova proposta. A juventude, meus caros, a juventude! Passamos tanto tempo observando nossos velhos mestres, nossos amados mentores, que esquecemos de olhar para aqueles que verdadeiramente nos ensinam a sensibilidade e a pureza: os pequeninos. Nossos herdeiros não só se interessam em nossa herança, eles nos mostram todos os dias que também deixarão algo para que se tornem uma lembrança grandiosa, austera. É por isso, caros amigos, que hoje convidei a todos para assistir um novo fato. E que fato! Em meio a esse estupro mental que temos assistido a mídia fazer com nossos jovens cada vez mais despreparados, eis que mais um incentivo nasce no meio das trevas; eis que mais um motivo para continuar nosso trabalho voltado para o novo, para o moderno, para o que a juventude tem para nos apontar de qualidade, provindo de suas mãos sem rugas, porém não desprovidas de calos. E para exemplificar a quantas andam estas

mãos, contatei minha eterna amiga professora doutora Amélia Soraya, da universidade Gama de Montenegro, para que ela me mostrasse uma luz; e ela o fez.

Eu vi quase todos os olhares recaírem elogiosos sobre a professora Soraya, que sorria lisonjeada com sua aura de fada. Aurélio continuou após cumprimentá-la de onde estava:

— Eis que hoje, já sem mais delongas, convido aqui a senhorita Abby Montenegro para nos mostrar, nos fazer nos sentir gratos, com suas sensibilidade e jovialidade tão bem expressas em suas telas. Assim, seremos todos testemunhos do encontro desses dois jovens, a nossa artista e o novo tempo para a Arte, e eu, como velho apaixonado, os declaro marido e mulher.

Aos aplausos, ele me chamou com um gesto, eu apertei a folha com o poema da Roxie na mão e subi no palco. Os aplausos aumentaram quando eu cumprimentei o Aurélio com dois beijinhos nas bochechas e ele fez uma graça, e depois um gesto descontraído me oferecendo o lugar ao oratório. E nessa hora, o salão se calou, e eu respirei fundo e disse:

— As únicas palavras que gostaria, e que sei que *devo* dizer são palavras de agradecimento. À professora Soraya, ao diretor Aurélio, e à presença de todos. Preparei com boa intenção esta exposição interativa para que os senhores e as senhoras aqui presentes pudessem não se surpreender, não se maravilhar. Humildemente desejo apenas que possam nos ensinar, com sua experiência e dedicação à arte, a fazer jus ao nome de "artistas". Obrigada a todos.

Para a minha surpresa, os aplausos vieram mais fortes do que eu poderia prever. Não eram aplausos apenas educados; os rostos eram de entusiasmo, os sorrisos eram largos e eu achei que foram com a minha cara. Então, eu posicionei o papel, e antes de dar o sinal para que começássemos a desenvolver a amostra, eu vi que Ângelo, Roxie, o Sr. Manson, a Dona Magda e até o pessoal da praia, a Neide, o Marcos estavam num canto, sorrindo para mim. Eu sorri, e com um gesto da cabeça, dei a ordem.

Uma nota atmosférica começou a ser ouvida por todo o salão, e o telão se iluminou assim que as luzes foram apagadas.

E eu, na minha maior tentativa de parecer sinceramente convincente, anunciei:

— *Eu vi.*

E como havia de ser, a primeira tela apareceu no telão, quando a música começou a tocar. E seguindo esta, em cada parte específica do poema seria mostrada a tela que melhor o retratasse. Assim, comecei minha declamação:

Eu vi o tempo,
E o passar deste por mim foi só detalhe.
Que o relógio é um enfeite na parede,
Mas eu… eu sou uma muralha.

Eu vi pessoas,
E estas, vi também passar sem me importar
Que meus amigos são o todo céu:
Uma coroa fixa com estrelas.

Eu vi as ruas,
E a serenidade trouxe a mim a sua paz…
Que meu sorriso é esta ilha,
E seu monte é só um fiapo de carne no meu dente.

Eu vi o mar,
E me ri na praia:
Que a insistência contra a areia é só um quadro:
A verdadeira cena é o encontro.

Eu vi os pássaros,
E sei que eles se escondem em dias de chuva…
É que a beleza da chuva está em ser só chuva,
E não se precisa de voos para enfeitá-la.

Eu vi meus planos,
Meus poucos planos simples;
Que a vida não consiste em inventar caminhos,
Está mais para se aventurar na estrada.

Os meus pés descalços tocaram a casa,
E então minha vida ganhou um nome.
As paredes erguidas para transitar o vento,
O assobio lento provindo de um bater de asas,
E minha alma ganhou horizontes.

Porque o infinito se transformou em números
Datando aquela hora para sempre,
Enquanto se eternizavam as sensações,
Ou bem dizer, se tornavam palavras
Indescritíveis.

E eu,
Que sempre andara no chão,
Conheci o toque da verdadeira nuvem da paz.
Eu, que sempre tateei versos no escuro,
Encontrei ali a perfeita poesia,
A música em sua exatidão.

E era a casa,
E era eu.
E agora sou,
E sigo…
Perene.
Pra sempre
Perene".

A música de fundo deu o seu último acorde, a última imagem que era uma pintura estilizada de uns miosótis deu lugar a um fundo negro e tudo se silenciou. No telão, exibiu-se os dizeres, em branco:

— Texto de Hyanna Roxie Montgomery —

E então as luzes se acenderam, e o silêncio, com todo o seu tenso poder, foi convertido em brutais aplausos das muitas pessoas com expressões surpresas, maravilhadas, indescritivelmente agradadas se virando para mim, aplaudindo com

força, fazendo arrepios percorrerem todo o meu corpo pela emoção. Eu olhei em volta, a professora Soraya aplaudia com o Aurélio, ambos emocionados, e este fez um sinal positivo com os dois polegares para mim. Lancei meu olhar pro fundo do salão, onde eu vi o meu grupo de amigos, e em especial, vi a Roxie.

Ela olhava do telão para mim, e não aplaudia. Parecia estarrecida, surpresa demais para esboçar qualquer reação. Porém, quando nossos olhares se encontraram, ela gesticulou um "eu mato você" e sorriu, enquanto sorrindo de volta, pensei somente:

"E eu amo você,"

Agradeci a todos no microfone e desci do palco. Recebi os abraços e os parabéns da professora Soraya, do Aurélio, de uma dezena de pessoas que vieram elogiar, parabenizar, agradecer, enquanto eu tentava cruzar o salão até os meus amigos, até a minha recompensa.

E quando finalmente consegui, fui recebida com festa, com mais parabéns, com mais abraços e sorrisos. Dona Magda estava emocionada, e secava os olhos com um lencinho branco entre os dedos roliços; Neide dizia coisas que eu não conseguia ouvir direito, o burburinho dos comentários estava alto demais, eu não conseguia pensar direito… e por último falei com a Roxie.

Ela estava deslumbrante com um vestido longo e prateado, brincos que combinavam com tudo na sua roupa, combinavam até com sua alma, por assim dizer. E ela, quando me abraçou disse em meu ouvido:

— Quando eu escrevi aquele poema?

— Tem um tempinho. — respondi, sem saber exatamente há quantos meses fora.

— Quis dizer em que momento.

Conforme ela falou com um tom um pouco mais sério do que eu esperava para a ocasião, eu senti um frio na barriga, e senti também que teria de mentir, ou lançar-lhe uma meia verdade:

— Não lembro exatamente a situação, mas você estava num momento feliz, tinha decidido voltar a escrever, voltado

a sonhar. E foi por isso que escolhi este poema para ilustrar e expor. Porque estou feliz de ter você aqui comigo, de ter vocês ao meu redor, e por você estar sã e salva bem aqui, entre os meus braços.

Ela se afastou do abraço, tocou meu rosto e disse:

— O que eu fiz pra merecer você?

— Talvez o mesmo que eu fiz para merecer você.

— Por que, Abby? Por que eu tinha que ter perdido minha cabeça?

Eu a olhei nos olhos, mirei profundo, e disse com um pouco de medo concentrado no meu umbigo:

— Talvez para encontrar a minha, em outro tempo, em outro lugar. E cá estamos.

Assim, ela só me olhou, e fez um carinho na minha cabeça. Nessa hora, uma enxurrada de gente veio falar comigo, e a Dona Magda pediu a ela companhia para ir ao toalete.

Depois dos cumprimentos de um grupo de senhoras, Ângelo veio falar comigo em particular:

— Sabe, tava bem escuro, mas ainda dava pra enxergar alguma coisa. E sabe o que eu vi?

— Não faço ideia. — respondi sinceramente.

— A Roxie, ela estava movendo os lábios o tempo todo, declamando em silêncio cada verso do próprio poema, junto com você.

— Sério?! — disse eu, estupefata.

— Sério. Ela ficou surpresa pelo poema ser dela, mas a ouvi comentar consigo mesma que sabia que o conhecia de algum lugar. Ela pareceu meio tensa, mas tudo se foi quando ela leu o nome dela como autora do texto.

— A Roxie é uma surpresa. — avaliei. — Ela consegue se lembrar de todas as sensações, apenas não consegue ligar a que elas pertencem. Você precisa vê-la tocando piano.

— Acho que é só uma questão de tempo…

— Não sei o que esperar. Francamente, não sei.

— Você não está ansiosa para que ela recupere a memória?

— Não creio que esteja, e quer saber? Não me importa muito. Ela está onde deveria estar, como deve estar, e só o fato desse lugar ser perto de mim já me deixa contente. Tudo acon-

tece no tempo certo, e se não houver o tempo certo pra esse caso, paciência. Talvez o amor renasça em outro lugar.

Ele sentiu que talvez a conversa se encaminhasse para filosofias pesadas, e só sorriu e disse:

— Ei!

— Quê?

— Você está um espetáculo hoje.

Ângelo sempre sabia o modo certo de aliviar minhas tensões. Agradeci o elogio corando, e me concentrei em relaxar. Pouco depois, Roxie e Dona Magda voltaram do banheiro, super falantes. Era engraçado ver como as duas agora se davam bem. Enquanto isso, todas as atenções do salão se voltaram para os rapazes que ladeavam os quadros ainda encobertos. Nesse momento, de maneira sincronizada, eles puseram a mão na cordinha e puxaram. Simultaneamente, todos os quadros foram expostos, fazendo com que grupos de um bom número de pessoas estancassem sua conversação para rumar para um dos quadros.

Eu fiquei um pouco aturdida ao observar que os visitantes tinham realmente se interessado pelas obras. Eu havia, juntamente com a professora Soraya, confeccionado o design das molduras e das plaquetas abaixo, que eram de metal folheado a ouro, com o nome da obra entre dois travessões que soavam elegantes. Pusemos também o trecho do poema correspondente à obra, de modo que as pessoas poderiam seguir na ordem e ver tudo na linha cronológica da apresentação no telão.

Enquanto as pessoas iam de lá pra cá, ainda recebi uma centena de elogios embaraçantes; alguns rapazes vieram me pedir autógrafos e, se eu pudesse dar, meu número de telefone. Ao passo que o tempo ia passando, o oratório fora retirado do palco para dar lugar a uma mini orquestra, que começou sua apresentação para dar um quê de bufê ao resto da noite.

Meus amigos conversavam alegres, enquanto eu olhava um pouco distraída para os lados. Vez ou outra notava alguém me lançando olhares significativos, e eu simplesmente baixava a cabeça ou procurava olhar para o outro lado, voltava a prestar atenção na conversa. Aproveitamos o grupo todo reunido para tirar uma foto, ainda tive que falar com a imprensa — e

aguentar um repórter extremamente insinuante —, tirar fotos para o jornal local, o jornal de artes, dar autógrafos, e tudo o que eu queria era tomar drinques com o pessoal, que não parava de falar.

Meio alheia, eu apenas os olhava se conhecerem. Eu me sentia como se numa família outra vez, e me lembrei da grandessíssima senhora mãe que era a dona Evelin. Como ela ficaria contente de estar ali… essas lembranças me fizeram sair de fininho para me encaminhar ao toalete que, Deus seja louvado, estava vazio.

Olhei meu rosto no espelho: ele estava feliz, porém cansado. Imaginei por um instante estar ali endireitando a maquiagem com minha mãe, e ela iria dizer uma coisa que ia marcar pra sempre aquela noite, que iria soar um conselho tão sábio e pertinente que mudaria para sempre minha vida. Mas em lugar disso, havia apenas uma grande saudade.

E intimamente, eu dediquei toda a obra a ela; a acusei pelo meu sucesso, e por ter feito tudo que podia para me criar com conforto, com educação e bondade, para que um dia eu pudesse me qualificar, e ganhar um lugar em meio aos gigantes da arte de Montenegro.

Lágrimas caíram dos meus olhos enquanto eu escrevi, com o batom claro que eu usava, um pequeno "Obrigada" num cantinho do espelho. Meu vandalismo era válido, e minha tristeza era só saudade.

Voltei ao salão quando tive certeza de que meus olhos estavam secos. Ao voltar para o pessoal, a professora Soraya veio a mim rapidamente e fez a pergunta que eles iam começar a fazer:

— Onde você esteve, querida? Estava à sua procura.

— Ah, fui ao toalete, depois lá fora. Nada de importante. Mas a senhora estava precisando de mim?

— Não, não. Era pra lhe dar uma notícia, e quem sabe, pedir consentimento. — disse ela, do jeito sereno de sempre. O grupo todo parou para prestar atenção.

— Notícia? Consentimento? — eu disse.

— Bem, estamos expondo há… — conferiu o relógio — duas horas e trinta e três minutos, e bem, não fecharemos con-

tratos de venda hoje.

Confesso que fiquei um pouco decepcionada, mas me recuperei a tempo de tentar perguntar da maneira mais não-ofendida que eu pudesse:

— Entendo, mas aconteceu algo? Digo, perdão, há algum motivo?

— Ora, mas por certo que sim. — disse a professora. — É que expusemos quinze telas, com os preços estão afixados abaixo de cada uma, como organizamos. Acontece que tem mais de trezentas pessoas neste salão, e pelo menos cem delas querem ir pra casa hoje com a garantia de que terão uma de suas obras decorando uma parede.

— Peraí, o que foi que a senhora disse? — disparei, chocada. A professora riu.

— Disse que a procura anda maior que a oferta, e ia dizer que em vez do contrato de vendas habitual, montaremos um leilão onde todos poderão ter uma oportunidade de levar uma obra e dar o preço que acham que ela merece. Mas pra isso, preciso do seu consentimento, já que não está nos termos do contrato.

— *Mas é claro!* — eu disse, um pouco alto e excitado demais. — Desculpe. Mas é claro que sim, professora, como achar melhor.

— Eu fico agradecida, Abby! E parabéns, sua ideia de exposição interativa foi genial.

— Bem, aprendo esse tipo de coisa com uma professora lá da faculdade, sabe.

Nós rimos um pouco, e ela disse:

— Ah, já ia me esquecendo, Aurélio está correndo pra lá e pra cá, quase sendo despedaçado pelos desejosos visitantes por causa dessa coisa da venda, então ele me pediu que eu lhe explicasse isto, e pedisse perdão em seu nome.

— Não tem problema, eu falo com ele depois, professora, quando ele tiver mais livre.

— Tudo certo. E eu sei que foi um dia e tanto, Abby querida. Sinta-se à vontade de não se permitir aguentar toda essa gente falando a noite toda. Eu estou correndo pra lá e pra cá também, mas você é a estrela hoje. Esteja livre para ir na hora

que quiser, combinado?

— Oh, obrigada. Na verdade, estamos mesmo indo daqui a pouco. Prometi sair com o pessoal depois da exposição.

— Vá e seja feliz, querida. Comemore. Você hoje esteve cheia de luz. Parabéns pelo seu trabalho.

E quando ela me deixou, Ângelo falou mais do que entusiasmado:

— Ok, onde vamos comemorar a ascensão do mais novo nome das artes plásticas?

E isso bastou para que tivéssemos um fim de noite excelente, com um jantar em família num ótimo restaurante da orla sul, com uma carta de vinhos excepcional. Como Ângelo não pode degustar muito, saímos para uma balada depois de deixar o Sr. Manson e a Dona Magda na pensão.

O carro ficou em casa, e enquanto a Roxie chamava o táxi (pedindo a nós o endereço), eu troquei de roupa e o Ângelo usou meu computador para checar os limites do cartão de crédito.

Seis horas mais tarde, o dia nascente nos encontrou no jardim dos miosótis, olhando o mar, em silêncio. Ângelo deitou no meu colo e acabou adormecendo, e eu fiquei conversando coisas a esmo com a Roxie, sentindo um enorme calor no coração de estar ali, no lugar onde tudo começou, mas numa situação completamente diferente. Bem, ao menos uma coisa não havia mudado: havia um pote de sorvete, comprado na loja vinte e quatro horas, vazio posto de um lado. Eu notava esse detalhe quando a Roxie falou:

— Sabe, eu conhecia aquele poema…

Eu me voltei para ela, e ela não olhava para mim. Olhava para o mar, para o horizonte que ia clareando aos poucos; um olhar sereno, meio apertado pelo cansaço, mas que parecia estar vendo um mundo completamente diferente. Eu me mantive em silêncio, deixei apenas que ela falasse:

— Eu senti cada um daqueles versos na minha pele. Mas não consigo lembrar, por mais que eu tente, de como foi o momento em que ele foi escrito. — lágrimas começaram a brotar de seus olhos, e eu fiz menção de lhe fazer um afago, mas ela continuou a falar, me fazendo desistir:

— E este jardim tão bonito, ele parece falar comigo. Estas flores, este cheiro… vocês. Nós já estivemos aqui algumas vezes não é?

— Estivemos. Mas já tinha um tempo que não vínhamos. Decidimos que só voltaríamos quando estivéssemos com você… você sabe, depois do acidente.

— Ninguém me contou ainda como tudo aconteceu, quem foi que bateu em mim… não queria ter perdido a memória! Tudo parece tão diferente, com uma meia sensação… eu sinto como se estivesse deslocada, como se aqui não fosse mais o meu lugar, como se eu fosse outra pessoa…

Já estávamos ambas chorando à beça quando eu lhe puxei para um abraço meio lateral, e disse:

— Não pense nisso, Ro. Você está aqui, conosco, e é o que importa. Imagino que é difícil não reconhecer certas coisas, mas Deus, às vezes *eu* queria bater a cabeça na parede e esquecer de tudo. Você está renascendo, e esqueceu das dores do passado. Sua vida agora tem a chance de se reconstruir mais forte, mais brilhante, então simplesmente viva, redescubra, você sempre foi curiosa, então investigue esse mundo velho e sofrido, aprenda todo ele de novo; e se preciso. Descubra nele um novo significado.

Ela me olhou e perguntou, como uma criança assustada no meio da noite:

— Será que um dia eu vou lembrar de tudo, Abby?

Eu a aumentei um pouco a força do abraço, e também olhei o horizonte. Então eu disse:

— Não sei. Só sei que não importa se você não se lembrar de tudo. Quero dizer, quero que você esteja em paz. E se o fato de se lembrar de tudo for lhe roubar isso, então eu prefiro que você me olhe como me olha hoje. Como uma pessoa que fará tudo para lhe fazer sorrir, e que você parece ter acabado de conhecer. Não importa, Ro, se alguns momentos foram "esquecidos". O que me importa é que você está bem, e que temos a chance de construir outros grandes momentos quantas vezes for preciso, dos mesmos infinitos modos com os quais construímos os primeiros. E eu estou aqui. E eu vou sempre estar, sem jamais me esquecer de você… essa é minha promessa.

Ela se endireitou para melhor me dar aquele abraço firme, e outra vez parecia aquele abraço cheio de palavras não ditas, cheio de perdões e pedidos de desculpa; cheio de amor e de esperança.

Até que Ângelo roncou alto e nos assustou. Foi a hora de voltar pra casa.



Duas semanas depois, num dia quente e fresco de verão, eu acendia um cigarro na cozinha, pegava minha xícara de café e começava a andar pela casa enquanto Roxie tomava banho. Após percorrer os cômodos a passos lentos, olhando cada lugar sem pensar em nada, subi ao ateliê.

Puxei a mesinha de tintas para perto, repousei o cigarro num cinzeiro e a xícara fumegante e preparei a palheta. Descobri o quadro não terminado da Roxie enquanto sentia uma enorme sensação que não sabia dizer o que era, nem como era. Fica dito como sendo uma sensação, somente.

Olhei para o quadro, à procura de falhas. Fiquei feliz por não ver nenhuma, exceto por aquele recorte branco que faltava ganhar as cores daquele azul vibrante das pequeninas flores do jardim no Monte Negro. Devagar, misturei alguns tons com um palito, enquanto me lembrava dos dias que haviam se seguido desde o porre de comemoração após a exposição. Um bocado de coisas haviam mudado.

O leilão havia sido realizado, e uma quantia realmente boa veio parar em minhas mãos, acompanhada de um contrato de exclusividade com o Salão Circular. A imprensa havia falado exageradamente bem do meu trabalho, e eu agora só tinha que me dedicar do modo simples de sempre, e garantiria dinheiro para continuar tocando a vida na ilha.

Por causa da grande repercussão, eu havia me tornado famosa na faculdade. Havia conseguido uma monitoria que me tomava uma boa parte de meu tempo livre, mas que me fazia sentir realmente útil naquele lugar. Fui homenageada no quadro expositor no Coliseu do centro acadêmico do curso, e ainda recebia elogios de colegas e estranhos.

Roxie havia voltado para a faculdade, e andava mais tranquila do que eu esperava quando isso acontecesse. As pessoas continuavam olhando-a de uma maneira um pouco estranha; havia a notícia de que ela havia perdido a memória para agravar esses olhares, mas ela reagiu de uma maneira inusitada, nada Roxiana: ao invés de se fechar, apenas sorria, e com isso já conseguia se aproximar mais dos grupos, que eu percebia ficarem um tanto surpresos à medida que iam conhecendo mais a pessoa maravilhosa que ela é. Ela estava bem, sem dor, fazendo seus exames e recebendo elogios do Dr. Felipe, que a parabenizava pelo excelente progresso na recuperação dos traumas; não demorou muito, ele conferiu os danos às costelas, e ela já estava cem por cento.

E a recuperação geral ia também a passos largos. Por causa do modo como nascia e crescia o cabelo da Roxie, as cicatrizes da cirurgia ficavam muito bem escondidas naquele manto negro, que estava ficando bem grande, para a felicidade do Sr. Manson, que um dia, sugeriu que ela deixasse o cabelo crescer. Neste mesmo dia, ele falou comigo para vender a casa, porque tinha planos de fixar residência em Montenegro de modo que pudesse ficar mais perto de nós. Eu concordei, e ele assegurou que cuidaria de todo o processo de venda para mim, que agradeci veementemente.

E era assim que eu me sentia o tempo todo: enquanto misturava a tinta (e inevitavelmente tive que misturá-la com as lágrimas que caíram dos meus olhos dentro do potinho), eu pensei o quanto eu me sentia grata por tudo. E dei a primeira pincelada, e o azul estava perfeito e feliz, apesar das minhas lágrimas como ingrediente surpresa.

Sei não…

A paz finalmente havia chegado. Martelada, sofrida, mas enfim era a paz. Como uma colcha de retalhos com alguns fiapos soltos, ela voltou a me cobrir eficiente, e o meu peito tão maltratado e dolorido voltou a ficar morno e relaxado como antigamente. A Roxie sorria e vivia como uma criança, redescobrindo o mundo, reinventando naturalmente seu modo. Estava mais vivaz, mais alegre; e isso me dava uma sensação de alívio tão grande que eu era capaz de pintar um quadro do

tamanho da lua com esse tema. Embora que já me bastasse quando saíamos os três, eu, Roxie e Ângelo, com nossas bicicletas recém compradas para dar voltas enquanto ríamos e tomávamos baldes de sorvete. E eu continuava me surpreendendo com a confusão que era a nova Roxie. Ela não lembrava que lasanha sempre fora seu prato favorito (quando eu perguntava o que ela gostaria de jantar, ela sempre pedia rocambole), mas lembrava a senha do banco. Vai entender…

Ângelo vez ou outra se preocupava sobre meu estado emocional, mas evitava perguntar. Já sabia de cor a minha resposta quanto a isso e, sinceramente, eu não precisava de muito; não ligava para o fato da Roxie não ser ainda capaz de se lembrar dos momentos que eu jamais iria esquecer, salvo uma fatalidade. Eu a tinha ali, e já havia dito isto tantas vezes para mim que ainda que não acreditasse, já teria conseguido me convencer de que esta era a realidade.

Esta realidade maluca em que vivemos…

Me lembrei do dia em que cheguei a Montenegro, do desespero ao telefone, da minha sensibilidade exagerada, o surto por um estresse que não havia, o dígito trocado no telefone, a vitória com a caas, todos os encontros e desencontros que compuseram esse ano maravilhoso e dinâmico, tudo aquilo que eu vivi e que estava assentado em mim como uma rocha sólida feito as fundações do mundo.

E talvez alguma coisa fizesse tudo ficar de cabeça pra baixo outra vez, mas que é a vida senão uma montanha russa? Esta aí, para ver, para crer, para sentir; o fato é que não importa o quão grande sejamos, somos tão vulneráveis como qualquer grandioso edifício. O que nos difere é a maneira como construímos nossos alicerces.

E eu estava feliz, extremamente feliz, pintando aquele miosótis, lembrando de toda a trajetória, de todo o amor que eu tinha, e sem pressa pelo futuro. Que este vento que são meus sonhos soprasse sempre no meu rosto, e que meu peito encontrasse seu compasso e fizesse sua música sem pressa, sem agonia. Que os dias vindouros chegassem com contadas vinte e quatro horas, nem sequer um suspiro a mais nem a menos.

E eu deitava a cabeça feliz todo dia ao lado da Roxie, por-

que tinha muito, mas muito mais a agradecer do que a pedir, e minhas orações eram carregadas de paz e serenidade. Eu tinha tudo o que sempre quis, e meu coração simples não era ávido por maiores ganhos. Eu queria apenas cultivar, cuidar e viver toda aquela fase excepcional que era a felicidade. Em alguns anos, meu mural estaria cheinho de pedrinhas reluzentes e coloridas, e eu continuaria regando a plantinha da felicidade que havia naquela casa.

E naquela casa também havia um vasinho com um miosótis, que eu cuidava com igual, senão maior, afinco. Todo aquele significado especial tão assentado em mim, todo o simbolismo que envolvia aquela flor. Sem que percebesse, eu estava sorrindo quando terminei de dar a última pincelada da primeira mão de tinta no miosótis do quadro, que já dava o tom tão especial à obra, me fazendo criar um imenso apego só por mais este detalhe. Olhei na mesa, ao lado do café frio e do que era um cigarro, alcancei a plaquinha com o nome da tela escrito igual às das outras:

— Promessa —

E lancei um olhar para o olhar da Roxie no quadro, e dele para a flor em sua mão…

"Não, eu *jamais* esquecerei de você".

— Abby, está ocupada?

Roxie falou da porta, e eu acordei de minha distração um pouco assustada para dizer:

— Não, não. — respondi, me voltando para ela.

Ao olhá-la, notei que ela trazia o relicário nas mãos. Seu olhar tinha um tom diferente, o castanho claríssimo refulgia à luz do sol que entrava pela janela, e os cílios molhados realçavam ainda mais sua expressão. Balançando a cabeça para afastar os cabelos molhados da testa, ela disse:

— Eu acabei de ver tudo, e achei que você gostaria de guardá-lo. Obrigada.

— Ah, que é isso, vem cá, põe ele aqui que eu guardo.

Ela veio andando, colocou o relicário com cuidado sobre um dos balcões e disse:

— Eu vou indo. Prometi à tia Magda que ia passar lá depois do almoço.

— Tudo bem, o que quer jantar hoje?

— Lasanha.

Ela estava com a resposta na ponta da língua. Também, pudera; era o prato preferido dela. Eu sorri, e disse:

— Vou fazer uma caprichada hoje.

— Ok! — disse ela, com um sorriso.

Então ela andou na minha direção, e parou olhou o quadro.

— Terminado? — perguntou olhando para sua retratação a óleo.

— Falta só dar mais umas pinceladas na flor. Tenho que esperar a tinta secar ainda — expliquei. — Mas o que acha?

— Não fosse essa feiosa aí como modelo, estaria simplesmente perfeito.

Eu ri e disse:

— Deixe de ser boba. A modelo é o melhor do quadro!

Ela riu, descansando a mão em meu ombro, ainda olhando o quadro. Então disse:

— Tudo realmente perfeito.

Eu olhei o quadro, e depois a expressão serena dela. Nesse momento, eu senti meu coração disparar: ela girou a minha cadeira de modo que eu estivesse bem de frente para ela, e foi se abaixando lentamente enquanto afastava meu cabelo para trás da orelha. Eu engoli em seco, ofegante, o coração parecia que ia explodir… a boca dela estava mais perto, o mundo girava em câmera lenta, e ela havia fechado os olhos; senti seu hálito bom roçar meu rosto, e Deus do céu, ela estava a milímetros de mim e *ela estava de olhos fechados*! Então…

Ela beijou minha testa, e disse:

— Se cuide. Eu volto às seis.

Estarrecida, eu a olhei e disse, da maneira mais natural que consegui:

— E eu faço o jantar. — e ela saiu. E eu fiquei lá, pregada na cadeira, olhando-a sair com passos firmes. Por um instante, ah Deus, por um instante eu achei que…

Passei a mão nos cabelos, olhei o quadro, a plaquinha com

seu nome ainda em minhas mãos, e dei um suspiro. Não, ainda não havia chegado a hora. Me recompus, e ajudou me abanar um pouco com as mãos. O coração ainda estava acelerado, mas a tensão logo passaria.

Como ainda faltava um bom tempo para a tinta secar, decidi arrumar o que fazer. Me levantei com a intenção de pegar outro café, mas daí me lembrei de guardar o relicário no guarda-roupa. Me encaminhei para o balcão onde a Roxie o havia deixado, e notei que havia um papel que sobrava para fora da tampa, como se mal guardado.

Curiosa, ergui a tampa cuidadosamente trabalhada em madeira, ainda contemplei a enorme sorte de papeis e lembrancinhas que tomavam quase todo o volume de seu interior, e tomei o papel nas mãos, e o desdobrei.

Ao passar o olho por ele, meu coração disparou outra vez. Minhas mãos ficaram tão trêmulas, e eu senti o ar faltar… lágrimas brotaram outra vez dos meus olhos, que tentavam captar tudo no mesmo instante, mas só conseguiam se fixar num ponto único do papel, que estava no canto inferior direito. No resto, era o seguinte:

Havia um desenho feito à mão, um desenho de quem não sabia bem desenhar — na verdade, parecia mais um desenho de quem não se preocupara em fazer o desenho. Era uma espécie de esboço. Enfim.

Era a mesma figura que estava atrás de mim, no quadro que estava pintando. A figura de uma mulher segurando um pano de veludo que cobria a sua nudez, e na mão…

Na mão havia um miosótis de verdade, colado exatamente no lugar onde estaria desenhado no quadro e neste papel. O intrigante era que eu não havia falado nada sobre o miosótis significar "não se esqueça de mim", e tenho certeza que Ângelo também não. Talvez ela pudesse ter descoberto o significado por si só, mesmo tendo voltado ao jardim só uma vez há duas semanas. Ela comentou que havia sonhado com um jardim quando saiu do coma, mas como ela poderia adivinhar que a flor que eu ia pintar seria um miosótis? Não havia como saber, mas mesmo assim, lá estava a flor, colada no papel, para o meu choque.

Abaixo disso, até o nome do quadro estava lá, e mais abaixo, naquele ponto único que eu lia e relia infinitas vezes, aquela frase que me fez baixar o papel e olhar para a porta aberta. Ela pedira lasanha ao invés de rocambole…

— Será que…?

Larguei o papel do jeito que estava e corri como o vento, ansiosa, desesperada, confusa.

E no chão do ateliê, caiu sutilmente no chão o desenho feito pela Roxie, que havia provavelmente roubado um dos miosótis do nosso vaso e colado lá… onde ela escreveu com sua letra caprichada no canto inferior direito:

"Eu também prometo".

ESTA OBRA FOI IMPRESSA NA



Oficina **de Livros**

WWW.OFICINADELIVROS.COM.BR
CONTATO@OFICINADELIVROS.COM.BR